UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

WANDERLEY MAYCON LANGE

IMIGRAÇÃO ALEMÃ E USO DA LÍNGUA: A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DAS COMUNIDADES PROTESTANTES LUTERANAS NOS ESPAÇOS TEUTO-BRASILEIROS EM CURITIBA E JOINVILLE

CURITIBA

2023

WANDERLEY MAYCON LANGE

IMIGRAÇÃO ALEMÃ E USO DA LÍNGUA: A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DAS COMUNIDADES PROTESTANTES LUTERANAS NOS ESPAÇOS TEUTO-BRASILEIROS EM CURITIBA E JOINVILLE

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Lange, Wanderley Maycon
Imigração alemã e uso da língua : a formação e atuação das comunidades protestantes luteranas nos espaços teuto-brasileiros em Curitiba e Joinville. / Wanderley Maycon Lange. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Orientador: Prof. Dr. Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira.

1. Paraná – Emigração e imigração. 2. Língua alemã. 3. Igrejas luteranas – Brasil. 4. Brasileiros de origem alemã. 5. Memória coletiva. I. Oliveira, Márcio de, 1962-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA - 40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **WANDERLEY MAYCON LANGE** intitulada: **Imigração alemã e uso da língua: a formação e atuação das comunidades protestantes luteranas nos espaços teuto-brasileiros em Curitiba e Joinville.**, sob orientação do Prof. Dr. MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.
A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Fevereiro de 2023.

MARCIO SÉRGIO BATISTA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Presidente da Banca Examinadora

RICARDO COSTA DE OLIVEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

FREDERICO ALEXANDRE DE MORAES HECKER
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - UNESP)

RHUAN TARGINO ZALESKI TRINDADE
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Dedico este trabalho de maneira bem especial, em vida, sorriso, amor e gratidão, à minha família que, de perto ou de longe, sempre me acompanhou: Mônica, Guilherme e Beatriz! Gratidão! Sei que não fiz mais que a obrigação, mas muito obrigado por tudo! Também dedico aos meus avós maternos teuto-brasileiros*, Opa* Guilherme Lange Sobrinho *e Oma* Elizabeth Joana Lange (*in memoriam*), pelos auxílios e incentivo desde o início de tudo, em lembrança do lindo, terno e acolhedor sorriso! Aos demais familiares, também aos amigos e amigas que fizeram parte desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida, durante estes anos do curso de Pós- Graduação em nível de Doutorado, que possibilitou a realização destes estudos. Agradeço ao meu querido Professor e Orientador Márcio de Oliveira pelos seus ensinamentos, orientações, apoio e incentivo. Agradeço a todos(as) os(as) meus(minhas) professores(as), camaradas, companheiros(as) e amigos(as) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, em especial ao Walmir, Victor Hugo, Sérgio, Eliézer, Alexandre, Solange, Caio, Priscila, pela caminhada na jornada. Também ao pronto atendimento do Katiano, Marcelo e Luciane. Agradeço aos queridos professores da Banca Examinadora de Qualificação e Defesa, Professor Ricardo Oliveira, Professor Rhuan Trindade, Professor F. Alexandre Hecker, por fazerem parte deste momento tão importante e especial. Agradeço à colega Heloísa Nass, pelo auxílio na viabilização do campo de pesquisa e seus interlocutores. Agradeço imensamente aos informantes entrevistados que, gentilmente, aceitaram participar da pesquisa. Também às Comunidades Luteranas de Joinville (Igreja da Paz) e Curitiba (Igreja de Cristo) pela recepção, acolhimento e disponibilidade de participação.

“O paradoxo da etnicidade é sua mutabilidade na persistência,
e sua persistência através da mudança.”
Anthony David Stephen Smith

RESUMO

Esta pesquisa analisa a relação entre a imigração alemã no Brasil e o uso da língua, também alemã, na formação e atuação de comunidades religiosas protestantes evangélico-luteranas nas cidades de Curitiba e de Joinville. Trata mais especificamente do luteranismo brasileiro de origem germânica. Esta intersecção entre imigração e uso da língua está vinculada a outros processos de caráter histórico, sociolinguístico, étnico, identitário, social, cultural e religioso. Em decorrência de seus contatos, por múltiplas razões e intercorrências, os alemães de outrora, especialmente seus descendentes, tornaram-se teuto-brasileiros. Esta nova identidade hifenizada (LESSER, 2001), e que foi negociada, gerou novos processos e dinâmicas de sociabilidade. Como o luteranismo brasileiro de origem germânica se constituiu e se estabeleceu no processo migratório, ou seja, a partir de imigrantes alemães e seus descendentes, o uso da língua (SEYFERTH, 1994) passou a ser um marco identitário. A questão é que a variedade linguística do idioma alemão foi e continua sendo ampla. Comunidades evangélico-luteranas, como as de Curitiba e Joinville, foram muito importantes em toda esta trajetória migratória, de estabelecimento e integração deste grupo. Ainda mantêm cultos e algumas atividades em língua alemã, ambas as comunidades analisadas com mais de 120 anos de existência (e 200 anos da vinda dos primeiros grupos de imigrantes). Constitui-se num espaço e em práticas de memória étnica, linguística e religiosa. Estas comunidades também têm sua importância e relevância no cenário teuto-brasileiro e, assim, tornaram-se objeto de estudo, pesquisa e investigação aqui proposto.

Palavras-chave: 1. imigração alemã 2. língua alemã 3. luteranismo 4. teuto-brasileiro 5. memória

ABSTRACT

This research analyzes the relationship between German immigration in Brazil and the use of language, also German, in the formation and performance of Evangelical Lutheran Protestant religious communities in the cities of Curitiba and Joinville. It deals more specifically with Brazilian Lutheranism of Germanic origin. This intersection between immigration and language use is linked to other historical, sociolinguistic, ethnic, identity, social, cultural, and religious processes. As a result of their contacts, for multiple reasons and events, the Germans of old, especially their descendants, became teuto-Brazilians. This new hyphenated identity (LESSER, 2001), which was negotiated, generated new processes and dynamics of sociability. As the Brazilian Lutheranism of Germanic origin was constituted and established in the migration process, that is, from German immigrants and their descendants, the use of language (SEYFERTH, 1994) became an identity mark. The point is that the linguistic variety of the German language was and continues to be wide. Evangelical-Lutheran communities, such as those in Curitiba and Joinville, were very important in this whole migratory trajectory, of the establishment and integration of this group. They still keep services and some activities in the German language, and both communities analyzed with more than 120 years of existence (and 200 years since the arrival of the first groups of immigrants). It constitutes a space and practices of ethnic, linguistic, and religious memory. These communities also have their importance and relevance in the German-Brazilian scenario and, thus, became the object of study, research, and investigation proposed here.

Keywords: German immigration. German language. Lutheranism. Teuto-Brazilians. Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS COLÔNIAS ALEMÃS EM SANTA CATARINA 44
FIGURA 2 - MAPA DAS ÁREAS COLONIAIS DO ESTADO DE SANTA CATARINA - DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO - 1940 49
FIGURA 3 - ATLAS GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA COLÔNIAS - SÉCULOS XIX E XX 54
FIGURA 4 - MAPPA TOPOGRAPHICO DA PROVINCIA DO PARANA ORGANISADO NA INSPECTORIA GERAL DAS TERRAS E COLONISAÇÃO. 1881 ESCALA: 1:1,800.000 58
FIGURA 5 - MAPPA DA ZONA COLONISADA DO ESTADO DO PARANÁ ORGANIZADO PELO ENGENHEIRO MANOEL FRANCISCO FERREIRA CORREIA E DESENHADO POR VINCENZO GIORGI - [1892?] - ESCALA 1:400.000 60
FIGURA 6 - MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS CHÁCARAS OU COLÔNIAS ALEMÃS NOS ARREDORES DE CURITIBA 63
FIGURA 7 - NOTA DO JORNAL GAZETA DO COMMERCIO DE 10/11/1917 95
FIGURA 8 - PLACA DA RUA DR. JOÃO COLIN – REF. AO ANTIGO NOME 97
FIGURA 9 - PLACA DA RUA NOVE DE MARÇO – REF. AO ANTIGO NOME 97
FIGURA 10 - ORIGEM DAS VARIEDADES DO ALEMÃO NO BRASIL - MAPA DE FUNDO ÁREAS DIALETAIS DO ALEMÃO NA MATRIZ DE ORIGEM NA EUROPA 144
FIGURA 11 - VARIEDADES DE LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL (E BACIA DO PRATA) 145
FIGURA 12 - MAPA DA COLÔNIA DONA FRANCISCA 1840-1850 176
FIGURA 13 - CENTRO DA COLÔNIA DONA FRANCISCA - 1851 178
FIGURA 14 - CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL - JUNHO - 1857 180
FIGURA 15 - PRIMEIRO TEMPLO DE JOINVILLE, VISTA LATERAL DA CASA DE ORAÇÃO PROTESTANTE 182
FIGURA 16 - IGREJA DA PAZ 184
FIGURA 17 - IGREJA DA PAZ 1892 185
FIGURA 18 - IGREJA DA PAZ INÍCIO SÉC. XX. TORRE COM RELÓGIO 186

FIGURA 19 - ÓRGÃOS DE TUBO 187
FIGURA 20 - TUBOS DO ÓRGÃO 187
FIGURA 21 - INTERIOR DA IGREJA DA PAZ, NA ÉPOCA DE AQUISIÇÃO DO ÓRGÃO 187
FIGURA 22 - IGREJA DA PAZ, DÉCADA DE 1930 188
FIGURA 23 - VISTA EXTERNA DA FUTURA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE JOINVILLE, APÓS AS REMODELAÇÕES. ILUSTRAÇÃO DO 2º BOLETIM DA COMISSÃO DE CONSTRUÇÃO DE AMPLIAÇÃO DA IGREJA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960. 189
FIGURA 24 - IGREJA DA PAZ 190
FIGURA 25 - TORRE, RELÓGIO - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ 191
FIGURA 26 - EXTERIOR - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ 191
FIGURA 27 - PORTA DE ENTRADA - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ 191
FIGURA 28 - INTERIOR - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ. 191
FIGURA 29 - CASA DA MEMÓRIA 195
FIGURA 30 - ACESSO PRINCIPAL DA CASA DA MEMÓRIA 196
FIGURA 31 - ENTRADA DO CEMITÉRIO DO IMIGRANTE 198
FIGURA 32 - CEMITÉRIO DO IMIGRANTE 198
FIGURA 33 - CENTRO CULTURAL DEUTSCHE SCHULE 203
FIGURA 34 - HOSPITAL DONA HELENA - CASA DE SAÚDE EM VERSÃO JÁ AMPLIADA [1923?] 205
FIGURA 35 - ANCIO(A)NATO (*ALTENHEIM*) BETHESDA 207
FIGURA 36 - ESTRUTURA DA IECLB 211
FIGURA 37 - GESTÃO ADMINISTRATIVA 213
FIGURA 38 - GESTÃO EXECUTIVO-ADMINISTRATIVA 214
FIGURA 39 - GESTÃO ADMINISTRATIVA - NÍVEIS 215
FIGURA 40 - MAPA DOS SÍNODOS DA IECLB 216
FIGURA 41 - SÍNODOS DA IECLB DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL 216
FIGURA 42 - AQUARELA DA PRIMEIRA IGREJA EV. LUTERANA DE CURITIBA SÉC.XIX 223

FIGURA 43 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE “CURITYBA”. DÉCADA DE 1890 224
FIGURA 44 - PRIMEIRA IMAGEM DA IGREJA 229
FIGURA 45 - O SINO DOADO PELA FUNDIÇÃO MÜLLER IRMÃOS À IGREJA DE CRISTO EM 1912-1913 229
FIGURA 46 - JESUS OLHA JERUSALÉM COM TRISTEZA 230
FIGURA 47 - PINTURAS DO INTERIOR DA IGREJA - AS PAREDES, COM AS COLUNAS DO TEMPLO DE SALOMÃO 230
FIGURA 48 - O CORO DA *CHRISTUSKIRCHE* EM APROXIMADAMENTE 1943 (NA FRENTE, O PASTOR FRANK) 231
FIGURA 49 - CENTENÁRIO DA *CHRISTUSKIRCHE*. MADRIGAL DA IGREJINHA (2013) 231
FIGURA 50 - ÓRGÃO DA CHRISTUSKIRCHE 232
FIGURA 51 - CORREDOR PARA ENTRADA NO CENTRO COMUNITÁRIO - PÁTIO DA IGREJA 242
FIGURA 52 - PORTA DE ENTRADA DO CENTRO COMUNITÁRIO 242
FIGURA 53 - O CAMPANÁRIO 244
FIGURA 54 - O NOVO SINO 244
FIGURA 55 - “DEIN WORT IST DIE WAHREIT” 244
FIGURA 56 - CHRISTUSKIRCHE 1913-2013, URSULA UND WALTER SCHATT 244
FIGURA 57 - PORTÃO DE ENTRADA (RUA) 246
FIGURA 58 - PÁTIO DO TEMPLO (FRONTAL INTERNO) 246
FIGURA 59 - CENTRO COMUNITÁRIO AO LADO, TEMPLO, EM CIMA CASA PASTORAL 246
FIGURA 60 - INTERIOR DO TEMPLO VISTO DA PORTA DE ENTRADA 246
FIGURA 61 - PLACAS DE SINALIZAÇÃO E INFORMATIVAS BILÍNGUE 249

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PROCEDÊNCIA DE ALGUNS GRUPOS ALEMÃES PARA O SUL DO BRASIL 41
QUADRO 2 - RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS NÚCLEOS DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ FUNDADOS NO PERÍODO DE 1829 A 1900 NO ESTADO DE SANTA CATARINA - BRASIL 50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - ESTATÍSTICAS DO POVOAMENTO - IMIGRAÇÃO POR NACIONALIDADE - 1884-1959 66

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - TERRITÓRIO BRASILEIRO E POVOAMENTO - ESTATÍSTICAS DO POVOAMENTO - IMIGRAÇÃO TOTAL - PERÍODOS ANUAIS 64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a. C.	antes de Cristo
ALMA	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
BIRS	Bilinguismo no Rio Grande do Sul
BONJA	Colégio Bom Jesus
CARE	Cooperative for American Remittances to Europe
CEBAS	Entidade Beneficente de Assistência Social
CEJ	Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Joinville
LELUT	Legião Evangélica Luterana
CID	Comissão Interluterana de Diálogo
CIL	Comissão Interluterana de Literatura
d. C.	depois de Cristo
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IELUSC	Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPOL	Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística
JOREV	Jornal Evangélico
LUC	Luteranos Unidos em Comunicação
OASE	Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas
OGA	Obra Gustavo Adolfo
PRONAC	Programa Nacional de Apoio à Cultura
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 19

2 CAPÍTULO 1 - A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E O SURGIMENTO DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS 28

2.1 LÁ VEM "OS ALEMÃO" 29

2.1.1 A presença dos primeiros alemães no Brasil 31

2.1.2 Viajantes, naturalistas, artistas, militares, alemães no início do século XIX. 33

2.1.3 Entre a Colônia e o Império 35

2.1.4 As primeiras tentativas 38

2.1.5 Um marco inicial: 1824 38

2.2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO PAÍS 39

2.2.1 A imigração germânica em Santa Catarina 44

2.2.1.1 O aparato legal para imigração e colonização em Santa Catarina 51

2.2.2 Presença e imigração alemã no Paraná 55

2.2.2.1 Imigrantes alemães em Curitiba 61

2.2.3 O caso brasileiro no ciclo das grandes migrações 64

2.3 COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS 68

2.3.1 A identidade teuto-brasileira em perspectiva 75

2.3.2 Comunidade étnica, linguística e religiosa 76

2.3.3 A Campanha de Nacionalização do Estado Novo e as questões da língua . 88

2.3.3.1 Proibições e mudanças no uso da língua 89

2.3.3.2 Em Joinville, nomes de ruas entre a Alemanha e o Brasil 94

2.3.3.3 A perseguição aos luteranos 97

2.3.4 O caráter associativista no contexto migratório 102

2.3.5 A imprensa e literatura teuto-brasileira 103

2.3.5.1 A imprensa 104

2.3.5.2 A literatura 105

3 CAPÍTULO 2 - LUTERANISMO: A RELIGIÃO ENTRE LÍNGUA E MEMÓRIA 108

3.1 A LÍNGUA ALEMÃ: DE LUTERO E DO LUTERANISMO 114

3.1.1 A língua de Lutero 115

3.1.2 Lutero como referência linguística e religiosa 118

3.1.3 A "língua do luteranismo" 124

3.1.4 Luteranismos e etnicidade 129
3.1.5 A imprensa religiosa germânica 138
3.1.6 Uso da língua como marcador identitário e cultural 141
3.2 MEMÓRIA E LÍNGUA: IMIGRAÇÃO E RELIGIÃO 147
3.2.1 A memória da língua 147
3.2.2 A memória religiosa da língua e linguagem 150
3.2.3 A memória coletiva: entre a religião e a imigração 155
3.3 INFLUÊNCIAS ALEMÃS NO LUTERANISMO TEUTO-BRASILEIRO 158
3.3.1 A ética protestante e o 'espírito' (Geist) do trabalho alemão 160
3.3.2 Associativismo e protestantismo 162
3.3.2.1 O associativismo religioso 164
3.3.3 O romantismo alemão 166
3.3.3.1 Nacionalismo teuto-brasileiro do século XIX 168
4 CAPÍTULO 3 - COMUNIDADE EVANG. LUTERANA DE JOINVILLE 171
4.1 COLÔNIA D. FRANCISCA E A SOCIEDADE COLONIZADORA DE HAMBURGO 171
4.2 COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE - IGREJA DA PAZ 177
4.2.1 O ajuntamento inicial dos imigrantes protestantes 177
4.2.2 A construção de uma "Casa de Oração" 179
4.2.3 Uma igreja com torre e sinos (relógio, órgão de tubos, mobília sacra) 183
4.2.4 Temp(l)o de ampliação 188
4.2.5 Temp(l)o de restauração 189
4.3 A SOCIABILIDADE DA COMUNIDADE EVANGÉLICA EM JOINVILLE 192
4.3.1 Cemitério do Imigrante 193
4.3.2 A Deutsche Schule (Escola Alemã) 198
4.3.3 Helenenheim (Hospital Dona Helena) 203
4.3.4 Ancionato Bethesda 205
4.3.5 Diaconia 207
4.4 PRÁTICAS ATUAIS NA VIDA DA COMUNIDADE 209
4.5 A ESTRUTURA SINODAL 211
5 CAPÍTULO 4 - COMUNIDADE EVANG. LUTERANA DE CURITIBA 217
5.1 DEUTSCHE EVANGELISCHE GEMEINDE (COMMUNA EVANGÉLICA ALLEMÃ) 219
5.2 EVANGELISCHE LUTHERISCHE CHRISTUSGEMEINDE (COMUNIDADE

EVANGÉLICA LUTERANA DE CRISTO) 228
5.2.1 O cisma: duas Comunidades Protestantes em “Curityba” 234
5.2.2 Anos de turbulências 236
5.2.2.1 De Gemeinde para Comuna até chegar na Comunidade 238
5.2.2.2 A Kleinekirche resistiu 238
5.2.3 Vida que segue 240
5.2.3.1 Centro Comunitário “Pastor Karl Frank” 240
5.2.3.2 O sino da Christuskirche 242
5.2.3.3 A ‘igrejinha’ centenária, peculiaridades da arquitetura e história 245
5.3 A CHRISTUSKIRCHE HOJE 247
5.4 DESCENDENTES, TEUTO-BRASILEIROS E LUTERANOS 254
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 256
REFERÊNCIAS 262

1 INTRODUÇÃO

"O meu Deus, ele fala alemão! O meu Deus fala no dialeto!" Este foi o trecho relatado na entrevista de um pastor luterano ao justificar o uso da língua alemã em território brasileiro. Ele também se referiu ao modo como algumas pessoas, descendentes de imigrantes alemães, teuto-brasileiros, pertencentes à membresia de sua denominação religiosa, entendiam e se referiam à prática de sua religiosidade. Este pequeno trecho de sua fala retrata e sintetiza elementos importantes na temática da pesquisa ora proposta que busca abordar imigração alemã, teuto-brasilidade, etnicidade, sociabilidade, uso da língua alemã e religião protestante[1] evangélica[2] luterana[3] no Brasil.

Segundo Joana Bahia (2022), pesquisadores da imigração alemã no Brasil e dos teuto-brasileiros, tais como Willems (1946), Wagemann (1949), Giemsa e Nauck (1950), Roche (1968), Dreher (1984) e Seyferth (1994), entre outros, destacaram a importância da figura do pastor e também da influência do papel histórico da Igreja Luterana, tanto na manutenção do uso da língua alemã como também na elaboração das representações identitárias acionadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes, desde o início do processo e fluxo migratório para o Brasil.

Neste sentido, algumas questões que se afloram são: em que medida o luteranismo reforçou, ou mesmo, entrou em conflito nas comunidades que se abrasileiraram, ou mesmo, estavam em processo de se tornarem teuto-brasileiras? Que 'pesos' tiveram a religião (protestante luterana) e a língua (alemã ou dialeto do

[1] O termo "protestante" se originou e se estabeleceu a partir de um documento de protesto (do latim: Protestatio) apresentado por "luteranos" (cinco príncipes e quatro cidades imperiais) favoráveis ao movimento e ideais da Reforma reunidos em assembleia imperial, na Segunda Dieta de Espira, em 1529. Esse documento expressava formalmente a oposição à política religiosa adotada pela Igreja Católica (Édito de Worms de 1521 e 1ª Dieta de Espira de 1526,). (BECK, N. In: LUTERO, M. Pelo Evangelho de Cristo: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre, São Leopoldo: Concórdia, Sinodal, 1984. p. 17)

[2] Por sua vez, o termo "evangélico" foi o termo utilizado por Martinho Lutero para se referir ao movimento da Reforma. Em seu sentido religioso e bíblico, vem da palavra em grego "*euangelion*" que na língua portuguesa significa "boas novas", "boa notícia", "evangelho". Este termo foi adotado e começou a ser utilizado pelo próprio grupo dos luteranos já na metade do século XVI, também para distinguirem-se dos católicos e de outros grupos como os anglicanos. (FAHLBUSCH; BROMILEY, 2003, p. 362)

[3] E ainda, o termo "luteranos" surgiu como uma cognominação empregada pelo teólogo católico Johann Maier von Eck (1483-1546) contra Martinho Lutero durante o "Debate de Leipzig" em julho de 1519. Era comum e tradicional aos defensores do catolicismo romano, a prática de nomear uma "heresia" utilizando-se do nome de seu "líder". As pessoas que se identificavam com a teologia de Lutero, eram chamadas de "luteranos". (CÂMARA, 1957, p. 234) Mais tarde, em 1597, os próprios teólogos de Wittenberg se definiram a si mesmos como "luteranos", de modo que o termo se tornou tradicional e é utilizado em todo o mundo até os dias atuais. (FAHLBUSCH; BROMILEY, 2003, p. 362)

mesmo campo linguístico) na criação e ocupação de espaços que atualmente identificamos como teuto-brasileiros? Qual a influência, interferência ou relação do luteranismo no estabelecimento e processo de integração dos imigrantes alemães e seus descendentes nestes espaços teuto-brasileiros?

Esta pesquisa sobre a imigração alemã no Brasil nos permitiu trazer a reflexão de alguns aspectos de populações teuto-brasileiras, especialmente aqueles que emergem e dizem respeito à relação estabelecida entre língua, cultura e sociedade e, como os grupos envolvidos neste processo migratório, especialmente na atualidade, percebem e se expressam neste intercâmbio. Estas relações foram construídas desde o início da presença de falantes da língua alemã no continente americano. Possuem aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos. Também lhes são inerentes expressões de caráter interétnico e identitário, tendo a língua e a linguagem como marcador. Para além da migração *stricto sensu* concebida como a passagem física de um lugar para outro, diz respeito às experiências que envolvem uma série de vivências e situações, e que permanecem por toda a vida dos migrantes como também impactam e delineiam suas gerações subsequentes.

Trata-se de uma análise da representação que os teuto-brasileiros têm de sua etnicidade, intermediado pelos signos ou símbolos de linguagem e, mais especificamente, no uso da língua em seu cotidiano, especialmente através da sua prática religiosa, pois esta representação "apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente" (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 35). Estes símbolos geram sentidos para os diversos grupos existentes e podem variar conforme a especificidade do contexto. Assim, estes símbolos que dotam o mundo de sentido são os próprios grupos sociais que os constroem processualmente, ou seja, na interação entre seus componentes. Constituem fronteiras sociais que diferenciam pessoas, grupos, objetos e se apresentam objetivamente na sociedade e no cotidiano.

Os diversos grupos de imigrantes alemães e descendentes que se estabeleceram no Brasil, mais especificamente no sul do país, tornaram-se objeto de estudo sociológico somente na medida em que foram vistos como "problema imigratório" à "assimilação" dos grupos em relação à cultura brasileira. Destacam-se, neste primeiro momento de abordagem sobre a temática teuto-brasileira, os trabalhos e estudos sociológicos de Emílio Willems em seus livros "Assimilação e

Populações Marginais no Brasil" (1940) e "A Aculturação dos Alemães no Brasil" (1946), que estão no embate e diálogo científico com uma série de outras teorias da época para se compreender o fenômeno. No primeiro, ele afirmou que "a verdadeira assimilação opera-se, segundo as nossas observações, na esfera econômica, na esfera religiosa e na esfera da estrutura familial" (WILLEMS, 1940, p. 17); já, no segundo, ele "atribui às mudanças e permanências no idioma, na religião, nos sistemas econômicos e nos regimes matrimoniais a possibilidade de se estudá-las em seus aspectos culturais, caracterizando, assim, o conceito de aculturação." (VOIGT, 2008, p. 58) De lá para cá, para além de Emílio Willems (1940), autores da área da Sociologia e mais amplamente do campo das Ciências Humanas como Artur Hehl Neiva (1942, 1944), Carlos Henrique Oberacker Júnior (1965, 1966, 1968), Jean Roche (1969), Leo Waibel (1958), Egon Schaden (1954, 1956), José Fernandes Carneiro (1966), Arpad Szilvassy (1966), Gilberto Freyre (1962, 1963), Manfredo Berger (1974), Gerd Kohlhepp (1980), Giralda Seyferth (1982), Martin Dreher (1984), Kreutz (1991), Maria Luiza Renaux Hering (1987), entre outros, abordaram elementos e variáveis importantes sobre esta temática de pesquisa. Conforme Voigt (2008), a produção destes autores buscou reafirmar a validação da cultura teuto-brasileira.

Segundo Márcio de Oliveira (2018), em se tratando de produção sociológica brasileira, de 1940 a 1970, período de numerosos trabalhos sociológicos, os estudos imigrantistas brasileiros rivalizaram com os estudos comunitários, rurais e indígenas. Todos, do ponto de vista teórico conceitual, trabalhavam com a temática de "assimilação" à sociedade nacional, ainda com destaque, dentre outros, ao trabalho de Emílio Willems com os teuto-brasileiros.

Diante dos inúmeros trabalhos e temáticas acerca da imigração alemã e teuto-brasileiros, apenas os de Dreher (1984) sobre aspectos da relação igreja e germanidade, e Kreutz (1991) sobre a figura do professor paroquial nas comunidades rurais católicas teuto-brasileiras, trataram da questão religiosa. Sobre os luteranos, ainda houve os trabalhos de dissertação e tese de João Klug (1994, 1997) que trataram, respectivamente, da formação da comunidade evangélico -luterana na cidade de Desterro a partir do século XIX (Mestrado) e do papel das escolas na atuação da Igreja Luterana para o processo de modernização em Santa Catarina, no período de 1871 e 1938 (Doutorado); e a tese de Doutorado de Dagmar Estermann Meyer (1999) que versou sobre a produção da identidade "teuto-

brasileiro-evangélica" no Rio Grande do Sul, a partir do entrecruzamento de diversas categorias de análise, como: gênero, nação, raça, classe social e religião, com preponderância da primeira na articulação com as demais. (VOIGT, 2008)

Nestes termos, esta pesquisa surgiu no interstício desses trabalhos que relacionaram imigração e religião, teuto-brasilidade e protestantismo luterano, etnicidade, identidade e uso da língua, com suas respectivas especificidades e abordagens afins, em comunidades luteranas situadas nas cidades de Curitiba (Paraná) e Joinville (Santa Catarina), buscando contribuir, ainda que minimamente, na ampliação do leque a respeito desta temática no campo da Sociologia, das Ciências Sociais e Humanas.

Para o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1933-1998), inspirado em Marcel Mauss (1872-1950), "a imigração é um fato social total". Isto quer dizer que somos convidados a olhar para o fenômeno migratório em sua totalidade, pois o mesmo impacta em todas as esferas das sociedades, seja a de emigração ou imigração (migração e remigração). Neste sentido, para a pesquisa e a investigação do fenômeno migratório deste trabalho, foi também preciso recorrer a diferentes campos de estudos. "A categoria migração é central em sua reflexão sobre a vida social." (VILLEN; DIAS, 2001) Inúmeros aspectos podem ser considerados no ato de migrar, onde também se evidenciam os "paradoxos de alteridade" da sociedade receptora, no caso a brasileira, em relação aos imigrantes alemães e seus descendentes. Imperativo se fez olhar e abordar a vida dos imigrantes no conjunto das condições históricas e sociais das quais ela emerge. Migrantes que se deslocam para novas terras e lugares trazem consigo processos peremptórios que afetam a vida, individual e social, modos de ser, pensar e viver, num fluxo contínuo e dinâmico.

O processo migratório traz consigo uma série de rupturas e mudanças que se apresentaram como situações críticas, especialmente no que diz respeito à integração social dos migrantes nas sociedades receptoras. A partir disso, o pertencimento étnico a grupos, comunidades, instituições, podem funcionar como elementos facilitadores da participação e interação dos imigrantes no novo contexto. Neste sentido, este trabalho buscou refletir sobre as maneiras como os espaços e práticas da religiosidade luterana (igreja) contribuíram para proporcionar a integração social dos imigrantes alemães e seus descendentes bem como estabelecer vínculos de sociabilidade com a sociedade receptora.

Nesta pesquisa buscamos abordar a estreita relação entre língua, história, memória, sociedade, cultura e identidade. Elencamos e delimitamos dois elementos socioculturais constitutivos de identidade que são a língua e a religião. Este encontro de caráter etnolinguístico nos possibilitou investigar alguns aspectos resultantes da relação entre a língua e a comunidade.

Ao cruzar as fronteiras, migrantes também têm suas religiões[4], crenças[5] e práticas religiosas, ou aderem a uma ou tantas outras expressões religiosas no novo lugar. Consideramos importante olhar e considerar como a religião interage com a dinâmica da migração e vice-versa. O foco na intersecção entre religião e migração permite considerações na busca pela compreensão de como, de certo modo, a religião opera dentro e através de inúmeras escalas sobrepostas ou mesmo dos campos de experiência: do global para o local, do institucional para o individual. (KONG, 2010; SHERINGHAM 2013)

Segundo Warner e Witner (1998), um nível de análise importante a ser feito no âmbito dos estudos da religião e migração é observar atentamente o papel e o lugar das congregações de migrantes. Estudiosos desta intersecção sugerem novas abordagens que apontam para a religião vivida e experimentada no cotidiano das pessoas que migram. (ORSI, 1997; AMMERMAN, 2007; MCGUIRE, 2008, SHERINGHAM, 2013).

> Não é por acaso que a migração já foi definida como *theologizing experience* por favorecer a formulação de perguntas existenciais sobre o sobre o significado da vida, da presença no lugar de chegada, do diálogo com a diversidade, numa reconstrução identitária induzida pela perda de suportes externos que dão plausibilidade à própria identidade. (WARNER, 2000, p. 271)

Dentre as abordagens de fundo, adotamos a teoria da "*síntese*" ou "*mestiçagem*" que propõe a visão do imigrante que elabora sínteses culturais e

---

[4] Concordamos com Sheringham (2017) que, para compreender a relação entre religião e migração, é necessário ir além de categorias rígidas que postulam a religião dicotomicamente contrária ou contraposta aos campos do "secular", "racional" ou "cotidiano". Necessitamos expandir nossa noção de religião para poder abranger e alcançar a ampla gama de práticas e crenças que influenciam, moldam, e continuam a moldar, nosso mundo cada vez mais globalizado e transnacional.

[5] Assim como Küng (1986), entendemos que a expressão "crenças", em seu sentido amplo, diz respeito às cosmovisões religiosas que muitos migrantes possuem, levam consigo e utilizam para interpretar e dar sentido aos desafios existenciais da jornada migratória. Tais crenças religiosas podem ser definidas como um "sistema de coordenadas justificado de maneira transcendente e atuante de forma imanente, em relação ao qual o homem se orienta intelectual, emocional e existencialmente". (p. 9) Em geral, sistemas de crenças são gerenciados por instituições religiosas, mas também podem ser vivenciados de maneira autônoma.

religiosas como também busca conciliar diferentes ou distintos sistemas de crenças e paradigmas de pertencimento. Assim também, os imigrantes e seus descendentes podem assumir identidades compostas, sobrepostas, maleáveis, plurais, que emergem de constantes negociações entre múltiplos pertencimentos da ordem do cultural, do religioso, étnico, nacional, social, linguístico, familiar, entre outras.

Dentro deste contexto e processo de negociações constantes, os sistemas de crenças também tendem a se modificar, pois estão em constante comunicação direta com o ambiente, social, religioso e cultural referencial. Desta maneira, podem expandir ou restringir as fronteiras simbólicas do sistema religioso na interação com suas identidades históricas, étnicas, e a pluralidade e imprevisibilidade do ambiente externo. O que também ocorre, em muitos dos casos relativos aos imigrantes, é um processo de 'desterritorialização' e 'reterritorialização' das crenças noutros moldes. (MARINUCCI, 2017)

A partir das inquietações iniciais apontadas, buscou-se investigar em que medida o luteranismo de origem germânica interferiu, impactou e modificou o processo de estabelecimento e integração, abrasileiramento, contribuindo na criação atual de espaços teuto-brasileiros, social e culturalmente bem integrados à vida local e nacional, sem se abster e marcados pela sociabilidade e religiosidade luterana.

No capítulo 1, a partir de uma abordagem de trajetória sócio-histórica, apresentaremos o pano de fundo da procedência e os modos de aproximação, chegada e estabelecimento dos mais variados grupos e imigrantes da "Alemanha" em suas incursões e experiências iniciais. Na sequência do processo histórico, vamos contextualizar as imigrações alemãs para o sul do país, com destaque aos estados de Santa Catarina e Paraná, seus indicativos e suas respectivas especificidades.

Ainda neste primeiro capítulo, conforme a abordagem proposta, vamos historicizar a formação e o estabelecimento das comunidades teutas no Brasil, suas dificuldades, influências, transformações, mediadas, principalmente, pelo uso do idioma. Também abordaremos as diferentes compreensões e nuances do conceito nominado "teuto-brasileiro", com destaques às abordagens de Willems (1940), Seyferth (1982) e os trabalhos de Voigt (2008).

No capítulo 2, teremos uma abordagem mais demarcadamente institucional, voltado para o fenômeno sociolinguístico engendrado pelo luteranismo de origem germânica no Brasil. Esta instituição eclesiástica possui relações peculiares com o

uso da língua alemã em sua variedade linguística, a etnicidade e a identidade como manifestação cultural pública. Têm, em seu fundador Martinho Lutero, uma figura muito importante para a parcela protestante luterana dos teuto-brasileiros, constituindo-se assim uma referência religiosa, étnica e linguística. Ainda neste mesmo capítulo, dedicamos uma seção para as discussões teóricas e empíricas sobre a questão da linguagem e os usos da língua alemã no contexto migratório dos grupos aqui já estabelecidos. O uso da língua tornou-se um marcador identitário e cultural, o que nos possibilitou a investigação da relação entre língua e etnicidade, especialmente no caso teuto-brasileiro dos imigrantes alemães e seus descendentes. Aqui destacamos os trabalhos de autores que relacionaram língua e memória, com destaque às reflexões de Maurice Halbwachs (1971, 1994, 1997), que são possivelmente contemplados no caso específico do luteranismo. E ainda neste capítulo, trataremos sobre as influências da germanidade sobre a constituição da teuto-brasilidade através do *ethos* alemão, associativismo (secular e religioso) e o romantismo alemão.

Nos últimos dois capítulos 3 e 4, a pesquisa tratará das comunidades luteranas na cidade de Joinville, em Santa Catarina, e Curitiba, no Paraná. As cidades estão localizadas no sul do país, que possui o maior número de concentração de imigrantes alemães e seus descendentes, de confissão protestante luterana (juntamente com o Estado do Espírito Santo, na região Sudeste), tornando-se assim referências, no que diz respeito à representatividade, como justificativa para análise investigativa do assunto proposto. São cidades próximas geograficamente uma da outra (cerca de 130 km). Segundo o Censo do IBGE (2010), a população de Curitiba é de 1.751.907 habitantes com 12.463 declaradamente luteranos, enquanto que a população de Joinville é de 515.288 habitantes (estimada em 2021 604.708 pessoas) 21.175 declaradamente luteranos. São cidades que se tornaram referências de imigração alemã e que possuem comunidades luteranas cujas trajetórias históricas estão relacionadas com a cidade (sociedade receptora). Estas comunidades luteranas, Igreja da Paz (Joinville) e Igreja de Cristo (Curitiba), fizeram parte dos processos migratórios de grupos germânicos ainda do século XIX. São referências de 'pioneirismo', culturais e de associativismo, através de escolas, cemitérios, grupos de afinidade, serviço social e assistencial de saúde, música, folclore, gastronomia, uso da língua, expressões religiosas, da história e tradição teuta, da produção e cultivo da memória. Fazem

parte do circuito cultural, histórico e turístico de suas localidades. Ambas tiveram seu o tombamento de seu patrimônio, ou seja, o reconhecimento e proteção enquanto patrimônio cultural reconhecido, tanto pela administração federal, estadual e municipal. Ainda hoje mantêm cultos e atividades no idioma alemão. Qual a justificativa para se manter cultos e atividades na língua alemã nos dias atuais, após 120 anos de existência destas comunidades e de 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães e luteranos? Também é importante destacar que a presença e notabilidade dessas comunidades luteranas e seus respectivos legados deixaram marcas indeléveis até hoje em seus descendentes (internamente) e nas respectivas sociedades receptoras (externamente) onde estão inseridas, de tal maneira que suas práticas se tornaram foco de nossa pesquisa. A presença dos primeiros imigrantes alemães, que vieram para estas regiões em contato com a cultura brasileira, legou nas suas gerações posteriores a figura do teuto-brasileiro e de teuto-brasilidade, inclusive com variações linguísticas peculiares constituídas por fatores endógenos e exógenos.

No campo de pesquisa (referencial, material e conteúdo empírico) foi realizado levantamento, abordagem e análise de dados sócio históricos das comunidades, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas gravadas (em áudio e vídeo) com seis pessoas, mediante autorização individual da pessoa entrevistada, devidamente assinada em carta de cessão gratuita de direitos sobre depoimento oral, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido. Três delas em Joinville (SC) e outras três pessoas em Curitiba (PR). Todas pertencentes à membresia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Sínodo Paranapanema. As entrevistas ocorreram no mês de agosto de 2022, com vistas à pesquisa e investigação da leitura e autopercepção destes atores, informantes, acerca da relação entre imigração alemã, teuto-brasilidade, uso da língua e luteranismo, na atualidade da realização das mesmas. Foram duas mulheres e quatro homens (dentre os quais, dois pastores), brasileiros(as), de ascendência germânica, luteranos(as) de participação ativa nas atividades eclesiásticas, membros(as) atuais filiados às respectivas comunidades. Com vistas à proteção e preservação da identidade dessas pessoas entrevistadas, mantivemos todos (e todas) os (as) participantes da pesquisa no anonimato, atribuindo-lhes e os (as) identificando com nomes fictícios.

Ao tratarmos sobre grupo étnico, entendemos que esta categoria atributiva diz respeito às pessoas que alegam uma origem comum (WEBER, 1971), manifestada em suas práticas e costumes relativos ao seu próprio grupo. No caso teuto-brasileiro, trata-se de recordações da imigração e da colonização. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 38), "a pertença étnica determina, assim, um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintivas e de oposições de estilos de vida." Também Barth (2011, p. 189) se referiu aos grupos étnicos como "categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas". Não é à toa que, conforme Poutignat e Streiff-Fenart (2011), para Max Weber e outros da mesma abordagem epistemológica, o grupo étnico é uma construção social sempre 'problemática'. Portanto, concordamos com Diehl (2002, p. 92-93) em sua afirmação que "questões culturais como a língua e a religião desempenham um papel importante, pois conotam junto ao grupo étnico a compreensão de que seus membros compartilham um código linguístico e cultural em comum que regulamenta as suas vidas." Os espaços étnico-religiosos também se tornam espaço de compartilhamento, ressignificação e revaloração dos seus respectivos signos identitários de fronteira. Neste sentido, "um grupo étnico é então 'simplesmente' uma categoria descritiva e objetiva, discernível pelo observador" (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 45). Assim sendo, buscamos verificar em que termos os descendentes de imigrantes alemães ainda mantém a atribuição à sua identidade étnica e como se expressa no seus discursos, haja vista que "os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional" (BARTH, 2011, p. 194).

2 CAPÍTULO 1 - A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E O SURGIMENTO DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS

A trajetória e formação do povo alemão se deu no encontro entre as migrações dos povos germânicos e a queda do Império Romano. Organizados em tribos, viviam em florestas e falavam uma língua da família linguística indo-germânica. Geograficamente, ocupavam uma região, ao norte e centro da Europa, denominada de "Germânia". O povo que pode ter dado origem eram os "teutões". O termo latino *Germania*, oriundo do alemão *Gehrmann* (ou *Wehrmann*), quer dizer "homem de guerra" ou "de lança".

As primeiras referências aos *germani* são do primeiro século a. C., quando a expressão começou a aparecer em obras literárias. Os primeiros registros da vida e dos costumes dos germânicos foram descritos por Tácito, em sua obra *Germania*, e também do imperador Júlio César, no livro "Sobre a Guerra Gálica".

O movimento para que os povos germânicos constituíssem uma nação, iniciou-se com a formação do estado franco merovíngio, e sua conversão ao cristianismo durante o reinado de Clóvis, de 481 a 511 d. C., que também estava ligado à origem da França. Em 814 d. C., logo após a morte de Carlos Magno, houve uma a divisão e formação de um império ocidental e oriental cuja fronteira correspondia, mais ou menos, à questão linguística (entre o alemão e o francês). O termo que designava a língua desses habitantes passou a designar o povo e a região que a falava: *Deutschland*.

Enquanto a fronteira ocidental da Alemanha permaneceu estável, a fronteira oriental apresentou várias mudanças, como a ampliação política geográfica territorial, dos rios Elba e Saale, em 900 a. C., em direção ao leste, a altura do rio Oder. Tal configuração perdura até os dias atuais. Em sua maior extensão territorial, o império germânico incluía o que atualmente é a Alemanha, Áustria, República Tcheca, oeste da Polônia, Países Baixos, Bélgica, Liechtenstein, Luxemburgo, leste da França, Suíça e partes da Itália central e setentrional.

No contexto da imigração alemã para o Brasil, todos os imigrantes de origem "germânica" e seus descendentes, que compartilhavam origem, língua, costumes e traços culturais comuns, eram identificados unicamente como "alemães". Esta designação não exclui as múltiplas formas e categorias étnicas que se pluralizaram ao longo do tempo, dentro do próprio grupo étnico, como foi o caso teuto-brasileiro.

O processo migratório de germânicos[6] alemães no Brasil, está inserido num quadro mais amplo das migrações europeias, calcadas na expansão marítima e comercial relacionadas às políticas colonizadoras europeias na América. No século XVI, estrangeiros da Europa, África, do Oriente Médio e, ainda depois, também da Ásia, marcaram presença em todo território brasileiro. O processo de formação da população brasileira foi deveras complexo, múltiplo, diversificado, multicultural, em espaços variados e com distinta formação de grupos étnico culturais específicos. Num vasto território, ao longo de cinco séculos, a vinda de estrangeiros se constituiu em elemento fundamental nessa dinâmica constitutiva populacional. Nestes termos, há que se considerar a formação da população brasileira num processo de convivências, às vezes tenso, conflitivo, por vezes harmônico, feito de intercâmbios, de mútuas influências, de resistências e de contribuições que interferiram nas mais diversas negociações, dentre as quais as identitárias.

A imigração alemã para o Brasil ocorreu com o deslocamento de pessoas de origem germânica, mais especificamente os "alemães" do Sacro Império Romano-Germânico, em território brasileiro, ocorrido entre os séculos XV e XVI. No entanto, a vinda de grupos maiores de alemães, de maneira organizada, aconteceu tão somente três séculos depois, cuja presença massiva e numericamente expressiva se fez marcante mesmo entre os séculos XIX e XX.

2.1 LÁ VEM "OS ALEMÃO"

Do Sacro Império Romano Germânico[7] (962), sob o comando do imperador Carlos Magno, até a formação e unificação da Alemanha (1871), sob liderança de Otto Von Bismarck, o povo germânico passou por uma complexa história política. O cenário de pano de fundo era uma Europa em intenso conflito. As múltiplas regiões,

---

[6] Segundo o historiador Rodrigo Trespach (2013), nos últimos anos alguns historiadores passaram a utilizar termos como 'germânicos', 'germanidade' ou 'presença teuta', ao se referirem à imigração dos vários países de língua alemã antes da formação do Império Alemão (1871).

[7] Também denominado de Primeiro Reich, o Sacro Império Romano Germânico (962-1806), durou da coroação de Otão I, o Grande, até as invasões de Napoleão na Europa. Compreendia o atual território alemão, mas seu domínio se estendia da atual Polônia até a Bélgica. Na sequência, o Segundo Reich, também denominado de Império Alemão (1871-1918), cujo imperador era Guilherme II e o chanceler Otto Von Bismarck, foi marcado pela unificação após a vitória na guerra franco-prussiana e interrompido com a derrota na Primeira Guerra Mundial. Ainda sob a denominação de Império Alemão, o período de 1919 a 1933, organizado por uma assembleia nacional constituinte como república, tendo como sistema de governo uma democracia representativa semipresidencial, também recebeu a designação histórica de República de Weimar. De 1933 a 1945, ao chamar a Alemanha de Terceiro Reich, o líder nazista Adolf Hitler intencionava legitimá-la como sucessora dos grandes impérios germânicos.

eram divididas e estabelecidas por guerras constantes, consequências de disputas políticas internas e externas. Era estruturalmente bastante fragmentada. Possuía pouca, ou quase nenhuma, unidade administrativa. Sua configuração era muito variável, conforme o tempo, o lugar, o contexto, a cultura e o dialeto. Uma pessoa de origem germânica alemã, naquela época, poderia designar uma série de referências, dependendo de sua procedência, região ou circunscrição geográfica. Poderia ser prussiana, pomerana, saxã, bávara, württemberguiana, hannoveriana, entre outras.

> O que se tinha, então, era uma espécie de colcha de retalhos em que uma diversidade enorme de trajetórias se entrecruzava, movidas pelo estímulo da emigração, da busca de terra própria ou de liberdade em face dos constrangimentos políticos, sociais ou religiosos do "velho mundo" (WOORTMANN, 2000, p. 210)

Enquanto emergiam os estados-nações da Idade Média como Espanha, França, Inglaterra, com suas monarquias absolutas e centralizadas, o povo germânico alemão não conseguia estabelecer a unidade de um Estado Nacional. Configurava-se, portanto, num mosaico de minúsculos domínios, ainda predominantemente feudais. Constituíam-se num complexo, de centenas de estados e regiões, com diferentes arranjos territoriais, políticos e econômicos. Também por esta razão, estavam expostos a embates com os povos vizinhos. Dos múltiplos e intensos conflitos sangrentos, que emergiram deste cenário, destacaram-se a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), que deixaram marcas indeléveis em todos seus envolvidos.

Os imigrantes germânicos alemães que, vieram para o Brasil entre o séculos XVI e XIX, eram pessoas de diversos pequenos estados e regiões, ligadas ao Sacro Império Romano Germânico (até 1511), Sacro Império Romano da Nação Alemã (1512), Confederação do Reno ou Liga Renana (1806), Confederação ou Liga Alemã (1816), Confederação Germânica (1836).

A Alemanha somente veio a se tornar "unificada", apenas um século depois, após a guerra franco-prussiana (ou franco-germânica), em 1871, sob liderança de Otto Von Bismarck (1815-1898), o qual conseguiu reunir os vários países de língua comum, sob a mesma coroa de Guilherme I da Prússia, com a exceção da Áustria, a grande rival da Prússia. Em guerra contra a França (1870-1871), deflagrada por um conflito diplomático, Bismarck conquistou a Alsácia e Lorena. Com intenso sentimento de patriotismo, os estados da região sul da Alemanha, uniram-se à Liga

Setentrional Alemã, surgindo assim, o chamado segundo grande Império Alemão (ou Segundo Reich).

Após a queda, daquele que era considerado seu maior líder, Otto von Bismarck, em 1890, impôs-se crescentemente a posição dos que desejavam estabelecer um "estado alemão", inclusive fomentando sobremaneira a preservação da cultura germânica dos imigrantes e seus descendentes no Brasil.

É interessante notar que, mesmo sem a constituição de uma unidade política, jurídica, administrativa, os vários países da Europa central superavam essa 'lacuna' da constituição de um estado-nação, a exemplo da Inglaterra e França primeiro, e depois, de Portugal e Espanha, com uma certa "unidade", baseada principalmente o uso comum da língua alemã.

2.1.1 A presença dos primeiros alemães[8] no Brasil

Há referências da vinda e presença de germânicos alemães concomitantes à chegada dos portugueses no Brasil. Muitas das primeiras incursões da Coroa portuguesa no Brasil eram custeadas por consórcios alemães. Eram investidores destas expedições mercadores e banqueiros como Voehlin, Höchstter, Grossenbrot, Imhof e Hirschvogel. Também bancavam estas viagens famílias alemãs de alto poder financeiro como os Welser e os Fugger.

A partir desta aproximação luso-germânica nas atividades ultramarinas, os primeiros alemães que se fizeram presentes em terra brasileira, acompanhavam a esquadra de Pedro Álvares Cabral que desembarcou na Bahia em abril de 1500. Eram artilheiros alemães de uma unidade militar portuguesa que escoltavam a esquadra.

---

[8] A referência aos 'alemães' aqui mencionada, por hora, estará associada a um conceito linguístico-étnico-cultural mais do que ao político, haja vista que foi somente em 1871 que a Alemanha se tornaria Estado-Nação.

> Provavelmente, foi o folhetim de autoria anônima *Newen Zeytung auss Presillg Landt* [Nova Gazeta da Terra Brasil], onde o Brasil aparece grafado como *Presillg*, um dos primeiros impressos a usar o termo "Brasil" para as terras em que Cabral havia desembarcado. Escrito na Ilha da Madeira após a chegada de uma expedição portuguesa à colônia, o depoimento foi tomado provavelmente por um agente da família Fugger, impresso e distribuído para agentes e acionistas da empresa na Europa. (Embora haja opiniões controversas quanto ao ano original, o documento é comumente datado de 12 de outubro de 1514). O folhetim ajudou a tornar popular o nome que só foi oficializado pelos portugueses na segunda metade do século XVI. O próprio nome "Brasil", segundo alguns, também teria origem na língua germânica, nos termos "bras" ou "brasen", de "queimar", "ficar vermelho", alusão à madeira vermelha que foi o primeiro produto valioso explorado na nova terra, o pau-brasil. Algumas versões sobre o nome do país são ainda mais antigas, anteriores à era dos descobrimentos: o termo "Braziljan" aparece como nome de uma floresta na lenda arturiana do Graal, no famoso poema medieval alemão *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, no século XIII. (TRESPACH, 2019, p. 15)

Do ano de 1500 em diante, há registros da presença de alemães do Sacro Império Romano Germânico no território brasileiro. Eram exploradores, militares, escritores, comerciantes, que constam em diversos documentos. Dentre os quais, destacaram-se: Ulrich Schmidel, bávaro de Straubing, esteve no Brasil de 1534 a 1554, alguns anos depois publicou um livro sobre suas viagens pela América do Sul; família Lins, bávaros de Ulm, comerciantes que trabalhavam com transporte marítimo e importação e exportação de produtos manufaturados da colônia, chegaram em 1545 na capitania de Pernambuco e mantiveram relações comerciais com a Europa. Segundo Fouquet (1974)[9], no tempo de Carlos V (1550), há notícias de alemães que participaram da ocupação holandesa e se estabeleceram em Pernambuco (1630-1654).

Ainda outros exploradores, viajantes, naturalistas, botânicos, religiosos, militares, "cientistas", artistas, entre outros, de língua alemã vieram ao Brasil. Em 1601, Wilhelm Jost Tem Glimmer organizou a primeira expedição, ao interior de Minas Gerais e às nascentes do rio São Francisco. Em meados do século XVII, o filho do alemão Heliodorus Eobanus Hessus lutou contra os franceses no Rio de Janeiro. Por esta época, as conquistas holandesas no nordeste brasileiro trouxeram vários alemães. O mais conhecido, talvez tenha sido João Maurício de Nassau-Siegen (1604), nascido em Dillenburg, de Hessen. Foi nomeado governador do Brasil pela Companhia das Índias Ocidentais no Recife. No sul do país, entre os

---

[9] FOUQUET, C. **O Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974**. São Paulo. Instituto Hans Staden, 1974. Título original: *Der Deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien*.

jesuítas dos Sete Povos das Missões, estima-se que 25% dos padres eram provenientes de países de fala alemã.

Um dos pesquisadores, que estiveram no Brasil nesta época foi Georg Markgraf, escreveu e publicou a obra *Historia Naturalis Brasilae* (1648). Em 1668, o Brasil foi mencionado no romance *Simplicius Simplicissimus*, de Grimmelshausen.

Entre os séculos XVII e XVIII, com pouquíssimas exceções, a administração luso-brasileira não permitia estrangeiros visitantes na colônia, pois não queriam despertar o interesse na *Terra Brasilis*. O primeiro naturalista, que recebeu permissão real para adentrar o Brasil, foi o botânico alemão Friedrich Wilhelm Sieber, em 1801, na bacia amazônica para estudos geológicos e botânicos.[10]

Dentre os militares de procedência germânica já mencionados, destacou-se também, por sua atuação na então Província de Rio Grande de São Pedro, o general alemão Johann Heinrich Böhm, comandante do exército que retomou o Rio Grande aos espanhóis em 1776. Também neste mesmo ano, jesuítas alemães estiveram na bacia Amazônica, em São Luís do Maranhão e em Belém do Pará. Na bacia Amazônica, numa vila de abastecimento da fortaleza de S. José de Macapá, foram para lá enviadas, pelo Marquês de Pombal, algumas famílias de suíços e do Sacro Império da Nação Alemã, colonos e soldados cujos nomes eram alsacianos, würtemberguenses, prussianos, hessianos, suábios, silesianos, frankfurtianos, também de Würzburg, Trier, Saarbrücken, Strasbourg e Viena. (TRESPACH, 2019)

Neste período do Brasil Colônia até o início do século XIX, alemães se fizeram presentes em diferentes momentos, de diversas maneiras, por distintos interesses, em grupos pequenos e individualmente, por iniciativa própria, interesse pessoal ou de outrem, ou mesmo financiados por agenciadores e consórcios alemães.

2.1.2 Viajantes, naturalistas, artistas, militares, alemães no início do século XIX

Entre os exploradores de língua alemã que vieram ao Brasil, alguns deles se destacaram por suas relevantes contribuições. Em 1800, o naturalista Alexander von Humboldt foi impedido pela coroa portuguesa de permanecer no Brasil, suspeito de

---

[10] Segundo TRESPACH (2020, não p.), "o catálogo de obras em língua alemã sobre o Brasil, organizado em 2011 pelo *Instituto Martius-Staden*, em São Paulo, enumera mais de 900 obras publicadas, por cientistas e viajantes alemães – ou de língua alemã, entre os anos de 1500 e 1900."

ser espião. Contudo, foi uma notável referência por sua viagem e produções na América Latina.

Outro notável, Georg Heinrich Von Langsdorff, médico naturalista, também foi comandante, alemão de Wöllstein, chegou a desembarcar na ilha de Santa Catarina para reparos no navio. Chegou ao Rio de Janeiro em 1813 e ali se tornou o cônsul-geral da Rússia. Publicou em Heidelberg a obra *Bemerkungen über Brasilien* (Observações sobre o Brasil), onde registrou 'algumas instruções aos imigrantes alemães para se estabelecer no país'. Esta, talvez tenha sido a primeira obra que buscou estruturar as bases pelas quais, na sua visão, dar-se-ia o processo imigratório de alemães para o Brasil. Seus relatos documentados foram de suas experiências de viagem no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Amazônia.

Em 1815, o príncipe renano Maximilian Alexander Philipp de Wied-Neuwied, naturalista, etnólogo e explorador, esteve no Brasil e estudou a flora, a fauna e a tribo indígena dos Botocudos. Escreveu a obra "Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817". Em 1817, juntamente com a comitiva real da arquiduquesa D. Leopoldina, chegaram ao Brasil o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius e o zoólogo Johann Baptist von Spix. Viajaram pelo litoral carioca, passaram pelo Nordeste e foram até a bacia Amazônica. Suas obras foram muito importantes e tratavam sobre a fauna, flora, a Geografia e a História do Brasil.

Em 1816, esteve aqui no Brasil o músico austríaco Sigismund Neukomm, de Salzburg. Aluno de Haydn e colega de estudos de Beethoven em Viena. Suas principais obras no Brasil foram a *Marcha Triunfal à Grande Orquestra*, seis valsas para o seu aluno, o príncipe D. Pedro, e *Te Deum* criada e executada para a cerimônia de coroação de D. João VI, em 1818.

Ainda no século XIX, tendo chegado ao Brasil com Langsdorff, o pintor bávaro Johann Moritz Rugendas (1802). Seu trabalho foi equiparado, em grau de importância, com o do artista francês Jean-Baptiste Debret. Sua grande obra "Viagem pitoresca ao Brasil", considerada um dos mais importantes registros iconográficos sobre o Brasil, foi publicada no ano de 1835. Interessou-se pelo Brasil através das obras do pintor e paisagista austríaco Thomas Ende (1793).

Dentre os militares germânicos, destacou-se o bávaro Major Georg Anton Aloys Schäffer (1779-1836), de Münnerstadt. Estudou farmacologia em Würzburg. Doutorou-se em Medicina em Göttingen. Viveu quatro anos na Rússia prestando

serviços ao Czar Alexandre I que, por sua vez, concedeu-lhe o título de Barão (ele fazia questão do uso da preposição "von", indicativa de procedência nobre). Em 1813, viajou ao redor do mundo em atividades exploratórias. Esteve na Turquia, Alasca, China, Havaí e Brasil. Foi o agenciador, que organizou e coordenou a vinda dos primeiros grupos maiores de imigrantes alemães para o Brasil, patrocinado pelo governo. Foram mais de 11 mil alemães que vieram para cá, entre colonos, artesãos e militares mercenários para os batalhões do exército imperial. Destes militares trazidos para cá, alguns escreveram e publicaram livros sobre o Brasil, entre 1824 e 1837, dentre os quais Friedrich von Seweloh, Theodor Bösche, Carl Seidler, Carl Schlichthorst, Jakob Friedrich Lienau e Heinrich Trachsler. Estes relatos, cujo conteúdo demarcadamente desabonador ao país e de caráter acusatório com relação ao agenciador, foram importantes para uma certa compreensão do período do ponto de vista da experiência estrangeira deles sobre o recém-formado Império brasileiro. (TRESPACH, 2019)

2.1.3 Entre a Colônia e o Império

A imigração alemã fez parte de um contexto mais amplo, relacionado às múltiplas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. O impacto do crescimento do capitalismo industrial, o enfraquecimento dos vínculos feudais, o desenvolvimento do transporte ferroviário e navegação a vapor, a suspensão do tráfico de escravizados negros. No campo social, havia a dificuldade de acesso à terra e restrições a ocupações no meio urbano. Interesses dos mais diversos, de agências e empresas navegadoras, de agentes de migrantes e atuação de organizações e associações políticas, governamentais, sociais e religiosas, proporcionaram certas condições favoráveis à migração de alemães.

As organizações e estruturas estabelecidas para o tráfico negreiro (empresas, agências, embarcações, redes de contato e negociações) foram readequadas e reorganizadas para a viabilidade de fluxos massivos de europeus para a América.

Aos poucos, num primeiro momento, foi sendo adotada uma política de povoamento do governo imperial, especialmente de europeus, em substituição ao tráfico de escravizados, também com vistas à provisão de mão de obra "livre" para as lavouras de café, trazer camponeses e povoar núcleos coloniais estabelecidos,

terras devolutas, ocupar os "vazios demográficos" em regiões estratégicas de fronteira, entre outras ações estratégicas. Governos, companhias de colonização e agenciadores investiram em propagandas para atrair colonos[11]. "A colonização com estrangeiros, assim, devia resolver dois problemas cruciais: abastecimento e povoamento." (SEYFERTH, 2000, p. 145)

Além disso, para Gregory (2013) também havia o debate sobre a questão racial no país. Por um lado, a visão do "branqueamento", que acreditava na "melhoria da raça" brasileira, mediante o abrasileiramento e mestiçagem de alemães. Por outro lado, aumentava a preocupação com relação ao perigo da formação dos "enquistamento étnicos" no Brasil. A resiliência cultural e a necessidade de integração ao povo brasileiro, por parte dos imigrantes alemães, produziram múltiplas e variadas tensões, por vezes até intensas e graves, conforme as situações geopolíticas nacionais e internacionais.

É importante ressaltar que, os encaminhamentos do processo migratório, como por exemplo, os agenciamentos, a contratações, as negociações, os transportes, as recepções, os acordos e comprometimentos mútuos, a aceitação de novos e diferentes costumes, as práticas religiosas distintas, também apresentaram uma série de problemas. Surgiram diversas reações e críticas, inclusive tentativas de restringir, impedir, e até mesmo, proibir as migrações de alemães para o Brasil. Um exemplo disso foi que, em 1859, o governo da Prússia determinou o "Decreto (Von) Heydt", através do qual proibiam a imigração de prussianos para o Brasil.

---

[11] A respeito da designação de "**colono**", Giralda Seyferth (2008) afirmou que no período inicial da imigração, este foi o termo único utilizado nos decretos e documentos de 1818 a 1830. A condição de estrangeiro se evidenciava pelo fato da colonização estar sujeita à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Um exemplo disso é a documentação relativa a Nova Friburgo (1819) que não fez referência a imigrantes, senão o perfil do imigrante desejável era que o colono (pequeno produtor rural familiar) fosse suíço e católico. Já, por sua vez, o termo "**estrangeiro**" apareceu com mais frequência a partir da década de 1830, após ter sido regulamentada a naturalização e as condições especiais de cidadania. Na retomada da imigração na década de 1840, surgiu um novo perfil de colono ou estrangeiro desejável. Deveria ser "robusto, saudável, diligente no serviço de que se encarrega, cabendo aos cônsules escolher os melhores lavradores e artífices", conforme textos inseridos no debate sobre a lei de terras decretada em 1850. A categoria "**imigrante**", de origem latina, apareceu na década de 1840, associada ao povoamento e trabalho livre; depois foi mais frequentemente utilizada, especialmente citada em decretos de 1907 e 1911; mas surgiu e "ganhou força" mesmo na legislação logo após a Primeira Guerra Mundial com sentido mais abrangente do que a do colono, haja vista que no século XX o estabelecimento e destino era mais urbano. A partir daí, especialmente com a política nacionalizadora do governo Vargas, o imigrante (especialmente os alemães e japoneses) foi categorizado como estrangeiro, em sua forma estigmatizada, cognominado "**alienígena**", dada a importância da ideia de assimilação e caldeamento (*melting polt*). Após a segunda guerra surgiram outras novas categorias classificadas num conjunto de imigrantes indesejados: "**minorias**, **refugiados** e **apátridas**". (SEYFERTH, 2008, grifo nosso)

Segundo Trespach (2019), a ideia de se utilizar alemães como colonos no Brasil não era nova.

> Em 22 de julho de 1729, um parecer do Conselho Ultramarino português achou conveniente instalar na povoação da Colônia do Sacramento, e em outras áreas, casais de açorianos. Se os "ilhéus" fossem insuficientes, dizia o parecer, 'se poderia conseguir casais de estrangeiros, sendo alemães e italianos e de outras nações que não sejam castelhanos, ingleses, holandeses ou franceses'. (TRESPACH, 2019, p. 83)

Vale relembrar aqui, a tentativa pioneira de viabilizar e estabelecer um pequeno projeto de imigração e colonização, que não "deu certo". Foi a iniciativa de Marquês de Pombal, em fins de 1760. Ele foi o primeiro, a tentar se valer de famílias e soldados alemães na agricultura, enviados para povoar a Vila Viçosa da Madre de Deus no Amapá, onde produziriam alimentos aos habitantes da Fortaleza de Macapá, posto militar da região norte brasileira. Alguns impeditivos foram o clima hostil, pessoas e famílias consumidas por indígenas e por mosquitos. (OBERACKER JUNIOR, 1966).

Foi a partir do início do século XIX, momento de transição política no Brasil, que a imigração entrou na pauta da agenda governamental. As migrações de grupos estrangeiros maiores para o Brasil, começaram a ocorrer, efetivamente, logo após a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, pelo príncipe regente D. João, conforme carta régia de 28 de janeiro de 1808 e incrementada após o decreto de 25 de novembro do mesmo ano. Esta iniciativa, possibilitou aos estrangeiros o acesso legal à propriedade fundiária, bem como também permitiu e incentivou a entrada de grupos imigrantes, das mais variadas procedências no território brasileiro.

O incentivo explícito para o início oficial da migração de europeus ao Brasil, foi o decreto de D. João VI, em 16 de março de 1820, no qual declarou abertamente o interesse do governo favorável à entrada de alemães e estrangeiros (europeus), que considerassem 'oportuno' o estabelecimento em terras brasileiras. Os artigos deste decreto, já eram 'cogitados' antecipadamente, lá pelos idos de 1818. Então, em 1820, mesmo ano da publicação do decreto, houve a entrada de um considerável grupo de colonos. Perdurou, e se intensificou durante o Primeiro Reinado, com a fundação de vários núcleos coloniais estrangeiros no país.

2.1.4 As primeiras tentativas

Algumas primeiras tentativas na implantação de colônias alemãs, foram realizadas no sul da Bahia, entre 1815 e 1824, mas sem êxito. Registraram-se, os seguintes assentamentos no sul da Bahia: Fazenda (Colônia) Almada (1815, 1817), Colônia Leopoldina (1818), Colônia de São Jorge dos Ilhéus ou São Jorge da Cachoeira (1818, 1822) e a Colônia de Frankental (1824). Tais assentamentos não se caracterizavam pelos mesmos moldes da colonização que, mais tarde, ocorreria no sul e sudeste do país, pois ocorreram em sesmarias de empresários (alemães, suíços e brasileiros), agenciadores como Schäffer, não possuíam caráter de povoação e se utilizavam de mão de obra escravizada. Além do mais, outros fatores interferiram, como a mudança para um clima tropical, composição do solo, embate com os índios, acomodações insalubres, doenças locais, e ainda a vulnerabilidade dos imigrantes, corpos enfraquecidos e debilitados para aquele ambiente, entre outros fatores.

Ainda em 1818, concomitantemente à criação das colônias particulares na Bahia, por ordem de D. João VI, famílias suíças foram incentivadas e convidadas a migrarem para o Brasil. Em 1819, chegaram os primeiros colonos suíços ao Brasil, e fundaram em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, a primeira colônia agrícola brasileira, criada por não portugueses, com anuência e auxílio governamental. A maioria deles se retirou para outros lugares e, em 1824 a colônia recebeu cerca de 350 imigrantes alemães. Mesmo com a cooperação do governo imperial, este "empreendimento colonizatório" de Nova Friburgo não vingou como idealizado, por conta de problemas de má administração e corrupção que envolvia diretamente pessoas da administração e organização dos imigrantes alemães no Rio de Janeiro.

2.1.5 Um marco inicial: 1824

José Feliciano Fernandes Pinheiro, conhecido posteriormente quase que tão somente como o Visconde de São Leopoldo, foi designado por D. Pedro I para preparar as acomodações que iriam receber os colonos e soldados requeridos. Schäffer foi designado como agenciador de soldados para os batalhões estrangeiros, e também das primeiras levas de imigrantes para a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Os primeiros colonos chegaram em Porto Alegre, capital da então

província de São Pedro do Rio Grande, em 18 de julho de 1824. De imediato, foram encaminhados para a Feitoria do 'Linho Cânhamo', local destinado às margens do sinuoso Rio dos Sinos. Em 25 de julho de 1824, chegaram ali 39 pessoas, destes 33 eram protestantes evangélicos luteranos e 6 católicos, foram estabelecidos em seu destino a eles reservado.

> É significativo que a primeira colônia – a de São Leopoldo, fundada com imigrantes alemães a 25 de julho de 1824 – surgisse em terras de uma antiga feitoria para cultivo de cânhamo (um empreendimento experimental oficial); terras consideradas públicas ou devolutas, mas não necessariamente despovoadas. A condição de terra pertencente ao Estado determinou sua destinação para localização dos primeiros imigrantes alemães, reiniciando um projeto de povoamento que estava parado desde a ocupação de algumas áreas litorâneas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina por casais açorianos trazidos no século XVIII. (PORTO, 1934 *apud* SEYFERTH, 2000, p. 144)

Esta data foi determinada como a de fundação de São Leopoldo (RS), então cognominada de "Berço da Colonização Alemã no Brasil". Esta colônia foi a primeira experiência que logrou grande êxito na política de colonização do governo imperial.

2.2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO PAÍS

Estes primeiros imigrantes alemães, que chegaram ao Brasil durante o reinado de D. Pedro I, fixaram-se principalmente no sul e sudeste do país. Foi a partir de então que, em 1824, foi fundada a colônia de São Leopoldo. No Brasil do século XIX, surgiram condições favoráveis para a imigração europeia. A procedência, a configuração local e regional dos grupos de imigrantes germânico, dependia dos agentes articuladores da migração na Alemanha e dos seus receptores brasileiros que os encaminhavam aqui, conforme seus critérios e interesses. Havia uma grande diversidade e heterogeneidade cultural destes grupos.

Diversas razões justificaram a imigração para o sul do Brasil. Seyferth (1994) apontou algumas delas, consideradas importantes no processo migratório, especialmente dos alemães. A primeira delas, estava relacionada com uma certa imagem negativa do Brasil, como nação escravista, com acusações relacionadas ao processo colonizador. Destacou-se, neste período, a publicação, em livro impresso, da revolta dos colonos em Ibiacaba de Thomas Davatz (versão editada e revisada de 1858), cujo relato expôs as dificuldades e agruras dos colonos no sul e nas fazendas de café paulistas. Após este acontecimento, houve na Prússia a proibição formal de

emigração para o Brasil através do “Decreto (Von) Heydt” (1859), posteriormente revogado para os três estados sulinos. Depois, em segundo lugar, na segunda metade do século XIX, todo aquele discurso científico adotado por parte da elite nacional, considerava a Região Norte (Nordeste) “não apropriada” à colonização com europeus. Essas ideias fizeram com que o próprio Estado concentrasse os seus projetos e esforços de colonização na região sul. Além dos problemas nas fronteiras, o sul do país possuía imensas extensões de terras devolutas que, mesmo habitadas pelos indígenas e posseiros caboclos, eram tratados como "vazios demográficos", de modo a serem ‘preenchidos’ por um processo de povoação “racional”. E ainda, em terceiro lugar, também havia questões com a estrutura fundiária do Brasil. A pequena propriedade não era do interesse dos latifundiários paulistas e nordestinos. Sendo assim, a constância e a regularidade do movimento migratório de alemães para as áreas onde haviam sido destinados a projetos de colonização, situavam-se no sul do país. O Estado brasileiro priorizou a imigração de famílias (camponesas) europeias e assim, a discussão da política pública de colonização do Império, voltou-se para o perfil do “imigrante ideal”, que se tornou o “imigrante desejado”, configurando, desta maneira, certas hierarquias étnicas.

Inicialmente, foram estabelecidos em colônias na região sul e sudeste, por iniciativa do governo imperial. Foi assim que surgiram as primeiras colônias em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, São Pedro de Alcântara (e Mafra), em Santa Catarina e Rio Negro, no Paraná. Ainda no século XIX, os imigrantes alemães foram encaminhados para outras localidades e estados brasileiros, como para o Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

QUADRO 1 - PROCEDÊNCIA DE ALGUNS GRUPOS ALEMÃES PARA O SUL DO BRASIL

Localidade	Fundação	Origem
São Leopoldo RS	1824	Hunsrück, Saxônia, Württemberg, Saxônia-Coburg
Sta Cruz RS	1849	Renânia, Pomerânia, Silésia
Sto Ângelo RS	1857	Renânia, Saxônia, Pomerânia
Nova Petrópolis RS	1859	Pomerânia, Saxônia, Boêmia
Teutônia RS	1868	Westfália
São Lourenço RS	1857	Pomerânia, Renânia
Blumenau SC	1850	Pomerânia, Holstein, Hannover, Braunschweig, Saxônia
Brusque SC	1860	Bade, Oldenburgo, Renânia, Pomerânia, Schleswig-Holstein, Braunschweig
Joinville SC	1851	Prússia, Oldenburgo, Schleswig-Holstein, Hannover, Suíça
Curitiba PR	1878	Teutos do Volga
Sta Isabel ES	1847	Hunsrück, Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia
São Leopoldina ES	1857	Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia

FONTE: Willems (1980)

Em contato com a sociedade receptora brasileira, os imigrantes colonos alemães tiveram que se adaptar à nova realidade de modo a construírem seu próprio espaço neste novo lugar. Esta amálgama resultou numa maneira de ser e viver singular do colono migrante. Diferente do sistema de colonização da Província de São Paulo, cujo objetivo era solucionar a carência de mão de obra nas propriedades de café, a colonização no sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) foi destinada, pelo governo brasileiro, ao povoamento com colonos cujo estratégia e intenção era a conquista, manutenção e desenvolvimento de território, ocupando assim as áreas de florestas e perto dos rios. A colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, tornou-se a primeira experiência de povoamento do sul que “deu certo”, ou seja, cumpriu o objetivo estabelecido, tornando-se assim uma referência. Esse sistema de colonização também foi estendido para o Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia.

> Entre 1850 e 1909, entram no Brasil, em média, cerca de 15 mil alemães em cada década, no período anterior (1818-1849) foram registrados apenas 6.983 imigrantes encaminhados para as colônias de São Leopoldo (RS), São Pedro de Alcântara (SC) e Mafra (SC) e Rio Negro (PR). O momento de maior afluxo ocorreu após a Primeira Guerra Mundial: na década de 1920, o Brasil recebeu pouco mais de 75 mil alemães, o que representa quase 30% do total. Os números se tornam inexpressivos a partir de 1938. (SEYFERTH, 1994, p. 13).

Os números estatísticos sobre a imigração não são exatos, pois se referem tão somente aos que entraram no país e sua procedência, mas não tratam de outros movimentos e fluxos migratórios como os remigrados e aqueles que retornavam aos seus lugares de origem. A imigração alemã foi menor em números, por assim dizer, que a dos italianos, portugueses, espanhóis e japoneses. De 1858 a 1919 houve uma certa regularidade na vinda ao Brasil, com um intenso movimento maior na década de 1920, por ocasião do pós-guerra e suas consequências na Alemanha. "No total, chegaram ao Brasil pouco mais de 235 mil imigrantes alemães, assentados como colonos através de projetos patrocinados pelo estado ou por companhias particulares" (CARNEIRO, 1950; DIEGUES JÚNIOR, 1964; WILLEMS, 1940 *apud* SEYFERTH, 1994).

Muitos destes imigrantes alemães não eram necessariamente colonos rurais. Muitos destes, estabeleceram-se em cidades emergentes nas regiões de colonização, tais como Joinville, Blumenau, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Ijuí, Ponta Grossa; ou ainda nas capitais do sul do país (Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre). Entre os imigrantes havia camponeses e pessoas das classes trabalhadoras urbanas. Eram artesãos, industriais, comerciantes, refugiados políticos, ex-militares, religiosos, professores, profissionais e pessoas da urbanidade em geral, entre outros. Com o êxodo rural houve também a intensificação do desenvolvimento e modernização agrícola. Os múltiplos grupos de imigrantes alemães se dispersaram de modo a ocupar outras frentes espalhadas pelo território e povo brasileiro. Algumas destas colônias alemãs reconhecidas como bastante importantes e referenciais, situavam-se em áreas bem próximas das capitais provinciais. Esta dispersão proporcionou aos imigrantes marcarem e influenciarem determinados espaços e serem marcados e influenciados por outros. Segundo o IBGE (2000, não p.):

> Os alemães se dispersaram pelo território e entre a população brasileira, marcando fortemente determinadas áreas e influenciando outras. Um traço visível desta expansão é a ampla rede de igrejas luteranas nas frentes de colonização, exemplificando, em parte, a vasta influência germânica no país. Em 1922, havia 375 paróquias das igrejas de Confissão Luterana do Brasil, das quais 237 (63%) se localizavam na Região Sul, 64 na Região Sudeste (31 no ES), 29 na Região Norte, 26 no Centro-Oeste, 18 no Nordeste.

Alguns desses grupos eram inicialmente caracterizados pela homogeneidade e insulamento devido ao empenho de colonos na compra de lotes de terra próximos de seus descendentes e outros fatores endógenos como alto número de matrimônios (endogâmicos), alta taxa de fecundidade e número expressivo de filhos e filhas. Ainda que aos poucos ocorresse a integração destes imigrantes e seus descendentes com a sociedade local brasileira onde se encontravam, ainda havia um forte laço que os unia com a cultura e a sociedade de origem. Assim, mantinham traços de germanidade através do uso da língua alemã, das atividades nas associações, sociedades e clubes recreativos, na criação de escolas com caráter étnico, na frequentação às igrejas. Esta relação desenvolvida através do cultivo de tradições de elementos culturais foi estendida, ao longo do tempo, a algumas gerações, onde algumas delas sobrevivem até hoje. Certas características de etnicidade como a língua, a identidade e a cultura de uma certa germanidade por parte dos imigrantes e seus respectivos descendentes, foram forjados e ainda são cultivados no âmbito institucional, nas relações estabelecidas junto à escola comunitária, à imprensa, ao associativismo, à organização das comunidades religiosas, dentre outros.

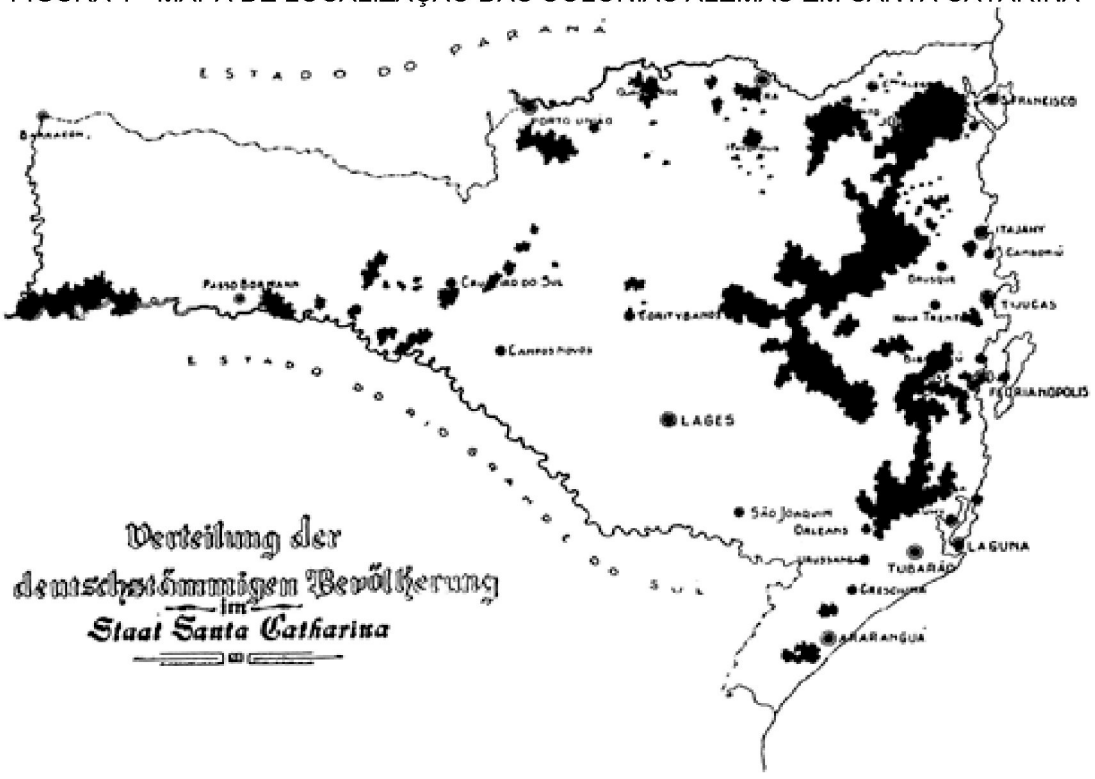
Escolas e igrejas tiveram sua importância e relevância na vida dos imigrantes alemães e seus descendentes. Proporcionavam um espaço múltiplo de atividades de maneira simultânea tais como celebrações de culto e atividades eclesiásticas, escola e salão de festas, e ainda representavam um lugar de preservação da tradição, dos hábitos e costumes que, lentamente, foram se modificando em diálogo com os locais onde se encontravam. De maneira geral, tanto a imigração como a colonização alemã foram importantes na diversificação da agricultura, na urbanização, na industrialização, e até mesmo na arquitetura e paisagismo de alguns municípios, modificando a paisagem físico social brasileira.

No campo religioso, destacam-se a relevância e influência dos seus líderes pastores, padres, missionários, religiosos que eram alemães ou descendentes. O próprio luteranismo somente veio e se estabelecer no Brasil com a chegada desses imigrantes. Seyferth (1994, p. 13) lembrou que, por outro lado, os alemães não configuraram um quadro homogêneo, pelo contrário, “a clivagem religiosa entre evangélico-luteranos e católicos sempre existiu e algumas identidades regionais podem ser percebidas como significativas em alguns momentos e lugares do processo de colonização.”

2.2.1 A imigração germânica em Santa Catarina

No período da segunda década do século XIX, o Brasil vivia uma fase de consolidação política. O imperador D. Pedro I precisava se estruturar militarmente e, assim, necessitava arregimentar um exército de soldados combatentes que fossem leais e disciplinados. Foi neste contexto que houve o início da colonização alemã no Brasil. Diferentemente do que ocorreu no Rio Grande do Sul, no estado de Santa Catarina a colonização alemã não contou com o incentivo e auxílio do governo, e sim por iniciativas de ordem privada. A presença de alemães foi registrada em 1829 com a criação da Colônia São Pedro de Alcântara. Formou-se a partir do primeiro grupo de colonos e ex-soldados dos "batalhões estrangeiros" (alemães) que remigraram da capital do Império. Inúmeras dificuldades fizeram com que alguns dos imigrantes remigrassem, pouco depois, para o Vale do Itajaí e que vieram a ocupar terras do atual município de Gaspar. Segundo Jochem (2011, p. 6), no mapa que segue logo abaixo "pode-se visualizar a localização geográfica das colônias alemãs, fundadas no Estado catarinense, a partir de São Pedro de Alcântara."

FIGURA 1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS COLÔNIAS ALEMÃS EM SANTA CATARINA



FONTE: Entres (1929) *apud* Jochem (2004; 2011)[12]

[12] ENTRES, G. **Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina**. Florianópolis: Livraria Central, 1929.

Nesta primeira metade do século XIX não houve resultados satisfatórios relativos à colonização pretendida. Não aconteceu a implementação da agricultura familiar e a ocupação de terras devolutas, pois eram poucos imigrantes assentados e nem todos permaneceram nas colônias. Em 1835, o governo provincial realocou alguns destes imigrantes para o Vale do Itajaí, fixando-os em dois núcleos (Pocinho e Belchior) no baixo rio Itajaí-açu, atual município de Gaspar. Foi a primeira tentativa de colonização no Vale do Itajaí, após a frustração de viabilidade do projeto de colonização de São Pedro de Alcântara.

Em 1846, outra colônia surgiu após a iniciativa particular do engenheiro e major Charles Van Lede da empresa Companhia Belgo-Brasileira de Colonização. Compraram terras de Itajaí para o assentamento imigrantes belgas. Esta colônia belga de Ilhota não vingou e apenas 60 famílias alemãs, belgas e brasileiras ainda se encontravam nas localidades de Pocinho e Belchior.

Nesta nova fase, destacou-se o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau que, em 1846, veio ao Brasil para conhecer as colônias de origem germânica no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Dedicou-se à viabilização de uma segunda colônia de iniciativa privada, às margens do Rio Itajaí. Depois de negociações com os governos provincial e imperial, Dr. Hermann Blumenau criou uma empresa colonizadora que obteve concessão de terras devolutas destinada à ocupação de imigrantes alemães sob o regime de pequena propriedade familiar. Em 2 de setembro de 1850, chegaram ali, naquela região, 17 colonos alemães, pouco antes da promulgação da chamada "Lei de Terras" (Lei número 601, de 18 de setembro de 1850)[13] que veio impulsionar a colonização alemã na província de Santa Catarina. "O Vale do Itajaí é um exemplo característico da política imigratória voltada para a colonização." (SEYFERTH, 1999, p. 63)

Em 1847, um outro grupo de imigrantes veio a constituir a Colônia Santa Isabel. Próximo ao litoral, mais precisamente em Armação da Piedade no município de Biguaçu, imigrantes alemães receberam terras para cultivo enquanto outros deveriam ser encaminhados à Colônia Leopoldina. Embora este projeto de

---

[13] "Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por titulo de sesmaria sem preenchimento das condições legais. bem como por simples titulo de posse mansa e pacifica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a titulo oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colonias de nacionaes e de extrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonisação extrangeira na forma que se declara." L0601-1850. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm Acesso em: 24 de mar. de 2022.

encaminhamento não tenha dado certo, outras investidas de colonização foram realizadas ao longo dos vales do Capivary e Braço do Norte. Neste novo período, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau teve papel de destaque. Em 1846 veio pela primeira vez ao Brasil para conhecer as colônias no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Desenvolveu então o projeto para implantação da colônia privada às margens do Rio Itajaí, a qual teve início em 2 de setembro de 1850, com a chegada de 17 imigrantes alemães. O Dr. Hermann Blumenau era um intelectual, químico, farmacêutico e interessado pela meteorologia. Permaneceu como diretor da Colônia desde 1850 até a emancipação da colônia em 1880, quando então retornou para a Alemanha, no ano de 1884. Uma das suas grandes contribuições foi quando participou no Rio de Janeiro da criação da Sociedade Central de Imigração, em 1883, juntamente com Karl von Koseritz, Visconde de Taunay, Otto Gruber, Barão de Tefé entre outros. Nessa mesma época surgiram outros núcleos de imigrantes germânicos, como Joinville (1851), Brusque (1860) e Pomerode (1861). No final do século XIX, novos projetos colonizadores, como os da Sociedade Colonizadora Hanseática (1897), originaram os municípios de Corupá e Ibirama. (PETRY; MORAES; SCHROEDER, 2017)

O município de Pomerode fazia parte da então chamada Colônia Blumenau, empreendimento privado de colonização por imigrantes alemães no Vale do Rio Itajaí-Açu. Onze anos depois da fundação da Colônia Blumenau foi estabelecida uma ligação terrestre com a colônia de Dona Francisca, região de Joinville, de modo a criar acesso mútuo entre as duas colônias, possibilitando o povoamento das margens do Rio do Testo. Os primeiros lotes coloniais, ao longo do Rio do Testo, foram ocupados em 1861. Neste ano houve a chegada da família do imigrante pomerano João Fernando Luebke. Posteriormente, muitos outros imigrantes alemães vieram ali se estabelecer de Baden, da Prússia, Schleswig-Holstein, Mecklemburgo e, principalmente, da Pomerânia. Em 1934, a localidade foi elevada à categoria de Distrito de Blumenau, sob a denominação de Distrito do Rio do Testo. Transformou-se em município no dia 21 de janeiro de 1959. “Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil”, trecho do hino do município também se tornou *slogan* como atrativo turístico a partir da criação da “Festa Pomerana” em 1983.

> Logo que iniciou suas atividades, o Serviço de Cultura e Turismo foi incumbido de realizar a pesquisa que deveria descobrir as características específicas de Pomerode. Nesta pesquisa se constatou: descendência pomerana como origem comum da maioria da população; o uso acentuado do alemão no município e do dialeto pomerano - Pommersche Plattdeutsch - no interior do município, o protestantismo de origem luterana como religião predominante, o alto índice de alfabetização da população, a mão-de-obra qualificada, o grande número de construções enxaimel, dezesseis sociedades de caça e tiro e o grande número debandas musicais. Com este resultado, o Serviço de Cultura e Turismo, com o aval do Executivo Municipal, criou a frase "Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil", em virtude de concentrar em maior quantidade estas características em seu cotidiano, comparando o município com os demais municípios de origem alemã do Vale do Itajaí. (ZIMMER, 1993, p. 51)

Este lema fez parte do processo de construção da imagem e do discurso de germanidade da cidade. Com imagem e discurso construídos com fins turísticos, este perfil teuto-brasileiro foi mantido e amplamente divulgado pelos governos municipais desde 1983. Com este *slogan*, "houve um grande investimento na recuperação do patrimônio arquitetônico e no planejamento urbano para que a cidade correspondesse com a imagem passada aos turistas. A frase serviu para divulgar a Festa Pomerana como uma festa típica alemã no "Vale Europeu" durante a temporada de verão. (ZIMMER, 1993, p. 4)

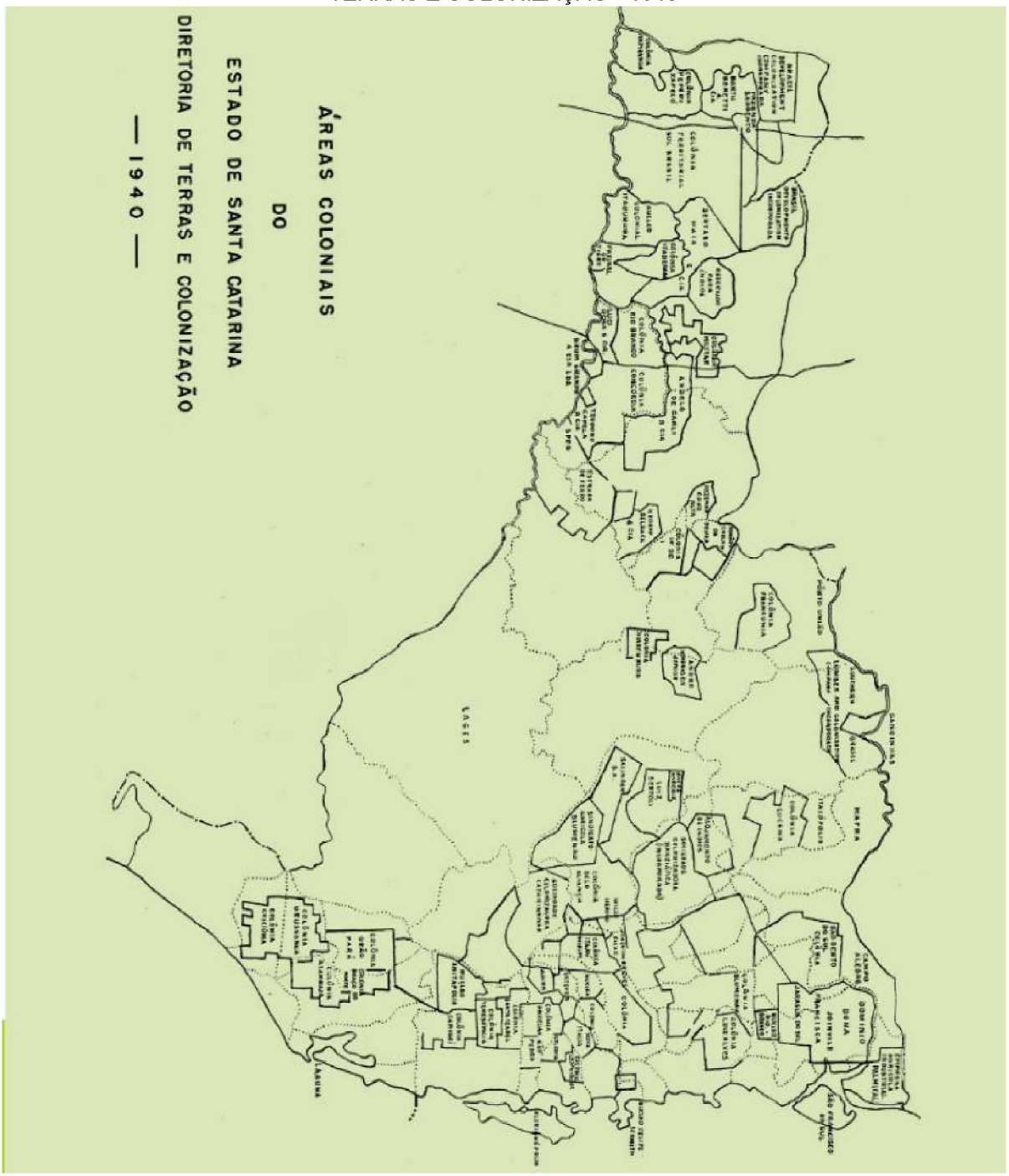
Em 1851, nas terras devolutas do noroeste de Santa Catarina foram recebidas como dote pela princesa D. Francisca, irmã de Pedro II, por ocasião do matrimônio com o príncipe de Joinville, a Sociedade Colonizadora Hamburguesa viabilizou um núcleo colonizatório com imigrantes suíços, noruegueses e alemães chamada de colônia Dona Francisca, posteriormente denominada de Joinville.

Ao norte de Santa Catarina, a abertura de uma importante via permitiu a criação da colônia de São Bento do Sul em 1873, com imigrantes da Boêmia, e favoreceu a ampliação da economia baseada na madeira e na erva mate, propiciando a origem e desenvolvimento da indústria regional. Em 1876, foi a vez do surgimento da colônia de Jaraguá do Sul. Posteriormente, outros projetos foram desenvolvidos como os da Sociedade Colonizadora Hanseática (1897) que deu origem aos municípios de Corupá e Ibirama. Já no século XX, outras frentes de colonização surgiram no planalto e oeste catarinense com novos grupos de imigrantes alemães e descendentes vindos do estado vizinho do Rio Grande do Sul, além das colônias de Itapiranga (1926) através da Sociedade União Popular (*Volksverein*) com famílias de descendentes alemães católicos; Treze Tílias (1933) com os imigrantes austríacos das regiões do Tirol e Witmarsum (1930) com

imigrantes alemães menonitas que mais tarde, na década de 1950, remigraram para o município paranaense de Palmeira e fundaram a Colônia Witmarsum. (PETRY; MORAES; SCHROEDER, 2017)

O modelo de ocupação colonial visava o povoamento e a implementação de um sistema fundiário que privilegiava a pequena propriedade familiar, de produtores rurais estrangeiros europeus, recebida mediante compra (dívida colonial), à prazo, em terras públicas, regulado pela legislação e sob os auspícios do Ministério da Agricultura. Embora tal modelo idealizado de colonização estivesse distante da realidade enfrentada por boa parte dos imigrantes, apesar dos problemas e dificuldades encontrados, o fluxo migratório contínuo e as demandas por terras dos descendentes de imigrantes, alavancaram a formação de um campesinato da pequena propriedade familiar e cuja identidade social de colono foi forjada a partir de um *ethos* camponês.

FIGURA 2 - MAPA DAS ÁREAS COLONIAIS DO ESTADO DE SANTA CATARINA - DIRETORIA DE TERRAS E COLONIZAÇÃO - 1940



FONTE: Klug; Santos; Lima (2019)

QUADRO 2 - RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS NÚCLEOS DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ FUNDADOS NO PERÍODO DE 1829 A 1900 NO ESTADO DE SANTA CATARINA - BRASIL

Nº	NOME DA COLÔNIA	EXTENSÕES OU SUBDIVISÕES DA COLÔNIA	REGIÃO POLARIZADA	FUNDADOR	DATA ANO DA FUNDAÇÃO	CIDADE MUNICÍPIO
1	São Pedro de Alcântara	Sede de Colônia	Grande Florianópolis	Governo Provincial Imperial	01/03/1829	São Pedro de Alcântara
2	São Pedro de Alcântara	Santa Filomena	Grande Florianópolis	Núcleo Espontâneo	1830	São Pedro de Alcântara
3	São Pedro de Alcântara	Colônia Itajahy	Médio Vale do Itajaí	Governo Provincial	05/05/1835	Gaspar e Brusque
4	São Pedro de Alcântara	Vargem Grande	Grande Florianópolis	Núcleo Espontâneo	1837	Águas Mornas
5	São Pedro de Alcântara	Leopoldina	Grande Florianópolis	Seridan Telghuís	1848	Antônio Carlos
6	Santa Isabel	Sede de Colônia	Grande Florianópolis	Governo Provincial Imperial	1847	Águas Mornas e Rancho Queimado
7	Piedade	Sede de Colônia	Grande Florianópolis	Governo Provincial Imperial	1847	Governador Celso Ramos
8	Blumenau	Sede de Colônia	Médio Vale do Itajaí	Hermann Blumenau	02/09/1850	Blumenau e Região
9	Blumenau	Rio do Testo	Médio Vale do Itajaí	Núcleo Espontâneo	1860?	Pomerode
10	Blumenau	Indaial	Médio Vale do Itajaí	Núcleo Espontâneo	1866	Indaial
11	Blumenau	Benedito - Timbó	Médio Vale do Itajaí	Friedrich Donner	1869	Timbó
12	Dona Francisca	Sede de Colônia	Nordeste Catarinense	Sociedade Colonizadora de Hamburgo	09/03/1851	Joinville e Região
13	Dona Francisca	Jaraguá	Vale do Itapocu	Emílio Carlos Jourdain	1876	Jaraguá do Sul
14	Dona Francisca	São Bento do Sul	Alto Rio Negro	Sociedade Hamburguesa de Colonização	1873	São Bento do Sul
15	Col. Militar Santa Teresa	Sede de colônia	Rio do Itajaí do Sul	Governo Provincial Imperial	08/11/1853	Alfredo Wagner
16	Itajahy - Brusque	Sede de Colônia	Vale do Itajaí Mirim	Maximiliano de Schneeburg	1860	Brusque e Região
17	Teresópolis	Sede de Colônia	Grande Florianópolis	Governo Provincial Imperial	03/06/1860	Águas Mornas e São Bonifácio
18	Teresópolis	Quadro Braço do Norte	Vale do Rio Tubarão	Núcleo Espontâneo	1873	São Ludgero e Região

Nº	NOME DA COLÔNIA	EXTENSÕES OU SUBDIVISÕES DA COLÔNIA	REGIÃO POLARIZADA	FUNDADOR	DATA ANO DA FUNDAÇÃO	CIDADE MUNICÍPIO
19	Col. Nacional Angelina	Sede de Colônia	Grande Florianópolis	Governo Provincial	10/12/1860	Angelina
20	Grão-Pará	----------	Vale do Rio Tubarão	Joaquim Caetano Pinto Júnior	02/12/1882	Grão-Pará
21	Hansa - Humbold	Sede de Colônia	Vale do Itapocu	Sociedade Colonizadora Hanseática	1897	Corupá
22	Hansa - Hamônia	Sede de Colônia	Alto Vale do Itajaí	Sociedade Colonizadora Hanseática	1897	Ibirama e Região

FONTE: Jochem (2004)

2.2.1.1 O aparato legal para imigração e colonização em Santa Catarina

Seyferth (1994, p. 11) bem apontou que a concentração de imigrantes alemães e seus descendentes no sul do país fazia parte de um sistema de colonização sob controle do Estado "seja diretamente, nas colônias oficiais, ou através de legislação pertinente". Vieira Filho e Weissheimer (2011)[14] afirmavam que até a metade do século XIX, a legislação vigente sobre a imigração ainda era a de 1822, que pouco modificou o antigo sistema de cessão de glebas e sesmarias desde o período colonial. Mesmo no período regencial, não houve mudança substancial no cenário legislativo com relação ao período anterior, sendo que houve até medidas contrárias aos gastos e até à possibilidade e interesse em receber imigrantes. Foi em 1850, com a aprovação da chamada "Lei de Terras" que se fixaram regras mais claras sobre a demarcação, posse e usufruto das terras devolutas. Também regulamentou a possibilidade da participação de iniciativas particulares e empresas privadas no projeto de colonização. A partir desta época, surgiram os empreendimentos maiores que foram muito importantes para a imigração (alemã) em Santa Catarina. Destacaram-se a fundação das Colônias Blumenau (1850), Dona Francisca (1851) e Itajahy-Brusque (1860). A "Lei de Terras" despertou maior interesse público pela imigração, sem deixar de mencionar que, obviamente, essa lei não era do agrado dos grandes latifundiários cafeeiros e açucareiros.

Através da lei nº 601, do dia 18 de setembro de 1850, foram fixadas as diretrizes e normas a respeito dos modos de aquisição de propriedade nas terras

[14] VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011, p. 38 *et. seq.*

públicas e as referidas distinções entre os domínios público e privado. A lei tratava das terras devolutas do Império e determinava sua medição, demarcação e utilização na colonização por estrangeiros. O artigo 12 tratava sobre a reserva de terras para a colonização dos indígenas e a fundação de povoações; o artigo 17 tratava da aquisição de terras pelos estrangeiros e sobre sua possível naturalização; e artigo 18 tratava sobre o ingresso de imigrantes europeus a cargo do Governo Imperial.

> As terras consideradas devolutas eram aquelas que o governo dispunha para venda em lotes aos imigrantes diretamente, ou a particulares e a companhias colonizadoras, em propriedades que não excediam 30.000 hectares, em se tratando de terras destinadas ao cultivo, e 2.000.000 de hectares aquelas destinadas à criação de gado. (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER; 2011, p. 39)

A regulamentação efetiva aconteceu através do Decreto nº 1.318, do dia 30 de janeiro de 1854, no qual seus 108 artigos subdivididos em 9 capítulos tratavam da criação da "Repartição Geral das Terras Públicas", medição, revalidação, legitimação, separação entre domínio público e particular, da medição daquelas de domínio particular, das terras reservadas, das devolutas situadas nas fronteiras com outros países, da conservação e do registro das terras. O Decreto nº 2.168, de 1º de maio de 1858, ajustava a regulamentação para o transporte de imigrantes. O Decreto nº 3.254, do dia 20 de abril de 1864, criou o cargo de "Agentes e suas atribuições". O Decreto nº 3.784, de 19 de janeiro de 1867, estabeleceu as condições de fundação das colônias, distribuição das terras, condições de propriedade, administração, recepção e estabelecimento dos colonos.

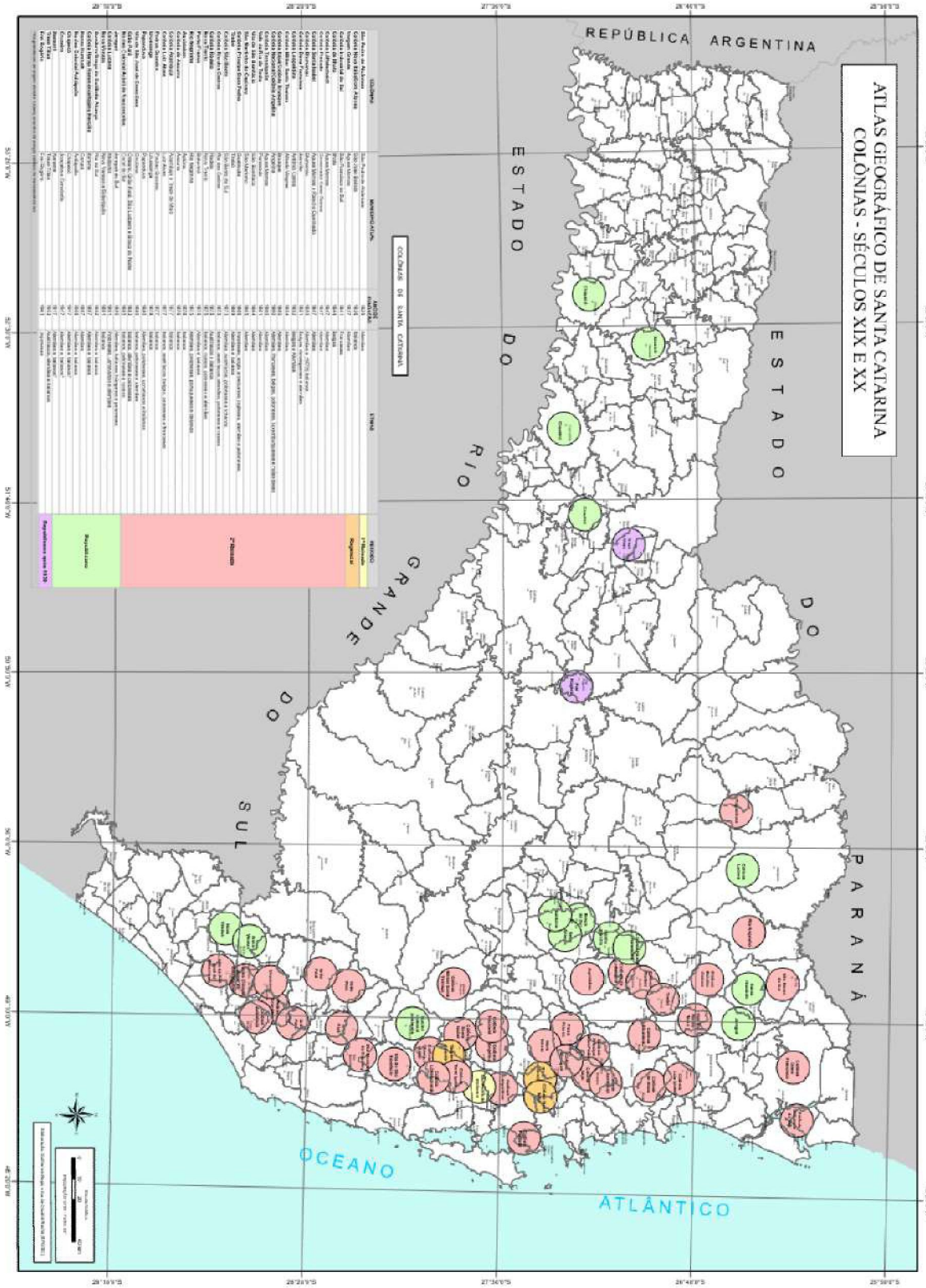
Tais dispositivos e disposições regulamentaram a imigração, organizaram áreas destinadas aos empreendimentos coloniais e acompanharam os colonos na fase de adaptação ao novo território. Essa legislação favorável foi suspensa pelo Decreto nº 7.570, do dia 20 de dezembro de 1879, por causa da falta de verbas. Com o Decreto nº 619, de 23 de fevereiro de 1879, o Governo Imperial organizou a "Inspetoria Geral de Terras e Colonização", a hospedaria dos imigrantes e o escritório de locação de serviços. Com o advento da República, a Inspetoria foi reorganizada pelo Decreto nº 603, de 26 de julho de 1890.

Os aparatos legais circunscritos na "Lei de Terras" trouxeram melhores estruturas para o incentivo e estabelecimento de milhares imigrantes estrangeiros sob os termos do projeto colonizatório.

Outra lei muito importante foi o chamado “Contrato Caetano Pinto”. Criado pelo Decreto nº 5.663, do dia 17 de junho de 1874, cujas partes contratantes e signatárias eram Joaquim Caetano Pinto Júnior e o Governo Imperial, através do então Ministro e Secretário de Estado para os negócios da agricultura, comércio e obras, Sr. José Fernandes da Costa Pereira Júnior, em 30 de junho de 1874, tinha o intuito de colocar 100.000 imigrantes europeus no Brasil no período de dez anos, com exceção do Estado do Rio Grande do Sul. Apresentava a vantagem da viagem ter sido custeada. Embora estivesse sob críticas no processo de execução, este decreto conseguiu introduzir novos termos e condições de estímulo à imigração de forma a oferecer maiores garantias e mais amplas oportunidades aos colonos que quisessem emigrar.

Ainda outro aparato jurídico a ser aqui mencionado foi o Decreto nº 528, do dia 28 de junho de 1890, conhecido como a “Lei Glicério”. Conhecida assim por causa do nome do ministro que a propôs. Este ato regularizou o serviço de introdução e localização de imigrantes, facultando a livre entrada de indivíduos aptos para o trabalho, que não se achassem sujeitos a ação criminal no país de origem. Também proibia a entrada de africanos e asiáticos no país como forma de controle no processo de “embranquecimento” racial. Para Seyferth (2002, p. 134), essas exclusões refletiam uma ideologia ancorada na “superioridade biológica, intelectual e cultural dos europeus”, muito presente nos debates da época. Era o resultado do interesse da República na continuidade da vinda de imigrantes. Dizia respeito ao transporte e à fixação dos imigrantes no território nacional da república, e também à regulação da colonização das propriedades agrícolas privadas. Consistia, desse modo, na passagem da colonização oficial pública para a particular privada. Além disso, proibia a entrada de africanos e asiáticos no país, como uma forma de regulamentar definitivamente o processo de “embranquecimento” racial. (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER; 2011; CAMARGO, 2021)

FIGURA 3 - ATLAS GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA COLÔNIAS - SÉCULOS XIX E XX



FONTE: Klug; Santos; Lima (2019)

2.2.2 Presença e imigração alemã no Paraná

No Paraná, já em 1552, tem-se o registro da presença do bávaro Ulrich Schmiedel, de Straubing, servidor na tropa espanhola de Irala, que partiu de Assunção, pelo caminho de São Tomé, através dos rios Paraná, Piquiri, Ivaí e Tibagi, até Santos, São Vicente, em São Paulo. De outro lado, alguns alemães também participaram junto aos portugueses na costa brasileira. Um deles, Heliodorus Eobanos Hessus, era filho de Eobanus Hessus, grande humanista de Nüremberg. Heliodorus Eobanus Hessus (1548) foi o imigrante alemão que esteve em combate contra os franceses (1569) no Rio de Janeiro e também participou de bandeira na região de Iguape; o segundo Heliodoro (chamado Eleodoro Eóbano) exerceu cargos administrativos no Rio de Janeiro, e o terceiro Heliodoro (Eleodoro Ébano Pereira, nascido em 1588) foi o que esteve em Paranaguá e Curitiba em meados do século XVII.

Outro alemão, que teria sido o primeiro a pisar em solo do atual estado do Paraná, foi Hans Staden. Em navio espanhol rumo a La Plata (1549), encontrariam-se antes na ilha de Santa Catarina, após seis meses de navegação avistaram, na costa brasileira, Paranaguá, atual porto do estado. Em meio a grande e intensa tempestade, adentraram na baía, barra norte,em Superagui, local onde um alemão, pela primeira vez, pisou em solo "paranaense". Passada a tempestade, Hans Staden e seus companheiros saíram do porto de Superagui, em Paranaguá, e seguiram viagem.

Segundo Fugmann (2008), ainda em 1928, a quarenta quilômetros de Paranaguá, mais ou menos três horas de viagem de barco a motor, em boas condições de viagem, floresta virgem, já se encontrava estabelecida a colônia Serra Negra, banhada pelos rios Serra Negra, Tagassaba e Assunguy que permitiam um bom tráfego com canoas e lanchas. Colônia privada, que pertencia à Companhia União Colonial Ltda., tinha sua sede em Porto Alegre. Buscavam fazer os assentamentos de acordo com a nacionalidade dos colonos. Os colonos de língua alemã foram designados para se estabelecerem junto à foz do Rio Assunguy, no rio Serra Negra.

> No início de 1928, 41 famílias alemãs, com cerca de 220 pessoas, foram assentadas, e todas ficaram satisfeitas com seu lote de terra, mesmo renunciando a muita coisa. Lamentavelmente a verminose se espalhou entre os colonos; porém com o tratamento regular (duas vezes por ano) com vermífugos, eles se arranjam. (FUGMANN, 2008, p. 67)

Os primeiros imigrantes alemães no Paraná, encaminhados pelo agenciador Major von Schäffer, ainda em 1828, embarcaram do porto de Bremen, no navio Charlotte Louise, da Alemanha ao Brasil, no Rio de Janeiro. Depois de Santos foram a Paranaguá, seguiram por Antonina, Curitiba, Vila do Príncipe (atual município da Lapa), até chegarem a Rio Negro, em 6 de fevereiro de 1829. Foram recebidos por João da Silva Machado, o Barão de Antonina, um dos fundadores de Rio Negro e construtor da Estrada da Mata que seria vital para a região. Eram 105 pessoas, 20 famílias, dentre os quais 45 pessoas adultas. Eram procedentes das imediações de Trier, do Hunsrück e de outras regiões.

Um segundo grupo chegou entre julho e setembro de 1829, já com 142 pessoas, 31 famílias e 59 adultos. Em 1833 houve outro acréscimo, não havendo mais ali novos imigrantes. Somente na década de 1850, mais precisamente entre 1854-1858, novas famílias chegaram a Rio Negro, contudo desta vez já era uma 'remigração' de colonos da então (colônia) Dona Francisca. Além dos alemães de Trier e do Hunsrück, desembarcaram em solo paranaense alemães da Baviera, do Volga, da Pomerânia e os menonitas da Frísia. Distintos dialetos e regiões, profissões, hábitos e religiões. A vinda, efetiva e mais intensa de alemães, ocorreu, contudo, a partir da emancipação política do Paraná, no início da segunda metade do século XIX.

Importante destacar que é na segunda metade do século XIX, desde a emancipação da província do Paraná, que houve efetivamente uma série de políticas imigratórias. Sobre a conjuntura político-administrativa paranaense, Nadalin (2001) discorreu:

> Enfim, é nessa conjuntura dominada pelas transformações relacionadas à extinção do tráfico – o que pré-anunciava o fim do regime de trabalho escravo; a expansão do comércio exterior – que no Paraná era representado pelo desenvolvimento da economia do mate; a criação de um novo regime de terras, oriundo em parte da necessidade de modernizar o regime de propriedade no país e da luta política entre os defensores da "colonização" com imigrantes estrangeiros visando à substituição do braço cativo e aqueles que preconizavam a "colonização de povoamento"; e tendo ainda como pano de fundo o desenvolvimento de uma sociedade urbana originada do desenvolvimento de uma economia é que foi criada, no território anterior da 5ª Comarca da Província de São Paulo, a Província do Paraná em 1853. (NADALIN, 2001, p. 71)

Foi pautado neste contexto que, na busca de solução para o problema do abastecimento de alimentos e baixa densidade demográfica, governadores tomaram decisões e medidas políticas para atrair estrangeiros agricultores em vasto território, organizados em pequenas propriedades e colônias agrícolas, voltados à produção de alimentos para subsistência. Investir na colonização era item importante na agenda política de várias administrações desta província, dentre as quais, destacou-se a de Adolpho Lamenha Lins, presidente provincial de 1875 a 1877. Em seus discursos, os imigrantes eram adjetivados de "laboriosos e morigerados". Além de esforços e investimentos provinciais para o estabelecimento de colônias, também houve participação do governo imperial e de iniciativas privadas.

Outro grupo de imigração de alemães, que também se estabeleceu no Paraná, foi os *Wolgadeutschen*, alemães do Volga. Eram descendentes de alemães de Hessen, Württemberg, Pfalz e Franken. Inicialmente, entre 1764 e 1767, migraram para a região do rio Volga, o mais longo da Europa. Após problemas nesta região, alguns imigrantes retornaram à Alemanha e outros seguiram para o Brasil. Foram recebidos pelo governo brasileiro e enviados ao Paraná sob os cuidados do presidente da Província, Sr. Lamenha Lins. Chegaram em diversos grupos entre 1877 e 1879. Foram assentados nos Campos Gerais, em núcleos colonizatórios, segundo a sua respectiva confissão religiosa (católica, luterana, menonita): Moema, Taquari, D. Gertrudes, Pellado, Guarauna, Botuquara e Tavares Bastos (Ponta Grossa); em Papagaios Novos, Quero-Quero, Lago e Pugas (Palmeira); em Marienthal, Johanesdorff (Lapa).

Foi na década de setenta, que houve grande fluxo migratório no Paraná, onde quatro regiões se tornaram locais de estabelecimento de colonos imigrantes: litoral, arredores de Curitiba, Assunguy e Campos Gerais. Enquanto em outras províncias, a chegada de imigrantes era esperada como resolução do problema de

mão de obra na lavoura, no Paraná a expectativa era que o imigrante se disponibilizasse para a agricultura de abastecimento. A compilação descritiva das colônias e dos núcleos coloniais com o número de imigrantes evidencia a importância atribuída à imigração.

FIGURA 4 - MAPPA TOPOGRAPHICO DA PROVINCIA DO PARANA ORGANISADO NA INSPECTORIA GERAL DAS TERRAS E COLONISAÇÃO. 1881 ESCALA: 1:1,800.000

FONTE: Instituto Água e Terra (2022)[15]

Destaca-se neste mapa a Colônia Assunguy, Dona Francisca (Joinville) e São Bento, em Santa Catarina, como referências de remigração para o Paraná. Vale destacar também que nesse período (1880) se iniciou a construção da ferrovia que ligava Paranaguá a Curitiba. Já, em 1882, iniciou a navegação do vale do Iguaçu e

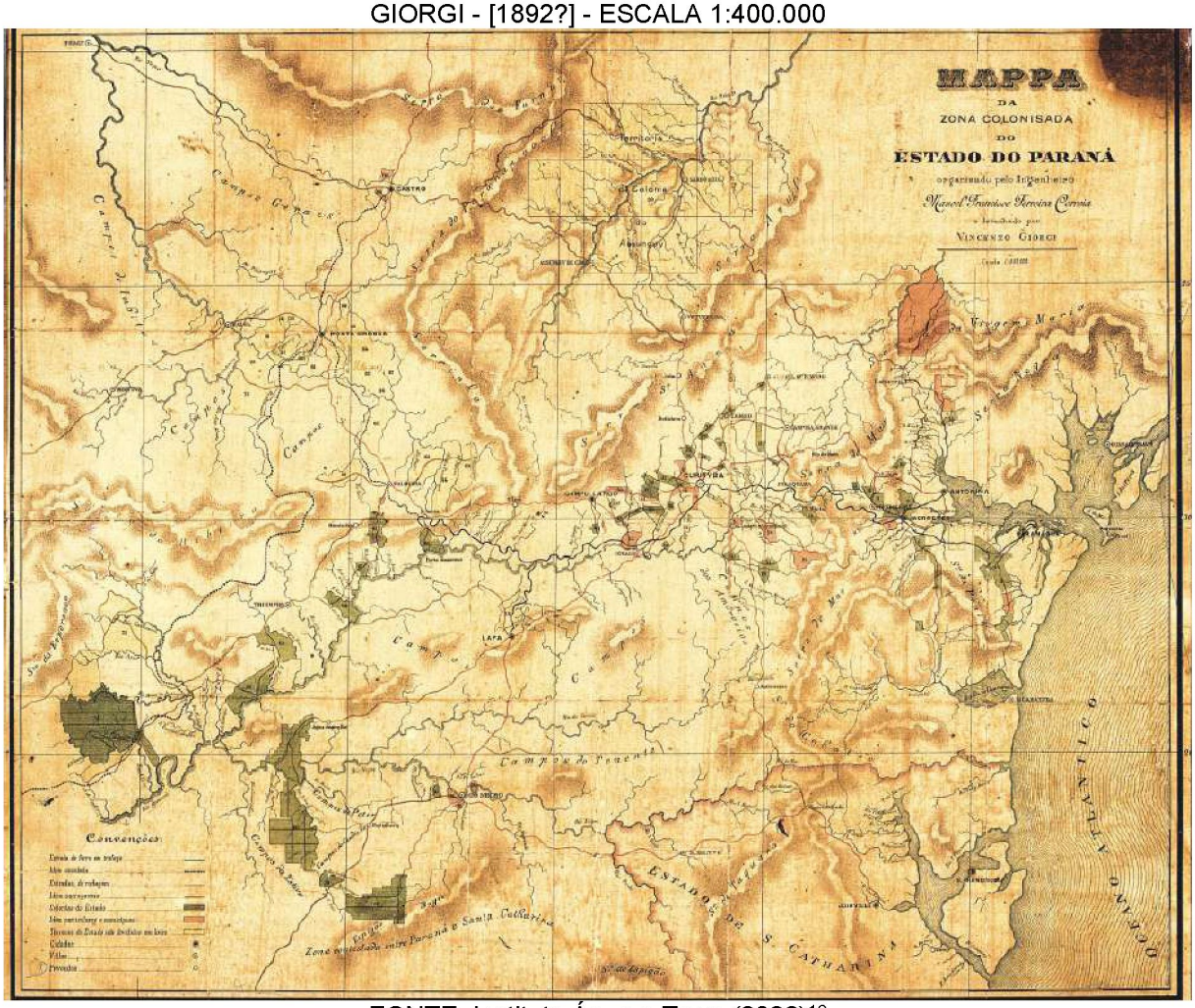
[15] Disponível em: https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/mapa1881.pdf

também foram instaladas as colônias militares do "Chapecó" e do "Chopim". Outro detalhe importante trazido neste mapa era a preocupação com o oeste e a fronteira argentina pelo registro da exploração do vale do Iguaçu realizada pela expedição do engenheiro Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan.

Já bem mais tarde, em 1951, imigrantes alemães de Santa Catarina vieram para o Paraná e fundaram a Colônia Witmarsum, em Palmeira; ainda outros grupos de imigrantes alemães se estenderam por Ipiranga, Ivaí, Carambeí, Castro e Cerro Azul. No centro-sul do Paraná colônias foram estabelecidas em União da Vitória, Cruz Machado, Irati, Imbituva, Prudentópolis e Guarapuava. Os alemães suábios (do Danúbio) se estabeleceram em Guarapuava, na colônia Entre Rios. Na região norte paranaense, os alemães se fixaram em Cambé, Joaquim Távora e Rolândia, e ainda depois, em Maringá, Nova Esperança e Londrina. Ao oeste do estado do Paraná, muitos imigrantes alemães se estabeleceram em Marechal Cândido Rondon. Também em Toledo, Maripá, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Palotina, Pato Bragado e Missal. No sudoeste do estado marcaram presença nos municípios de Capanema, Planalto e Francisco Beltrão.

Segundo Balhana (1996), a política imigratória do Paraná, com sua longa história de imigração e colonização e organização de novas sociedades, especialmente na área rural, buscava a constituição de núcleos coloniais independentes e fornecimento de mão de obra assalariada. Os intentos da política migratória imperial e provincial eram basicamente o povoamento dos "vazios demográficos" e fornecimento de trabalhadores às grandes obras públicas (e produção agrícola). Diferente, portanto, da finalidade da política imigratória em São Paulo que era solucionar a carência de mão de obra para o cultivo do café. No Paraná, de 1829 a 1911 (com o estabelecimento da colônia holandesa de Carambeí), foram formados mais de cem núcleos coloniais com cerca de cem mil imigrantes no seu território. O programa colonizatório implementado pelo governo provincial não alcançou seu intento de povoamento do território, pois se limitou ao estabelecimentos de núcleo coloniais no entorno dos centros urbanos e se limitou a áreas já ocupadas historicamente. Sendo assim, a colonização "moderna" paranaense, com suas extensas regiões no norte, sul, centro, sudoeste, oeste, nos Campos Gerais e (arredores de) Curitiba, provocou correntes migratórias internas e um intenso movimento de remigrações (internas e externas).

FIGURA 5 - MAPPA DA ZONA COLONISADA DO ESTADO DO PARANÁ ORGANIZADO PELO ENGENHEIRO MANOEL FRANCISCO FERREIRA CORREIA E DESENHADO POR VINCENZO GIORGI - [1892?] - ESCALA 1:400.000



FONTE: Instituto Água e Terra (2022)[16]

Algumas cidades ainda possuem “marcas” coloniais, onde há o predomínio da população de ascendência germânica, descendentes que ainda mantém fortes marcas culturais teuto-brasileiras. Em muitos lugares estas ‘marcas’ da presença alemã e de seus descendentes são ritualmente enaltecidas, tais como igrejas, festas, celebrações, encontros, estilos arquitetônicos germânicos, e também o uso da língua que continua sendo falada em ambientes comunitários e familiares em encontros e momentos festivos, entre muitas outras.

[16] Disponível em: https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/mapa1892.pdf

2.2.2.1 Imigrantes alemães em Curitiba

Os imigrantes alemães também logo chegaram e se estabeleceram em Curitiba. Instalaram-se na região do centro (que se tornou e é atualmente conhecido como "centro histórico"), São Francisco e arredores até a Praça Tiradentes. Segundo Fugmann (2008), o primeiro alemão residente em Curitiba foi Michel Mueller, no ano de 1833, local onde estabeleceu uma ferraria. Foi ele mesmo que também construiu a moradia do primeiro Presidente da Província Zacarias de Góes e Vasconcellos. Em 1880, Mueller foi visitado em sua ferraria pelo imperador D. Pedro II, quando este esteve no Paraná.

Já, por sua vez, o primeiro alemão que se dedicou a trabalhar na lavoura (cultivo de centeio) foi Michel Meyer, conhecido como o "velho Buddelmayer", em 1853. Neste período algumas famílias de imigrantes alemães passaram a enfrentar dificuldades de adaptação nas colônias de Dona Francisca (Joinville) e Blumenau. Deslocaram-se, então, para Curitiba (entre 1830 e 1840). Depois de 1850, vieram através de São Bento do Sul e se fixaram ao norte do "Rocio", formando um conjunto de chácaras na região. Em Curitiba, o clima do planalto era mais ameno. Também eram melhores a situação econômica e condições de subsistência financeira na recém-instalada capital da mais nova província do Paraná.[17]

Para o Paraná, de 1829 a 1920, vieram cerca de cem mil imigrantes entre alemães, italianos, poloneses, espanhóis, ucranianos, japoneses, dentre outras procedências. "Estima-se que, entre 1865 e 1899, dos 771.609 imigrantes que entraram no Brasil, 39.745 eram alemães, ao passo que no período 1890-1914, do total de 2.524.504 imigrantes aqui chegados, 50.583 seriam alemães." (SOUZA, 2006, p. 41).

---

[17] "Em 1876, dos cinco médicos de Curitiba, um era alemão. De dois farmacêuticos, um alemão. A alemães pertencias [*sic*] as cinco serras hidráulicas então existentes na cidade. De cinco botequins, eles tinha [*sic*] quatro. De dez engenhos de erva mate – a base econômica da época – eles tinham um, mas o único então movido à vapor. A única fábrica de carroças era de alemães, as quatro cervejarias, 11 dos 15 ferreiros, uma estufa de cal, um hotel, nove das dez marcenarias, seis dos sete moinhos, a única empresa de deligências, as quatro olarias, duas das quatro padarias, uma relojoaria, nove dos dez açougues, as cinco selarias, as cinco alfaiatarias, os três carpinteiros, o único chapeleiro. De 57 estabelecimentos comerciais, 12 eram de alemães. De quatro mestres de construção, dois er4am [*sic*] alemães. Vale lembrar que o mestre de construção da atual Catedral Metropolitana de Curitiba, era alemão assim como o primeiro moinho construído em Curitiba, nas Mercês. A primeira olaria por Meissner; e a primeira olaria hidráulica por Gottlieb Wieland, que ajudou a construção da Estrada da Graciosa e de outras. Em 1876 – apesar de não se permitir, na época, a construção de igrejas que não fossem católicas – foi erigida a Igreja Evangélica Luterana de Curitiba, com torre em estilo gótico. Em 1885 a torre do belo templo teve que ser demolida, pois construída em pinho e provavelmente devido à sua estrutura em enxaimel (Fachwerk) não resistiu ao tempo." (LOSS, 2015, não paginado)

Segundo Balhana e Nadalin (1973), antes da emancipação política do Paraná, haviam sido estabelecidos imigrantes alemães em Rio Negro (1829), franceses na colônia Tereza no Ivaí (1847) e, em 1852, suíços, franceses e alemães na colônia Superaguy, em Guaraqueçaba. Estes núcleos faziam parte do programa de colonização implementado pelo governo imperial.

No planalto curitibano, fora dos planos colonizatórios, houve um movimento de remigração que ajudou a compor a população curitibana, a exemplo de capitais tais como Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), São Paulo (SP). Eram remigrados de Rio Negro e da Colônia Dona Francisca. Registrou-se um aumento demográfico significativo na em meados do século XIX.

> A composição étnica dos grupos de imigrantes estabelecidos nas colônias do planalto curitibano foi bastante heterogênea, compreendendo alemães, poloneses e italianos em maior número e contingentes menores de ucranianos, franceses, ingleses, suíços e outros. Assim, durante mais de um século Curitiba foi centro de convergência de imigrantes de procedência a mais variada os quais alteraram sua fisionomia urbana, suburbana e rural. (BALHANA; NADALIN, 1973, p. 531)

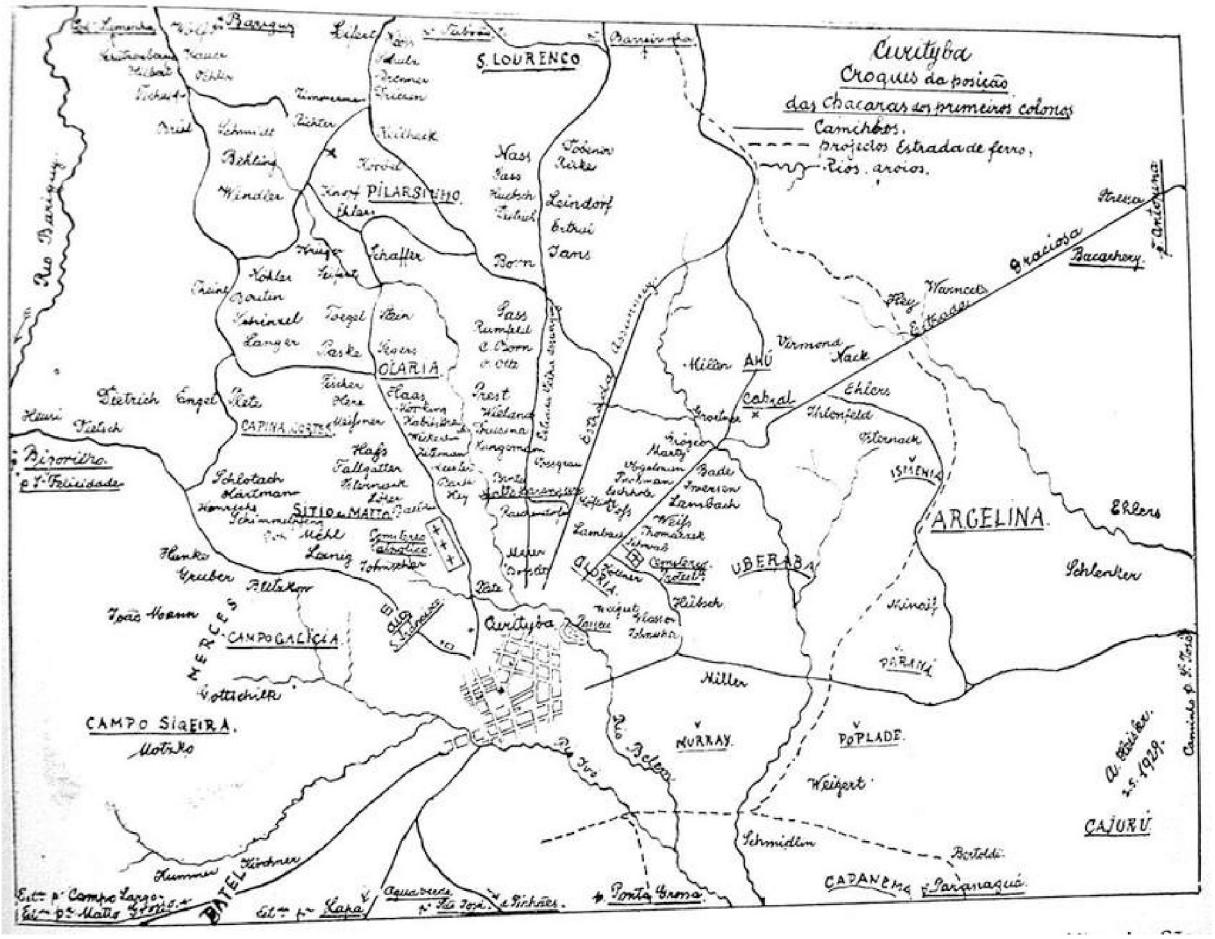
Um grande número de imigrantes alemães no Brasil se dedicou ao trabalho no meio rural. Outros se tornaram proprietários de terras. Ainda outros, seguiram para os núcleos urbanos das colônias e centros urbanos maiores, inclusive capitais, das cidades brasileiras. Nestes núcleos urbanos, dedicaram-se a outras atividades tais como as de artesãos, industriais, comerciantes, professores, religiosos, entre outras. Muitos, insatisfeitos no campo, seguiram para as cidades, devido a falta de infraestrutura adequada nas colônias. Por várias razões, não se adaptavam às condições da vida rural e do trabalho agrícola na colônia. Num olhar mais amplo, percebe-se que os alemães e seus descendentes no Paraná e em Curitiba foram distribuídos de forma semelhante a outros grupos étnico culturais europeus.

A partir dos anos sessenta do século XX, com o desenvolvimento de regiões coloniais e o crescimento demográfico, além dos deslocamentos para as novas colônias, houve um êxodo rural que se intensificou principalmente com a modernização agrícola.

Imigrantes alemães se fixaram em chácaras, ou mesmo em colônias nos arredores da então chamada Estrada da Graciosa, especialmente ao norte da malha urbana central da cidade, no caminho que se dirigia para o Assunguy, Barigui e Campo Largo. Ocuparam terrenos florestados e de solos férteis. Alfredo Heisler

(1929, p. 49) tratou a respeito desses assentamentos periféricos por ensejo das comemorações do centenário da imigração alemã no Paraná.

FIGURA 6 - MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS CHÁCARAS OU COLÔNIAS ALEMÃS NOS ARREDORES DE CURITIBA



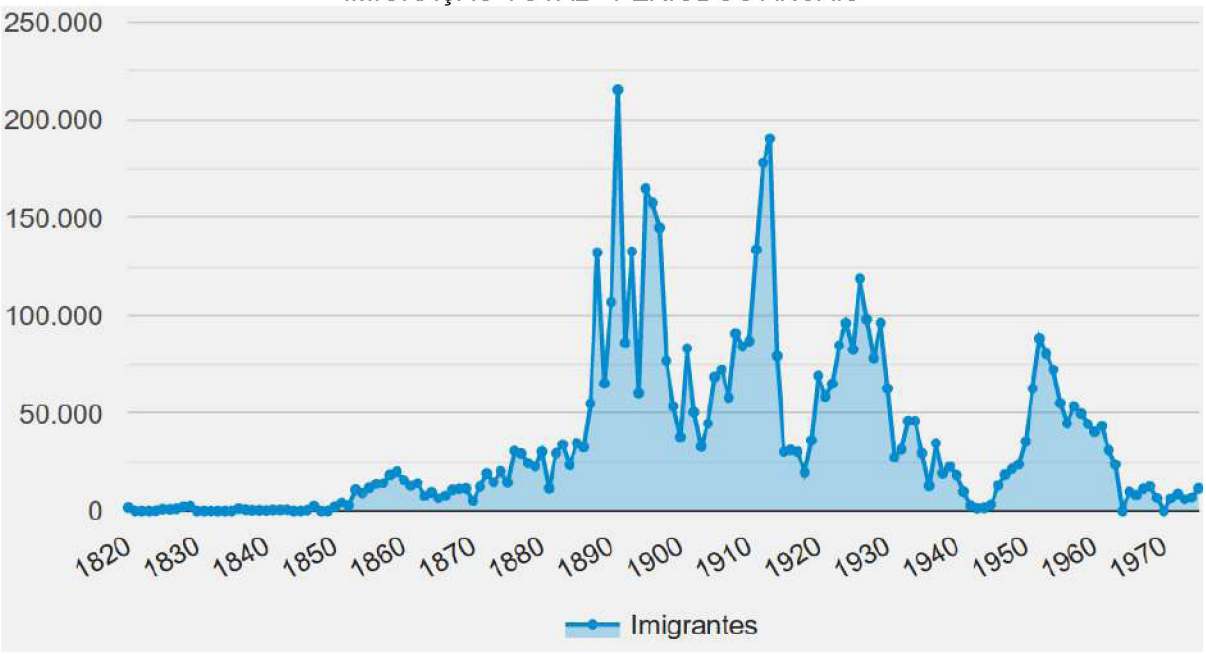
FONTE: Heisler (1929)

Os imigrantes colonos alemães que se estabeleceram nestes arredores de Curitiba, de onde abasteciam a cidade com sua produção agrícola, tão logo foi possível se mudaram para o quadrante urbano e, assim, passaram a se dedicar ao comércio e à implantação de pequenas indústrias dos mais diversos gêneros. A produção hortigranjeira continuou sendo produzida e fornecida por outros grupos étnicos de imigrantes. No final de 1870, somente seis dos quatorze núcleos coloniais iniciais existentes no município, registravam a presença de alemães. Embora vindos de distintas localidades, eram maioria aqueles que vinham de Rio Negro e da Colônia Dona Francisca (Joinville).

2.2.3 O caso brasileiro no ciclo das grandes migrações

O período mais intenso das “grandes migrações” foi do final do século XIX ao início do século XX. De 1881 e 1915, em torno de 31 milhões de imigrantes chegaram às Américas, cujos destinos foram os Estados Unidos (21,7 milhões), que correspondia a 70% destes imigrantes, a Argentina (4,2 milhões) e o Brasil com 2,9 milhões de imigrantes. (KLEIN, 2000) De 1820 a 1876, chegaram no Brasil 350.117 estrangeiros (46% portugueses; 13% alemães; 5% italianos; e 36% de outras nacionalidades). Segundo Bassanezi, de 1872 a 1972, chegaram aqui 5.350.889 imigrantes (31,06% portugueses, 30,32% italianos, 13,38% espanhóis, 4,63% japoneses, 4,18% alemães, e 16,42% de outros lugares). A maior parte destes, concentrou-se na região Sudeste. (BASSANEZI, 1995, p. 9).

GRÁFICO 1 - TERRITÓRIO BRASILEIRO E POVOAMENTO - ESTATÍSTICAS DO POVOAMENTO - IMIGRAÇÃO TOTAL - PERÍODOS ANUAIS



FONTE: IBGE (2000)

Os números registrados da emigração europeia em determinados períodos foram muito significativos. Entre 1816 a 1850, por exemplo, saíram em torno de cinco milhões de europeus. Entre 1846 e 1932, foi a saída mais intensa, com cerca de sessenta milhões de pessoas. O caso brasileiro está ilustrado no gráfico 1 acima. Este gráfico sinalizou o maior fluxo de saída de estrangeiros para o Brasil em 1891, com o número de 215.239 emigrantes; depois em 1913, 190.343 emigrantes; e ainda, em 1912, 177.887 emigrantes europeus. Destacam-se, os fluxos migratórios

europeus para o Brasil, na última década do século XIX, e as duas primeiras décadas do século XX. Várias razões apontam para o declínio verificado a partir de então: o aumento das migrações internas europeias, os impactos da grande crise econômica de 1929 e também as restrições impostas pelo governo brasileiro. O decreto presidencial de dezembro de 1930 buscava disciplinar "a afluência desordenada de estrangeiros", tido como corresponsável pelo aumento significativo do desemprego especialmente nas cidades. Dessa forma, os temas migratórios alcançariam crescente visibilidade e espaço nas agendas públicas. Também é possível notar a baixa demanda na vinda de imigrantes, mais especificamente nos períodos que corresponderam às duas grandes guerras mundiais.

Dos três milhões e meio que adentraram o Brasil, entre 1890 e 1929, há uma estimativa de que quase a metade chegou entre 1910 a 1920. Das razões acerca da vinda deste efetivo no período mencionado foram, na década de 1910, o êxito do programa de valorização do café e o incentivo por parte da política migratória. Na década de 1920, impactaram a crise econômica do pós-guerra da Europa, fator de expulsão das populações, e a nova fase promissora expansionista, com sua demanda necessária de mão de obra para a produção de café no Brasil. Junta-se a este contexto o desenvolvimento, a diversificação da economia e a industrialização brasileira. Estas contribuições foram importantes para a urbanização das principais cidades e no processo de formação do Brasil contemporâneo. Assim sendo, o movimento migratório sinalizou crescimento, mesmo sob as restrições da Lei de Expulsão de Estrangeiros de 1921[18].

Jeffrey Lesser (2001) afirmou que, aqui no Brasil, a imigração passou a constar em destaque na pauta e agenda nas políticas públicas nacionais, principalmente quando se tornou evidente que a escravização (1850) não perduraria. Para o autor, tais elites intelectuais brasileiras compreendiam que nessa empreitada se vislumbrava uma grande possibilidade de transformação social.

Foi após 1850, que houve a intensificação da imigração, boa parte sob os auspícios dos governos provinciais, onde a vinda de alemães, quase que exclusiva no começo, num crescente, foi também cedendo lugar em quantidade a outras etnias, dentre os quais os portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, e, em menor grau, sírios, libaneses e turcos.

---

[18] Promulgada em 6 de janeiro de 1921 e publicada no Diário Oficial da União - Seção 1 - 8/1/1921, cf p. 484 (Publicação Original)

TABELA 1 - ESTATÍSTICAS DO POVOAMENTO - IMIGRAÇÃO POR NACIONALIDADE - 1884-1959

Nacionalidade	1884-93	1894-1903	1904-13	1914-23	1924-33	1945-49	1950-54	1955-59
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723	5188	12204	4633
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405	4092	53357	38819
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177	15312	59785	31263
Japoneses			11868	20398	110191	12	5447	288149
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650	26268	123082	96811
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	24491			
Outros	66524	42820	109222	51493	164586	29552	84851	47599
TOTAL	883668	852110	1006617	503981	717223	80424	338726	507274

FONTE: Adaptada de IBGE (2000)

Numa comparação entre os alemães e outros grupos de imigrantes, a tabela acima indica a chegada dos portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, entre outras etnias, na configuração do processo migratório brasileiro e na construção da sociedade brasileira. A década de 1920, foi o período com o maior número de alemães vindos para o Brasil. Depois disso, percebe-se que houve uma gradativa diminuição no volume de imigrantes, especialmente dos seis grupos envolvidos no grande conflito mundial.

Os colonos imigrantes foram estabelecidos e se estabeleceram com seus respectivos princípios, valores, conhecimentos, religião e religiosidades, estilos de vida, com os quais tiveram que aqui viver, construir, constituir seu novo espaço social, produzir identidade, em meio a um contexto mais amplo, que condicionou e condiciona modos de ser de imigrantes e descendentes. Aqueles que se fixaram como camponeses nas colônias da região sul do Brasil, não chegaram a ter destaque numérico no contexto maior da imigração brasileira. Deve-se ter em conta a época de constituição das respectivas colônias, especialmente as alemãs, que aqui se estabeleceram cinco décadas anteriores aos outros grupos étnicos. A considerar o início dos fluxos migratórios massivos de outras procedências para o Brasil no século XX, as colônias alemãs já estavam estruturadas, e algumas delas com descendentes nascidos em território brasileiro. Laços familiares e o desejo de ficarem próximos contribuíram na expansão para novas frentes de colonização. Assim ocorreu nas colônias do nordeste gaúcho, oeste catarinense e sudoeste paranaense.

Os laços de vizinhança, no sentido de proximidade, e a inserção em determinadas comunidades permitiram a formação de novos arranjos familiares (endogamia/exogamia). Também contribuiu, segundo Magalhães (1993), a substancial taxa de fecundidade entre os alemães, inclusive como provimento de mão de obra necessária para sobrevivência no período colonizatório. Aqueles que permaneciam, buscavam ampliar suas terras com a compra de lotes dos que partiam, para se manterem junto de seus descendentes. Onde se estabeleciam, influenciavam e eram influenciados. Alguns grupos levavam um pouco mais de tempo, devido ao grau de homogeneidade nas colônias. Esta convivência, às vezes com brasileiros ou ainda com pessoas de outras origens e fronteiras étnico culturais, conforme Barth (1998), era inevitável e influenciava diretamente a construção e constituição das suas identidades. Ao mesmo tempo, imigrantes e descendentes alemães buscavam manter algum tipo de laço ou ligação com a cultura e sociedade de origem. (GREGORY, 2013)

Este arranjo cultural constituído por vários elementos decorridos e produzidos na convivência dos imigrantes, pode ser definido por uma série de características e fatores, dentre os quais,

> ... a utilização da língua alemã no meio familiar, certos padrões alimentares, além de outras características, peculiares à ideologia étnica teuto-brasileira (como a concepção de que a eficiência e a capacidade de trabalho decorrem da germanidade, o ideário da *Wohnkultur* – hábito de morar bem, de viver bem), são os elementos que, na opinião dos colonos de origem alemã, os distinguem dos demais. (SEYFERTH, 1990, p. 91)

Neste mesmo sentido, a identificação de pertencimento étnico, tanto interna como externamente, também ocorreu a partir de alguns elementos, segundo Gregory (2013, p. 22), como "a língua falada no âmbito das relações familiares, os hábitos e outros costumes, os estereótipos associados à condição étnica, além de outros fatores." Para Seyferth (1990) e Gregory (2013), a comunidade étnica, definida internamente pelos próprios imigrantes alemães e seus descendentes, caracterizou-se principalmente pelo uso da língua alemã, seus costumes, saberes e formação de associações (recreativas, culturais, como igrejas, clubes, escolas, etc), também em âmbitos particulares (família, círculo de amizades, etc), características de germanidade e procedência étnica alemã.

2.3 COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS

A presença germânica no território brasileiro durante o século XIX e início do século XX, mostrou-se marcante. Imigrantes alemães e seus descendentes, especialmente das primeiras gerações, mantinham-se fiéis ao uso da língua e à tradição alemã, seus usos e costumes. Como cidadãos, faziam parte de uma sociedade mais ampla, que compunha a nação brasileira. A partir da década de 1930, esta nova situação despertou questionamentos existenciais e propiciou o surgimento de uma discussão identitária mais acentuada, em torno do dilema que se, após algumas gerações (segunda, terceira, quarta geração, e assim por diante), até que ponto ainda eram alemães ou eram brasileiros! Surgiu assim o uso do termo "teuto-brasileiro". Os sentidos do uso deste termo possuem interessantes e distintas trajetórias, cujos significados atribuídos desde o seu surgimento, são bastante diversos a depender da perspectiva adotada no olhar para ele. Por exemplo, percebe-se no debate acadêmico, a identidade teuto-brasileira como resultado de um processo de assimilação (WILLEMS, 1980), ou como sincretismo cultural (MEYER, 2000) ou ainda como produto de uma ideologia étnica (SEYFERTH, 1982). Na compreensão do grupo étnico, percebem o teuto-brasileiro como uma identidade dual, em que o elemento étnico alemão era imutável, herdado, permanente e de valor positivo, e a condição de brasileiro era-lhes uma contingência reservada para o campo político, jurídico e da cidadania. Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, quando perguntados se conheciam ou sabiam o que era teuto-brasileiro, apenas uma das pessoas entrevistadas relatou que não sabia o que era e nem do que se tratava o termo 'teuto-brasileiro'. Todos os entrevistados se declararam brasileiros sem qualquer restrição, embora, obviamente, também se identificaram como descendentes de alemães ou imigrantes alemães.

> O meu, a minha terra é o Brasil. Eu sou brasileira, vou lutar pela... Se fosse pra lutar, lutaria pelo Brasil. Enquanto isso, não tenho dúvida nenhuma. É como um gosta de pintura, eu gosto da língua alemã. É isso. (Frau Christa)[19]

> Aí Gaspar, eu não sou natural de Joinville, eu sou natural de Gaspar, a cultura alemã lá não é muito, mas a gente vive muito com pessoas. (Katarina)[20]

---

[19] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange por Frau Christa, 81 anos, no dia 18 ago. de 2022, na cidade de Joinville, SC. Áudio e vídeo. Duração 38min30seg.

[20] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange por Katarina, 65 anos, no dia 18 ago. de 2022, na cidade de Joinville, SC. Áudio e vídeo. Duração 29min26seg.

> Não, assim, eu sou brasileiro, mas daí assim, eu experimentei o olhar de lá. (Pastor Bugenhagen)[21]
>
> Ela [a esposa] é alemã, vai ser sempre alemã. E eu vou ser sempre brasileiro, por mais que eu estude alemão. Por mais que eu... Mesmo que eu more lá [na Alemanha], eu vou ser brasileiro. É a raiz. (Martin)[22]
>
> Sim, então vamos dizer que o seu Conrad é um cidadão brasileiro, nascido em ... , criado em ..., e radicado em Curitiba. (Conrad Wigand)[23]

Para Voigt (2008), em linhas gerais, o teuto-brasileiro diz respeito à denominação genérica atribuída aos descendentes de imigrantes alemães que se estabeleceram ou foram estabelecidos no Brasil e que preservaram laços "de sangue" e traços culturais trazidos pelos imigrantes através das gerações. Alguns destes, eram grupos que apoiavam a ideia da coexistência entre as cidadanias brasileira e alemã, fundamentados na Lei *Delbrück* (ou a *Reichs-und Staatsangehörigkeitsgesetz*), datada de 22 de julho de 1913, que tinha por objetivo fornecer, por vias legais, uma dupla nacionalidade aos alemães imigrantes e descendentes nascidos no Brasil. Para Seyferth (1994), esta identidade étnica teuto-brasileira foi forjada por meio do contato com a sociedade brasileira e também como expressão de consciência coletiva compreendida através do processo histórico de colonização. A imigração alemã estava vinculada a este processo, baseada na pequena propriedade, implementada inicialmente pelo Estado brasileiro e também por agências de colonização.

Segundo Voigt (2008), com o pós-guerra e a derrota alemã, a denominação "teuto-brasileiro" se desvinculou da noção de cidadania alemã, entre os seus descendentes, e foi mais associada à reafirmação de suas peculiaridades na formação e desenvolvimento do país. O teuto-brasileiro como grupo social possui características populacionais, culturais e socioeconômicas idiossincráticas em território nacional, "tornando-se uma *categoria sociológica*" (VOIGT, 2008, p. 11) dentro do "mosaico cultural" brasileiro.

---

[21] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange pelo Pastor Bugenhagen, 43 anos, no dia 23 ago. de 2022, na cidade de Joinville, SC. Áudio e vídeo. Duração 40m42seg.

[22] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange por Martin Luther, 57 anos, no dia 30 ago. de 2022, na cidade de Curitiba, PR. Áudio e vídeo. Duração 55min19seg.

[23] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange por Conrad Wigand, 68 anos, no dia 26 ago. de 2022, na cidade de Curitiba, PR. Áudio e vídeo. Duração 2h6min37seg.

> Em outro momento – já em plena década de 1980 – emerge uma abordagem histórica da colonização alemã no sul do Brasil que afirma ser a formação da identidade teuto-brasileira um fenômeno naturalmente decorrente deste movimento imigratório, iniciado há mais de 150 anos. Para esta geração de estudiosos, a identidade cultural teuto-brasileira seria, no mais das vezes, o espaço de compartilhamento de um certo número de características peculiares a estes grupos estabelecidos no Brasil, o qual determinaria a articulação social e política atual das localidades influenciadas diretamente pela imigração alemã. Formada no próprio contato social entre imigrantes, descendentes e outros grupos étnicos encontrados no Sul, a identidade teuto-brasileira seria o resultado de um embate pela afirmação da sua particularidade, diante da diversidade étnica e cultural do restante do Brasil. A afirmação de suas peculiaridades demonstraria, para o país como um todo, traços dignos de um exemplo a ser seguido pelo país, assolado pela "herança colonial" lusa. A ética do trabalho e da poupança, a religiosidade, a natural tendência ao associativismo, o respeito às leis e hierarquias, a valorização da iniciativa particular e familiar, o desprezo pela iniciativa pública e pelo Estado, a manutenção das tradições e do idioma, o isolamento municipal e regional, o respeito ao meio ambiente, seriam alguns destes traços culturais que caracterizariam a cultura teuto-brasileira, ainda visualizada como um contraponto positivo à presença lusa, africana e indígena na formação nacional do Brasil. (VOIGT, 2008, p. 12)

Willems (1940; 1946) utilizou os conceitos de "assimilação" e "aculturação" para explicar a categoria analítica do teuto-brasileiro. Ele discutiu pela primeira vez, em 1940, o processo de assimilação e aculturação dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, a partir da Antropologia Cultural, sob influência e da mesma maneira que um determinado grupo de antropólogos fez em relação aos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial.

Para Seyferth (1999), o autor recorreu à noção de "cultura híbrida" com o pressuposto da duplicidade, resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileira. Este hibridismo resultou da "marginalidade" de um grupo social ambivalente entre duas culturas, a alemã e a brasileira, que veio a gerar uma outra, terceira, demarcadamente rural, apesar das incursões urbanas, em conflito com o estado brasileiro. Esta singularidade foi marcada pelo conflito, influenciada pela concepção teórica de "homem marginal" enunciada por Robert E. Park (1928), vinculada à figura do imigrante. Supõe-se aqui a coexistência de atitudes e valores advindas de duas culturas distintas, caracterizada por conflitos e desajustamentos "comportamentais" (por isso, "marginalidade cultural"). Esta marginalidade cultural se caracterizou como uma fase transitória de choques culturais entre a cultura alemã, brasileira e uma outra cultura própria, autônoma, a teuto-brasileira. Em seus escritos assumiu que a assimilação se constituía numa transformação emocional, psíquica, envolvendo

inclusive reajustamentos de personalidade. Sustentou que o processo de assimilação ocorria na esfera econômica, religiosa e da estrutura familiar. A aculturação, por sua vez, com as mudanças e permanências na utilização da língua, na religião, nos sistemas econômicos e regimes matrimoniais, permitiria a possibilidade de estudo de seus aspectos culturais.

Nestes termos, o autor percebeu o teuto-brasileiro como grupo social, sociedade e culturas próprias, pois diferenciou o teuto-brasileiro do alemão recém-imigrado (*Neudeutscher*[24]) e do brasileiro, formando, assim, uma nova tipologia étnica dentro do contexto brasileiro. "Portanto, Emílio Willems é o primeiro cientista social a dar as condições de possibilidade de transformar o termo teuto-brasileiro em um conceito sociológico." (VOIGT, 2007, p. 201).

Para Seyferth (1999, p. 74), a categoria teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer*[25]) traz consigo uma combinação de *jus sanguinis* e *jus soli*: origem alemã e cidadania brasileira, sentimento de pertença à nação alemã e também ao estado brasileiro, dado sua pluralidade étnica e racial. Em termos de identificação, caracteriza-se por uma germanidade brasileira que corresponde a uma maneira de afirmar cidadania através da integração na ordem econômica, política e social. De maneira geral, para Seyferth (2003, p. 59-60),

> a identidade étnica teuto-brasileira foi construída etnocentricamente por oposição aos brasileiros. Ela é dada pela origem alemã e se atualiza através da língua, da cultura e de um modo de vida diferente, resultante da experiência da imigração, da conservação de costumes germânicos e do pioneirismo do colono.

---

[24] Segundo Giralda Seyferth (1994), essa categoria denominada de *Neudeutscher* (alemão novo) surgiu nas décadas de 1920 e 1930 relacionada ao maior fluxo migratório alemão pós Primeira Guerra Mundial. Efêmera, não foi configurada de tipo étnico, antes disso reconhecida como uma "posição de classe". *Neudeutscher* não designava genericamente os imigrantes alemães recém-chegados. Diferentes e distantes do povo teuto-brasileiro, no Vale do Itajaí dizia respeito aos alemães que adentraram o mercado de trabalho urbano, numa posição de classe média ou alta, como técnicos industriais, administradores, profissionais liberais, professores, etc. Configurava-se numa crítica aos recém-chegados da Alemanha que vinham ocupar posições de chefia. Tratava-se de indivíduos portadores de uma cultura alemã bem distinta da que os teuto-brasileiros reconheciam e assumiram como alemã. A língua alemã falada no sul do Brasil pelos teuto-brasileiros era incompreensível pelo *Neudeutscher*. As pronúncias eram bem diferentes associadas a uma ampla transformação de termos e expressões portuguesas devidamente germanizadas.

[25] Savedra e Damke (2012) explicam este conceito da seguinte forma: O termo *Deutschbrasilianer* seria traduzível por "brasileiro alemão", e não por "teuto-brasileiro", uma vez que as palavras compostas em alemão são traduzidas de trás para frente. O termo *Deutschbrasilianer* significa "um brasileiro com características de alemão", enquanto teuto-brasileiro é o contrário, "um alemão com características de brasileiro". A criação do termo teuto-brasileiro se deu por existir o adjetivo gentílico mais tradicional teuto (alemão) e que com o adjetivo brasileiro formou o composto, que linguisticamente parece mais harmonioso do que o correto brasileiro alemão. (SAVEDRA; DAMKE, 2012, p. 398)

Neste sentido, o teuto-brasileiro se configurou num sujeito com características de ambos os grupos étnicos e sua identidade é constituída num processo constante de negociação entre esses grupos.

Para os imigrantes alemães e seus descendentes teuto-brasileiros, um conceito possuía valor fundamental e expressava sua identidade étnica e se revestia de grande importância na conservação de tradições e heranças de seus antepassados: o *Deutschtum*, que significa germanismo ou germanidade. Simboliza os elementos da cultura germânica e o modo de viver de seus integrantes. No Brasil, este conceito ganhou nova versão, aqui chamado de *Brasilianisches Deutschtum*, ou seja, é a 'germanidade abrasileirada', cujos alguns de seus atributos, com suas hibridizações e misturas de elementos, eram diferenciados do "original" que procediam. A própria autora explica dois sentidos do termo que remete 1) ao *ethos* (e um certo sentimento de superioridade) do trabalho, noção do progresso e pioneirismo; e 2) o pertencimento étnico alemão cujos critérios são língua, raça, usos, costumes, instituições, espírito e cultura alemães. Este pertencimento à etnia ou nação alemã ocorria pelo *jus sanguinis* ou pela consciência tribal ampliada, conforme Hannah Arendt (2013). Esta ideia de pertencimento também aconteceu no âmbito religioso, pois quando perguntada sobre o que significa ser luterana, a Frau Christa respondeu:

> Ah, eu acho que é... É pertencer a alguma coisa grande, né? Todo mundo tem a sua tribo, né? Então, essa é a minha tribo. É pertencer a... É, cada um tem a sua tribo. É pertencer a uma tribo, né! (Frau Christa, 81 anos, SC, 2022).

Também outros termos advindos do romantismo alemão como *Volkstum* (nacionalidade "alemã") e *Kultur* (cultura/civilização) foram utilizados, especialmente pelas elites teuto-brasileiras, como marcadores da diferença cultural que remetem à ideia de uma cultura demarcadamente germânica, cuja noção de pertencimento comunitário, no discurso teuto-brasileiro, aproxima-se de uma certa representação "nativa" de etnicidade primordial. Corresponde a uma reinvenção da "civilização" germânica na construção de uma nova *Heimat* (pátria).

Giralda Seyferth também entendeu que, ao mesmo tempo, algumas instituições como as associações, fossem elas recreativas, culturais, políticas, como escolas, igrejas, imprensas, serviam como portadoras de expressões e marcadores culturais identitários do grupo étnico e promoviam, o cultivo de uma certa

germanidade entre os teuto-brasileiros. Tais instituições figuravam como "guardiãs do espírito (*Geist*) germânico", da germanidade (*Deutschtum*), preservavam determinadas tradições, estimulavam o uso da língua, a conservação de certas tradições e heranças de seus antepassados.

> E a minha mãe estudou sempre em escola evangélica, então ela falava bem, porque ela foi alfabetizada e toda a formação dela é com o pastor, o pastor que dava aula, então o alemão dela era bem bacana. E pra nós, quando ela casou com meu pai, eles tentaram mais ou menos falar um alemão mais formal conosco. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022).

Para Rambo (1999), a identidade teuto-brasileira alcançou seu apogeu e consolidação entre 1918-1939, no fim da Primeira Guerra e início da Segunda, com descendentes alemães de quarta geração dos primeiros imigrantes. Definiu, assim: "Teuto, porque vivia de acordo com os costumes, os hábitos, os valores e falava a língua de seus antepassados. Brasileiro, porque nascera em território brasileiro, como brasileiro fora registrado e como brasileiro se assumia e agia." (RAMBO, 1999, p. 186) Para o autor, essa identidade se apresentava de modos distintos, a depender de seu contexto religioso, social, geográfico, político, entre outros. Também estava pautada, e seu ideário disseminado, através de vasta produção literária nas mais diversas formas de imprensa da época. Para Rambo (1999), tais fontes, produções literárias e publicações do pensamento teuto-brasileiro, dividiam-se em quatro grupos de fontes distintas: as que refletem o pensamento teuto-brasileiro católico, luterano, liberal e o pensamento de autores luso-brasileiros. Vale destacar também os trabalhos sobre a temática teuto-brasileira de Franz Metzler em 1936 no jornal *Deustsches Volksblatt* e no livro *Volkstum und Volksgemeinschaft,* uma coletânea de ensaios de 16 autores diferentes sobre a temática.

Rambo (2005, p. 221) sustentou que os imigrantes, sem distinção de procedência étnica, "passam obrigatoriamente por um processo de aculturação à sociedade nacional que os recebeu" e os valores tradicionais, principalmente a língua, vão sendo substituídos ou ajustados aos valores e língua da nova pátria. As gerações dos descendentes dos imigrantes começam "a se dar conta de que já deixaram de ser o que foram e ainda não são o que seus filhos ou netos serão." (RAMBO, 2005, p. 222)

André Fabiano Voigt (2008) cronogramou três períodos (os anos de 1940, 1960 e 1980) em que se percebeu "deslocamentos discursivos" e "retificações conceituais" sobre a categoria do teuto-brasileiro.

Na época da Segunda Guerra, pesquisadores como Emílio Willems, Artur Hehl Neiva, Carlos Henrique Oberacker Júnior, Jean Roche, Leo Waibel, Egon Schaden, acionados pelo governo com vistas à inclusão dos imigrantes e descendentes no "mosaico cultural" do Brasil, traçaram características marcantes dos teuto-brasileiros. Viam na "hifenização" a possibilidade de inclusão, por conta da concessão feita à filiação lusa, defendida pela "geração de 30", por intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Na década de 1940, os estudos apontavam para o teuto-brasileiro como um novo fenômeno populacional (embranquecimento), cultura autônoma e uma nova classe social (classe média) em território brasileiro.

Já na década de 1960, cuja pauta central governamental internacional era desenvolvimentista, o teuto-brasileiro foi caracterizado como exemplo de trabalho, produtividade, eficiência e desenvolvimento, especialmente no sul do país. Há de se destacar aqui, os três grandes "Colóquios de Estudos Teuto-Brasileiros", que ocorreram nas décadas de 1960 e 1970, eventos estes que trariam visibilidade e reconhecimento acadêmico ao teuto-brasileiro. De ameaça à unidade nacional passou a figurar como exemplo e referência aos brasileiros. Crítico da cultura "teuto-brasileira", Gilberto Freyre passou a elogiar e emitir opinião positiva sobre a importância teuta para a configuração cultural da época do Brasil, mantida obviamente a centralidade da herança cultural lusa no país. Há uma reelaboração discursiva conceitual por parte dos estudiosos[26] do tema. Eventos foram organizados sobre a temática teuta e o teuto-brasileiro passou a figurar entre os temas da escrita da história brasileira.

Na década de 1980, a diversidade cultural, o respeito às minorias étnicas, o fim da ditadura, eram assuntos relevantes nos estudos e pesquisas. Neste sentido, o teuto-brasileiro foi inserido nesta agenda e passou por novos deslocamentos discursivos, embora ainda permanecesse como tipologia válida de análise deste grupo social, mas agora a identidade teuta era analisada como um produto dos próprios atores sociais. Tenderiam ao associativismo, marcados pelo *ethos* do

[26] Tais como José Fernandes Carneiro, Arpad Szilvassy, Manfredo Berger, Gerd Kohlhepp, entre outros.

trabalho, respeito às autoridade e hierarquias, e respeitado como parte do "mosaico" pluriétnico no Brasil.

Segundo Silva (2005), é importante e necessário distinguir o teuto-brasileiro idealizado pelo "germanismo", daquele outro que emergiu do processo migratório em si mesmo, caracterizado pela colonização e, segundo Lesser (2001) pela "negociação" de "etnicidades hifenizadas" na produção do que autor vai denominar de "identidades hifenizadas". Para Jeffrey Lesser (2001, p. 27):

> As etnicidades trazidas e construídas por esses imigrantes eram situacionais, e não 'identidades primordiais imutáveis'. Em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua "nipocidade" ou sua "libanicidade", tanto quanto sua "brasilidade". A etnicidade muitas vezes cruzava com o nacionalismo (brasileiro ou não), tornando extremamente flexíveis essas identidades.

Segundo Lesser (2001), ao tomar para si uma identidade hifenizada brasileira, como por exemplo os teuto-brasileiros, tais grupos de imigrantes incorporavam vários elementos da cultura majoritária, ainda que permanecessem suas distintividades. O 'hífen' simbolizaria a 'simbiose' entre as respectivas identidades, cujo predomínio seria da cultura dominante. Essa hifenização na referência aos imigrantes também poderia se caracterizar como instrumento de tensão e conflito. Havia uma espécie de trânsito entre essa dupla identidade, cujo movimento pendular era de sua origem étnica à pátria receptora, negociada entre suas necessidades cotidianas e considerada a plasticidade das identidades. 'Teuto-brasileiro' talvez fosse a melhor expressão cunhada para tentar caracterizar essa condição de duplicidade constitutiva de sua identidade.

Nestes termos, o teuto-brasileiro mantém seu "status identitário" como comunidade étnica e autônoma, e traz consigo possibilidades de reatualizações, segundo Voigt (2008, p. 81), "desde que seja incentivada a preservação *ad infinitum* de suas características."

2.3.1 A identidade teuto-brasileira em perspectiva

Uma das características mais peculiares da imigração alemã, sem dúvida, foi a sua concentração em poucas regiões. Estas colônias de imigrantes alemães compactas e concentradas em áreas restritas, que segundo Waibel (1958) se tornaram frentes pioneiras, independentemente de sua homogeneidade, no sentido

de contribuir na formação de uma cultura própria teuto-brasileira, cujo grupo social em contexto colonial engendrou e formalizou sua etnicidade.

> O que faz a imigração alemã importante enquanto fenômeno sociológico e histórico é o fato de ter-se constituído como colonização — isto é, a maioria dos imigrantes estabeleceu-se como colonos em áreas pioneiras, construindo uma sociedade inteiramente diversa da nacional. No contexto da imigração no Brasil, nenhuma outra etnia se concentrou tanto em áreas homogêneas e compactas, concorrendo para modificar a estrutura fundiária e a vida rural dos Estados onde se estabeleceu. Só a colonização italiana no Rio Grande do Sul e Santa Catarina teve características semelhantes, mas sem o longo isolamento étnico dos alemães (SEYFERTH, 1988, p. 4).

Sem perspectivas de retorno, ao reconhecer a 'colônia' como uma nova pátria, os imigrantes alemães pioneiros romperam, num certo sentido, os laços com o território alemão na perspectiva da cidadania de origem, embora isto não anulasse o sentimento de pertencimento ao povo alemão (*Volk*). No âmbito da colonização, reivindicavam espaço e reconhecimento no exercício da cidadania, no entanto, eram e são marcados na diferença dos brasileiros pela germanidade. "A categoria *Deutschbrasilianer* aparece na segunda metade do século passado [séc. XIX] para definir o duplo pertencimento - à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão." (SEYFERTH, 1994)

2.3.2 Comunidade étnica, linguística e religiosa

A 'comunidade', sem dúvida, é um dos conceitos mais caros e relevantes à Sociologia, desde o seu nascimento até a contemporaneidade. Possui variados significados e abordagens, tanto sociológicos como não-sociológicos. O debate sobre a definição de 'comunidade' consiste num grande exercício sociológico, haja vista sua importância e complexidade no campo das Ciências Sociais e Humanidades. Segundo Tönnies (1995), os termos e sentidos desse conceito devem ser examinados em enquadramentos específicos tais como científico, econômico, religioso, etc. Uma das recorrências que pauta esse debate é a dicotomia entre 'comunidade' e 'sociedade' e também entre a forma de vida 'tradicional' e a 'moderna'. Por se tratar de um termo bastante utilizado como referência neste trabalho, é importante situá-lo para sua aplicabilidade.

A comunidade pode ser simplesmente um grupo de pessoas que têm algo em comum, como por exemplo a "comunidade teuto-brasileira". No campo religioso,

comunidade se refere, na maioria das vezes e no senso comum, aos fiéis de uma igreja, uma "comunidade de fiéis". Pode também ter um senso de ligação coletivo, de integração e identificação, como em um certo "espírito ou senso comunitário". Também pode se tratar de um grupo de pessoas que compartilham um território e algum grau de interdependência. Comunidades territorializadas localizadas que vivem, trabalham e realizam atividades básicas da vida num determinado território geográfico, mantendo uma identidade e delimitando suas fronteiras.

Para Cohen (1985), a comunidade possui dimensão simbólica, que permite refletir sobre a marca ou diferença cultural de seus componentes. Nestes termos, a comunidade pode ser caracterizada como "uma forma de pensar, sentir e acreditar". Fenômeno cultural, produzido pelas pessoas por significados e por meio de recursos simbólicos. A comunidade é, em si mesma, um símbolo que delimita as suas próprias fronteiras e é apropriada pelo coletivo de seus componentes, cujos significados podem variar conforme as perspectivas plurais. A construção dos significados é que configura as idiossincrasias da comunidade. A dimensão simbólica se explicita pelos rituais comunitários, que confirmam e reforçam a identidade e pertencimento coletivo, de modo a aumentar a conscientização da diferença entre os grupos.

Para Ferdinand Tönnies (1995), a 'Comunidade' (ou *Gemeinschaft*) consiste num grupo social demarcado espacialmente, com elevado grau de integração afetiva, coesão e homogeneização, tendo em comum a partilha de conhecimentos, valores, objetivos, práticas, maneiras de agir e pensar. As normas são estabelecidas e internalizadas por meio dos ritos, costumes, hábitos e tradições. As formas de relacionamento social são predominantemente pessoais com intenso grau de proximidade. A ideia de comunidade inclui um forte sentimento de pertencimento e compromisso recíproco, baseado numa cultura homogênea, numa experiência comum e acentuada interdependência. Desenvolveu-se a partir de três diferentes instâncias: o parentesco, a vizinhança e a amizade.

Encontramos no pensamento weberiano conceituação similar. "Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes." (WEBER, 1987, p. 77) Os elementos similares são a solidariedade, a relação afetiva e o compartilhamento de tradições como o determinante da comunidade.

> Em teoria, a sociedade consiste num grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados. Enquanto, na comunidade, os homens permanecem essencialmente unidos, na sociedade eles estão essencialmente separados, apesar de tudo que os une (TÖNNIES, 1995, p. 252).

Ainda para Tönnies, a Sociedade (ou *Gesellschaft*), diferente da comunidade, não possui demarcação espacial nem limites facilmente estabelecidos, cuja amplitude pode ser ilimitada. Os grupos possuem baixo grau de integração afetiva e coesão, resultando assim numa maior diferenciação e individualização de seus componentes. Seus conhecimentos, valores, objetivos, práticas, formas de agir e pensar, são heterogêneas e não se perfazem num todo comum. As normas se estabelecem nas convenções das leis e da opinião pública. As relações sociais são mais impessoais, o que também diminui o grau de compartilhamento de valores e aproximação. (MOCELLIM, 2011).

Para Tönnies (1995, p. 231-232), todavia, "na comunidade, há uma ligação desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no bem-estar quanto no infortúnio. Já na sociedade, entra-se como quem chega a uma terra estranha". É importante destacar que, tanto em Tönnies (1995) como em Weber (1987), a ideia de comunidade aparece como uma tipologia, um tipo ideal, um construto intelectual útil para a análise de grupos sociais.

> Comunidade e sociedade são dois conceitos construídos de uma maneira em tudo igual ao método weberiano de construção dos tipos-ideais, pois que não se trata, nem um nem outro, de correspondências rigorosas com a realidade empírica, mas de conceitos racionalmente e previamente concebidos com a ajuda dos quais a realidade é, num momento posterior, percebida? Evidentemente isso não quer dizer que um e outro sejam destituídos de substância histórica; ao contrário, a história da Europa ocidental desde a idade média até a era moderna constitui o pano de fundo a partir do qual Tönnies extrai os elementos que irão constituir os tipos-ideais com os quais trabalha. Mas, enquanto conceitos idealmente construídos, a comunidade e a sociedade se satisfazem em revelar determinados aspectos significativos da realidade. Eles não contêm toda a história nem nela se realizam integralmente - o que, aliás, vai permitir que eles sejam utilizados para iluminar outras realidades diferentes do contexto para o qual foram inicialmente pensados, como nós tentaremos fazer. (OLIVEIRA,1988, p. 106).

Ainda outras distinções são importantes do ponto de vista sociológico, em razão e por causa de seus efeitos sobre a vida comunitária. Por exemplo, as duas dimensões que distinguem os tipos de comunidade como a rural e a urbana, e a tradicional e moderna. A 'comunidade rural' é caracterizada por pequena população,

dispersa, com uma certa homogeneidade, agricultora ou pastoril. A 'comunidade urbana' é mais numerosa, densa e mais heterogênea, diversificada. Já, a distinção entre comunidade tradicional e moderna reside nas diferenças culturais. As 'comunidades tradicionais' se caracterizam pela homogeneidade e possuem maiores resistências ao novo. Menos alfabetizadas e menor escolaridade e mais religiosos. Já, por sua vez, as 'comunidades modernas' são culturalmente mais heterogêneas, seculares, tecnológicas, educação formal e divisão do trabalho mais complexa.

Outra questão a ser levada em consideração, que têm sido há tempo motivo de interesse e pesquisa sociológica, em relação à compreensão sobre comunidade na Sociologia contemporânea, diz respeito aos efeitos do processo de urbanização sobre as relações sociais, trabalho, escola, política, gênero, religião e vida familiar. Destacam-se aqui os trabalhos de Bauman (2003) e Maffesoli (2006). Embora tenham algumas divergências, para ambos, a vida líquida moderna ou pós-moderna conduziu ao deslocamento de uma vivência ética para uma experiência estética. Para Bauman (2003), resultou nas "comunidades estéticas" enquanto que, para Maffesoli (2006), no "tribalismo". Ambos indicam um deslocamento da comunidade para a identidade, o que é decisivo sobre a sociabilidade contemporânea. Para Bauman (2003), a vivência efêmera da atualidade consiste num caminho rumo à individualização radical ou atomização. Maffesoli, por sua vez, acredita que este tipo de vivência conduz a uma nova forma de integração social. Numa sociedade onde o grau de diferenciação é maior, a identidade torna-se ainda mais relevante. "A identidade é a comunidade individualizada, a substituta moderna da comunidade" (MOCELLIM, 2011, p. 125-126).

Ao tratar de "comunidade étnica" no livro "Economia e Sociedade", Max Weber (1971) definiu o grupo étnico não somente pelas características raciais ou culturais, mas também como pertencimento "quando é sentida subjetivamente como característica comum". Nesta definição, Weber apontou para a produção e manutenção das diferenças, cuja objetividade se dá nos sentidos que as pessoas lhe atribuem no estabelecimento de suas relações sociais. A "procedência" ou "destino" comum confere um sentido de homogeneidade para os componentes de uma comunidade formada até mesmo de grupos distintos. Para Weber, a comunidade étnica se define como uma coletividade que compartilha valores, costumes, crença numa 'origem' e memória comum. Desse modo, as comunidades de imigrantes alemães luteranos e seus descendentes teuto-brasileiros buscam construir sua

identidade no bojo de sua experiência social coletiva numa atmosfera de etnicidade (alteridade relacional), religiosidade (práticas) e tradições (memória).

Foi a partir da percepção e visibilidade das diferenças, associadas à colonização e à conservação de costumes e tradições alemãs em relação à sociedade brasileira, foi que se desenvolveu a construção ideológica de uma comunidade étnica teuto-brasileira. O termo comunidade aqui sugere a priorização do coletivo. Diferente de grupo étnico, o termo comunidade ressalta usos e costumes comuns como base das diferenças.

> A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (incluindo, entre outras coisas, hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, etc.), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (como as sociedades de tiro, de ginástica, de canto, escolares, de auxílio mútuo). [...] A imprensa teuto-brasileira também serviu para reafirmar valores étnicos. A definição mais ampla inclui elementos subjetivos do discurso étnico que ressaltam, sobretudo, a origem comum, ou simplesmente a raça comum que deve ser preservada com a condenação dos casamentos interétnicos. (SEYFERTH 1994, p. 15-16)

Foi a consequência do contato com a sociedade brasileira que evidenciou esta consciência coletiva das diferenças culturais. Segundo a autora, a ideia de origem comum está relacionada ao que Max Weber[27] (1971) denominava de "honra étnica", comum aos membros da comunidade que acreditam na proximidade, aproximação, "parentesco", mesma origem (*Stammverwandschaft*) e semelhanças, união, vida em comum (*Gemeisamkeitgefühl*). Esta percepção da comunidade teuto-brasileira, ao mesmo tempo que era muito importante para a identificação étnica, tornou-se um obstáculo para o alcance da cidadania plena no Estado brasileiro.

Já no começo do século XX, as então denominadas "colônias alemãs" cederam espaço e se transformaram em comunidades teuto-brasileiras, haja vista a continuidade do movimento migratório, do processo de urbanização e industrialização que intensificava o contato interétnico. Seyferth (1994, p. 16) destacou que, neste contexto, acentuou-se uma "identidade étnica cujo elemento preferencial será o uso cotidiano da língua alemã". As comunidades teuto-brasileiras, através de suas instituições, buscaram expressar a etnicidade que as diferenciasse e ressaltasse a ligação com a Alemanha, influenciada pelo *Deutschtum*, que

---

[27] WEBER, M. **Économie et Société**. Paris: Plon, 1971.

> se baseia no direito de sangue e se naturaliza através da língua, das associações, das escolas, da celebração de datas nacionais significativas (como a da unificação alemã), do engrandecimento dos heróis nacionais (como Bismarck), e de escritores e músicos (como Goethe, Schiller, Fichte, Beethoven, Wagner, etc.), do estímulo às atividades folclóricas (especialmente na organização de conjuntos musicais, corais e de dança), etc. (SEYFERTH, 1994, p. 17)

Segundo a autora, houve uma certa reapropriação da ideologia nacionalista alemã, que antecedeu à unificação alemã (1871), cujos elementos influenciaram os jornais e almanaques teuto-brasileiros, e intensificaram a necessidade de preservação do uso da língua alemã através das sociedades, associações, clubes, escolas, igrejas e famílias. Esta última, completaria a 'fronteira étnica' como principal socializadora dos membros da comunidade. Foi nesta época que, a endogamia étnica foi supervalorizada, embora os matrimônios interétnicos existissem, até mesmo como forma expressiva e constitutiva 'identitária' da própria comunidade.

A identidade teuto-brasileira foi criticada por membros da elite política e intelectual como Sylvio Romero e Graça Aranha que consideravam a dupla nacionalidade como ameaça à soberania nacional brasileira. Segundo Barth (1969), a identidade foi estabelecida a fim de demarcar um limite étnico de natureza cultural, no entanto não significava recusa à condição de cidadania brasileira. Tratava-se de uma germanidade *à la* teuto-brasileira, cuja dimensão política enquanto categoria de identificação está no "brasileiro", enquanto que o "teuto" estava ligado ao pertencimento pelo "direito de sangue", formulação esta advinda do nacionalismo alemão. Era o '*Deutschbrasilianertum'*, que havia sido forjado no engendramento das colônias alemãs. Eram "colonos", não somente por ligação com o mundo rural, mas uma referência às comunidades étnicas que reuniam pessoas da mesma origem também no meio urbano, como foram os casos das capitais como Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e São Paulo. O conceito denominado *Deutschbrasilianertum* trouxe consigo a ideia de pluralidade étnico-cultural, como o fato de serem cidadãos brasileiros com direito a manutenção de seus hábitos, costumes, cultura, uso da língua, etc. Esta ideia entrava em conflito com a concepção brasileira de nação, fundamentada no *jus soli*, cujo princípio territorial jurídico constituía o fundamento tanto da nacionalidade como do Estado. Estas distintas compreensões geraram uma série de tensões, conflitos, desentendimentos, perseguições, prisões, torturas, crimes, assassinatos e execuções sumárias no período da Campanha de Nacionalização do Estado Novo.

> No pluralismo pretendido pelos teuto-brasileiros, a origem nacional é a base da identidade étnica, e seu lado visível engloba instituições e elementos da cultura germânica reelaborados no Brasil. Há uma clara separação entre comunidade étnica e cidadania - duas esferas de ação distintas e separadas em alguns planos. Na "colônia", são alemães, e para continuar assim devem ser preservados a língua, as instituições, os costumes, a tradição "de origem". Mas, por outro lado, o processo imigratório envolvendo a fixação no Brasil implicou a existência de uma nova pátria fora do território alemão. A concepção de cidadania aparece claramente associada à esfera político-econômica e, mais explicitamente, ao *ethos* do trabalho. Trabalhar para o engrandecimento do País seria, nesse caso, a expressão máxima do dever do cidadão. Num plano específico, existe a comunidade teuto-brasileira etnicamente delimitada; num plano mais geral, seus membros interagem como cidadãos numa esfera não-étnica. Mas ambos se tocam quando a idéia de pátria é evocada, porque ela implica a existência de um território concreto que não está presente na concepção da nação alemã segundo o *Deutschtum*. (SEYFERTH, 1994, p. 18-19)

Assim sendo, juntamente à germanidade (*Deutschtum*), a nacionalidade (*Volkstum*) alemã buscava identificar "qualquer alemão", onde quer que se encontrasse em qualquer jurisdição e território. É interessante notar que os teuto-brasileiros ('*Deutschbrasilianer*') se identificavam como uma comunidade étnica, que veio a ser distinta dos alemães (*Urheimat* - Alemanha - Pátria de origem) e dos brasileiros (os *Brasilianer*), e que teriam sua especificidade na experiência comum emergente do processo de colonização (*Heimat* - Brasil: pátria, casa, lar). *Heimat*, cujo sentido mais próximo é a 'terra natal'. *Urheimat* significa a 'terra natal de origem'. Ambas são compreendidas na tradição alemã com base no *jus sanguinis*. Também neste mesmo sentido, outro termo correlacionado era o *Vaterland* (lit. Terra paterna), no sentido de 'pátria' enquanto condição étnica e cultural, não definido pelo *jus soli*. Outro conceito importante vem do fato de que os detentores do poder no Estado nacional-socialista da Alemanha enxergavam nos *Auslandsdeutschen* (os 'alemães no estrangeiro'), a possibilidade e até mesmo o dever de propagar sua influência ideológica e política. A nacionalidade alemã é desvinculada da cidadania e caracterizada pela fidelidade à tradição alemã, ao *Geist* (espírito) alemão e também ao uso da língua alemã (*Muttersprache*). Há que se destacar que os teuto-brasileiros não se consideravam "alemães no estrangeiro" e também não aspiravam vínculo político direto com a Alemanha. Logo, o *Deutschtum* foi substituído pelo *Deutschbrasilianertum*. Mesmo com toda propaganda e investidas pangermanista, com os *Auslandsdeutsche* (alemães no estrangeiro), e nazista, com os *Volksgenosse* (compatriota), a dualidade implícita no conceito do

Deutscherbrasilianer continuava a conciliar uma certa germanidade, dentro dos limites da comunidade étnica, e de cidadania, para a sociedade brasileira.[28]

Mesmo assim, os imigrantes alemães e seus descendentes se tornaram percebidos como ameaça à integridade e soberania brasileira, cognominados pejorativamente de "perigo alemão", "alienígena", "estrangeiro", "quinta-coluna", "alemão batata". Alguns relatos na entrevista chamam a atenção para este tipo de situação anterior:

> Eu, quando eu nasci, até eu entrar na escola, eu entrei na escola em 1967, no meu primeiro ano de escola, eu tinha sete anos e eu não sabia falar português. Só sabia falar alemão. Então, primeiro, foi assim, a gente era debochado, né? Porque... 'alemão batata só come barata', essas coisas assim. Então, hoje, de bullying, né? Naquele tempo não se falava isso, mas a gente era assim, debochado. Então, no final, eu não queria mais falar português. Aí teve um bloqueio contra o alemão. Não quero mais falar. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)[29]

> Até quando meu filho nasceu, eu pedi muito pra minha sogra ensinar ele alemão. Eu pedi, ensina [ele] a falar alemão. Aí o meu marido não deixou, porque quando ele foi pra aula, ele passou muito bullying por causa da língua alemã. Eu falei, mas deixa tua mãe falar alemão com ele, e nós falamos o nosso. E aí dá certo, não vai ter problema nenhum. Aí a minha sogra não me escutou, e não falou alemão com ele, não ensinou alemão para ele. Meu filho hoje é fluente no inglês, e tá fazendo espanhol, mas não aprendeu o alemão. Dessa experiência anterior do pai, ele não deixou ela falar. Aí não aprendeu. E hoje ele também fala, bom, mas bem que eu podia ter aprendido. Mas não aprendeu. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

Num outro momento ainda:

> É, ele não... Eu fui muito atrás, até por haver, porque a minha avó, a minha avó, ela não gostava de dizer que era polaca, assim. Ela não gostava de dizer. Acho que ela sofreu muito na guerra. Ela contava algumas coisas pra gente, quando eu era muito criança, assim, porque a gente passava os verões na praia com ela, ensinava a fazer crochê, até hoje faço, vendo peças de crochê, porque eu aprendi com ela, crochê, uma recordação bem boa dela. E ela contava, assim, então não diga que eu sou polaca, eu não sou polaca, sou alemã, mas não polaca. Aí diziam que era muito pelo sofrimento, pela guerra que eles passaram. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

Tornaram-se alvos e motivos de preocupações para governantes, políticos e intelectuais brasileiros. Se antes, a imigração alemã era incentivada, com o Estado Novo e a Campanha de Nacionalização, passou a ser considerada um equívoco, um problema que gerava "enclave étnico". Todas essas preocupações estavam

---

[28] Para maiores detalhes conferir MAGALHÃES, M. B. **Pangermanismo e Nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

[29] Entrevista concedida a Wanderley Maycon Lange pelo Pastor Phillipp Schwarzerdt, 64 anos, no dia 23 ago. de 2022, na cidade de Curitiba, PR. Áudio e vídeo. Duração 1h28min53seg.

relacionadas com a concepção de nacionalidade alemã, que por sua vez, poderia desarranjar os intentos dos governantes brasileiros em produzir uma identidade nacional brasileira.

Esta Campanha de Nacionalização foi enfrentada pelos teuto-brasileiros em tensão com a sociedade brasileira. Mantinham as diferenças étnicas e, ao mesmo tempo, construíam sua própria identidade étnica. Inicialmente, houve um endurecimento das fronteiras étnicas e seus membros se voltaram internamente para dentro da comunidade e externamente foram colocados em situação marginal em relação ao exercício da cidadania, rotulados por categorias negativas e estigmatizantes. A médio e longo prazo esta campanha conseguiu desmontar boa parte dos canais e instituições formais de atualização étnica como as associações, clubes, igrejas, escolas e as diversas publicações periódicas na língua alemã. Diferente de 1919, em 1945 não houve reestruturação institucional nas comunidades teutas no Brasil, pois a proibição não fora revogada pelo Estado. Mesmo que a língua alemã tenha retornado a ser falada publicamente depois da guerra, contudo as poucas publicações que circularam eram tão somente de cunho religiosas ou informativas.

> Apesar da repressão que caracterizou a campanha de nacionalização, do contato mais intenso com a sociedade abrangente e da presença cada vez mais freqüente de "brasileiros" nas antigas regiões de colonização," **a identidade étnica teuto-brasileira persistiu até o presente, atualizada por critérios tradicionais de etnicidade.** Esses critérios são de natureza simbólica, reflexos de uma cultura específica, como elementos distintivos próprios derivados de uma situação histórica - a colonização européia no Sul do Brasil. Essa referência mais geral é importante porque os imigrantes alemães e seus descendentes compartilharam sua história com outras etnias emigradas da Europa e, nessa situação, compartilharam uma identidade coletiva comum - a de "colono". A existência dessa identidade coletiva comum, contudo, não anula a etnicidade que, de acordo com os termos das definições mais atuais da Antropologia, expressa uma "mudança para os contextos multiculturais e multiétnicos nos quais a atenção é focalizada numa entidade - o grupo étnico que é marcado por algum grau de comunalidade cultural e social" (COHEN, 1978, p. 386). A etnicidade oferece um conjunto de identificadores culturais com base na descendência comum (WEBER, 1971; COHEN, 1978) para relacionar pessoas a um grupo específico através de critérios de inclusão e exclusão (BARTH, 1969), que não são necessariamente os mesmos ao longo do tempo. **Os limites são múltiplos e instáveis - eles podem mudar com bastante freqüência porque a etnicidade é situacional e a interação determina o grau de inclusão empregado na categorização dos membros e não-membros**. (COHEN, 1978[30]; WEBER, 1971[31]; BARTH, 1969[32]; *apud* SEYFERTH, 1994, p. 22-23, grifo nosso)

Ainda no início do século XX, as chamadas "colônias alemãs" se tornavam lenta e gradualmente, mesmo porque o fluxo migratório ainda não havia cessado, em comunidades teuto-brasileiras, por meio da intensificação dos contatos, especialmente naquelas colônias e comunidades que vivenciaram diretamente o processo de industrialização e urbanização. A partir daí, segundo Seyferth (1994), cada vez mais se afirmou uma identidade étnica, cujo elemento de distinção preferencial seria o uso cotidiano da língua alemã. Mesmo assim, a consciência étnica que marcava o cotidiano de boa parte do povo de origem ou descendência alemã, ainda continuou. Obviamente que, no decorrer do tempo, a etnicidade teuto-brasileira foi reconstruindo e ressignificando seus símbolos, no tempo transitório em que as chamadas "colônias alemães" se tornavam mais abrasileiradas, mas que ainda persistisse a ideia étnica da origem comum e, consequentemente, uma maneira de vida, postura e comportamento social diferenciados. Nas palavras de Smith (1986, p. 32), "o paradoxo da etnicidade é sua mutabilidade na persistência, e sua persistência através da mudança".

---

[30] COHEN, R. **Ethnicity**: problem and focus in Antropology. Annual Review of Antropology, v. 7, 1978.
[31] WEBER, M. **Économie et Société**. Paris: Plon, 1971.
[32] BARTH, F. Introduction, In: BARTH, F. (ed.). **Ethnic groups and boandaries**. Bergen/Oslo: Universitets Forlaget; Londres/George Allen & Unwin, 1969

Outra referência importante neste campo de estudo, diz respeito a um termo bastante utilizado em Sociolinguística: a 'comunidade linguística' (ou 'comunidade de fala'). Para Bloomfield (1926), a comunidade linguística se refere a uma reunião de pessoas que utilizam o mesmo sistema de sinais linguísticos e interagem por meio da linguagem. Já, para Fishman (1968), comunidade linguística se trata de um agrupamento, cujos membros fazem uso e compartilham de, pelo menos, uma variedade linguística e normas. Gumperz (1996) é mais específico quando define comunidade linguística como um grupo social, monolíngue ou multilíngue, que associa normas e sistema, e que possui uma certa coesão pela frequência de padrões de interação social, por vezes, separado de áreas circunvizinhas pela insuficiência dos meios de comunicação. Ainda segundo Mollica (1998), marcas regionais que se sobressaem numa determinada comunidade linguística identificam seus falantes, geram marcadores e dialetos próprios, expressões regionais e variações linguísticas.

As comunidades linguísticas podem se organizar em pequenos grupos, interligados por contato presencial, ou ainda, encontrar-se em regiões mais distantes, a depender do nível de abstração atribuído.

Para Labov (1972), uma comunidade linguística compartilha normas e ações sociais mediante uma língua ou variedade linguística. Para ele, a comunidade não é definida por acordo marcado sobre o uso dos elementos linguísticos, e sim pelo compartilhamento de normas.

Podemos dizer assim que comunidade linguística diz respeito a grupos humanos que utilizam determinado código verbal comum, imposto pela normatização, pela não condição de exclusividade, que desenvolvem solidariedade social e força coercitiva de código linguístico.

E ainda, outra característica importante deste grupo teuto-brasileiro, está situada no campo religioso, expressa no termo 'comunidade religiosa'. A partir do conceito referencial de Durkheim (2000), em sua grande obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", que compreendeu a religião como "um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem" (p. 32), encontramos o uso do termo 'comunidade'. A expressão religiosa se dá através de uma "comunidade", coletiva e social.

Nestes termos, a organização comunitária teuto-brasileira esteve sempre relacionada com atividades religiosas, dentre as quais destacamos as católicas ou protestantes. Em ambas as situações, a igreja ou comunidade eclesiástica não era uma entidade isolada, pois possuía uma série de outras funções sociais. Podemos destacar em muitos casos, especialmente do protestantismo luterano, que a comunidade religiosa incluía escola, associações, salões paroquiais para múltiplas atividades, além de organizações assistenciais, tais como asilos e orfanatos.

Da perspectiva institucional, especialmente no protestantismo evangélico luterano teuto-brasileiro e seus múltiplos organismos comunitários, a comunidade se constituiu num elo de ligação, tratando-se de uma religião de diáspora e imigração, que demonstrou uma coexistência entre o pertencimento religioso e o étnico. (VERTOVEC, 2000) O Pastor Schwarzerdt (2002) retratou este vínculo, quando na entrevista afirmou:

> Bom, nós estamos quase perto dos 200 anos da imigração luterana ou alemã. ... Então, em 2024, se celebram os 200 anos da imigração luterana e de grupos de famílias luteranas aqui para o Brasil. ... por isso que a gente fala hoje, 200 anos de imigração luterana. Acentua isso mais do que 200 anos de imigração alemã. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Religião e etnia se encontram atravessadas pela dimensão de ambas nacionalidades (de origem e de chegada/estabelecimento), forjada nas experiências do processo migratório que, por sua vez, produziu representações e novos processos identitários relacionados à Alemanha e ao Brasil.

A questão religiosa, juntamente com a questão étnica e linguística, encontraram-se imbricados mutuamente em produções discursivas e de sentido que competem pela constituição do teuto-brasileiro, reunido em e como comunidade. Neste sentido, questões sobre valores, visões de mundo, representações coletivas, modos de ser e se constituir no novo espaço, suas relações com contexto sócio-histórico, conflitos, produção de diálogos e formas de articulação ligados com outros movimentos religiosos, estiveram diretamente relacionados com a ideia de "comunidade religiosa".

Desde a colonização, a comunidade imigrante de origem alemã se desenvolveu como grupo étnico, cujo elemento religioso e identidade religiosa foi muito importante, em alguns casos determinante, para seu estabelecimento. Vinham de regiões diversas, de lugares que, no início da imigração, ainda não haviam se

constituído como estado-nação unificado. (WOORTMANN, 2000). Outros grupos como poloneses, russos, também eram identificados por parte dos brasileiros como se fossem alemães. Ao ser perguntada se era descendente de alemães, a entrevistada Katarina (2022) respondeu:

> Eu sempre fui luterana, desde berço, então sempre fui luterana, meus pais são luteranos, então convivi na Igreja Luterana sempre de culto infantil, de fazer comunhão, confirmação, ensino confirmatório, terminei o ensino confirmatório, eu já fui professora de culto infantil, então eu fiquei na Igreja Luterana sempre. ... (Entrevistador:) Você é descendente de alemães? (Entrevistada:) Sou. Meu pai... A minha avó... **A minha avó materna veio da Polônia.** Ela veio de lá mesmo. Ela é uma Wize. E o meu avô é um... Do pai do pai é um Knopp. Também... Mas ele não veio de fora. Já era brasileiro. E a minha avó, por parte de pai, é uma Wehmuth. Também, totalmente de origem alemã. E o meu pai... O pai do meu pai é um Von. Mas, assim, é francês? Não sei te dizer. Porque, assim, é uma pena, né? Quando a gente é adolescente, a gente não... Não vai atrás. E meu pai já é falecido. E depois? O meu pai faleceu bastante cedo. Embora tenha um livro que eles escrevam da família Wehmuth e eu quero resgatar esse livro. Quero ver se até resgato pra ver se eu consigo entender um pouco mais dessa história. Não veio os Von. Mas, na realidade, não é da família Degau. É da família Wehmuth, que a minha avó era uma Wehmuth. A mãe do meu pai, né? Mas eu tô nesse livro, a minha família tá nesse livro. Então nós estamos lá nesse livro também. **Mas de origem totalmente alemã**. (Katarina, 65 anos, SC, 2022, grifo nosso)

Por vezes, a identificação religiosa é elemento definidor, foi o caso de alguns grupos assentados por divisão religiosa. Assim como essa compreensão, do que seja e de como tenha se formado a identidade teuto-brasileira, tenha sido construída *a posteriori* diferente do que havia sido proposto pelos intelectuais do grupo étnico com o germanismo, este aporte estava bem assentado no início do processo migratório.

A identidade teuto-brasileira foi influenciada por três elementos importantes no seu processo de negociação identitária, especialmente em sua dimensão comunitária: a questão étnica, linguística e religiosa.

2.3.3 A Campanha de Nacionalização do Estado Novo e as questões da língua

A Campanha da Nacionalização impactou sobremodo os teuto-brasileiros, pois mesmo as comunidades rurais mais fechadas adotaram, pelo menos, o bilinguismo, de modo a aprender com rapidez ao menos o básico da língua portuguesa e expressando cada vez mais interesse na integração política e

econômica. Instituições consideradas basilares como as escolas, do ponto de vista do *Deutschtum*, passaram a ensinar a língua portuguesa e a história do Brasil.

2.3.3.1 Proibições e mudanças no uso da língua

A campanha se iniciou pelas escolas étnicas em 1938, e um ano depois, foram terminantemente proibidas publicações em língua estrangeira e o uso cotidiano e esporádico da língua alemã (também nos cultos e celebrações religiosas). Também foram fechadas as instituições, associações e mesmo qualquer grupo e tipo de encontro ou reunião de caráter estrangeiro. Foram ações políticas fiscalizadoras, coibidoras, repressoras e punitivas. Um dos motes da campanha, como outrora havia dito o catarinense Lauro Severiano Müller, era: "Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor"! Configuravam-se formas diferentes em obrigar aos estrangeiros se integrarem à cultura brasileira. Tudo isso afetou diretamente a vida dos imigrantes alemães e seus descendentes, pois muitos ainda não sabiam nem mesmo falar o português. Quando o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, toda comunidade teuto-brasileira passou a sofrer ataques de vários setores da sociedade brasileira. Igrejas, escolas étnicas, comércio, imprensa, clubes, sociedades, associações e estabelecimentos que tivessem alguma relação ou ligação, seja qual fosse, com o estrangeiro, eram alvos de ataques, suas dependências eram vandalizadas, quebradas, incendiadas, fechadas, e seus membros eram perseguidos, presos e até mortos. Por este tempo, as relações de convivência entre brasileiros e alemães (e seus descendentes) foi muito conturbada. Deste modo, podemos inferir que a campanha de nacionalização provocou mudanças nos usos da língua dos sujeitos envolvidos. Sobre o impacto do uso da língua, o entrevistado Pastor Bugenhagen (2022) relatou:

> Meu pai abandonou, meu pai fala pomerano, ele fala só pomerano com a minha avó, com o meu avô, mas assim, o básico é o alemão que se falava em casa. (Entrevistador:) E você fala as duas? Entrevistado: Não, eu fui lá no Espírito Santo e assim, 'era muito engraçado', no Espírito Santo tem outra peculiaridade, eles diziam, pastor fala alemão? Eu dizia não. Eles começaram a falar comigo, não, não, isso é pomerano! Não, pastor, isso é alemão. Então pra eles lá, como a maioria são pomeranos, o alemão tem essa diferença. Então o nosso alemão, lá naquela região do Rio Grande do Sul, tem muita influência dos pastores, das escolas evangélicas, é um alemão razoavelmente bom, porque os pastores vinham e eles pregavam todo domingo, davam aula, então assim, é um alemão bom, até a nacionalização. Porque assim, se eu fiz a leitura certa, o meu bisavô tinha

> uma formação muito melhor do que o meu avô, porque ele foi todo alfabetizado e instruído na escola evangélica, e essa escola foi nacionalizada, aí pegaram lá uma pessoa com uma formação mínima pra dar aula pra aqueles, coitados daqueles agricultores que não sabiam falar português, então assim, a educação teve um retrocesso gigante com a nacionalização. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Como a língua é determinante para o sentimento de pertencimento étnico, os alemães e seus descendentes foram submetidos a uma imposição linguística dominante e assim, sobreviveram à interdição executada pelo Estado, quando houve uma determinada resiliência por ainda se significarem em língua alemã. A língua não foi apagada, e sim, silenciada. Nestes termos, a língua não morre nem desaparece para o sujeito ou mesmo para seu grupo, mas se constitui como memória. (PAYER, 2006).

É inegável que a "Campanha da Nacionalização" do governo getulista no Estado Novo[33], cujo objetivo era nacionalizar as "comunidades estrangeiras", provocou um silenciamento das expressões de etnicidade teuto-brasileira. Dentre elas, o uso da língua alemã falada, "a raça, a etnia, a cultura com seus valores, a história, a tradição, a maneira de ser própria e peculiar daí decorrente e, principalmente, a língua." (RAMBO, 1994, p. 44) Para Rambo, corroborado pelos poetas românticos Fichte e Arndt, pelo padre Balduino Rambo e Franz Metzler (1936), por Giralda Seyferth (1982), a realização prática e expressão maior do conceito de nacionalidade (*Volkstum*) está no fator linguístico como elemento definidor, sendo os demais secundários.

Em suma, a despeito dos acontecimentos e ações implementadas pela Campanha de Nacionalização do Estado Novo de Getúlio Vargas, fato foi que tanto a presença como a pretendida "assimilação" dos imigrantes alemães e seus descendentes eram nítidas, como o eram e ainda são, as marcas distintivas étnicas culturais e sociais. (SEYFERTH, 1994)

Neste sentido, Giralda Seyferth (2000) ressaltou a ênfase na língua alemã, como elemento e marca fundamental da diferenciação e identificação étnica, pois expressava um certo modo de vida alemão (*Deutsches Wesen*). Seyferth (2000) considerava a língua falada especialmente pelos descendentes de alemães diferente

---

[33] Outras informações sobre a Campanha de Nacionalização e a proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil sob a política da língua na Era Vargas, período compreendido entre os anos de 1937-1945, ver CAMPOS, C. M. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil. Editora Unicamp, 2006.

do "alemão-padrão" (*Hochdeutsch*), ou seja, "gramaticalmente incorreta" e modificada por palavras e expressões da língua portuguesa. Mesmo assim, ela afirmava que o alemão não perdeu seu sentido étnico aos que a utilizam no cotidiano, principalmente no círculo mais privado de suas relações.

É sabido que não existe entre os descendentes de alemães no sul do Brasil qualquer unidade linguística devida às suas múltiplas procedências. Descendentes bilíngues oscilam entre o uso do português e do alemão, quando não criam vocábulos e expressões híbridas e de uma sintaxe peculiar. Soraia Vilela (2004) denominou esta hibridez de "alemão lusitano do sul do Brasil". Diz respeito à influência lusitana sobre a língua alemã. Essa variação "intra" e "interlinguística" continua viva na vida e no cotidiano de bilíngues nas regiões de predominância de descendentes de imigrantes alemães. Vilela (2004) reafirmou:

> Mesmo com o constante processo de "assimilação" destas comunidades pelo português brasileiro nas últimas décadas – que teve seu ponto alto durante a ditadura de Getúlio Vargas – o alemão falado em regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná resiste.

E ainda:

> O respeito à língua – transmitida de geração a geração, mesmo quase dois séculos após a chegada dos primeiros imigrantes – é uma prova do caráter de "ilha lingüística" (Sprachinsel) das colônias alemãs na região Sul do Brasil. (VILELA, 2004, não p.)

A pessoa falante do bilinguismo teuto-brasileiro realizou frequentes apropriações de termos e expressões oriundos da língua portuguesa. Por exemplo, na (atual) Alemanha, é comum o cumprimento "*Wie geht's*?" (lit. Como vai?, tradução nossa); já no Brasil, em contexto teuto-brasileiro, este cumprimento já sofreu mutação e adaptação, pois aqui é mais comum o uso da expressão "*Alles gut?*" cuja tradução é "tudo bem?", uso terminológico próprio do teuto-brasileirismo. Outros exemplos de hibridismo utilizadas pelas comunidades de teuto-brasileiros são: *rossa* (roça=*Feld*), *fakong* (facão=*grosses Messer*), *aviong* (avião=*Flugzeug*), *kamiong* (caminhão=*Lastwagen*). Ou ainda outras apropriações de palavras em português em que o diminutivo é formado como na língua alemã: *canecachen* = caneca (português) + *chen* (diminutivo alemão). Ou ainda aglutinações híbridas tipo *schuhloja* (loja de sapatos, sapataria), *miljebrot* (pão de milho). Também são frequentes interferências de ordem sintática, quando se inverte a ordem das palavras

numa frase ou mesmo na maneira "incorreta" do uso de preposições como *träumen mit* (sonhar com) ao invés de *träumen von* (sonhar de) do alemão atual; *bleiben mit Dir* (ficar com você), ao invés da expressão frequente e tradicional no alemão *bleiben bei Dir*. (TORNQUIST, 1997 *apud* VILELA, 2004)[34]

Outro exemplo de palavras da língua alemã "abrasileiradas", está na palavra "salsicha" que, em Curitiba é chamada de "vina", advinda da expressão alemã *Wienerwurst* (salsicha de Viena), e também o "cuque", mais usado em Curitiba, ou ainda "cuca", mais utilizada em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para *Kuchen* (bolo). (REINHARDT, 2007)

O entrevistado Pastor Schwarzerdt (2022) também exemplificou as adaptações utilizadas no uso da língua a partir da sua experiência e percepção:

> Mas, por exemplo, facão é uma palavra que até hoje é difícil de traduzir para o alemão. Como é que se diz facão? É fakong, né? Ou garrafão, que era aquele garrafão de cinco litros, que antigamente, não sei se ainda hoje tem. Como é que eles chamavam? Garrafon! Fakong! Os alemães diziam, né! Porque eram palavras que eles não tinham no seu idioma original, mas também não conseguiam traduzir, entender muito. Porque eles só usavam essas palavras quando eles iam para o comércio. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Ainda outro entrevistado, o Sr. Conrad Wigand (2022), também exemplificou:

> É, por exemplo, assim, eu vou dar uma que eu me lembro agora, né? *Eine Laranja essen*, é assim, né? No alemão não tem laranja. Laranja, né! É uma laranja, né! Laranja, né! Então tem algumas coisas assim que... expressões, né! Palavras que... São adaptadas. São adaptadas. Não são nem portugueses nem alemãs... Na Alemanha eles não usam Arbeit, é *Job. Job, Job, Job*. (Entrevistador:) É o anglicismo? (Entrevistado:) O anglicismo. Certo! Porque *meine Arbeit,* né? Meu trabalho. *Mein Werk*. O meu ofício, certo! São palavras excepcionalmente bonitas, entende! Não, mas falam '*job*'. O alemão fala '*job*'. (Conrad Wigand, 68 anos, PR, 2022)

Maltzahn (2018), e outros pesquisadores e pesquisadoras da imigração alemã e descendentes tais como Tornquist (1997), Meyer (1999), Balibar (1995), Grützmann (1999), Bahia (2001), Koch (2003), ressaltaram em seus respectivos trabalhos a centralidade da língua alemã, seu vínculo e relação direta (e intrínseca)

---

[34] Com o intuito de catalogar as diversas variações aí presentes, foi criado o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Alers), uma co-edição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. Com cerca de 300 mil dados orais, colhidos em 275 pontos dos três estados, o Alers procura registrar a variante linguística dominante em cada localidade cartografada. VILELA, S. O alemão lusitano no Sul do Brasil. Deutsche Welle, 20 abr. 2004. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/o-alem%C3%A3o-lusitano-do-sul-do-brasil/a-1174391 Acesso em: 1 abr 2022.

com a germanidade, e o uso da língua como marcador de pertencimento étnico cultural geradora do processo de identificação e construção identitária. Destacamos o registro de Balibar (1995, p. 185) em que afirma: "a defesa de uma cultura cuja identidade, integridade ou criatividade está ameaçada, se dá, sobretudo através da defesa da língua."

Dentre as diversas instituições, o binômio escola-igreja (que expressa o pensamento comum ao luteranismo "*ao lado da igreja, uma escola*") foi muito importante com vistas ao atendimento das necessidades elementares dos imigrantes alemães e seus descendentes. Também constituíram ferramentas de germanidade a manutenção da língua e da cultura alemã. As associações étnicas, recreativas, esportivas e religiosas também serviram como fomentadoras dos laços de união entre os imigrantes alemães e seus descendentes, bem como para a manutenção de traços de sua cultura.

> Após a campanha de nacionalização e tendo em vista o novo contexto de integração à sociedade brasileira, a etnicidade teuto-brasileira se atualizou, mantendo alguns identificadores culturais e descartando outros. O melhor exemplo para ilustrar a transformação é o uso cotidiano da língua alemã - elemento fundamental de identificação no passado. Hoje, especialmente nas áreas urbanas, o idioma alemão não é do domínio de todos e, em grande parte, recuou para a esfera privada: aqueles que conhecem a língua a utilizam no âmbito das relações familiares e de amizade. No meio rural, sua utilização é mais freqüente [sic]. O recuo da língua alemã e sua deturpação por termos e expressões portuguesas constatados por Willems (1940, 1946), contudo, não significa que esse critério deixou de ser importante. Para aqueles que conhecem e utilizam, a língua alemã é identificada de uma condição étnica; aqueles que a desconhecem utilizam, principalmente, o critério de descendência - sua origem presuntiva é tão identificadora da condição étnica quanto a língua. Ambos, de modos diversos, são sinais diacríticos expressivos da etnicidade. (SEYFERTH, 1994, p. 23)

Assim também, a característica da etnicidade teuto-brasileira se utilizou de outros parâmetros de diferenciação contrastante à sociedade brasileira mais ampla. Seyferth (1994) destacou a origem e procedência alemã que evocaria uma descendência comum, associados ao *ethos* do trabalho simbolizado pela colonização, em alguns casos, o pioneirismo, e à 'crença' de um modo de vida distinto, em oposição à imagem do brasileiro estereotipado que, por vezes, gerou preconceitos. Curiosamente, a expressão deste sentimento de pertencimento a um povo ou raça raramente se impôs a partir de critérios fenotípicos como sinais de diferenciação étnica. Outra distinção de marcador étnico que, segundo Seyferth

(1982) e Willems (1980) apareceu nas falas dos colonos alemães, diz respeito ao menosprezo ao brasileiro "genérico", referência aos caboclos, bugres[35], estigmatizados como analfabetos, indolentes, maus agricultores, entre outros. Um exemplo deste tipo de referência temos no relato autobiográfico inicial da entrevista da Frau Christa, quando disse:

> O meu pai, ele anotou muita coisa. E esses dias, casualmente, eu peguei e li aquilo de novo, por isso que eu soube, eu sabia muita coisa dessa minha bisavó lá, que ela era parteira, então ela andava a cavalo e ela encontrou bugres. Bugres eram os índios, né? Que ela foi atacada. Daí eu li um outro relato que tem também na história, que agora o senhor falou de política, nós estamos falando dos bugres de novo. Uma família inteira que foi dizimada pelos... Sobreviveu uma criança que se escondeu, eles não... Porque os índios eram carnívoros, né? E... Então, carnívoro é o nome certo ou não? É outro nome. É, canibais, é. E pra eles, todos eram invasores, né? Porque a terra era deles. Então, assim, eu penso que... Que o alemão e o luterano, assim, como eles.. Eram gente pobre, que o meu pai disse que da família dele, eles eram só escravo branco, porque eles trabalhavam pro dono das terras. Então, eram escravo branco, né? E eles não queriam essa vida mais pra eles, e os prussianos eram tudo militares, né? Então, aí eles vieram de lá porque eles queriam uma terra pra eles e tudo. (Frau Christa, 81 anos, 2022)

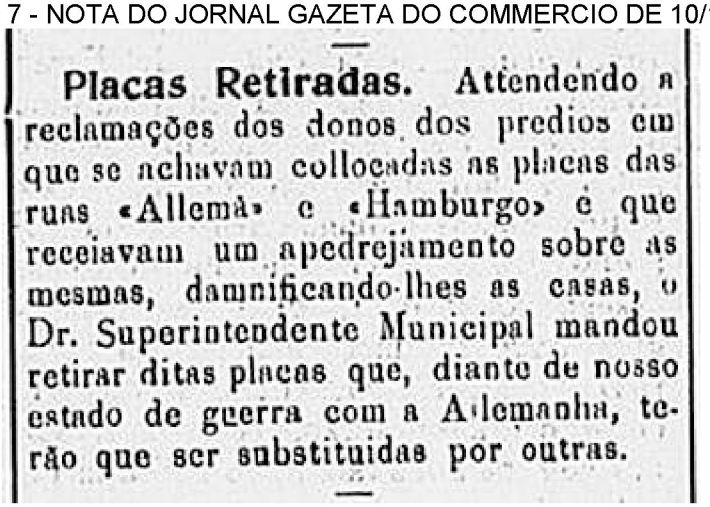
2.3.3.2 Em Joinville, nomes de ruas entre a Alemanha e o Brasil

Segundo Mattos (2015), já desde a Primeira Guerra Mundial, os alemães e seus descendentes eram vistos como "inimigos da pátria". Letreiros de casas comerciais na língua alemã já eram motivos de desconfiança, até mesmo o simples fato de ter pendurada na própria residência alguma referência à Alemanha já poderia virar alvo a ser atacada e ter as vidraças estilhaçadas por pedras. Assim que houve a declaração pública e oficial de guerra do Brasil à Alemanha, iniciou-se sistematicamente a implementação das primeiras medidas restritivas aos imigrantes e seus descendentes. Pouco tempo depois, alguns dias depois desta declaração, já se noticiava ataques às propriedades de alemães na cidade de Florianópolis e o medo se espalhava no lado norte do Estado de Santa Catarina.

---

[35] Segundo Seyferth (2012), o termo 'bugre' é um termo estigmatizante atribuído ao índio bravio, categoria que, obviamente, o desqualifica socialmente através do estigma do "selvagem".

FIGURA 7 - NOTA DO JORNAL GAZETA DO COMMERCIO DE 10/11/1917



Placas Retiradas. Attendendo a reclamações dos donos dos predios em que se achavam collocadas as placas das ruas «Allemã» e «Hamburgo» e que receiavam um apedrejamento sobre as mesmas, damnificando-lhes as casas, o Dr. Superintendente Municipal mandou retirar ditas placas que, diante de nosso estado de guerra com a Allemanha, terão que ser substituidas por outras.

FONTE: Mattos (2015)

O superintendente municipal ordenou que fossem retiradas as placas com os nomes das ruas “Allemã” e “Hamburgo”, pois os proprietários dos prédios “receiavam um apedrejamento sobre as mesmas, damnificando-lhes as casas”. O jornal já indicava que “diante de nosso estado de guerra com a Alemanha”, as placas teriam “que ser substituidas por outras”. Esta “Rua Allemã” (ou *Deutsche Strasse*), conhecida inicialmente na qual as casas corriam o risco de serem apedrejadas e ter os vidros de seus edifícios estilhaçados, passaria a ser denominada de ‘Rua Cruzeiro’. A outra rua também ameaçada, a “Rua Hamburgo”, homenagem ao pioneirismo da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, foi renomeada para ‘Rua Ipiranga’ e, atualmente, é a ‘Rua Plácido Olímpio de Oliveira’.

Houve várias alterações e significativas mudanças. Por exemplo, a rua que saía da margem do Rio Cachoeira, local de desembarque dos colonos, denominava-se de *Hafenstrasse* (Rua do Porto) e passou a ser chamada de Rua Nove de Março. A trilha central da colônia era a *Mittelweg* (Caminho do Meio) que passou a ser denominada de Rua XV de Novembro. A passagem onde se localizava a olaria da vila, que era a referência, era chamada de *Ziegeleistrasse* (Rua da Olaria), foi alterada para *Prinzenstrasse* e atualmente passou a ser chamada de Rua do Príncipe.

A antiga rua *Turnerstrasse,* onde era a Sociedade Ginástica era conhecida como ‘Rua dos Ginásticos’, ainda hoje possui esta nomenclatura. Outras recebiam a denominação de moradores ilustres, como a antiga *Augustrasse*, em homenagem ao Sr. Augusto Urban que tinha uma loja na esquina, passou a se chamar ‘Rua Mário

Lobo'; ou ainda a *Ludwigstrasse*, homenagem ao diretor da colônia, o Sr. Ludwig Niemeyer, passou a se chamar 'Rua Engenheiro Niemeyer'. Em outras situações a mudança foi "radical", o exemplo da *Friedrichstrasse* (Rua Frederico) passou a ser chamada de 'Rua Canoinhas'. Tratava-se do início do trecho da Rua João Colin, chamada originalmente de *Nordstrasse* (Rua do Norte). A *Deutsche Strasse* (ou Rua Allemã) era conhecida pela densa concentração de imigrantes alemães e seus descendentes em suas adjacências. Inicialmente esta rua era conhecida por *Mathiaspikade* (Picada do Mathias), homenagem esta que foi concedida a um dos primeiros habitantes de Joinville. Atualmente é a 'Rua Visconde de Taunay'. Ainda outras duas nomenclaturas de ruas cujos sobrenomes eram de procedência alemã, "Fischer e Barthol", foram modificadas respectivamente para 'Palhoça e Jaraguá'. (MATTOS, 2015)

Como se não bastasse as alterações de nomenclatura como consequência da Primeira Guerra, uma das imposições da Campanha de Nacionalização foi a necessidade premente de continuar e acentuar as alterações das nomenclaturas de algumas ruas, vias e também lugares públicos centrais de Joinville.[36] Segundo Carvalho (2004 *apud* SANTOS, 2013, p, 46)

> Durante a ditadura do então presidente Getúlio Vargas (1937-1945), foi proibida a utilização da língua alemã e qualquer outro idioma estrangeiro no território nacional. Dessa forma, Joaquim Wolff, prefeito de Joinville naquele período, decretou a lei nº 39, que no primeiro artigo proibiu o uso de tabuletas, letreiros, cartazes, boletins e anúncios de qualquer natureza em língua estrangeira, nas ruas, praças, logradouros, jardins e edifícios públicos. A medida incluiu ainda a proibição em lugares destinados ao público, como cinemas, teatros, cassinos e qualquer casa de diversões, sob pena de multa, além de outras penalidades previstas em lei. Assim, uma das mudanças que ocorreram por conta da preocupação com a língua está nos emplacamentos das ruas, as quais hoje trazem uma característica curiosa: a nomenclatura com os antigos nomes em alemão, abaixo dos nomes atuais, conforme se pode verificar nas imagens seguintes.

[36] Segundo Santos (2013, p. 46-47), deve ser levado em consideração que a "Lei Orgânica Municipal de número 5.230 de 10 de junho de 2005", a qual dispõe sobre a denominação, emplacamento, e numeração de vias públicas em Joinville, ao tratar dos critérios para a aprovação dos nomes das ruas do município, reiterou os dispositivos anteriores ainda do período da nacionalização (lei nº 39/1948 decretada pelo então prefeito Joaquim Wolff), com o acréscimo de que as mesmas teriam "que ter fácil pronúncia e entendimento".

FIGURA 8 - PLACA DA RUA DR. JOÃO COLIN – REF. AO ANTIGO NOME

FONTE: Santos (2013)

FIGURA 9 - PLACA DA RUA NOVE DE MARÇO – REF. AO ANTIGO NOME

FONTE: Santos (2013)

2.3.3.3 A perseguição aos luteranos

Os anos de 1930 e 1940 foram marcantes para os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, mas também para os luteranos brasileiros, especialmente como instituição. A Campanha de Nacionalização do governo de Getúlio Vargas, juntamente com a entrada do Brasil na Segunda Guerra contra a Alemanha (também Itália e Japão), fizeram com que as instituições luteranas

existentes fossem estigmatizadas como “inassimiláveis” por não se renderem ao pretendido “abrasileiramento” conforme as exigências das políticas nacionalistas, sendo assim acusados de seguirem as diretrizes do nacional socialismo alemão. Os efeitos da política varguista foram sentidos pelos teuto-brasileiros luteranos que sofreram as consequências e decorrências deste período.

Todos os grupos de imigrantes e seus respectivos descendentes aqui no Brasil foram alvos da campanha de nacionalização que também atingiu diretamente as igrejas. Essas, por sua vez, eram vistas pelo respectivo governo e suas autoridades constituídas como perigosas ao regime instaurado por suas fortes relações com sua pátria de origem. Em especial os luteranos, dentre os diversos grupos estrangeiros protestantes, estavam sob a mira, observação e olhares dos órgãos fiscalizadores estado-novistas no Brasil. Para Castro (2007, p. 80) “a maior representação religiosa da comunidade alemã no Brasil, a Igreja Luterana não foi excluída desta ‘lógica da desconfiança’.” Os executores da campanha de nacionalização associavam a origem étnica alemã ao protestantismo luterano. Para eles, os luteranos representavam um “grande perigo”.

> No caso dos luteranos, a suspeita residia em torno de sua nacionalidade e de sua religião que, associados, teriam legitimado a ideia do “perigo alemão" identificado por meio de contatos das comunidades luteranas com seus países de origem. (CASTRO, 2007, p. 82)

Para os luteranos, foi-lhes proibido o uso da língua alemã em qualquer atividade, sendo-lhes exigido que se comunicassem única e estritamente em língua portuguesa. Atividades foram suspensas ou ainda impedidas de suas realizações, devido à exigência das autoridades brasileiras constituídas. Com a proibição do uso da língua alemã, muitos pastores, professores e líderes eclesiásticos, comunitários e educacionais foram presos em todos os núcleos de colonização germânica.

Baade (2011) destacou o vazio de informações, folhas em branco, mudança de escrita para língua portuguesa, nos livros de atas de comunidades luteranas, especialmente no período da Primeira e, mais especificamente, da Segunda Guerra Mundial. Por exemplo, na Comunidade Evangélica de Curitiba a redação das atas e documentos passaram a ser redigidos em língua portuguesa e houve até mesmo adequação dos estatutos à nova situação. Além da língua, também houve a alteração estatutária da nomenclatura das instituições. Muitas comunidades tinham em sua nomenclatura a designação étnica “alemã” que, obviamente, foi suprimida.

Em Curitiba, a comunidade optou por simplesmente denominar-se "Comunidade Evangélica". Os estatutos foram anteriormente submetidos e apreciados para o aval da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) e do "Quartel General" pela sessão de nacionalização, para depois ser encaminhado à assembleia geral da comunidade. Na grande maioria das comunidades, a celebração dos cultos eram em língua alemã, quando então teve mudanças significativas, algumas delas bem radicais. Entre o clero luterano, a postura diante da conjuntura era bastante diversificada, quando não, por vezes, ambígua entre o germanismo e a brasilidade. No campo teológico, a campanha de nacionalização pareceu ter sido interpretada como uma grande "perseguição dos cristãos nos tempos primitivos". Se por um lado, este cenário sintetizava a fiscalização, censura, repressão e até ameaças de confisco de documentos sofridos por estes grupos nesta época, por outro lado, a nacionalização fez com que muitas comunidades luteranas se readequassem às exigências do Estado Novo. (BAADE, 2011)

O período após a Segunda Guerra significou para os sínodos luteranos marcas de mudanças, inclusive de "reorientação teológica" no caso do Sínodo Riograndense. Segundo Dreher (1984), este Sínodo Riograndense, organizado institucionalmente desde 1866, cujos pastores eram originários da Alemanha, entendiam que, juntamente com a missão religiosa, eram portadores e divulgadores do germanismo, da germanidade, expressas através de práticas e costumes da terra de origem, da pátria mãe a Alemanha. De novo, entre os pastores houve dois grupos, o dos que eram a favor dessa renovação interna eclesiástica, e o dos germanistas, entusiastas alemães, desorientados. No entanto, o caminho inevitável a ser seguido pelos pastores alemães no Brasil era a transição para uma igreja no contexto brasileiro. Este período representou uma crise, ainda mais intensa para as igrejas fechadas na comunidade étnica. Por sua vez, esta crise exigiu uma "reorientação teológica" e também uma reorganização das estratégias de atuação pensadas até então. O clero começou a ser nascido e formado no território brasileiro. Para Witt (2010, p. 70-71), foi "preciso elaborar planos para 'andar com as próprias pernas'. Fez parte desses planos a criação de uma Escola de Teologia que pudesse formar os quadros de obreiros de que as comunidades tinham necessidade." Estes novos pastores nascidos aqui, formados em seminário próprio (em São Leopoldo, RS) e disponibilizados para a atuação no campo pastoral em

território brasileiro, significariam o elo de ligação e unidade necessários para as comunidades.

> Desse desenvolvimento histórico surgiu a necessidade de reflexão em torno de uma Igreja no Brasil. O passado marcado pelas divergências confessionais e pelo cultivo da germanidade não foi posto de lado como se fosse possível iniciar uma nova caminhada a partir da estaca zero. Esses temas serviram para a reflexão acerca do papel da Igreja de confissão luterana no Brasil. (BAADE, 2011, p. 302)

Segundo Dreher (1984), a reorientação teológica dos sínodos se expressou na autocompreensão de ser "uma *Igreja no Brasil*" (p. 250), embora não rompessem radicalmente com o passado e, doravante, a pregação seria na língua do país. O pároco luterano de Curitiba, Pastor Schwarzerdt (2022), em sua ampla e diversificada experiência no campo ministerial na América Latina, relatou:

> Quando eu te falei antes que eu fui pastor também em outros países da América Latina, Brasil é o único lugar onde, por exemplo, a igreja alemã se nacionalizou. Então, as comunidades alemãs se tornaram igreja nacional, como por exemplo, no Brasil não existe a igreja alemã, existe a igreja evangélica de confissão luterana no Brasil, existe a igreja luterana do Brasil. Então são igrejas que vão dizer assim, elas passaram a ter uma identidade nacional. Aí, se tu vai por exemplo pra Bolívia, aí tem igreja luterana boliviana, mas tem a igreja alemã também. E o grupo alemão se reúne, separado não só pra culto, mas são igrejas, é uma igreja diferente, que não tem, tem outro pastor, o pastor vem da Alemanha, tratam de viver como um grupo alemão dentro da Bolívia, vamos dizer assim, independente da igreja luterana boliviana. Peru é a mesma coisa, Equador também era a mesma coisa, onde nós morávamos. Então no Brasil foi um pouco assim, é diferente que a igreja meio se tomou uma identidade nacional. Isso fez com que também a gente, por exemplo, se diferente de outros lugares, se aproximasse mais da cultura brasileira. Por exemplo, lá no Equador se fazia festa pelas datas nacionais da Alemanha, mas na igreja alemã não se fazia festa pelas datas nacionais do Equador. Era um feriado necessário, porque estava lá, mas não era de celebrar. Porque o importante era só o idioma alemão. Eu acho que nesse sentido no Brasil nós ganhamos muito, porque nós, tanto as duas igrejas, nós temos essa possibilidade de nos entender no Brasil, de entender qual é a missão que Deus nos quer aqui no Brasil, como nós podemos contribuir. E nós podemos contribuir com muita coisa na sociedade brasileira. ... Era um idioma alemão, mas era aberto para outras, porque só os alemães não conseguiam se manter, não era um grupo tão grande assim. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Sobre a questão da posição oficial dos Sínodos a respeito da 'língua', foi expressa e resumida nas palavras do então presidente sinodal Pastor Ernesto Schlieper:

> A pregação tem que ocorrer na língua que as pessoas entendem. Em um país de imigrantes, como o Brasil ainda o é, a Igreja não verá sua missão em fomentar o processo da mudança de linguagem. Ela reconhecerá o direito de preservação da língua materna. Sempre, porém, ela terá que ter em conta a realidade e falar na língua que é a língua dos seres humanos, aos quais ela se dirige. Isso significa que a Igreja no Brasil terá que ser, provavelmente por muito tempo, uma Igreja bilingüe ou quiçá de mais línguas e que se terá que esperar de todo o pastor que ele domine além do alemão também a língua portuguesa. (DREHER, 1984, p. 250)

Estes acontecimentos fizeram com que a igreja, no pós-guerra, passasse por uma "reorientação teológica e institucional" que levou à constituição em 1949 da chamada "Federação Sinodal" que, por sua vez, logo em seguida, veio a formar o maior corpo eclesiástico luterano no Brasil: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Segundo Marlow (2014), embora o outro sínodo luterano que atuava no Brasil (Sínodo de Missouri) sustentasse não pertencer à sua competência a atuação e propagação do germanismo e do Nacional Socialismo Alemão, também foram atingidos pelas medidas repressivas do campanha de nacionalização, haja vista que sua membresia era formada por teuto-brasileiros e também utilizavam largamente a língua alemã em suas atividades. No Estado Novo, como residiam e atuavam em solo brasileiro todos os imigrantes e seus descendentes, inclusive os sínodos luteranos, deveriam ser "abrasileirados".

Para Dreher (1984), o luteranismo como igreja de imigrantes teutos no Brasil e suas relações estabelecidas com a Alemanha, colocou em pauta a discussão sobre a questão da relação entre igreja e germanidade. A língua alemã lhes foi por muito tempo linguagem basilar e corrente em todas as suas atividades. Até a unificação do reino alemão (1871), não havia qualquer relacionamento consciente de igreja e germanidade. No Brasil, associava-se germanidade e protestantismo em virtude do predomínio de protestantes entre os germânicos no sul do país. Após a queda de Bismarck, foi implementada uma política intensa de preservação da germanidade. Nas comunidades, esta relação se manifestou no transcurso da Primeira Guerra Mundial e durante as festividades do centenário da imigração alemã no Brasil. Fortalecidas em seu sentimento étnico, a identificação germânica das comunidades lhes era muito importante. O período entreguerras foi o mais estreito e frutífero no relacionamento estabelecido entre igreja e germanidade, cujos pastores alemães eram seus promotores, também as organizações alemãs que os enviavam e a renovação do povo alemão. Com o passar dos anos e os acontecimentos aqui já

abordados, tornou-se necessária, ao menos da perspectiva consciente das comunidades luteranas, reorientações e retomadas de posição para a continuidade do trabalho em território brasileiro e que reconduziram a relação de igreja e germanidade para outros rumos.

2.3.4 O caráter associativista no contexto migratório

Segundo Baade (2011), uma das características marcantes, atribuída aos imigrantes alemães e seus descendentes no seu estabelecimento no Brasil, em contexto migratório, sem dúvida, foi o caráter associativista. A necessidade e dificuldades de acesso aos serviços básicos fez com que os imigrantes se organizassem coletivamente. A família era o seu núcleo mais básico. Instalavam-se em pequenas propriedades e buscavam ser autossuficientes em relação à maioria das suas necessidades. Outras necessidades que extrapolavam o âmbito familiar fez com que se organizassem na criação de instituições associativas (ou subgrupos destes) como escolas, clubes, igrejas, hospitais, cemitérios, etc. Neste sentido, os empreendimentos colonizatórios foram muito importantes na organização institucional. Presumia-se um espírito colaborativo dos associados em prol do coletivo. Em geral, este grupo ou coletivo correspondia às condições e adaptações dos locais em que se encontravam. Evidenciava-se, assim, a disposição de solidariedade e capacidade organizativa.

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães (1993) elencou as instâncias de sociabilidades, a saber, a igreja (protestante) e a escola como associações e/ou grupos associativos cujo objetivo era o fomento à preservação da cultura de origem:

> Desta maneira, essa subsociedade, se assim puder ser considerada, encontrará condições propícias para criação de formas de sociabilidade próprias. A primeira delas se deu em torno da Igreja. Por serem protestantes, os imigrantes alemães fundam e mantêm suas próprias paróquias. A segunda, intimamente vinculada à primeira, é a escola. É importante lembrar que àquela época, no Brasil, a rede pública escolar não atendia senão aos grandes centros, e que, para os evangélicos, a prática da leitura da Bíblia coloca-se como um elemento de fundamental importância, donde a alfabetização é tão imprescindível quanto as instituições eclesiásticas. Logo foram criadas associações voltadas ao sustento das igrejas e escolas, como também à recreação e ao auxílio mútuo. O associativismo seria fomentado ainda pela ênfase à preservação da cultura de origem, desdobrando-se na edição de diversos periódicos e na criação de outras entidades culturais, como os clubes de leitura e as sociedades de canto, desportivas e de artes cênicas. (MAGALHÃES, 1993, p. 53)

Por sua vez, o associativismo mais amplo, envolvia instituições pouco mais abertas, flexíveis e regionais de imigração e colonização germânica. Não envolviam e satisfaziam somente questões básicas, necessárias e imediatas. Buscavam também a satisfação de objetivos mais ambiciosos. A questão da preservação da germanidade exerceu papel determinante para este sentimento e inclinação grupal de caráter endógeno. As práticas associativas não se limitaram apenas aos centros urbanos, mas se multiplicaram sobremodo e se expandiram por todos os locais de colonização alemã no Brasil. Estiveram presentes nas comunidades mais distantes geograficamente e assumiram moldes e características peculiares conforme localidade e circunstâncias próprias. Em centros urbanos, a prática associativa era mais diversificada. Para Nadalin (1974, p. 18), "o denominador comum deste associativismo era constituído pelo '*Deutschtum*' que também em Curitiba resumia-se no tentar sua perpetuação, pela prática e o uso de língua alemã." Estas associações visavam a preservação da unidade e da identidade, tanto em Santa Catarina como também no Paraná. Importante destacar que o espírito solidário e cooperativo das associações não configurou um bloco homogêneo e coeso de imigrantes nestes estados, pois muitas tensões e conflitos também ocorreram entre os imigrantes de fala alemã, por vezes reproduzindo as diferenças regionais da terra de origem. Esta solidariedade de grupos organizados não se estendeu, por vezes, aos grupos imigrados mais recentes. (BAADE, 2011)

2.3.5 A imprensa e literatura teuto-brasileira

Desde a chegada dos primeiros imigrantes há cerca de dois séculos até o auge da "nacionalização" (1942), os imigrantes alemães e seus descendentes se comunicavam, com pouquíssimas exceções como em transações comerciais, na língua alemã de onde eram provenientes. Na segunda metade do século XIX, a imprensa em língua alemã havia se desenvolvido bastante nos três estados da região sul do Brasil. Produziram literatura própria, teuto-brasileira, através de publicações conhecidas da comunidade étnica como os anuários (*Kalender*), jornais, revistas, livros, que expressavam o '*Deutschtum*' (no sentido de patrimônio cultural alemão) e que, ao longo do tempo e de seu processo de integração ao novo contexto brasileiro, acabou se tornando '*Deutschbrasilianertum*' (patrimônio cultural teuto-brasileiro).

2.3.5.1 A imprensa

Para Seyferth (1995), mais de meia centena de periódicos em língua alemã circularam no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. No Rio Grande do Sul, destacam-se os jornais desde 1861, como o *Deutsche Zeitung* e *Koseritz Deutsche Zeitung* (Porto Alegre, RS), *Deutsches Volksblatt* (Diário Popular Alemão, Porto Alegre, RS), Serra *Post Kalender* (Ijuí, RS). No Paraná, em Curitiba, havia o *Der Beobachter* (O Observador), um trissemanário fundado em 1889, e o *Der Kompass* (A Bússola) de 1902 a 1938. Em Santa Catarina, dentre os vários tipos de imprensa escrita voltada aos imigrantes em Blumenau, Brusque e Joinville, destacaram-se o jornais da Colônia Dona Francisca (Joinville), *Der Beobachter am Mathiasstrom* (O Observador às Margens do Rio Mathias) de 1852, o *Kolonie-Zeitung* (Jornal da Colônia) de 1862, *Die Lesethle* (A Sala de Leitura) de 1883, o *Neue Kolonie-Zeitung* (Nova Gazeta da Colônia) de 1885 a 1886; o *Der Südbrasliche Landwirt* (O Agricultor Sul-Brasileiro) de 1888, o *Volksstaat* (Estado do Povo) de 1893, o *Joinvilenser-Zeitung* (Jornal Joinvilense) de 1895; em Blumenau, o *Blumenauer-Zeitung* (Jornal de Blumenau) de 1881; o *Immigrant* (Imigrante) de 1883, o *Der Urwaldsbote* (Mensageiro da Floresta) de 1893; e o *Deutscher Volkskalender fur den Staat*s Santa Catarina (Almanaque Popular Alemão para o Estado de Santa Catarina) de Joinville (1899-1901). Esta imprensa escrita era toda exclusivamente em língua alemã, sem aqui registrar as publicações que eram bilíngues (alemão/português).

Por várias razões, alguns periódicos tiveram curta, outros média, ainda outros longa duração, a depender do seu contexto sócio-histórico político. Um exemplo foi o periódico *Der Urwaldsbote* (O Mensageiro da Floresta), cuja publicação semanal foi lançada no mês de julho de 1893 em Blumenau. Hermann Faulhaber era seu redator e editor. Sua linha editorial era voltada à comunidade evangélica e suas escolas. Posteriormente, ampliado o formato e a periodicidade de distribuição, passou a ser redator Eugênio Fouquet. Foi suspensa a publicação durante a Primeira Guerra, e retornou em 1919. Por causa das medidas impositivas de nacionalização da Segunda Guerra, que proibia veementemente qualquer publicação em língua estrangeira, passou a ser editado em língua portuguesa. A começar pelo título que mudou para "Correio da Mata". Após quarenta e nove anos de existência jornalística, a sua última edição circulou no mês de agosto de 1941.

(MACHADO, 2020) E ainda, na década de 1930, em São Paulo, surgiram publicações vinculadas ao Partido Nazista, caso do almanaque *Volk und Heimat* (Povo e Pátria), que circulou de 1935 a 1938.

2.3.5.2 A literatura

Outra forma de expressão linguística dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil foi através da literatura. Foi através da literatura que estes imigrantes (descendentes) e seus representantes também expressavam seu imaginário acerca das questões do Brasil, da Alemanha, da memória legada de seus ancestrais como uma ponte entre as gerações, da experiência vivida no contexto do processo migratório, da nova vida aqui estabelecida, entre tantas outras possíveis expressões. Foi no contexto histórico da imigração e colonização alemã no Brasil, que se produziu uma literatura própria, a teuto-brasileira, pelo período de quase um século, de meados do século XIX até meados do século XX, início do pós-guerra.

Entre os grupos migratórios de alemães desse período, além de agricultores e artesãos, também havia professores, pesquisadores, intelectuais, entre outros. Alguns destes, inclusive foram pioneiros na criação de jornais, informativos, anuários, livros e revistas que, de algum modo, foram os veículos deste tipo de literatura. Segundo Huber (2007, p. 277), as temáticas iniciais foram "a própria imigração, o encantamento com a paisagem brasileira, a vida nas colônias alemãs e a lenta integração à nova terra." Eram escritos de imigrantes a seus compatriotas imigrantes. No caso teuto-brasileiro, buscavam cultivar o '*Deutschtum*', especialmente através do uso da língua, como elemento identitário fundamental deste grupo étnico. De cunho imigrantista[37], o conteúdo da escrita literária assumia características locais, evidenciando cada vez mais o '*Deutschbrasilianertum*', utilizando-se do alemão padrão (*Hochdeutsch*) com suas próprias importações linguísticas e cuja temática versava, em prosa e lírica, sobre a fauna e a flora do

[37] Huber (2007) nos mostra que os relatos e narrativas dos imigrantes e na documentação oficial da literatura teuto-brasileira foram descritos, por exemplo, os conflitos de terra, o cansaço para derrubar a mata e cultivar os lotes, dificuldades decorrentes da dispersão do povoamento, precariedade viária, doenças, enchentes, endividamento e dependência de comerciantes estabelecidos, etc. Tal experiência, ao longo da colonização, contribui para a elaboração da figura do "'pioneiro'", desbravador da mata e fundador de colônias, tema frequente da literatura teuto-brasileira.

Brasil. Alguns destes livros inclusive fizeram sucesso na Alemanha.[38] (HUBER, 2007)

Ao tratar e examinar como os imigrantes de língua alemã conceberam, expressaram e (d)escreveram a imagem do Brasil através de sua produção literária, Valburga Huber (2009) sintetizou o conteúdo literário na metáfora 'edênica', no sentido simbólico mítico religioso judaico-cristão do Jardim do Éden ('paraíso celestial'), e também exprimiu a dualidade teuto-brasileira.

> A edenização da imagem do Brasil na primeira geração vem de duas vertentes. A imagem européia trazida no imaginário dos imigrantes, aqui sofre reatualização, sendo que o mito do Éden transparece de formas diversas, como vimos, que vão do lugar ameno ao bucolismo tropical. A outra vertente da edenização é o romantismo brasileiro, que influencia esses escritores mesmo quando vemos que neles a forma não é tão importante quanto o conteúdo. (HUBER, 2009, p. 78)

Huber (2007, 2009) também destacou três gerações e momentos distintos que configuraram a formação e constituição desta literatura teuto-brasileira. A primeira geração de escritores, ao tratar da própria imigração trouxeram a experiência de 'dois mundos'; o passado, a saudade, a antiga pátria, e *pari passu*, a exaltação à nova terra, cuja imagem trazida de onde vieram, era paradisíaca. Imagem esta, de características "edênicas", que já existia na literatura dos viajantes alemães e nas canções populares da época da emigração. A natureza da terra brasileira, paraíso terrestre, causava-lhes fascínio, seus aspectos físicos, exóticos e naturais. Havia também o perigo da selva ("*Urwald*"). A colônia alemã representava o "pequeno Éden ou Canaã" que haveria de ser construída. Os 'dois paraísos' eram sintetizados através da dádiva brasileira da natureza, e do fruto do trabalho alemão, o "*Tatkraft*" (energia, vigor, dinamismo).

A segunda geração, a dos filhos e filhas dos imigrantes colonizadores que ainda escrevem em alemão, expressou o sentimento de afeto e intenso desejo de integração a esta nova terra. Em produção de literatura própria noutro contexto da primeira geração, evidenciou estar entre duas culturas, a alemã e a brasileira. Aos

[38] Valburga Huber (2007) citou e destacou alguns autores tais como Therese Stutzer, "*Am Rande des brasilianischen Urwaldes*" (Na orla da mata virgem brasileira), que residiu em Blumenau; poetas como Rudolf Damm, Viktor Schleiff (1950), Georg Knoll (1923). E ainda, numa segunda geração, Gertrud Gross-Hering (1922), Emma Deeke (1922), José Deeke, entre outros. A pesquisadora destacou também autores da região de Joinville como Ernst Niemeyer (1927), Wolfgang Ammon e Elly Herkenhoff. A lista mais ampla, extensa e completa de todos os nomes levantados e pesquisados de autores e autoras teuto-brasileiras encontra-se na obra de HUBER, V. A **Ponte Edênica** – Da Literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

poucos, o '*Deutschtum*' cedia lugar e espaço ao '*Deutscbrasilianertum*'. A imagem edênica ainda persiste, mas o "paraíso construído" é elevado. Mudanças decorrentes do contato interétnico ocorreram, ao mesmo tempo que se buscava a preservação da cultura ascendente, ancestral, principalmente com o uso da língua.

A terceira geração já compreendia a dos escritores descendentes de alemães. Poucos deles e delas ainda escreviam em alemão. Integrados, buscavam resgatar o tema da imigração, com ênfase maior no estabelecimento do que no ato/movimento migratório, em suas literaturas. Surgem outros novos ideais, mais amplos, e temas mais diversificados. Com a proibição do uso da língua alemã no território brasileiro através da "Campanha de Nacionalização" do "Estado Novo" de Getúlio Vargas, houve um silenciamento linguístico tanto oral como escrito, cujo impacto foi traumático para este patrimônio cultural. Dessa maneira, esta literatura só vai reaparecer de fato, lenta, frágil, timidamente, nas décadas de 1950 e 1960, e a etnicidade teuto-brasileira seguiu com outros contornos.

3 CAPÍTULO 2 - LUTERANISMO: A RELIGIÃO ENTRE LÍNGUA E MEMÓRIA

Língua, fala e linguagem constituem uma tríade, cuja realização se vincula a qualquer processo comunicativo. O uso da língua, diz respeito a uma atividade coletiva e social, realizada por meio de códigos constituídos, por palavras regulamentadas e leis de combinação, pertencentes a um determinado grupo. Por causa de seu caráter social, a língua não permite mudanças radicais e arbitrárias. Antes disso, é necessário obedecer certas regras para que haja plausibilidade e compreensão na comunicação. Cada um tem seu jeito próprio de se manifestar num grupo social. A partir de seus conhecimentos linguísticos, a pessoa pode expressar o que pensa, suas representações, a partir de uma elaboração de suas experiências. Segundo Silva (2018, não p.), "a língua não é regida por normas fixas e imutáveis, muito pelo contrário: assim como a sociedade é totalmente mutável, a língua pode transformar-se através do tempo por causa de vários fatores vindos da própria sociedade."

Para Saussure (1989), a linguagem possui dois aspectos que são interligados e estão relacionados, o social e o individual. A língua, enquanto objeto científico específico da linguística, não se confunde com a linguagem, mas é parte determinada e essencial dela. Saussure estabeleceu a diferença entre língua e fala. A língua possui caráter social, no sentido de ser compartilhada e internalizada entre os falantes de um grupo social ou comunidade linguística. A partir do código da língua e suas diferentes combinações, o falante atualiza esse sistema. Língua e fala estão diretamente ligadas e são interdependentes. Exemplo disso é o aprendizado ou processo de aquisição da língua materna, pois se junta o contato estabelecido, a fala dos indivíduos ao redor, a escuta e a produção verbal, e assim, o código como arranjo linguístico se constitui e se sedimenta em nosso cérebro. Associar conceitos com imagens acústicas só é possível dentro dessa relação.

A língua se constitui num sistema complexo. A abordagem interpretativa e de análise linguística aqui utilizada é o sistema da Semiótica Social[39] e da Sociolinguística[40]. Mollica e Braga (2013) explicam que na abordagem sociolinguística existem diferentes formas de expressão da fala dentro de uma determinada língua (variedades linguísticas[41]), a partir de vários e distintos condicionantes sociais, culturais, regionais e históricos de seus falantes. Já , por sua vez, a variante corresponde ao item linguístico que é alvo de mudança. E a variável diz respeito a todo fenômeno linguístico que possa ser realizado por duas ou mais variantes. A língua está por trás dos significados que organizam o mundo e as relações sociais. É através dela que uma pessoa assume um determinado lugar na sociedade, no grupo social. É na troca linguística com o grupo que podem definir, por exemplo, o *status* do indivíduo, quem é ele e qual o meio que vive, sua identidade, que não é fixa e está em constante processo de "negociação" e "identificação" na relação com a alteridade.

---

39 Também chamada de "Sociossemiótica", analisa práticas sociais de criação de sentidos e significados em circunstâncias sociais e culturais específicas, pois os códigos de linguagem e a comunicação são formados por processos sociais. Para a construção de significados se utilizam de modos semióticos que incluem recursos comunicativos como os visuais, verbais, escritos, gestuais ou musicais, ou seja, a comunicação pode ser multimodal. Por sua vez, esta abordagem multimodal busca compreender a articulação dos diversos modos semióticos utilizados em contextos sociais concretos, ou seja, nas práticas sociais com o objetivo de se comunicar. Para Halliday (1978), as línguas são conjuntos de recursos que influenciam o que o falante pode fazer com a linguagem num determinado contexto social.

40 Como ramo da Linguística estuda aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua. Dentre as perspectivas teórico-metodológicas destaco a que investiga as relações subjacentes às estruturas sociais e às estruturas linguísticas. Como ciência surgiu no final dos anos cinquenta com os trabalho de Marcel Cohen, *Pour une sociologie du langage* (1956), depois, na Itália, com os trabalhos de Tullio Mauro (1963), e nos Estados Unidos com as abordagens empíricas de W. Labov (1966) e de M. Halliday (1971, 1978). Também se destacam J. Y. Gumperz (Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo), D. Hymes, B. Bernstein, J. A. Fishman, M. Alvar, F. Moreno Fernández, e, no Brasil, Maria Emília Ricardo Marques. Bagno (2007) traz uma classificação importante sobre as variedades linguísticas: '"dialeto" corresponde ao modo próprio do uso da língua num determinado local geográfico (não designa variedade linguística); "socioleto" é a variedade linguística de um determinado grupo de falantes que compartilham as mesmas características e vivências socioculturais também chamada de "familioleto", usado pela primeira vez por Clyne (1968), referindo-se à forma linguística de uma família, liga com o lar, a colônia, os pais e entendida como aspecto identitário pessoal, não nacional; "idioleto" corresponde ao modo peculiar, próprio, individual de se expressar por meio da fala; e "cronoleto" que é a maneira própria de uma determinada faixa etária ou geração de se manifestar.

41 Segundo Coelho *et al.* (2010), constituem-se em diferentes variações linguísticas: as 'variações diafásicas' são aquelas que ocorrem em função do contexto comunicativo, ou seja, a ocasião determina o modo como se fala com o interlocutor, pode ser formal ou mesmo informal; as 'variações históricas' nos indicam que a língua possui caráter dinâmico e se transforma ao longo do tempo; as 'variações diatópicas' acontecem pelas diferenças e variações regionais geográficas ("dialetos"), conforme a cultura local, seus sotaques, jeitos e maneiras peculiares como marcas orais da linguagem; e, ainda, as 'variações diastráticas' que ocorrem na interação entre os grupos sociais, onde estão incluídas as gírias, expressões, jargões, e pertence a um grupo determinado específico de pessoas num leque de variação social.

No Brasil, a representação dos imigrantes e suas relações de alteridade, ao lado de indígenas, africanos e portugueses, teve um espaço significativo como parte da formação do povo brasileiro. Abordar, por exemplo, a relação do uso da língua alemã com a língua portuguesa, como língua oficial do país, e ainda outras faladas neste território, como línguas maternas constituidoras de sujeitos, permite-nos uma releitura do significado da presença da diversidade de línguas no Brasil a partir das migrações. A presença e a relação estabelecida destas línguas têm sua contribuição na formação e constituição tanto do brasileiro como seu povo.

Outra distinção muito importante deve ser feita entre a língua materna, estrangeira e nacional. A "língua oficial" demonstra, por exemplo, a relação que os sujeitos têm com o Brasil. Desde 1988, conforme a Constituição Nacional, o português é enunciado como "a língua oficial do Brasil". Esta formulação trouxe consigo a afirmação da coexistência de outras línguas. Os imigrantes trouxeram as suas respectivas línguas maternas com suas próprias histórias e trajetórias que, por sua vez, foram determinantes na relação estabelecida com o português do Brasil e com o brasileiro. No caso dos imigrantes, o português era a "língua estrangeira". Esta relação entre a língua dos imigrantes e a língua oficial, sob mútua influência, trouxe adaptações e rearranjos linguísticos muito interessantes.

A língua materna é parte integrante da constituição do conhecimento do mundo da pessoa, seus valores pessoais e sociais. Em geral, ela é a mais utilizada no cotidiano. Não é, necessariamente, a língua da mãe, ou mesmo a primeira língua aprendida. Vários outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão interligados. A caracterização de uma língua materna combina vários fatores dentre os quais, a língua da mãe, a do pai, a dos outros familiares, a da comunidade, aquela adquirida por primeiro, aquela com a qual se estabelece uma relação afetiva, a do cotidiano, a predominante na sociedade, a de melhor prestígio para o indivíduo, a que ele melhor domina, sente-se mais à vontade, entre outros aspectos.

Neste sentido, para Spinassé (2008) a língua "materna" caracteriza o indivíduo e está diretamente relacionada à sua identidade. Esta primeira língua é fundamental ao indivíduo e age como manifestação identitária pessoal de modo a caracterizar as pessoas na sociedade, inclusive pela maneira como é usada, como e quanto é dominada. Pela forma do uso e o uso propriamente dito da língua é possível deduzir e conhecer muitos aspectos da vida individual e social do falante.

No caso de uma pessoa estrangeira, imigrante, imersos numa sociedade diferente, a língua pode agir como indicativo do grau de relação de integração (no sentido de aceitação, inclusão) como também pode afastar e se transformar num fator de tensão e exclusão.

Os imigrantes alemães confrontaram-se com uma sociedade que lhes era "estranha", com língua e sistema linguístico completamente diferente e desconhecido para a grande maioria. A partir da perspectiva linguística, ocorreram processos de integração (inclusão) e exclusão na história da imigração alemã no Brasil que os influenciou diretamente na constituição identitária. Num traçado cronológico, Spinassé (2008) delineou um perfil histórico bastante interessante do processo de mudança linguística de imigrantes alemães (*Hunsrück*) e seus descendentes, observando fases distintas pelo qual este grupo passou.

A primeira fase caracterizou-se pela diversidade e heterogeneidade das inúmeras procedências germânicas com seus respectivos dialetos diferentes. Os germânicos possuíam distintas características regionais, nos hábitos, costumes e também na língua. Apesar do estabelecimento de um "alemão-padrão" (*Hochdeutsch*), as variações linguísticas regionais eram muito grandes. O que chamamos de "alemão" ou "língua alemã" dizia respeito mais a um campo linguístico teuto. Neste primeiro momento, algumas colônias eram insulares. O insulamento no molde colonial proporcionou uma certo grau de homogeneidade, ao menos, de início. Quase não havia contato com o exterior (fora da colônia), nem mesmo com as suas respectivas regiões de origem. Surgiu, assim, um insulamento linguístico. Neste momento, a língua garantiu uma sobrevivência nesta fase inicial no país desconhecido e um certo sucesso das colônias. O agrupamento de imigrantes alemães em áreas restritas ou afastadas beneficiou o uso cotidiano da língua materna. O contato com falantes da língua portuguesa era pouco. Nas cidades, especialmente nas capitais, onde o contato lhes era inevitável, a mudança linguística foi mais rápida.

Na segunda fase (na década de 1870 em diante), a situação linguística dos imigrantes alemães no Brasil já havia mudado de situação: outros grupos de imigrantes (italianos, etc) vieram para o sul do Brasil; o comércio, as negociações com os brasileiros e outros estrangeiros já era maior e mais intenso pois vendiam e compravam seus e outros produtos; a língua portuguesa era difícil de ser aprendida, então, quem a dominava possuía um *status* maior dentro da comunidade; a questão

da cidadania e inserção na política da sociedade receptora; transição da endogamia para a exogamia; a relação com o "olhar do brasileiro" de "aprovação" ou "reprovação", entre outros fatores. O aprendizado da língua portuguesa marcava o início do processo de integração dos grupos. Para as novas gerações o português era bem mais aceitável e desejável pelos teuto-brasileiros, embora a língua alemã ainda ocupasse seu respectivo espaço.

Em 1937, a política de nacionalização do Estado Novo do presidente Getúlio Vargas no Brasil impactou sobretudo na exigência do aprendizado da língua portuguesa. Era importante caracterizar a nação brasileira. A língua portuguesa foi fortalecida e se fez mais presente nas colônias. Escolas, igrejas, associações recreativas e culturais, espaços onde se cultivava a germanidade foram fechados e o uso da língua alemã foi proibido havendo dura perseguição. O pastor Bugenhagen, pároco luterano em Joinville, ao ser perguntado sobre a expressão popular cunhada e atribuída à igreja luterana de 'igreja dos alemães', discorreu:

> A gente, em muitos lugares a expressão é pejorativa, porque assim, se tinha sempre os alemães como nazistas, quinta-coluna, quando a Igreja, principalmente na época da nacionalização, se teve ali uma perseguição, foi um tempo bem difícil, e como eu falei, a gente teve aqui mesmo, em Joinville, aqui nós éramos '*Real Schule*', era escola real. Então quem fazia o ginásio aqui e tinha condições de viajar para a Alemanha, se manter na Alemanha, o estudo lá era gratuito, entrava na faculdade que você queria, porque assim, era equiparada a formação aqui com a formação de lá. E de repente, com a nacionalização, os alunos de quarto ano de ginásio sabiam mais que os professores, que foram colocados aqui, foi passado por uma pessoa. Então assim, se teve um período, se perdeu muito da história, se perdeu muito de formação, se deu uma parada no tempo de formação, e se a gente pensa assim, a Igreja dos alemães não tem como ser também diferente. Se eu penso lá na minha infância, aqui também, se o culto até os anos 50 era alemão, não tinha como outra pessoa vir para fazer o quê. Então assim, a nacionalização foi péssima, por esse lado, mas pelo outro lado, obrigou a se caminhar em direção ao Brasil e de ser uma igreja nacional. Isso começou em 1946, quando foi fundada a faculdade, e a gente tinha os sínodos, as áreas geográficas, eles se reuniram para começar a formação brasileira, e sabia-se que não ia conseguir mais manter, sempre trazer pastores de fora, vieram ainda até os anos 90, hoje ainda tem alguma coisa, mas então começou a ser a formação dos pastores já em território, e isso também fez com que mais tarde a gente tivesse uma unificação desses sínodos, naquilo que hoje a gente chama de IECLB. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Logo depois, por causa da Segunda Guerra Mundial, o uso da língua alemã foi proibido no Brasil. Era proibido publicar jornais em língua alemã, falar alemão em lugares públicos e mesmo privados; documentos alemães foram apreendidos, retirados e destruídos, inclusive de particulares; bibliotecas com livros em alemão

foram completamente destruídas; as armas das sociedades de tiro foram tomadas; houve inúmeras prisões e perseguições. Tudo isso contribuiu para que mais elementos da língua portuguesa se misturassem à línguas maternas dos imigrantes e seus descendentes e, ao mesmo tempo, para que eles guardassem bem, ainda mais e se apegassem aos dialetos de sua origem, processando a sua transformação e seu uso. É importante destacar aqui que, por esta época, imigrantes e descendentes começaram a sentir medo e vergonha de se declararem "alemães", por causa de traumas de prisões, perseguições e até morte, desta época de guerra, e assim, por estas e outras razões, evitavam de se manifestarem em sua língua materna.

Entre a língua alemã e a brasileira, a mútua influência e a mistura entre ambas, trouxe um "resultado" linguístico interessante.

> Disso originou-se, praticamente, um terceiro sistema lingüístico, peculiar e com características próprias, mantendo uma base alemã e elementos derivados de empréstimos. Esse tipo de variedade lingüística, que se desenvolveu a partir do contato lingüístico principalmente do português com um registro dialetal alemão, mas que seguiu (e segue até hoje) um processo de evolução lingüística natural interno. Dependendo da base dialetal de maior influência, ou seja, de acordo com o dialeto original adotado pela colônia antes das variações, a variante recebe hoje sua nomenclatura. Por isso fala-se hoje de *Pommerisch* (pomerano), *Westfällisch* (vestfaliano), entre outras. Elas remetem através da denominação ao dialeto de partida, por mais diferentes que estejam hoje. (SPINASSÉ, 2008, p. 133)

Esta situação demonstra que os grupos migratórios produziram um desenvolvimento linguístico diretamente relacionado à questão identitária. Uma língua submetida a interferências externas traz consigo mudanças no idioma, isto diz respeito a qualquer língua viva. No caso teuto-brasileiro, o desenvolvimento e mudanças da língua se deu especialmente a partir do contato com outras línguas, especialmente a "brasileira", entre outros fatores.

Para Pêcheux (1981), a linguagem *per si* não é transparente, pois os símbolos linguísticos, as palavras, não possuem sentido próprio, não há uma conexão direta entre mundo e linguagem. O que ocorre é a produção das expressões de sentido, a partir de movimentos de interpretação realizados pelos sujeitos. Sujeito e linguagem estão intimamente relacionados. Para Guimarães (1995), é este sujeito quem coloca a língua em movimento, com ações interpretativas produzindo efeitos de sentido. A relação destes discursos é a

"memória do dizer" que constitui o sujeito mediado pelo uso da língua na interlocução.

3.1 A LÍNGUA ALEMÃ: DE LUTERO E DO LUTERANISMO

A Reforma Protestante ocorrida na "Alemanha do século XVI" proporcionou uma série de legados que, de uma ou outra forma, influenciou práticas sociais e religiosas. Dentre elas, mais especificamente da Reforma Luterana, estão aquelas associadas diretamente às ações do reformador Martinho Lutero no campo linguístico étnico-religioso, dentre as quais: 1) tradução das 95 teses afixadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg (1517), rapidamente traduzidas e reimpressas do latim para a língua vernácula (alemã), distribuídas por toda a Alemanha e Europa; 2) em 1520 Lutero escreveu o primeiro de três grandes tratados escritos em língua alemã (e não em latim), intitulado "À Nobreza Cristã da Nação Alemã"; 3) em 1521, no castelo de Wartburg, Lutero traduziu o Novo Testamento grego para o alemão (da Saxônia) e, posteriormente, em 1534, concluiu o Antigo Testamento (do hebraico e aramaico e não da Vulgata, tradução em latim da Bíblia), obra que ficou conhecida como "A Bíblia de Lutero" (*Luther Bibel*), tradução esta que foi considerada como sendo em grande parte responsável pela evolução (e estandardização) da moderna língua alemã; os escritos históricos registram que Lutero traduziu o Novo Testamento em onze semanas, recluso no castelo de Wartburg, entre 1521 e 1522. A tradução do Antigo Testamento foi concluída em 1534 e nela, Lutero teve apoio e colaboração de uma equipe de tradutores; 4) quando convocado a se expressar, confrontado nos múltiplos colóquios teológicos, como por exemplo na importantíssima dieta de Worms (1521), Lutero sempre respondeu em latim e alemão saxão; 5) em 29 de outubro de 1525, na igreja de Wittenberg, foi celebrada a *Deutsche Messe* (Missa Alemã) que se tornou uma obra litúrgica referencial da Reforma, escrita e publicada por Lutero em 1526 na língua alemã, com vistas à compreensão e participação do povo nas celebrações religiosas; 6) a igreja luterana ficou conhecida pela expressão "a igreja que canta", cuja origem se atribui às reformas litúrgicas implementadas por Lutero, pois as letras dos hinos e canções eclesiásticas utilizadas eram compostas e traduzidas para a língua vernácula (alemão) do povo, o que possibilitava uma participação mais ativa dos congregados, haja vista que toda missa era celebrada em latim, língua erudita não

dominada pelo povo em geral; Lutero considerava a música uma "ferramenta útil para transmissão dos ensinamentos."

3.1.1 A língua de Lutero

São consideradas parte da língua alemã moderna as variações linguísticas sujeitas à segunda mutação consonântica germânica durante a Idade Média. Devido aos múltiplos padrões de colonização, da migração dos povos (bárbaros), das rotas de comércio e comunicação principalmente através dos rios, do isolamento físico por causa da montanhas íngremes e florestas densas e escuras, surgiram variações linguísticas regionais muito distintas. Referenciados como "dialetos", alguns pouco compreensíveis, foram utilizados por todo o Sacro Império Romano-Germânico, dividido em muitos estados e regiões distintas. A comunicação entre si era-lhes difícil, pois careciam de uma unificação e padronização linguística. Com o surgimento da imprensa tipográfica moderna viabilizada pelo contemporâneo e compatriota de Lutero, Johannes Gutenberg, a difusão de uma língua "estandardizada" foi facilitada. Cabe ressaltar que, o "dialeto" regional para o qual Martinho Lutero traduziu a Bíblia, atualmente é considerado o modelo fundacional unificador do alemão padrão: o *Hochdeutsch*. Embora este "alemão padrão" seja compreendido por todo o país, algumas regiões ainda conservam seus respectivos e distintos dialetos como o *Hunsrick*, o *Plattdeutsch*, o *Pommeranish*, entre tantos outros.

Na época de Martinho Lutero e toda Idade Média, a Saxônia (leste da atual Alemanha) era uma região movimentada. Para lá afluíam pessoas de todos os lugares do território alemão e cada um trazia seu modo peculiar de falar. Desta "babel alemã" acabou surgindo uma determinada língua de intercâmbio: o "alemão forense de Meissen" (*Meißner Kanzleideutsch*). As vias do comércio europeu se entrecruzavam na Saxônia, língua esta que era compreendida em quase todo o Sacro Império Romano-Germânico. Lutero traduziu a Bíblia para o alemão saxônio e o elevou assim à língua padrão. Diana Pessler (2016) assim explica o "dialeto":

> O saxônio tende a encurtar e abreviar as palavras. *Haben wir* (“temos”) ou *sind wir* (“somos”) viram *hammer* e *simmer*. Além disso, uma regra básica para falar saxônio direito é não abrir demais a boca. A letra A tende para O – *Orbeit* em vez de *Arbeit* (“trabalho”) –, e O tende a virar U – *Oufen* em vez de *Ofen* (“forno”). Outra coisa é que os saxônios não sabem diferenciar CH de SCH, de modo que é impossível distinguir *Kirche* (“igreja”) de *Kirsche* (“cereja”). Desoladora é a ortografia nas redações de escolares saxônios. As crianças se admiram de descobrir que *Disch* ora é escrito *Tisch* (“mesa”), ora *Dich* (“te”). Tudo soa do mesmo jeito... No entanto, a regra básica para falar saxônio é “*de Weechn besiechn de Hardn*” (literalmente: “os suaves vencem os duros”). Traduzindo: as consoantes sonoras vencem as surdas. P se transforma em B, K em G, T em D. Portanto, se um copo cair no chão, está *gabudd* (e não *kaputt*, "quebrado"). A razão disso é que os saxônios abdicaram de qualquer “aspiração”. Ao serem pronunciadas, as consoantes P, T ou K sempre são seguidas de um H aspirado. Sem esta aspiração, estes fonemas são impronunciáveis. Como os saxônios não sabem aspirar, a única saída é pronunciar as consoantes surdas como se fossem sonoras. Estas não precisam de aspiração. Quem se acostumar com a pronúncia, não tem dificuldade de entender o saxônio. Sobre o aspecto léxico e gramatical, este dialeto é bastante parecido com o alemão padrão – ou melhor, foi o alemão padrão que derivou do saxônio... (PESSLER, 2016, n. p.)

Moradores de uma região de alto movimento e rotatividade comercial, os saxônios criaram o hábito de sempre tratar muito bem os visitantes com cortesia e respeito. Do ponto de vista econômico, a Saxônia foi o estado mais importante no território da antiga Alemanha Oriental. Tornou-se um dos lugares econômicos mais moderno e inovador da Alemanha no século XIX. Região altamente industrializada com destaque a Chemnitz (indústria têxtil). Uma síntese, em forma de antigo dito popular, resumia bem a lógica comercial da região: “O que se produz em Chemnitz é vendido em Leipzig e o dinheiro é torrado em Dresden.” Todos lugares de destaque.

Mesmo depois de cinco séculos após as traduções de Lutero e com vários estudos sobre esta temática no campo linguístico, ainda se discute o real impacto sobre a nação e consolidação da língua alemã. Alguns autores e pesquisadores compreendem que a tradução do Novo Testamento de Lutero legou novos contornos à língua alemã e fortaleceu sentimentos nacionalistas em parte do povo, especialmente os mais pobres. A língua alemã moderna e a tradução da Bíblia do hebraico/aramaico e grego trouxeram impacto no idioma germânico. A imprensa proporcionou visibilidade aos seus escritos, especialmente a tradução da Bíblia. Lutero tinha por objetivo um “alemão comum” e, para isso, criou alguns vocábulos que seriam assimilados na sociedade alemã ao longo dos anos.

Lienhard (1998) fez um levantamento de uma série de palavras da língua alemã (saxônica), palavras que não eram necessariamente novas, mas que,

conforme o autor, não eram utilizadas ou ainda possuíam outro sentido. Eis alguns exemplos:

> Termos como *Sündernbock* (bode expiatório), *Machtwort* (palavra enérgica), *Kleingläubin* (de pequena fé), *gottgefällig* (agradável a Deus), *gnadenreich* (rico em graça), *Glaubenskampf* (combate da fé), *Sündenangst* (temor por causa do pecado), *Winkelprediger* (pregador de 'cantos', isto é, clandestino), *Bilderstùrmer* (iconoclasta), *Wortgezank* (disputa de palavras), são exemplos característicos de tal poder criador. Pôde ser demonstrado que, sob a pena de Lutero, termos conhecidos como *Gnade* (graça) e *Glaube* (fé) receberam um sentido novo. Ou, então, transplantou para a esfera religiosa palavras utilizadas no âmbito profano. É o caso, por exemplo, de *Rechtfertigung* (justificação) ou de *Fromm* (piedoso). (LIENHARD, 1998, p. 266)

Esta bíblia traduzida por Lutero, trazia a língua alemã numa linguagem simples e popular. Parece-nos que este era o seu objetivo com a tradução, ou seja, que o povo pudesse ler e entender a Bíblia no seu próprio idioma e linguagem. Possuía valor alto e forte valor simbólico, haja vista o poder da religião cristã naquela época. Uma obra tão importante como o Novo Testamento (e a Bíblia) que foi traduzida para a língua alemã (saxã), significava "Deus se comunicando nessa língua". Há uma enorme valorização da língua alemã, um certo empoderamento histórico, social e político do idioma, muito mais pelo seu valor cultural do que pela sua estrutura e estruturação em si. Há que se considerar ainda que o latim era a língua oficial na Alemanha da época, utilizada no campo administrativo, intelectual e religioso. A língua alemã era muito variada e carecia de reconhecimento e prestígio, pois ficava em segundo plano e era utilizada apenas pelas camadas mais pobres. Assim como Dreher, Stadelmann e outros, Lienhard (1998, p. 277-278) arrematou:

> Se o lugar exato de Lutero na evolução da língua alemã é discutido, a concordância é mais evidente ao avaliar-se sua importância na história da literatura alemã. Ele pode ser considerado um dos maiores e mais profundos escritores alemães. Foi sobretudo sua tradução da Bíblia que lhe valeu a admiração das pessoas letradas dos séculos ulteriores.

A língua alemã foi disseminada por todo território, mas especialmente entre os protestantes. O latim permaneceu dominante entre os católicos. É importante destacar aqui que o surgimento da língua remonta ao século XIV e sua consolidação se dá posteriormente ao longo de séculos. O idioma alemão ocupou seu espaço e contornos de língua nacional nos séculos XVII e XVIII. Ao discorrer sobre a relação da igreja luterana e a Reforma, o Pastor Bugenhagen (2022) ressaltou:

> Eu acho que assim, que **o Lutero é o pai da língua alemã.** Na época que eu fiz o intercâmbio na Alemanha, em Leipzig, eu lembro que ainda tinha os respingos, porque eles fizeram lá a eleição, na época, do alemão mais influente do milênio. Porque eu fiz em 2003, então não estava tanto tempo que tinha acontecido a eleição. Eles fizeram em 2001 a eleição, aí o primeiro foi Einstein e o segundo foi Lutero. Não tanto pela religião, mas pela língua. Porque lá os povos germanos lá tinham mais de 300 dialetos, e o Lutero, então, a partir disso, cria a base da língua oficial, assim como o inglês, depois com o Wycliffe e assim. A tradução da Bíblia foi fomentando também e trazendo aspectos formais para várias linguagens. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022, grifo nosso)

Stadelmann (1985), lembra que entre a tradução (1521 a 1522) e morte de Lutero (18 de fevereiro de 1546), apareceram 277 impressões da Bíblia em seu todo ou porções dela, seguida posteriormente de tantas outras mais.

3.1.2 Lutero como referência linguística e religiosa

Uma vez estabelecida a relação de Lutero com a língua alemã, é justamente no valor sócio-histórico que a língua traz consigo, que se encontra seu *locus* simbólico, "ideológico" e uma certa ideia do mito fundador. É sobre o lugar da língua alemã na constituição do luteranismo de imigrantes alemães no sul do Brasil que podemos identificar a força institucional, o fomento à prática, uso, manutenção e resiliência dela, articulados com certos valores religiosos confessionais. Dentro dessa perspectiva podemos afirmar que o mito fundador ainda se mantém criando e recriando novos contornos e sentidos de realidade, sustentado na linguagem que potencializa o universo simbólico humano. São estes elementos que se reproduzem e atualizam ao longo da história que chamamos de mito fundador. Este conceito tem o poder de vincular e interligar um passado como origem que se mantém e se ressignifica no presente.

É através da língua (alemã) que se transmite às gerações um certo jeito de ser, estar e pensar. É através de seu uso que a identidade cultural e religiosa caminham juntas nas comunidades luteranas, sendo retroalimentadas e impulsionadas pelo seu mito fundador. É o ideal fundante que se refaz no cotidiano através do que aqui denominamos de mito fundador.

> Mito fundador porque, à maneira de toda "*fondatio*", impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (CHAUÍ, 2000)

As narrativas ligadas ao mito fundador perpassam as diferentes vivências e experiências dos imigrantes protestantes luteranos. O uso ou referência da língua alemã como *Muttersprache* (língua materna), de forma direta ou indireta, fomenta essa "narrativa de origem". Sendo assim, a proposta está justamente na importância da análise sobre o *locus* das comunidades luteranas neste processo, na observação dos usos da língua alemã no contexto eclesiástico e na sua articulação com os valores religiosos. Esta pesquisa reflete sobre as práticas sociorreligiosas comunitárias e como elas se performam nas instituições. A igreja desempenha papéis sociais onde está inserida, legando-lhe assim um *status*. Por esta e outras razões, é necessário observar suas ações num mundo em constante mudança, na relação estabelecida entre tradição, renovação e inovação eclesiásticas.

O mito fundador possui o poder simbólico de conectar essas comunidades à sua tradição fundante e, conforme Marilena Chauí (2000), "impõe um vínculo interno com o passado". Direta e indiretamente, conta a sua própria história, produz sentidos e traz significados a um modo de ser, estar, vivenciar e compreender a vida, mesmo após três, quatro, cinco gerações dos imigrantes germânicos e teuto-brasileiros luteranos.

> O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna como da ampliação de seu sentido. Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimenta-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. (CHAUÍ, 2000, p. 7)

É neste sentido que o pastor, teólogo e historiador Joachim Fischer (1984) relembrou a "presença" de Lutero ainda na bíblia, nos hinos (e hinários), na visão dos imigrantes e descendentes, nos pastores, no mundo protestante, católico e afro-brasileiro, etc.

> Atualmente há um fortalecimento da língua alemã, já não como dialeto, mas como uma língua moderna, a língua *standard*. [...] É a partir desta língua (*standard*) que se estabelecem as conexões com a história, seja dos imigrantes, seja com Lutero na origem do luteranismo no século XVI. Pelas leituras e pesquisas feitas, especialmente relacionadas a língua alemã, é possível identificar uma admiração pelo feito de Lutero ao traduzir a Bíblia. Eventualmente encontramos alguns exageros atribuindo a Lutero a moldagem da língua alemã. Não temos aqui a pretensão de contestar ou desmerecer a história contada de Lutero, tampouco lhe tirar os méritos na formatação da língua alemã e muito menos quando relacionado a tradução do Novo Testamento. Estamos apenas sinalizando que existem exageros que chegam a dar contornos quase que divinos a Lutero. A concepção de Geertz, no tocante da cultura, dá sustentação a essa premissa. Segundo ele, independentemente se há ou não coerência entre a história e o imaginário social, ou seja, a importância não está no fato da história ser verdadeira ou ter sido inventada, mas nas condições e nas razões de sua criação. E é pela língua que a história é conhecida e perpassa as gerações. É nessa perspectiva que podemos dizer que o mito fundador não cessa, cria novos contornos de realidade. (MOMBACH, 2020, p. 119-120)

Podemos perceber que a memória está intimamente ligada à imaginação e representação das pessoas. As pessoas estabelecem reminiscências e recordações sobre o passado de modo a projetar tais recordações a partir de suas construções imaginativas. É aqui que o mito fundador se refaz, possibilita reinterpretações da história e assim, mantém seus vínculos com as origens e identidade. Mais que a fidelidade à veracidade, o que efetivamente importa é o sentido que se estabelece com o que é dito.

A influência da língua alemã nas comunidades luteranas reproduz, em parte, esse mito. Foi-lhes determinante na origem do luteranismo, também aos imigrantes alemães que aqui chegaram, se estabeleceram e ainda o é hoje. Seja pela história ou porque as conecta com a Alemanha e seus antepassados imigrantes. O luteranismo busca reconhecer essa história, pois é memória, sentido e vida. Não é à toa que Rubem Alves (1984) atribui à linguagem o sustento e alimento da "memória coletiva da sociedade", pois é ela que sustenta e potencializa o universo simbólico humano da "memória coletiva" do luteranismo. Obviamente que outras línguas também contribuem para a manutenção da memória social das comunidades, no entanto, a língua alemã os remete a Lutero e sua história. Em outras palavras, é na própria língua alemã ou no uso dela, que o grupo conta e reconta a sua história e memória atribuindo significado identitário à sua existência.

Martinho Lutero também é considerado um mito enquanto signo de linguagem, pois sintetiza uma figura cujo simbolismo contribui à formação de conceitos, identidade e sentimentos coletivos. Todos os entrevistados, referiram-se a

Lutero como referencial. Ao ser perguntada sobre a peculiaridade do luteranismo, Frau Christa relacionou com Lutero:

> Deixa eu pensar. Eu acho que ele [o luteranismo] é comedido. Ele não é fanático. Talvez por causa da descendência, claro, toda regra tem exceção. Mas são pessoas que pensam na união, no trabalho, na educação. Porque onde tinha uma igreja, tinha uma escola. Esse era o princípio de tudo que o Lutero pregou. E eu acho que esse foi um ensinamento que eles levaram a sério. Porque o que eles trouxeram na bagagem? A Bíblia, o Hinário e o Catecismo Menor. Então, eu acho que essa é. E até agora... Agora a gente até diz assim, eu sou luterano. Mas, há um tempo, a gente não falava assim com muito orgulho. Porque a gente tinha um pouco de vergonha de ser luterano. (Entrevistador:) Por quê? (Entrevistada:) Não sei. Eu acho que agora, hoje em dia, eu penso em mim. Eu hoje posso dizer aos quatro ventos que eu sou luterana. Mas há uns tempos atrás eu não falava assim. É uma coisa minha. Não posso dizer que todos eles são assim. (Entrevistador:) Há quanto tempo? Talvez depois da Segunda Guerra? (Entrevistada:) Eu acho que é. **É, porque se o senhor era luterano, já era alemão. Entende?** Uma coisa, se o senhor dissesse que o senhor era luterano, eles já iam dizer, bom, então o alemão já vai preso. Porque houve umas coisas que o povo fazia, que eles faziam porque nem sabiam o que eles estavam fazendo. (Frau Christa, 81 anos, SC, 2022, grifo nosso)

Ao ser perguntada sobre o que significa ser luterana, Katarina falou:

> Então, vamos lá. Pra mim, significa continuar com a tradição, continuar com a briga, com a briga não, com o olhar diferente que Lutero teve. Com o olhar diferente, com o respeito com as pessoas que o Lutero teve, que aí ele viu o que estavam fazendo e disse, poxa, então assim, nós devemos continuar nessa luta em respeito ao que o Lutero acreditou e o que ele fez e esse olhar diferente que ele teve pra religiosidade, né? Pelo foco que ele trouxe pra gente, não só no dinheiro, mas também na aproximação, não prometer coisas que não teriam, mas coisas cativas, e não sonhos como estavam prometendo na época, ele viu isso e ele trouxe. Então, em respeito a ele, em respeito a Catarina, mulher dele, que foi uma batalhadora, foi ela que estava na frente de tudo, na realidade, cuidado. ... Mas tem toda uma dedicação, tem todo o empenho de fazer o melhor. Claro que na Igreja Católica também. Mas a nossa tem. Eu sou luterana, em virtude é isso, continuar com esse legado que o Lutero fez lá no passado, e a gente tem que continuar com esse legado e plantando essa semente do amor, do melhor, e não das promessas que não poderão ser cumpridas nesse mundo. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

Ao sintetizar e relatar sobre a igreja luterana, o pastor disse:

> Eu acho que assim, vou tentar falar primeiro como alguém que estudou um pouco dessa história. Eu acho que é um grande divisor de águas, até na história da humanidade ocidental. Se a gente pegasse, tudo estava maduro para que a reforma acontecesse. Houveram vários pré-reformadores, então, John Hus, Wycliffe, muitas pessoas que pregaram o que Lutero pregou. Mas daí teve uma grande revolução que foi Gutenberg. Gutenberg inventou a prensa. Então vamos dizer assim, e ela ainda não tinha, a imprensa ainda não tinha decolado. E quando o Lutero começa a escrever seus artigos, isso começa a espalhar. Então ali viram a utilidade. Então foi um momento histórico, assim. E um outro um pouco político, assim, que os príncipes também não queriam mais depender de Roma. A Alemanha também já queria a sua independência. E viram naquele padre a possibilidade de sair dali. E para nós, como religião, é onde eu estou mais presente, mas assim, para a humanidade, o que mais mudou foi a primeira vez, principalmente no Ocidente, onde se tem a universalização da educação. Que o Lutero é aquela pessoa que escreve para os príncipes para todas as crianças estudarem. Primeiro eles mandaram os meninos, daí ele escreve para todas as famílias.Diz, não, as meninas também precisam estudar. E a partir dali se tem um conhecimento, vamos dizer, o Ferreiro começa a escrever o conhecimento que ele tem. Isso depois vai desembocar nas universidades de engenharia. Então, assim, *Aufklärung*, o tempo das luzes, vamos dizer assim, isso tudo começa, então, a partir da educação maciça de todas as pessoas. Eu acho que assim, e o Lutero é o pai da língua alemã. Na época que eu fiz o intercâmbio na Alemanha, em Leipzig, eu lembro que ainda tinha os respingos, porque eles fizeram lá a eleição, na época do alemão mais influente do milênio. Porque eu fiz em 2003, então não estava tanto tempo que tinha acontecido a eleição.] Eles fizeram em 2001 a eleição, aí o primeiro foi Einstein e o segundo foi Lutero. Não tanto pela religião, mas pela língua. Porque lá os povos germanos lá tinham mais de 300 dialetos, e o Lutero, então, a partir disso, cria a base da língua oficial, assim como o inglês, depois com o Wycliffe e assim. A tradução da Bíblia foi fomentando também e trazendo aspectos formais para várias linguagens. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Ao longo da história, a imagem dele, Martinho Lutero, foi utilizada pelo luteranismo e pelo Sacro Império Romano-Germânico, pela Alemanha, para a construção de uma certa imagem coletiva. No que diz respeito às múltiplas e variadas imagens construídas sobre ele pelos seus seguidores e pesquisadores, para além das mudanças históricas e sociais que ocorreram a partir de seu pensamento, hoje ele se apresenta como um "semióforo". Marilena Chaui (2000) explica que "semióforo" se trata de

> um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for o local onde Deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação (...) Um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. (CHAUÍ, 2000, p. 12)

Neste sentido, Lutero é um símbolo múltiplo repleto de significados tanto para os alemães e imigrantes, descendentes luteranos ou não. Do ponto de vista religioso, o símbolo é unificador, pois além de usar a linguagem que permite a autocompreensão das comunidades em suas relações, também possibilita abolir as fragmentações do ser humano, sociedade e *cosmo*, buscando integrá-lo ou uni-lo ao todo (grupo, sociedade, *cosmo*, sagrado) (ELIADE, 2010, p. 368-369).

Um dos entrevistados, homônimo do reformador eclesiástico, ao se referir sobre ele, disse

> Martin. Eu conheci vários “Martinhos Luteros” da IELB [Igreja Evangélica Luterana do Brasil], muitos dos quais se tornaram pastores. Parece que esse nome tem também uma influência, né! Influenciou a mim também, na hora de tomada de decisão. ... Bom, eu nasci na Igreja Luterana, nasci na IELB, recebi esse nome, não em vão, tinha uma finalidade. Meu pai é um luterano muito fiel, muito convicto, muito consagrado. Para ele não havia dúvida de que nome ele daria ao filho. Há uns anos atrás eu soube que existia uma tradição na Igreja Luterana, não sei qual das duas, que se dava o nome de Martinho para o primeiro filho e o nome de Martina para a primeira filha, se fosse a primeira filha. Mas isso acho que não é o meu caso. Mas essa tradição do Martinho Lutero, na minha geração e anterior, era comum de se dar esse nome. Um dos meus primos, mais novo que eu, que nasceu no dia 31 de outubro, dia da Reforma, ele também seria chamado de Martinho Lutero, se já não tivesse um primo com esse nome. Tem que ver. Foi o Elias, ele também seria Martinho Lutero, mas como já tinha um, daí deram esse outro nome. (Martin, 57 anos, PR, 2022)

Sobre a relação entre luteranismo e germanidade também ressaltou

> É esse grande legado histórico. Nós somos uma igreja que é herdeira direta daquele grande momento de ruptura de uma igreja que não estava funcionando, de uma igreja que era um caos, para uma igreja organizada e participativa. Então, para mim, como luterano, eu me sinto, no bom sentido, eu tenho orgulho de fazer parte de uma igreja que tem essa história, que dela abriu outras possibilidades. Hoje você tem igrejas de tudo que é tipo. Então, se você quer uma igreja que tem um louvorzão, com cânticos, com corinhos, você tem essa opção. Se você quer uma igreja mais reflexiva, mais numa forma de fé mais contida, mais individual, você tem. Você tem essas opções, e não tem problema nenhum. Não é que uma é melhor que a outra. É aquela que combina mais com você. Então, a igreja luterana é isso para mim. É o que deu o *start* para que houvesse essa ruptura, um homem tão corajoso como foi esse Martin Luther. E tão importante, não só na religião, mas na questão da educação, a educação para todos, para as mulheres. Hoje se fala tanto de igualdade entre os gêneros. Lutero já pregava isso. Mulheres, as meninas têm que ter as mesmas oportunidades, têm que estudar, têm que aprender a ler, têm que ter igualdade de condições. Então, essa modernidade, esse mundo contemporâneo veio dali. E a igreja luterana que foi esse início. Então, eu tenho orgulho de uma igreja que tem uma origem assim. (Martin, 57 anos, PR, 2022)

Para Malinowski, a função do mito é construir uma narrativa de um acontecimento primeiro que busca satisfazer as questões da vida religiosa, moral, social e prática. Em se tratando do luteranismo como fé cristã religiosa, o mito possui a função de manifestar, elevar e transmitir a fé. Nestes termos, o mito também regula a vida das comunidades com seus princípios morais, garante o poder do ritual, e é princípio regulador e orientador do ser humano (MALINOWSKI *apud* ELIADE, 2010, p. 23). Para além de ser o grande símbolo religioso da Reforma Protestante, muitas outras ideias e significações estão ligadas ao nome do reformador que excedem o campo religioso.

3.1.3 A “língua do luteranismo”

A língua alemã chegou ao Brasil no início do século XVI com a vinda de germânicos, inicialmente através de exploradores, viajantes, cientistas, artistas, comerciantes, navegadores, soldados, e posteriormente, através de imigrantes em grupos menores e maiores. É sabido que a vinda de ‘alemães’ só tenha se iniciado, de forma organizada, pelos menos três séculos depois, mesmo assim, neste ínterim, o Brasil foi visitado por pessoas procedentes dos países de língua alemã desde que os portugueses chegaram à América. Desde o tempo de Carlos Magno, durante o período da Idade Média, até a formação do então chamado Império Alemão, em 1871, a Alemanha e os alemães vivenciaram uma longa e complexa história política. Do ponto de vista linguístico, a existência ainda hoje de múltiplas e variadas

comunidades, especialmente no sul do Brasil, de base germânica no dia a dia revela um dado extremamente valioso para pesquisa no que diz respeito à resiliência e mutação da língua. Do ponto de vista religioso e institucional, os pesquisadores da teuto-brasilidade, em geral e por várias razões, atribuem ao cristianismo protestante luterano, oriundos da Reforma Luterana do século XVI (de Martinho Lutero), os detentores e catalisadores (no sentido de conservar e transmitir) da germanidade, especialmente através do uso da língua alemã, exercendo uma grande influência na teuto-brasilidade. Neste sentido, o processo migratório foi heurístico. Para a pesquisadora Joana Bahia (2008, p. 23), "o sentido de nacionalidade alemã é pensado a partir do uso da língua alemã pela religiosidade luterana."

Na história do Brasil sempre houve a presença de pessoas que tinham vínculo com a fé cristã protestante luterana. Dentre eles, destaca-se Heliodor Hesse, um escrivão que residiu na região de São Vicente, atual Estado de São Paulo, terceiro filho do famoso humanista alemão Helius Eobano Hesse, amigo pessoal de Martinho Lutero, e também adepto das ideias luteranas que chegou no Brasil, em torno de 1554. Trabalhou como "dirigente comercial" num engenho de açúcar, e posteriormente também participou da expulsão dos franceses da baía de Guanabara. Há o relato de que se encontrou com outro "luterano" nestas paragens, desta feita com uma *persona* um tanto conhecida e emblemática, a saber, Hans Staden.

Hans Staden (1525-1576) era natural da cidade de Homberg, proveniente da região de Hesse. Foi um viajante (e mercenário) 'alemão' que ficou conhecido por ter feito duas viagens ao Brasil no século XVI. Em 1557, publicou na Alemanha o livro com o (polêmico) título cuja tradução (livre) do original[42] ficou assim: "*História verdadeira e descrição de uma região de selvagens, criaturas nuas, canibais assanhados, gentes que habitam o novo continente da América, desconhecidos nas terras do Hesse, antes e depois do nascimento de Cristo, até os últimos dois anos em que foram conhecidos por Hans Staden, de Homberg, no Hesse, pela sua própria experiência, o que presente divulga pela impressão*". No Brasil, este livro foi intitulado "Duas viagens ao Brasil". Este relato ficou famoso por ele ter sido prisioneiro dos tupinambás durante nove meses e, depois de ter sido libertado

[42] Original: *Warhaftig Historia und beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt America gelegen, vor und nach Christi geburt im Land zü Hessen unbekant, biss uff dise ij. nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfarung erkant, und yetzo durch den truck an tag gibt* (1557)

escreveu tal relato. Obviamente que este livro é carregado de sua moral religiosa e visão etnocêntrica, no entanto trouxe informações muito importantes sobre a cultura dos tupinambás e a prática da antropofagia (canibalismo). Ficou conhecido por toda Europa Moderna e, até 1968, foi publicado em 78 edições em praticamente todos os principais idiomas da época. No Brasil, o escritor Monteiro Lobato elaborou uma versão infantil na língua portuguesa. Detalhe importante é que neste livro, Hans Staden apresentou-se brevemente como "luterano". Os relatos dão conta de que cantava hinos cristãos compostos por Martinho Lutero, quando havia sido capturado pelos indígenas, hinos estes que ainda são entoados e constam até hoje nos hinários luteranos oficiais brasileiros.

Conforme Gertz (2007), desde 1555 há registros de historiadores que apontaram a presença dos primeiros protestantes no Brasil com as invasões francesas e, depois, no século XVII com os holandeses, no entanto ambos os grupos não deixaram destacadas marcas. Muito importante para as imigrações foi a vinda e o estabelecimento de D. João VI. Com a abertura dos portos às "nações amigas", dentre inúmeras mudanças, ocorreu a vinda dos primeiros grupos organizados de protestantes para o país. No século XIX se intensificou a imigração europeia, ocasionada pela vinda da Família Real para o Rio de Janeiro em 1808. A Coroa portuguesa passou a permitir que estrangeiros que não fossem católicos (apostólicos romanos) se instalassem no país, com a condição de que se reunissem em edificações sem arquitetura exterior de templo[43] e respeitassem a religião vigente oficial. Em Sorocaba, no atual Estado de São Paulo, por ocasião da implantação da primeira siderúrgica brasileira por parte da família real em 1811, foi também criado o primeiro cemitério protestante.

Em maio de 1818, por determinação de D. João VI, famílias suíças foram convidadas a virem para o Brasil. A exigência era que fossem suíças e católicas. Por herança lusitana e artigo da Constituição vigente, a Igreja Católica era

[43] Foi inaugurada somente em 30 de janeiro de 1887, no município de Domingos Martins no Estado do Espírito Santo, a edificação da primeira torre da igreja (luterana) e seus três sinos. Este templo é reconhecido como o mais antigo templo protestante edificado com uma torre, no Brasil e na América Latina. Antes mesmo da Proclamação da República inúmeras comunidades adquiriram sinos instalados em campanários ao lado do templo. Isso não lhes era problema. Já em Timbó SC (em Santa Maria RS) a comunidade construiu templo com torre ainda antes da República, mas foi inaugurado no ano de 1890. Para os imigrantes luteranos o ato de construir um templo com torres e sinos, era-lhes importante como expressão concreta de sua fé pública. Segundo Soboll (2011) e Floss (1961) era necessário um trabalho coletivo em regime de mutirão para a construção de torre, assim que pessoas carregavam sinos pesados por horas em caminhos e picadas estreitas, por vezes auxiliados com carros (juntas) de boi, de modo a causar muita emoção aos membros quando ouviam tocar, soar os sinos na torre da igreja pela primeira vez.

reconhecidamente oficial do Estado brasileiro. Isto gerou uma série de problemas, entraves e impedimentos aos não católicos. Em 1819, os primeiros colonos suíços chegaram ao Brasil e fundaram Nova Friburgo, no atual Estado do Rio de Janeiro. Foi a primeira colônia agrícola criada no Brasil por não portugueses, com auxílio governamental. A colônia não prosperou conforme a expectativa.

Foi somente depois da outorga da Constituição de 1824, que assegurava a liberdade de existência de outras denominações religiosas de origem "não católicas", que o protestantismo passou a figurar no espaço social, tendo uma certa visibilidade e reconhecimento de existência institucional na sociedade brasileira. (CAPELLARI, 2001) Com as seguidas políticas de incentivo, houve o aumento das imigrações. Grandes levas de imigrantes, especialmente da Alemanha, vieram para o Brasil. Muitos destes imigrantes eram "protestantes", "evangélicos", "luteranos".

As imigrações para o Brasil aconteceram num contexto bastante peculiar da sua sociedade, pois haviam por aqui múltiplas etnias indígenas, colonialismo português e um regime escravocrata de produção. A partir de 1822, o Brasil se deparou com dilemas nesta nova situação e contexto frente ao fenômeno migratório. A religião e, consequentemente, a igreja fazia parte desta nova configuração social.

Segundo Trespach (2019), foi juntamente com a chegada dos colonos e soldados do agenciador Schäffer, em 1824, que vieram os primeiros pastores e o primeiro grupo mais expressivo de protestantes, os luteranos, quando então se estabeleceram definitivamente no país. Mais da metade eram alemães que foram enviados para o Estado do Rio Grande do Sul até 1830, assim como a maioria dos encaminhados para Nova Friburgo, na segunda leva, era de colonos protestantes.

Podemos dizer que o protestantismo existente no Brasil se instalou de maneira definitiva desde o início do século XIX. Durante o império (1822-1889), a base jurídica da existência de comunidades e igrejas evangélicas era o artigo 5º da Constituição de 1824. Este artigo garantia aos não-católicos tolerância religiosa, com restrições quanto à forma de vivência, expressões e manifestações públicas da sua fé, enquanto que Igreja Católica Apostólica Romana continuava a ser reconhecida como "a religião do Império", oficial e estatal. Por este tempo, quase todos os evangélicos no Brasil eram ou imigrantes ou descendentes de imigrantes, cuja ampla maioria era de origem alemã e protestante luterana.

> A partir da aliança entre religião luterana e germanidade articulou-se outra importante marca de etnicidade, a língua alemã. Assim como no contexto alemão, também no teuto-brasileiro a língua alemã estava estreitamente vinculada a Martinho Lutero e à Reforma Religiosa, constituindo-se em um símbolo sagrado de identidade étnica, no qual veiculam a sabedoria e a visão de mundo do povo alemão. (MALTZAHN, 2018, p. 119)

Segundo Fischer (1984), para os imigrantes alemães luteranos, era-lhes importante: 1) a Bíblia que os imigrantes trouxeram em língua alemã, na tradução de Lutero. Livro sagrado central para o cristianismo, esta "Bíblia de Lutero" (*Luther Bibel*) sempre foi de grande estima aos luteranos que falam, entendem, leem o alemão; 2) hinos (de Lutero) que foram e, em alguns lugares ainda são entoados em língua alemã. Num primeiro momento, foram trazidos hinários da Alemanha, mais tarde hinários em língua alemã foram impressos aqui no Brasil até que fossem aos poucos traduzidos ao longo do século XX. Assim também toda literatura eclesiástica luterana[44]; 3) a própria imagem de Martinho Lutero[45] estava presente na representação dos imigrantes e seus descendentes luteranos, transmitido oralmente nas prédicas/sermões, no ensino confirmatório (catecismo), etc.

Era-lhes importante não somente o caráter religioso da Reforma (e de Lutero), mas também seu aspecto nacional e étnico: a germanidade presente nos aspectos religiosos institucionais. As comunidades teuto-brasileiras conservaram por longo período o uso da língua alemã em seus trabalhos. O uso da língua alemã nas atividades eclesiásticas também trouxe consigo barreiras sobre o conhecimento e expansão do luteranismo em terras brasileiras.

A língua alemã ocupou a principal forma de comunicação entre os imigrantes alemães. Serviu como meio de transmissão e manutenção de um jeito de ser, de uma identidade cultural e religiosa. Historicamente, articulou-se com os valores religiosos confessionais (cristãos protestantes luteranos) atrelados à afirmação de uma identidade alemã (depois teuto-brasileira). A língua alemã possui valor histórico,

---

[44] Exemplo disso são os periódicos oficiais luteranos *'Kirchenblatt'*, *'Sonntagsblatt'* e *'Der Lutheraner'* que circulavam nas comunidades luteranas.

[45] Entre luteranos, de um modo geral, a figura de Lutero é central e as memórias atreladas ao reformador são também visuais e imaginadas. Como se trata, porém, de um sistema de crenças altamente racionalizado, as imagens recebem reinterpretações feitas a partir da releitura de tais crenças em contextos diferentes, estimuladas pelas conjunturas histórico-sociais e pelas relações de poder. Nessas reinterpretações, visões de mundo, culturas políticas e identidades vão sendo geradas, negociadas, refeitas, revistas. Certos conhecimentos, nesse contexto, são pré-condições para a compreensão de alguns significados de imagens religiosas. Muitas vezes, tanto a iconografia quanto a doutrina precisou ser explicada pelo clero, a imagem agindo como reforço e lembrança da mensagem oral ou escrita, mais do que como uma fonte independente (HUFF JÚNIOR, 2006, p. 145)

lugar simbólico, especialmente dentro do luteranismo, num diálogo entre o passado e o presente. É pela língua que a história e memória foi e é conhecida e transmitida às gerações.

3.1.4 Luteranismos e etnicidade

Instituições estiveram relacionadas aos imigrantes alemães e descendentes de modo a influenciar no modo de vida, estabelecimento e permanência deles em território brasileiro. Entre elas, como visto, a imprensa alemã, clubes e associações esportivas, as escolas paroquiais (confessionais), comunidades religiosas e também a própria Igreja. Para Simon Schwartzmann (1984, p. 161) a "religiosidade sempre foi um componente importante das tradições culturais alemãs". Também Giralda Seyferth (1981) enfatizou a religiosidade e seu impacto entre os imigrantes e descendentes, especialmente as igrejas católica e luterana. Para o historiador Lauro Emílio Wirth, de 1824 a 1840, "é o único período em que a relação entre a religião e a etnia no protestantismo de imigração pode ser considerado livre de ingerências de instituições estrangeiras" (WIRTH, 1998, p. 27).

O luteranismo em terras brasileiras possui quase que o mesmo tempo de existência da chamada "independência do Brasil". A imigração teve início em 1812, quando os alemães se dirigiram inicialmente à colônia Leopoldina, na Bahia (1818); depois à colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro (1819) e ainda depois à colônia São Jorge de Ilhéus, no sul da Bahia (1822). Contudo, essas primeiras experiências de imigração germânica (alemã) foram frustradas pela inadaptação dos imigrantes europeus ao clima, as doenças e também as dificuldades destes no plantio, haja vista o diferente tipo de solo da região. Foi a partir de 1824 que imigrantes alemães luteranos recrutados pelo governo imperial brasileiro migraram para cá, por uma série de razões, dentre as quais se destaca a socioeconômica. Após a unificação alemã em 1871, cresceu o nacionalismo e se solidificou a identificação do germanismo-luteranismo. Com as duas grandes guerras, mas mais especificamente a segunda, com as políticas do Estado Novo, criado por Getúlio Vargas, houve a proibição de qualquer tipo de utilização da língua alemã. Houve constantes perseguições, rede de escolas paroquiais luteranas foram desmanteladas, o uso do alemão nas atividades eclesiásticas foi proibido, pastores e líderes religiosos foram perseguidos e presos, templos luteranos foram fechados por ordem governamental,

e os serviços na igreja passaram a ser realizados em língua portuguesa. Ocorreram profundas mudanças.

Para Paul Freston (1998, p. 62), o "luteranismo se caracteriza sociologicamente como igreja desde os primórdios." Como a forma mais antiga de protestantismo no Brasil, o luteranismo representa um tipo sociologicamente diverso no campo protestante. "Essa diferença decorre do reforço mútuo de dois fatores: é uma fé de imigrantes, e é o único grande grupo protestante no Brasil que é igreja no sentido sociológico."[46]

Dentro do vasto e complexo campo de estudos sobre o protestantismo na América Latina, há na respectiva literatura, um certo consenso mínimo, no que se refere a algumas características do chamado "protestantismo de imigração" na América Latina. São elas:

> 1) É um protestantismo que se formou a partir do fenômeno imigratório na América Latina, fenômeno que condicionou fortemente seu crescimento, quando a imigração era intensa, ou sua retração, quando a imigração estagnou. 2) O imigrante é portador, não somente de uma tradição religiosa, mas de toda uma bagagem cultural e ideológica distinta daquela da sociedade receptora. Essa bagagem representa um fator de coesão do grupo e lhe confere uma identidade no meio que lhe é estranho e, muitas vezes, adverso. 3) O grau de tolerância religiosa conquistado por esse protestantismo, pelo menos no que se refere ao aspecto legal da questão, é determinado pela necessidade de mão-de-obra por parte dos países receptores dos imigrantes, onde o catolicismo era a religião hegemônica, quando não oficial. 4) O protestantismo de imigração é, por isso, um protestantismo étnico que tem **na preservação da cultura e, especialmente, na preservação do idioma uma de suas características fundamentais.** No plano institucional, aparece inicialmente vinculado a igrejas do país de origem. 5) Com as novas gerações, nascidas nos países de imigração, constata-se um processo de aculturação que se evidencia na independência institucional, na adoção do idioma nacional, no engajamento social, no desenvolvimento de estratégias para conquistar adeptos entre a população autóctone, um processo que geralmente vem acompanhado por uma crise de identidade, por estagnação ou por um crescimento apenas vegetativo. (WIRTH, 1998, p. 157-158, grifo nosso)

Consciente da não completude da expressão conceitual "protestantismo de imigração", e de seus similares como "protestantismo de transplante" ou ainda "protestantismo étnico", como também de seus distintivos pares denominados de protestantismo "de missão" e "pentecostal", haja vista os seus limites insuficientes para abarcar este tipo de fenômeno e experiência religiosa, com as devidas reservas

---

[46] No sentido clássico weberiano, ou seja, para diferenciá-la das categorias "seita", "denominação". O autor se refere ao uso no sentido sociológico enquanto tipos ideais, pois "*Igreja* significa uma grande instituição religiosa cujas fronteiras se confundem com as da nação ou da etnia." (FRESTON, 1998, p. 62)

e provisoriedades, diria que ainda é o conceito mais aproximado para "situar" o luteranismo no Brasil.

Na relação entre luteranismo e germanidade se articulou uma importante marca de etnicidade: a língua alemã. Tanto no contexto alemão como no teuto-brasileiro, a língua alemã sempre esteve estreitamente vinculada a Martinho Lutero e à Reforma Protestante, configurando-se assim num símbolo sagrado de identidade étnica, no qual se expressam visão de mundo e um jeito de ser do povo alemão, dos imigrantes e seus descendentes. Para Joana Bahia (2008, p. 23) "A Igreja Luterana é quem viabiliza melhor este sentimento de germanidade através do uso do alemão oficial."

Ao ser perguntado sobre o uso da língua alemã no cotidiano com os membros da comunidade, o Pastor Schwarzerdt (2022) relatou

> É, vamos dizer, é meio natural. A gente já chega e *Guten Tag* e a partir disso vai falando. Ou seja, para algumas pessoas, essas de mais idades, falar português cansa, porque tem que traduzir. Então eles falam, mas sempre tem que traduzir. Mas eles dizem assim, alguns dizem assim, **meu Deus ele fala alemão**. Então, o pai nosso, quando reza o pai nosso, *Vater Unser*, então é mais o alemão. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022, grifo nosso)

> Então, os nossos alemães ainda valorizam muito o idioma, como *Hunsrick*, como Pomerano, como *Plattdeutsch*. O *Hochdeutsch* acabou sendo assim, ah, é o idioma que se usa na igreja. Como que quase comum. Mas, quando eu disse antes: o meu Deus fala alemão, que as pessoas mais antigas às vezes dizem, quando elas falam isso, elas dizem assim, que **o meu Deus fala no dialeto**. Não é, sabe?! Eu entendo mais o dialeto. O alemão, eu escuto e entendo. Mas, para a hora de falar, sabe?! (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022, grifo nosso)

É importante lembrar da presença de alemães protestantes luteranos que aqui aportaram e assim permaneceram durante o século XIX até a institucionalização eclesiástica luterana em forma de 'sínodo' que ocorreu, de fato, somente no século XX. No período inicial dos assentamentos e estabelecimento dos alemães, as comunidades luteranas que se formaram se organizaram de formas independentes, autônomas e sem vínculo institucional, pois o contato entre elas era muito pouco ou quase nada, ou ainda simplesmente nem existia por causa das longas distâncias e o insulamento das colônias.

Segundo Dreher (1984), existia um outro fator que isolava ainda mais os alemães de origem luterana. Era que "os católicos ainda tinham, através de sua fé, um laço que os unia à população brasileira; esse laço faltava aos protestantes. Por esse motivo, pelo menos no período pré-sinodal, eles estiveram social, política e

eclesiasticamente isolados" (DREHER, 1984, p. 58). Nestes termos, a relação entre igreja e germanidade no período denominado pré-sinodal foi meramente casual.

> Organizações eclesiásticas luteranas, na forma de "sínodo", são um fenômeno da época da virada do século XIX para o XX – quando os luteranos já se encontravam havia mais de 60 anos no país. Em 1886 foi criado o primeiro sínodo [...] o Sínodo Riograndense, ao qual se seguiram até cerca de 1910 sínodos semelhantes em outros estados. (GERTZ, 2007, p. 16)

O historiador Martin Dreher (2005) explicou que a primeira tentativa de formação institucional luterana aconteceu em 1868, impulsionados por pastores alemães, no entanto, não obteve êxito porque as comunidades luteranas surgiram por iniciativas de leigos, isto quer dizer, não de pastores ou também chamados de "pseudo-pastores". Depois disso, vários sínodos surgiram no Brasil.

> Após o fracasso dessa primeira tentativa, contudo, outras tentativas seriam coroadas de sucesso, permitindo a formação de quatro igrejas regionais. Surgiriam, assim o Sínodo Riograndense (1886), o Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados da América do Sul (1905), a Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná (1911) e o Sínodo Evangélico do Brasil Central (1912). (DREHER, 2005, p. 24)

Em 1950, reunidos numa "Federação Sinodal", estes grupos passaram a se denominar "Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil" (IECLB). Em sua constituição de 1933, ainda como Sínodo Evangélico Luterano do Rito Alemão, assegurou por princípio:

> Como objetivo do Sínodo é mencionada: a "pregação do Evangelho em palavra e sacramento. Para cumprir esta tarefa ele busca o fortalecimento e a divulgação de vida eclesiástico-evangélica no âmbito do etnicismo alemão nos estados mencionados. Seu objetivo é a ampliação de uma Igreja evangélica nacional de caráter alemão, em estreita relação com a Igreja evangélica da pátria alemã" (§ 5o) (PRIEN, 2001, p. 322)

O Sínodo Riograndense, um dos precursores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), definiu-se como sendo de 'rito alemão', voltado aos imigrantes alemães e seus descendentes, e assim, recorreu ao alemão como única língua litúrgica e buscou pregar o Evangelho 'nos termos que Lutero proclamou'. Os líderes da época não concebiam outra possibilidade, a não ser que a pregação do Evangelho fosse em língua alemã, ou seja, uma igreja declaradamente étnica, em primeira linha, que defendia uma "fé alemã".

Dreher (1984) lembrou que houve um certo orgulho "nacional" entre os pastores alemães que atuavam no Brasil, ainda antes da unificação alemã. Em 1871, com a criação do estado unificado alemão (Segundo Reich), já se percebia este sentimento entre os pastores. Segundo o historiador, a vitória na guerra franco-prussiana foi, inclusive, celebrada em alguns cultos. Assim sendo, pastores e comunidades passaram a cultivar o caráter germânico em reduto eclesiástico. Deste modo, "faltava-lhes uma organização, na qual pudessem agir em favor da preservação da germanidade" (DREHER, 1984, p. 75).

O pastor luterano Wilhelm Rotermund, considerado fundador do Sínodo Riograndense, falava de um certo 'espírito' (*Geist*) alemão, cultivado da seguinte maneira: "falando alemão, pensando em alemão, vivendo à maneira alemã". (WILLEMS, 1940, p. 305) Em outra ocasião, o pastor Rotermund também afirmou: "Abandonando a germanidade, começando a usar a língua portuguesa na família, eles também se perdem para a Igreja evangélica; deixando de ser evangélicos, negligenciando sua igreja, sua germanidade também desmorona." (DREHER, 1984, p. 37). Erich Fausel, biógrafo do Pastor Rotermund, afirmava: "O cultivo da germanidade está no sangue da Igreja evangélica, que, com razão, foi designada de fruto da união do Evangelho com o espírito germânico." (DREHER, 1984, p. 92).

Por ocasião da reunião de um Concílio Sinodal na localidade de Paraíso em 1901, onde se alterou o nome do Sínodo Riograndense para Igreja Evangélica Alemã do Rio Grande do Sul, o pastor Max Dedekind afirmou o seguinte: "acentua-se, com razão, com isso também o trabalho de nossa igreja no sentido nacional. Queremos ser e permanecer alemães até a medula" (DREHER, 1984, p. 96).

"No campo religioso, tornou-se linguagem corrente a afirmativa: *Luthertum ist Deutschtum* (Luteranismo é germanidade)" (MAGALHÃES, 1994, p. 170).

É sabido que desde a sua chegada ao Brasil, o povo luterano se utilizou de literatura eclesiástica tais como bíblias, hinários e catecismos que lhes serviam para alimentar e sustentar a fé dos imigrantes e de seus descendentes por décadas. As comunidades que surgiram fizeram uso deste material impresso, ainda em alemão, sendo posteriormente traduzido para a igreja organizada e espalhada nacionalmente. Isto só veio a ocorrer na segunda metade do século XX. Weber (1996, p. 136) confirma:

> As primeiras Comunidades evangélicas que se formaram em solo pátrio, continuaram a usar, nos cultos em suas modestas capelas ou salas, bem como nas horas devocionais e de recolhimento espiritual na família, o hinário evangélico alemão, que trouxeram entre a modesta bagagem do além-mar para a nova pátria.

O pastor luterano Meinrad Piske (1978) também corroborou o mesmo a respeito dos imigrantes no Vale do Itajaí: "Os imigrantes do Vale do Itajaí tinham desde o início a Bíblia e o hinário, os dois livros básicos da vida da comunidade evangélica." (p. 34)

Duas pessoas entrevistadas partilharam da mesma memória ao afirmarem:

> Mas são pessoas que pensam na união, no trabalho, na educação. Porque onde tinha uma igreja, tinha uma escola. Esse era o princípio de tudo que o Lutero pregou. E eu acho que esse foi um ensinamento que eles levaram a sério. Porque o que eles trouxeram na bagagem? A Bíblia, o Hinário e o Catecismo Menor.. Então, eu acho que essa é. E até agora... Agora a gente até diz assim, eu sou luterano. (Frau Christa, 81 anos, SC, 2022)

> Mas entre os alemães sempre teve esse muito, tem que aprender a ler, para poder usar o Hinário, para poder ler a Bíblia. Aprender a ler não era tanto para ler algum livro, alguma coisa assim. Era mais, sabe, para livro, para livro era o que? Que toda casa tinha, era hinário e bíblia, catecismo. Então, tinha que aprender a ler isso, para isso era importante. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Sobre o mesmo fenômeno, temos o caso do outro sínodo, precursor da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) que era um pouco diferente. Já havia bíblias, folhetos, panfletos, catecismo, entre outras literaturas oficiais eclesiásticas traduzidas para o português. Sobre o hinário, o Professor de música do Seminário Concórdia de São Leopoldo, Raul Blum (2015) relatou:

> A primeira fase do canto na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) foi o canto em alemão (1900-1920). Os missionários luteranos americanos procuravam pessoas de fala alemã e os reuniam com vistas a formar uma congregação. Todo trabalho era feito em alemão. (BLUM, 2015, não p.)

A partir de 1920, foi editado, traduzido, impresso, publicado e distribuído o primeiro hinário em língua portuguesa desta vertente do luteranismo brasileiro. Este hinário foi produzido por uma "*Commissão em prol da missão ev.-lutherana luso-brasileira*" sob o título "*Hymnos e Orações*". No entanto, foi somente na edição do hinário de 1986 da IELB que houve algum destaque para autores e compositores nacionais do século XX.

No final da década de 1930, Reinhold Maack apresentou os seguintes números sobre a religiosidade dos imigrantes alemães no sul do Brasil:

> Cerca de 300.000 pessoas, ou seja, 30% da população alemã dos três Estados do Sul do Brasil, são católicos e cerca de 70% (621.000) pertence a várias seitas protestantes, tais como a Igreja Evangélica alemã, a chamada "Missouri Synod" e um certo número de congregações livres. (MAACK, 1939, p. 11)

Outro sínodo aqui citado, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), foi organizado em 1904 como Distrito do Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos da América do Norte. Denominava-se, então, *Der Brasilianische District der Deutschen Evangelische-Luterische Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten* (Distrito Brasileiro do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados). Ainda em 1900, cônscios da presença de alemães luteranos no sul do Brasil, que careciam e reclamavam para si assistência eclesiástica e pastoral, o Sínodo de Missouri enviou pastores missionários para atender estes imigrantes e seus descendentes. Em 1920, ele foi registrado como "Synodo Evangélico Lutherano do Brasil". Após anos de discussão sobre a nomenclatura eclesiástica que se adequasse ao contexto brasileiro, na Convenção da Igreja em 1953, foram aprovados os estatutos com a seguinte denominação: "Igreja Evangélica Luterana do Brasil" (IELB). Segundo Paulo Buss (2006, p. 21) "esse nome foi submetido à apreciação da 43ª Convenção regular da LCMS [*Lutheran Church Missouri Synod*], sob o argumento de que os irmãos brasileiros acreditavam que a mudança do nome facilitaria seu trabalho, e recebeu a aprovação da mesma." A IELB, dada sua peculiaridade, por se tratar de uma religião étnica e com aspirações missionárias, apresentou dificuldades para se integrar à vida e à realidade brasileira. Estas peculiaridades acabou por marcar os caminhos da instituição historicamente, refletindo-se na formação de sua identidade. Segundo Prien (2001, p. 530), "Kunstmann escreveu: O germanismo dos missourianos não é um fim em si mesmo, mas apenas meio para fim (...)". E ainda:

> O rigoroso confessionalismo bem como a separação física e espiritual da crescente nacionalização do cristianismo evangélico na Alemanha do século XIX preservaram as comunidades missourianas no Brasil de uma mistura de evangelho e germanismo. Usavam a língua alemã como meio de pregação, não, porém, por razões eclesiológicas. (PRIEN, 2001, p. 534)

Os vínculos históricos distintos, a IELB com o Sínodo de Missouri (EUA) e a IECLB com a Europa, especialmente a Alemanha, trouxeram algumas ênfases doutrinárias e de *práxis* diferentes. O campo religioso (interno dentro do próprio luteranismo) manifesta um espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais e religiosas. Neste sentido, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) estabelecem relações oriundas do movimento em comum chamada de Reforma (Protestante ou Luteran*a)* atribuída a Martinho Lutero. A IECLB possui 634,286 membros (2019)[47] em 413 paróquias, em torno de 577 pastores e pastoras (2004)[48]. Por sua vez, atualmente, a IELB possui 245.631 membros batizados em 532 paróquias, em torno de 615 (2018)[49]. Atualmente, são as organizações mais expressivas do luteranismo no país, pois juntas possuem cerca de 90% de adeptos de origem imigrante alemã.[50]

A relação entre ambas se constitui num espaço dinâmico e simbólico, com lógica e leis próprias, e marcada por disputas ocorridas em seu interior com interesse nas relações estabelecidas entre os seus componentes, sejam agentes ou estruturas. Neste espaço simbólico as lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações. Há uma classificação dos signos que determinam, por assim dizer, o que é adequado e o que pertence ou não a um determinado código de valores. Exemplo disso são as diferenças entre os sínodos como a questão do *status* do etnicismo, a intencionalidade do uso da língua para determinados fins e seus respectivos interesses (capital linguístico), a compreensão diferente da responsabilidade pública eclesiástica e ainda a abordagem hermenêutica da Bíblia e das confissões luteranas.

Neste espaço constituído, estruturado e estruturante, os dois principais "corpos eclesiásticos" do luteranismo brasileiro também buscaram manter certo diálogo de aproximação através de atividades em conjunto na "Comissão

---

[47] Dados obtidos da Estatística da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil da Federação Luterana Mundial com base no ano de 2019. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/2020/documents/lwi-2019-statistics-n20200825.pdf> Acesso em 18 de dez. 2022.

[48] Dados obtidos no Portal Luteranos - Estatística IECLB. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatistica-ieclb>. Acesso em: 18 de dez. 2022.

[49] Dados obtidos no lançamento da temática de 2020 no Conselho Diretor de 2019 da IELB. Disponível em: <https://www.ielb.org.br/noticias/visualizar/6587/lancamento-da-tematica-de-2020-no-cd-2019?r=1?r=1&r=1>. Acesso em: 18 de abr 2022.

[50] Cf. JUNGBLUT, A L. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.) **Os alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994, p. 142-144.

Interluterana de Literatura" (CIL), "Luteranos Unidos em Comunicação" (LUC) e na "Comissão Interluterana de Diálogo" (CID). Esta última, a CID, promoveu em 1994 um encontro destas duas igrejas luteranas e, consequentemente, foi redigido em conjunto o chamado "Convênio de Cooperação Igreja Evangélica Luterana do Brasil - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil", onde se buscou enfatizar os pontos de trabalho e atuação similares. No entanto, os esforços de aproximação de ambas as igrejas luteranas, não eliminaram as diferenças e tensões no campo de atuação no Brasil, especificamente aqueles que fizeram parte do processo de imigração alemã, atendimento "espiritual" ao rebanho que lhes era comum (imigrantes alemães e seus descendentes), diferenças dogmáticas e formas de construção, estabelecimento e administração institucional (sinodal e confessional).

Gertz (2007) também destacou que os imigrantes alemães luteranos formaram comunidades autônomas por uma certa resistência em aceitar uma liderança organizacional entre eles. "Esta constatação refletia a tendência dos luteranos em organizar-se em comunidades autônomas, renegando, conscientemente, a organização em instâncias eclesiásticas mais amplas". (p. 16)

Este era o quadro do luteranismo brasileiro até o fim da Segunda Guerra Mundial. Especialmente, a proibição das pregações em língua alemã, as perseguições e prisões de pastores e lideranças eclesiásticas, fez com que a igreja luterana repensasse sua presença e o seu papel em terras brasileiras. Segundo Behs (2001), gradativamente ocorreu-lhes o processo de "abrasileiramento" e a linguagem foi o passaporte dessa "tímida" mudança. O alemão já não era mais a única língua litúrgica. Também não foi substituída radicalmente pelo português. Em muitos lugares, assumiu caráter bilíngue, oferecendo cultos e serviços religiosos em língua portuguesa e alemã. Logo, os imigrantes e seus descendentes desenvolveram uma cultura própria, a teuto-brasilidade. O Brasil era a sua pátria, consideravam-se cidadãos brasileiros (*jus solis*), mas ainda estavam ligados à nação alemã (*jus sanguinis*) pela língua, costumes e espírito (*Geist*).

No ano de 1962, um grupo muito importante de protestantes ligados a diversos movimentos e instituições que buscavam pensar a realidade social do Brasil, reuniu-se em Recife para um importante evento chamado de "Conferência do Nordeste". Teólogos cristãos renomados e grandes nomes da intelectualidade brasileira estavam presentes, dentre os quais, Gilberto Freyre que, em sua palestra intitulada "*O artista: servo dos que sofrem*", teceu a seguinte crítica aos protestantes:

> É curioso que até agora o cristianismo evangélico só tenha concorrido salientemente para enriquecer a cultura brasileira com insignes gramáticos (...). É tempo de o cristianismo brasileiro evangélico ir além e concorrer para esse enriquecimento com um escritor do porte e da fama revolucionária, eu diria também, de Euclides da Cunha; com um poeta da grandeza de Manuel Bandeira; com um compositor que seja outro Villa-Lobos, que componha baquianas brasileiras que sejam a interpretação ao mesmo tempo evangélica e brasileira de Bach. Também um caricaturista ou teatrólogo revolucionariamente evangélico que pela caricatura ou pelo teatro denuncie os abusos dos ricos que para conservarem um privilégio de classe pretende se fazer passar por defensores ou conservadores de tradições religiosas ou mesmo do que se intitula às vezes, pomposa e hipocritamente, civilização cristã (...). Acompanharei desde agora com maior simpatia aquelas suas atividades cristocêntricas que se desenvolvam em benefício do Brasil, e adaptando-se ao Brasil. (FREYRE, 1962, p. 62-63)

O protestantismo tradicional não alcançou integração à brasilidade de modo que o tornasse uma religião nacional. Alguns avanços foram alcançados mais e menos significativos. Desde a chegada, como "protestantismo de migração" ou mesmo "de missão", chegou como religião estrangeira e passados quase duzentos anos ainda apresenta certas dificuldades com a grande cultura popular brasileira.

Os dados do Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[51], de um universo de 999.498 pessoas que se declararam luteranas, 51,73% eram mulheres e 48,27% homens; sobre a situação de domicílio temos: 68,66% no meio urbano e 31,332% no meio rural; declararam-se 90,51% brancos, 7,71% pardos, 1,32% negros, 0,31% amarelos e 0,14% indígenas. (IBGE, 2010, p. 145) Os luteranos possuem o percentual de brancos 43% maior que a média nacional e os demais grupos étnicos são bem menos representados. A uniformidade étnica revela a origem e trajetória de sua membresia, ou seja, são a maioria descendentes de imigrantes alemães, cuja maior concentração como grupo populacional está na região sul do país.

3.1.5 A imprensa religiosa germânica

A imprensa religiosa também foi muito importante para a divulgação, circulação e manutenção de aspectos da germanidade. O expressivo número de jornais, revistas, almanaques, anuários, entre outras formas impressas de

---

[51] Segundo o Portal Luteranos (2022), em carta circular informe da presidência da Igreja Evangélica Luterana no Brasil (IECLB) sobre o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022, seus dirigentes principais orientaram os membros de suas respectivas Comunidades a indicar a abreviação "IECLB" na resposta à pergunta sobre religião ou culto, pois o Censo oferece uma listagem de aproximadamente 25 Igrejas que usam a denominação "luterana" em seu nome, como forma de testemunho e uma possibilidade de visibilidade da Igreja.

publicações, circularam pelos estados do sul desde meados do século XIX. Segundo Behs (2001, p. 96), "igreja, escola e imprensa foram os três pilares mestres de sustentação da política de preservação da identidade étnica. E os três pilares tiveram o mesmo revestimento: o uso da língua alemã" (BEHS, 2001, p. 96).

Destacam-se, dentre as revistas religiosas, por exemplo, a *SKT Paulusblatt* (Folheto de S. Paulo). Os primeiros almanaques (*Kalender*), também conhecidos como anuários, eram os veículos de comunicação mais populares, com literatura e informações práticas destinadas aos colonos. Este último, talvez tenha sido um dos principais divulgadores da literatura e temática teuto-brasileira, especialmente no sul do país.

> Essa literatura, que expressa o "Bodenständigkeitsgefühl", ou sentimento de apego ao solo, nos termos de Kuder (1937), não foi adequadamente valorizada, em termos estéticos, inclusive por utilizar uma linguagem teuto-brasileira com importações lingüísticas do português, o que ocorre mais na prosa do que na poesia. Seu valor residia em parte considerável, pensavam vários pesquisadores, no seu aspecto histórico e sociológico. Estudiosos como Erich Fausel, Werner Aulich (1966) e Marion Fleischer, contudo, chamam a atenção para as qualidades estéticas desta literatura, como um fenômeno sui generis. (Kuder[52], 1937; Aulich[53], 1966 *apud* HUBER, 2007, p. 283)

Foram tão populares que, algumas edições como a de 1931, chegaram a ter mais de duzentas páginas, com tiragens de mais de doze mil exemplares. Destacaram-se o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, de Porto Alegre, RS, fundado por Karl von Koseritz e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, de São Leopoldo, RS, fundado e publicado por Wilhelm Rotermund. Também havia outros como o *Der Familienfreund* (O amigo da família), o *Serra Post Kalender* (Anuário do Correio Serrano), de Ijuí, RS, o *Kalender für die evangelischen Gemeinden* (Anuário para as comunidades evangélicas), de São Leopoldo, RS, e o *LutherKalender für Südamerika* (Anuário Luterano para a América do Sul), de Porto Alegre, RS. (HUBER, 2007)

Entre os luteranos, havia o fomento da imprensa eclesiástica ao germanismo e ao uso da língua alemã como única estabelecida pela igreja. Na década de 1880, surgiu o jornal evangélico luterano *Sonntagsblatt* (Folha Dominical), em concomitância com o aparecimento do jornal *Deutsche Post* (Correio Alemão). Era

---

[52] KUDER, M. **Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien**. Berlim: Ed. Ferd. Dümmler, 1937.

[53] AULICH, W. Von Pathos der Auswanderer. In: **Staden Jarbuch**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1966.

um caderno dominical deste último, chamado de *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. (Folha Dominical para a Comunidade Evangélica no Brasil). Outro periódico eclesiástico era a revista chamada *Der Lutheraner* (O Luterano), publicada desde de 1844, pelo pastor C. F. W. Walther, pertencente ao Sínodo de *Missouri*, produzido em Saint Louis, Missouri, nos Estados Unidos. Tratava-se de um folhetim luterano todo escrito em língua alemã. Era distribuído em todas as comunidades luteranas dos Estados Unidos, posteriormente sendo distribuído em terras brasileiras entre os luteranos. Sua versão posterior, em 1903, impressa em Porto Alegre RS, mantinha as mesmas características, no entanto voltada ao Brasil, denominando-se assim de *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamerika* (Folha da Igreja Evangélica Luterana da América do Sul). (HELFENSTEIN, 2016)

Tais periódicos foram impactados em detrimento das consequências das duas grandes guerras mundiais e também das políticas de "nacionalização" que lhes impôs uma série de mudanças e modificações.

Antes da Primeira Guerra, o *Sonntagblatt* se tornou o periódico mais divulgado entre os publicados em língua alemã no Brasil. Em 1917, mudou o nome para *Rio Grandenser Sonntagsblatt* (Folha Dominical Riograndense). Suas edições, por causa do uso da língua, foram interrompidas em outubro de 1917. Retomou suas atividades em 1918, com edições em língua portuguesa, agora sob o título "Jornal Dominical do Sínodo Riograndense". Em fins de 1919, saiu nova edição voltando ao título anterior e novamente publicado em língua alemã. Com a Segunda Guerra o jornal não teve inúmeros problemas. Em 1940, o nome em língua alemã foi substituído por Folha Dominical. Ficou fora de circulação até que recomeçou em 1947, com páginas em língua alemã e portuguesa. Foi em 1971, onde houve a fusão de jornais sinodais, tais como "Voz do Evangelho", "Folha Dominical" (*Sonntagsblatt*), "*Heimatbote*", que surgiu um jornal de abrangência nacional chamado de Jornal Evangélico, mais conhecido pela sigla JOREV, tornando-se assim o periódico oficial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Já, por sua vez, o *Kirchenblatt*, em 1917, modificou o nome para *Mensageiro Christão* e, logo depois, em 1918 passou a ser chamado de *Mensageiro Lutherano*. Em 1941, a revista era impressa em letras góticas e, após a Segunda Guerra, passou a ser editado em caracteres latinos. Atualmente, a revista *Mensageiro Luterano* é a revista oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Segundo Behs (2001), no passado estes periódicos da igreja serviram como sustentáculos do germanismo, mais recentemente contribuíram para a inserção da igreja evangélica luterana na realidade brasileira. Neste sentido, podemos destacar o uso de literatura religiosa em língua alemã pelos entrevistados. Segundo o Pastor Schwarzerdt (2022)

> Nós temos uma biblioteca aqui, que está até saturada de livros, a maioria são de livros em alemão, e são muitos romances, né? Então ainda tem... Vamos dizer assim, não é aquela procura, vou dizer que toda semana tem gente procurando. Mas acontece que alguém que está estudando no *Goehte-Institut*, ou está fazendo algum curso, diz assim, ah, eu precisava de um material, vocês têm? Não sei, vamos ver. Aí que tipo de nível é? Ah, às vezes é uma coisa mais didática, ou às vezes a pessoa se arrisca e leva algum tipo de romance. (Entrevistador:) E literatura tipo devoções, reflexões? (Entrevistado:) Poucas pessoas ainda usam, nós usamos junto com a IELB o Castelo Forte, né? (Entrevistador:) Sim, esse em português, né? Entrevistado: Em português. Mas nós temos também o *Die Festburg*, que é Castelo Forte em alemão. ... E também temos *Die gute saa*t, é um outro devocionário em alemão, que obras missionárias na Alemanha ainda preparam e acabam... (Entrevistador:) O hinário também é em língua alemã? (Entrevistado:) Tem, nós temos o hinário, a Bíblia, né! E, bom, Catecismo e tudo isso, que a gente também tem em língua alemã. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

> A liturgia é basicamente a mesma, a gente usa hinos que são cantados na Alemanha, alguma coisa a gente traduz, mas a maioria são hinos de lá e também muitos hinos que já estão na nossa tradição há muito tempo. ... Nós temos devocionário que a gente vende da Alemanha, que é da igreja alemã, que é em alemão, que a gente vende pras pessoas. A Alemanha manda aí pra igreja hoje ainda por um preço bem acessível. A gente tem os hinários em língua alemã, que foram confeccionados pela igreja já várias vezes. Eu acho que a última edição é de 2006, eu acho. São utilizados no culto. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

3.1.6 Uso da língua como marcador identitário e cultural

Ao se tratar da questão migratória, mais precisamente do imigrante em si, não há como dissociar a relação dele com a sua língua, história, memória e identidade. Neste sentido, a questão identitária se expressa e se sustenta através da língua. Sabemos, pois, que a identidade não é estável, homogênea e acabada. A identidade possui caráter dinâmico e está em constante movimento, negociação e constituída de atravessamentos e entrecruzamentos de discursos. As identidades sociais são forjadas no discurso, pois é a partir dele que construções imaginárias são constituídas, produzidas e reproduzidas. O imaginário identitário está relacionado ao uso da língua nas práticas sociais e que envolve a memória "discursiva" dos imigrantes alemães e seus descendentes. Mesmo com a política de interdição e

proibição do uso da língua estrangeira no Brasil durante o Estado Novo, como imposição jurídica da língua nacional, a língua materna cumpriu a função de objeto simbólico de identificação do grupo social dos imigrantes de origem alemã.

Especialmente a primeira língua, é muito importante como manifestação identitária que caracteriza a pessoa na sociedade. A depender do grau de domínio e forma de uso é possível deduzir a naturalidade, grau de instrução e até o nível e classe social do falante. No caso do imigrante, a língua pode determinar maneiras de inclusão (no sentido de integração) e exclusão (não integração).

Costuma-se classificar historicamente a questão linguística em três fases:

> a fase monolíngüe, quando os imigrantes falavam a língua de origem e, paulatinamente, iniciaram a aquisição do português como segunda língua; a fase bilíngüe, em que os imigrantes e seus descendentes usavam o português como língua do meio externo e a língua de seus ancestrais nas comunicações familiares e comunitárias; e a fase inicial de difusão do português, que corresponde às terceira e quarta gerações dos descendentes. (MARGOTTI, 2004, p. 37).

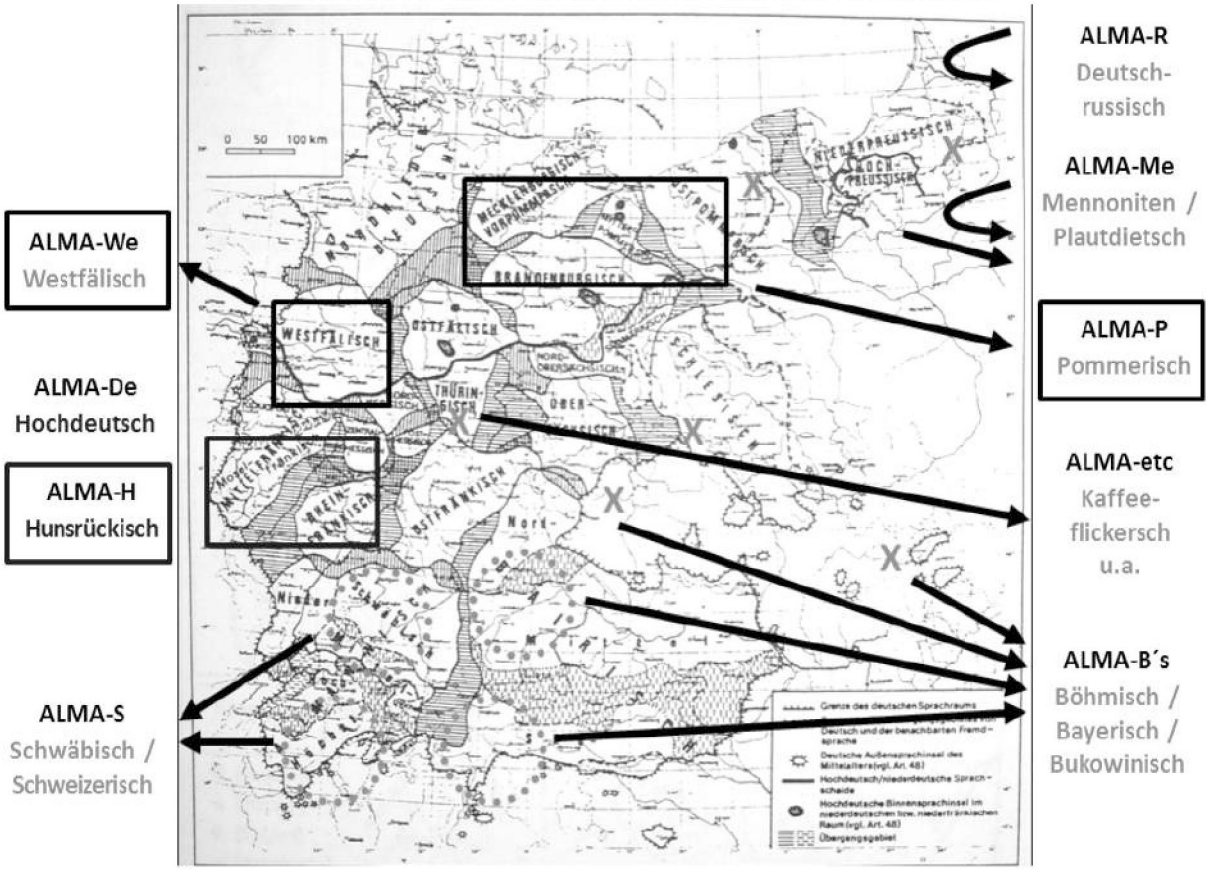
Cada fase possui suas características, sendo que foi no encontro das línguas a produção de uma grande variedade linguística. Interessante que este movimento de deslocamento "linguístico" acompanha e foi similar à mudança e transformação no campo jurídico a respeito da questão da cidadania, aspecto identitário muito importante para o teuto-brasileiro.

Segundo Vilela (2004), também não existe um "dialeto" teuto-brasileiro homogêneo (unificado), sendo a língua falada pelos descendentes de alemães formada por diversos dialetos (socioletos, familioletos) que se constituíram na "mistura" com o português. Os estudos linguísticos apontam que a interferência acontece quando, enunciados de uma determinada língua, possuem alguns elementos que pertencem a outra língua. Nestes termos, a influência da língua nacional na língua materna do imigrante germânico, ocorre em todos os níveis da gramática. Um exemplo típico e bem conhecido é a apropriação do português no uso dos verbos que recebem na linguagem teuto-brasileira terminações próprias da língua alemã, como no dialeto do *Hunsrück*, por exemplo, tais como *lembrieren* (lembrar), *namorieren* (namorar), *ofendieren* (ofender), *respondieren* (responder), entre outros.

O Brasil é caracterizado como um país marcadamente plurilíngue, assim como também a Alemanha. No campo linguístico, especialmente nos contatos e

intersecções da teuto-brasilidade, temos uma mescla de dialetos alemães em situação diglóssica com o denominado "alemão padrão" (*Hochdeutsch*) e em contato direto com o português brasileiro. Von Borstel (2011, p. 59) afirmou que o *Brasildeutsch* ("alemão brasileiro") "evidencia-se na composição de uma hibridização de traços formais da língua alemã, de traços de dialetos regionais e locais com o português bidialetal." Neste sentido, a identidade teuto-brasileira é forjada e representada pela língua e cultura alemã e brasileira e também no contato com os dialetos e variações regionais e locais. Para Ammon (2004), a língua alemã no contexto brasileiro é o resultado das variedades nacionais e regionais do "alemão padrão" e das "variedades dialetais", com destaque ao *Hunsrück* e *Plattdeutsch*, e suas respectivas variantes locais como o francônio, o alemão suíço, suábio (*Donauschwaben*), pomerano, westfaliano e *Deutschruss*. (SAVEDRA; DAMKE, 2012).

FIGURA 10 - ORIGEM DAS VARIEDADES DO ALEMÃO NO BRASIL - MAPA DE FUNDO ÁREAS DIALETAIS DO ALEMÃO NA MATRIZ DE ORIGEM NA EUROPA



FONTE: Wiesinger[54] (1983) *apud* Altenhofen; Thun (2017)[55]

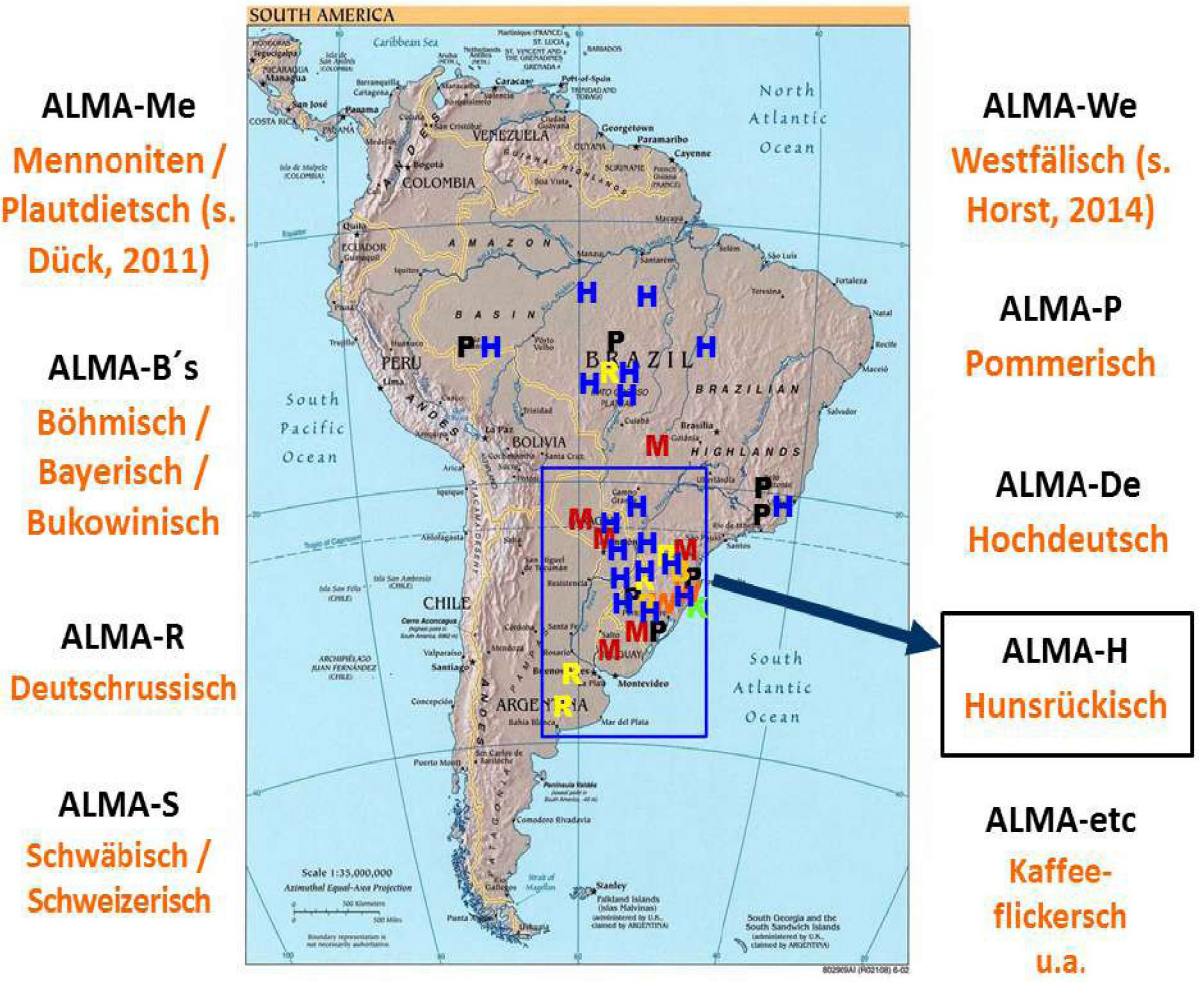
A construção da identidade teuto-brasileira está relacionada a partir do contato das variedades nacionais, regionais e dialetais do alemão, com a língua e cultura brasileira. Neste sentido, há que se considerar a língua, assim como outros aspectos da cultura, parte integrante de um processo complexo da permanente construção identitária teuto-brasileira. Tal processo possui caráter dinâmico e se modifica ao longo do tempo e vida dos sujeitos de linguagem envolvidos nas situações de contato e intercâmbio linguístico cultural sob influências históricas, políticas e sociais. A história da imigração alemã para o Brasil apresentou

[54] WIESINGER, P. Die Einteilung der deutschen Dialekte. In: BESCH, W. *et al.* (Hrsg.) **Dialektologie** Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung. 2. Halbbd. Berlin; New York: de Gruyter, 1983. p. 831

[55] O *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA) é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre). Para tanto, o Projeto conta, desde janeiro de 2008, com o apoio financeiro da Fundação Alexander von Humboldt (www.avh.de), no âmbito do programa de parcerias binacionais entre institutos. Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a elaboração do ALMA orientam-se pela dialetologia pluridimensional e relacional. (ALTENHOFEN; THUN, 2017, não p.)

transformações peculiares e distintas, causadas pelos diferentes usos que os agentes fizeram das suas respectivas línguas, nas mais diversas situações de comunicação e inter-relacionamentos; no uso das mais diversas variações linguísticas nacionais, regionais e dialetais das línguas e culturas alemã e portuguesa, em múltiplos lugares, ambientes e espaços públicos, particulares e íntimos. Desta maneira, a identidade teuto-brasileira foi e é construída e reconstruída, especialmente no sul do Brasil.

FIGURA 11 - VARIEDADES DE LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL (E BACIA DO PRATA)



FONTE: Altenhofen; Thun (2017)

Segundo Altenhofen e Thun (2017) o *Hunsrückisch*[56] representa a variedade mais ampla, difundida e de maior expressão e representatividade numérica de falantes, dentre as principais variedades da língua alemã identificadas em território

[56] No Brasil também é conhecido e chamado de hunsriqueano, *Hunsrick*, *Hunsbucklisch*, *Deitsch*. Para maiores informações, estudo e pesquisa sobre este grupo especificamente (e a língua), verificar ou consultar o trabalho e obra ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, R. (Orgs.) *et al.* **Hunsrückisch**: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

brasileiro, e também, inclusive, na Bacia do Prata. Estimam, baseados no censo de 1940/1950 do IBGE[57] e em dados mais recentes dos projetos ALMA (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata) e BIRS (Bilinguismo no Rio Grande do Sul) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), cerca de 1.200.000 falantes de Hunsrückisch nessa área. Também foram encontrados o *Hochdeutsch* (ou *Hochdeitsch*), o pomerano, o *Plattdeutsch,* o westfaliano, entre outras variedades faladas em determinados pontos do nosso país.

Segundo artigo publicado no IPOL (2013), o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, o *Pommeranisch* ou *Pommersch* (pomerano) é um dialeto alemão definido como uma variedade do *Plattdeutsch* (ou *Pommerschplatt*). Vale a pena destacar que o pomerano sobrevive unicamente aqui no Brasil, pois a *Pommernland* (território da Pomerânia), atualmente está dividido entre a Alemanha e Polônia. No *Plattdeutsch*, as vogais são prolongadas transformando-se até mesmo em ditongos, possui predileção por orações relativas e tem gramática e vocabulário próprios. Configura-se numa mistura das línguas faladas no Báltico. Possui semelhanças com o sueco e o inglês, esta última por não haver passado pela "segunda mutação consonântica" (*Zweite Lautverschiebung*) da língua alemã. Na Alemanha, esta variante linguística quase que praticamente desapareceu da esfera pública, pois somente três por cento da população por lá ainda fala esta língua do norte alemão. Segundo Penke (2017), há movimentos que buscam tentar reverter esta situação. Já no Brasil, os falantes do *Plattdeutsch*, encontram-se nos estados do sul do Brasil e também no estado do Espírito Santo. Importante ressaltar que os falantes do *Hochdeutsch* dificilmente compreendem o *Plattdeutsch*, pois, este último, mais se aproxima do holandês do que do "alemão padrão". O *Hochdeutsch*, reconhecido como o "alemão padrão", é a língua utilizada em geral nos atos oficiais religiosos, no ensino nas escolas étnicas e festividades folclóricas. Na perspectiva e abordagem sociolinguística, o domínio da língua do "alemão padrão" por parte dos pomeranos e seus descendentes, possuía relação direta com a possibilidade financeira ou condição econômica dos imigrantes, pois a maioria era pobre, inclusive pelas dificuldades enfrentadas do processo migratório desde a origem.

---

[57] Destacamos que, em relação ao censo do IBGE, desde 1940/1950, o quesito "língua" não faz mais parte dos dados censitários coletados. Ainda hoje, não há dados que determinem o número de pessoas, no Brasil, que ainda fala e mantém, em suas relações familiares e sociais, línguas de imigração (ALTENHOFEN, 2013).

3.2 MEMÓRIA E LÍNGUA: IMIGRAÇÃO E RELIGIÃO

O processo migratório trouxe consigo uma relação entre língua e memória (PAYER, 2000; 2009). O uso da língua atual, praticada por teuto-brasileiros, está relacionada com a experiência sociocultural e histórica de seus antepassados, especialmente com a imigração e colonização germânica. Neste sentido, a língua se constitui num "lugar de memória", tanto nos espaços institucionais, sociais e mais amplos, bem como nos redutos mais (r)estritos, privados e particulares. Neste sentido, é importante compreender a "memória da língua" dos imigrantes e seus descendentes, especialmente no interior de uma nova e outra nacionalidade.

Assim também, a "memória da imigração" está diretamente relacionada com com os usos da língua, oral e escrita, suportadas pela temporalidade, ou seja, do passado e do presente, como memória histórica, e mediadas pela alteridade, como estrangeiro e imigrante, memória individual, coletiva e social, nas suas relações sociais do cotidiano.

3.2.1 A memória da língua

No campo da linguagem, a memória é constitutiva da língua, do uso que se faz dela, do discurso e do sujeito no social. Ela trabalha de vários modos, mas especialmente sob a forma da evidência dos sentidos e suas falhas, de modo representado e constitutivo. A "memória da língua", constitutiva ou representada, coloca-se nos processos de identificação tal qual um fio que tece o simbólico dos sujeitos no coletivo. A "memória constitutiva" na língua do imigrante ou descendente está presente no uso atual que se faz dela como expressão comunicativa. Na forma material, faz-se presente na estrutura através da sonoridade, fonética, morfologia, sintaxe, léxico, expressões (idiomáticas), interjeições, na construção gramatical, etc. Neste caso, os elementos de memória na língua não se apresentam como outra língua, e sim como evidências da própria linguagem. Isto ocorre quando é dito pelos descendentes que não falam a língua dos antepassados e não possuem suas marcas, quando elas podem ser identificadas na sua linguagem. É nesta memória sócio-histórica que ocorre de forma mais intensa a relação do sujeito com seus traços de memória constituídos ao longo de sua experiência e vivência no *modus vivendi* e de significação brasileiros, mesmo que ainda se identifique uma maneira

"imigrante" de ser brasileiro. Por sua vez, a "memória representada" ocorre quando há um reconhecimento de alteridade linguística (como por exemplo, a língua portuguesa). Segundo Payer (2009), isto se evidencia em situações de mimetismo da língua do antepassado imigrante que não teria lugar no presente. Participam, assim, do processo de identificação dos sujeitos, traços da memória tais como a ironia, a imitação, a ultracorreção, o riso, o canto ou modos de expressão desta configuração de linguagem, cujas marcas, situam-se entre a memória e o esquecimento (ou silenciamento).

A propósito, há que se considerar aqui que esta memória da língua também diz respeito ao processo enfrentado pelos imigrantes alemães e seus descendentes no uso da língua alemã como brasileiro ou como estrangeiro em território brasileiro. Neste processo houve interdição governamental oficial do uso da língua estrangeira (alemã, italiana, japonesa) no contexto nacionalista do Estado Novo e que também persistiu durante a Segunda Guerra Mundial. A discursividade produzida e promovida pelo Estado Nacional Brasileiro foi de opor diametralmente o "nacional" do "estrangeiro". Desta maneira, difundiu um imaginário de homogeneidade linguística através da ênfase na valorização da língua nacional sob força e coação legal. Era-lhes necessário, nestes termos, nacionalizar os estrangeiros, imigrantes, e uma das estratégias, entre outras, era justamente o silenciamento da língua estrangeira e uma exacerbação da língua nacional através da Campanha de Nacionalização (1937). As escolas e especialmente o ensino primário dos núcleos de colonização estrangeira deveriam ensinar e aprender obrigatoriamente a língua nacional, elemento da soberania nacional.

Esta memória está bem nítida nos (trechos de) relatos autobiográficos das entrevistas:

> Martin Luther é filho do ... e da ... A minha história começou antes, né? Meu pai, nascendo numa família que só falava alemão, agricultores, que tiveram 13 filhos, né? Meu pai era o segundo mais velho, mas o irmão mais velho morreu muito cedo, né? Então meu pai acabou sendo o irmão mais velho, quase um segundo pai em relação às outras crianças, né? E ele passou pela questão da guerra, da Segunda Guerra Mundial, porque na escola, de um dia para o outro ele não podia mais falar nada em alemão, era proibido. E ele teve que aprender a falar português assim, de uma hora para a outra. O pai dele, meu avô, tinha aprendido português no exército, quando serviu em Florianópolis. Então, meu avô ensinou meu pai a falar o português. Mas isso tinha que ser naquele processo em que ele estava tendo aula e que era proibido falar alemão, né? (Martin, 57 anos, PR, 2022)

> Eu sou a terceira filha do pai e mãe, né? Então as minhas irmãs mais novas falavam alemão. Quando eu nasci elas já diziam pra mãe fala direito porque elas começavam a escola e coisa assim, então não dava certo. E aí eu não peguei. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

> Tem uma lei que diz que cada um tem que estudar no colégio, certo? P..., eu não sabia português, certo? Porque a gente morava num lugar que ao redor o vizinho do lado falava a mesma língua da gente, entendeu? (Entrevistador:) Tudo *auf Deutsch*? (Entrevistado:) Tudo *auf Deutsch*. E como a gente não... O nosso microcosmos era aquele, certo! Era aquele. Você vivia lá, e se sentia protegido lá dentro daquilo. Era assim que funcionava. E aí eu tive que ir para o colégio. Fui muito assustado, sabe?! (Conrad Wigand, 68 anos, PR, 2022)

Com isso, estabeleceu-se uma hierarquia do uso da língua entre a nacional e a dos imigrantes. Isto impactou diretamente sobremodo a dinâmica das relações sociais e constituição do imigrante como brasileiro, sujeito de linguagem. No caso dos imigrantes, uma língua suplanta e, por vezes, silencia a outra. Uma língua não legitimada social e nacionalmente modula a sua autoimagem linguística, também como falante marginalizado em suas práticas de linguagem. A língua materna do imigrante "é a linguagem em que se dá a estruturação simbólica fundamental do sujeito, como o instrumento e como a matéria da estruturação psíquica" (PAYER, 2000, p. 38). É na linguagem que se fundem simbolicamente elementos de mais de uma língua (por exemplo, português e alemão), diferente pois da língua nacional que é um sistema fechado e língua única. Ao aprender a língua da sociedade receptora, o imigrante é inserido num processo de alteração (e de alteridade) ou deslocamento, de forma a acessar através da língua valores da nacionalidade, havendo assim um certo 'apagamento' de alguns valores relativos à língua do seu próprio grupo.

A relação sócio-histórica entre língua e memória está presente na constituição do sujeito de linguagem. Língua "apagada, silenciada" é marcada pela memória. Em outras palavras, a língua materna ofuscada pela nacional dominante, deixa no sujeito e seu grupo, sua memória. E se as línguas, silenciadas ou não, dos imigrantes possuem lugar na memória social brasileira, seus traços reaparecem de inúmeras formas e maneiras, com resquícios, marcas, ressignificados e reatualizados, segundo o fluxo da própria dinâmica inerente da língua.

Sobre a investigação e pesquisa da língua como lugar de memória, Maria Onice Payer (2009, p. 45) muito bem sintetizou:

> Não se sabe ao certo tudo o que se passa no subterrâneo da memória da relação com as línguas, maternas, nacionais, estrangeiras, e suas materialidades. Relações de aceitação, recusa, ironia, desdém, elogio, indiferença instalam-se nesse jogo. No entanto, basta começar a escavar para que, já nas camadas mais superficiais dessa arqueologia da língua, nos deparemos com a vastidão e o valor do material simbólico que foi – e continua sendo – soterrado no estabelecimento da língua e da racionalidade homogeneizantes própria ao Estado Moderno, ao tornar regrada e objetiva nossa relação com a língua, com os sentidos, conosco mesmos. Nesta direção, é interessante darmos passos adiante da fina camada de língua nacional que recobre os recônditos do imenso material subterrâneo onde se encontram armazenados de modo quase indelével, mas muito sensível, os elementos de memória da/na língua.

No caso do teuto-brasileiro, depois deste período de silenciamento sob imposição linguística hegemônica, atrelada à construção da identidade nacional brasileira, as línguas alemã e portuguesa fizeram parte integrante da vida desses imigrantes alemães e seus descendentes, ainda que atualmente possuam distintas funções nas comunidades. O português falado nas áreas de contato com o alemão, traz consigo uma série de variações linguísticas em níveis distintos, que são os resultados desse intercâmbio.

3.2.2 A memória religiosa da língua e linguagem

Ao tratarmos sobre a relação entre linguagem, memória e religião, encontramos nas reflexões de Maurice Halbwachs, um dos grandes pensadores do início do século XX, uma importante referência. Passou da filosofia bergsoniana (Henri Bergson) para a sociologia durkheimiana (Émile Durkheim). Foi também o primeiro a propor uma compreensão social da memória, relacionando-a com a linguagem. Seus estudos pioneiros sobre esta temática ocorreram antes do desenvolvimento da filosofia da linguagem e da chamada "virada linguística". Tais reflexões sobre a memória social e a memória religiosa foram abordadas na França, no fim do século XX. Para o autor, os quadros sociais que dão suporte à memória coletiva são a linguagem, o tempo e o espaço. No pensamento de Halbwachs os "quadros sociais da memória" são fundamentais para a permanência das instituições. Numa abordagem mais sociológica, diferente de seu mestre Bergson que pensava que pensamento e memória eram individuais e limitados à consciência, mais do que a linguagem em si, direcionava seu olhar analítico para a relação da linguagem com o pensamento social e memória coletiva. Ao tratar da memória

religiosa, mais do que seu conteúdo (lembranças), focava na maneira como ela se processa.

Para Halbwachs, a memória é um processo sempre coletivo e resulta da trama entre as identidades individual e coletiva. Busca ilustrar isso em *Les Cadres sociaux de la mémoire* (1925) com a história de uma jovem escrava que havia sido encontrada num bosque e, por causa do seu isolamento social não possuía lembrança, não sabia dizer quem era nem de onde vinha, no entanto, ficava comovida quando lhes mostravam imagens e produtos da região esquimó. Estas imagens lhe ajudavam a lembrar alguns aspectos importantes de quem era. Para Halbwachs, a memória é uma condição identitária dos grupos e pessoas e também resultado de processos coletivos.

> No capítulo *La mémoire collective chez les musiciens*, primeiro capítulo da obra *La mémoire collective* (1997), encontramos uma interessante reflexão sobre a relação entre memória e linguagem. A linguagem é para a memória como uma partitura para o músico que toca numa orquestra. A partitura, como a linguagem, só é eficaz porque se apoia em certo consenso sobre o sentido dos símbolos musicais. Para poder participar de uma orquestra é necessário saber ler a partitura. Para ser admitido num grupo de compositores, músicos ou apreciadores de obras musicais é preciso ter capacidade e sensibilidade para entender as múltiplas combinações de sons: tom, timbre, intensidade, velocidade, sequência, duração, entre outros. É preciso partilhar da mesma linguagem. Numa apresentação de orquestra, as pessoas podem conhecer a melodia, reconhecê-la se já a conheciam, reproduzi-la, reconstruí-la segundo seu gosto, etc. Seria impossível unificar a melodia sem um grupo de músicos conduzindo-a segundo uma formulação codificada da linguagem musical. Há um acordo prévio sobre o significado dos signos musicais. Esses últimos não têm sentido para quem tem nas mãos uma partitura mas ignora a existência da orquestra: seu sentido se revela no conjunto do qual fazem parte no momento da interpretação. A orquestra é uma metáfora da sociedade. Uma sociedade mantém um conjunto quando cada pessoa que toca um elemento da partitura reconhece, através dessa linguagem musical comum, o meio de unificação da melodia. A partitura é a linguagem comum indispensável para que a orquestra interprete uma música. Temos aqui uma excelente comparação com a linguagem como suporte da memória. (RIVERA, 2018, p. 1182)

Importante ressaltar aqui que, a linguagem, assim como a partitura, também é uma convenção social. Embora hajam diferentes interpretações, a mesma linguagem é necessária para se tocar na orquestra. As notas, os signos, as regras, o ritmo, os lugares e as pessoas fazem parte do grupo de músicos, conservados numa memória coletiva que é social(izada).

Um vínculo estreito entre linguagem e memória aparece de maneira nítida na metáfora do "solitário de Londres", utilizada por Halbwachs (1997, p. 52) para

explicar o conceito de “correntes de memória”. O grupo existe, antes de tudo, na mente dos indivíduos. Ao rememorar determinados acontecimentos, na medida em que monumentos surgem diante dele, um arquiteto chama atenção para os edifícios, um historiador que determinada rua foi feita em tal época e tal casa nasceu uma pessoa muito importante e conhecido e que ali aconteceram incidentes notáveis, um pintor destaca a tonalidade dos parques, a aparência dos palácios e igrejas, os jogos de luz e sombra nos muros e fachadas, um comerciante indica as ruas populares da cidade, com suas lojas e livrarias, etc. Ao passear sozinho em Londres, pensou naquilo que o arquiteto, o historiador, o pintor, o comerciante havia dito ou em alguma coisa que havia lido sobre Westminster. É através do pensamento que o solitário se recoloca nos diferentes grupos de que fez parte. Portanto, é por meio das lembranças remetidas aos interlocutores e adoção provisória do seu respectivo ponto de vista. Sem a linguagem comum aos seus interlocutores, essas lembranças não seriam possíveis.

Temos aqui a necessidade premente da presença física do grupo de interlocutores para que ele opere na mente do indivíduo. Diferente da sociedade ampla, o grupo se define por uma produção de representações comuns relativas ao passado, enquanto a sociedade se define por uma estrutura social, com possíveis subdivisões funcionais. Nestes termos, a sociedade dá a forma, enquanto o grupo fornece os conteúdos representacionais. Os grupos têm memória e uma sociedade não, no sentido que a memória referida a qualquer sociedade, seja qual for, na realidade diz respeito apenas à memória de um determinado grupo, que está presente no interior dessa sociedade e se sobrepôs à memória de outros grupos.

Todo o sistema musical e seus respectivos conteúdos de memória do grupo dos músicos, existem tão somente porque os próprios músicos os colocaram em curso e os perpetuaram com realização social. No caso dos conteúdos da memória religiosa, há a necessidade dos rituais para que as pessoas relembrem e reatualizem juntos seus respectivos conteúdos. Cada comemoração é uma reativação, pelos membros de determinado grupo, dos eventos originários perpetuados por certa memória, capazes de transmitir tais conteúdos adiante.

Para Halbwachs, a memória religiosa depende de lugares, pessoas e acontecimentos, que são formas de fixação da verdade e que se apresentam de modo concreto. O espaço, em virtude de sua materialidade e estabilidade espacial, é um importante quadro social da memória. Como a memória religiosa se alimenta da

estabilidade do grupo no tempo e espaço social, na durabilidade e permanência, qualquer mudança nesta memória implica na reconfiguração de sentido para preservação da "originalidade" da mesma e da tradição. Outra característica, observada por Halbwachs, foi que a memória do grupo religioso é tensa e combativa, pois buscam incessantemente bloquear outras memórias relacionadas à ela. O caráter religioso desta memória tem uma imensa capacidade de se apropriar de múltiplas contribuições e as reconfigurar em novos dispositivos de sistematização. Este dilema constante de mutação, num exercício de reconfiguração simbólica e cultural, numa sociedade que está em constante transformação, mantém-se por estar ligado ao passado. Neste sentido, o cristianismo é um excelente exemplo de reativação seletiva da memória.

O cristianismo sublinha sua descontinuidade do judaísmo tradicional, ao passo que não se pode compreender o cristianismo, sem referência à tradição judaica (judaico cristianismo). No pensamento religioso, a inovação está vinculada à necessidade de uma certa continuidade da tradição, suporte da sua legitimidade. A religião integra o passado ao presente e, sua renovação, vincula-se necessariamente às suas origens.

Halbwachs, em seu escrito *La Topographie légendaire des évangiles en Terre sainte. Étude de mémoire collective* (1971), analisou relatos de peregrinos sobre a configuração geográfica do tempo de Jesus Cristo. Concluiu que a memória coletiva e religiosa são versáteis. E mais, que esta versatilidade compete às necessidades particulares dos grupos sociais, que também são grupos de memória, em diferentes tempos e acontecimentos. A memória coletiva cristã adaptou as lembranças da vida e lugares de Jesus Cristo, segundo exigências e aspirações do cristianismo em diferentes épocas.

As religiões, em geral, apresentam uma grande capacidade de apropriação de múltiplas contribuições e de ressignificá-las em novos sentidos e dispositivos de sistematização. O próprio Halbwachs citou vários exemplos de religiões antigas que também alimentaram de outras crenças. Seu pressuposto analítico para religião é que o pensamento coletivo sistematiza, a partir dos conceitos atuais e atualizados, os ritos e crenças passadas que não desapareceram. A religião sintetiza, reelabora e altera o sentido e a forma das antigas instituições, de maneira imperceptível para os indivíduos de seu grupo.

> Pode-se dizer de toda religião que, sob formas mais ou menos simbólicas, ela reproduz a história das migrações e das fusões de raças e de povos, dos grandes eventos, guerras, estabelecimentos, invenções e reformas que se encontrariam na origem das sociedades que as praticam. (HALBWACHS, 1994, p. 178).

Segundo Rivera (2018), em *La mémoire collective*, Halbwachs (1997) distinguiu uma dupla natureza temporal na memória religiosa: o tempo como eterno presente dos fatos vividos (crença, dogma) e como fenômeno social (tempo e espaço). Em resposta a Bergson, Halbwachs se apoiou na simultaneidade para demonstrar a independência das consciências individuais que ocorre no interior de uma experiência coletiva. Daí, é importante retomar um importante conceito para os estudos de memória, que são as "correntes de pensamento", contribuição original de Halbwachs à sociologia da memória:

> Em nosso pensamento, na realidade, cruzam-se a cada momento ou a cada período de seu desenvolvimento muitas correntes que vão de uma consciência a outra, e das quais nossa consciência é o lugar de encontro. Sem dúvida que, a aparente continuidade disso que se chama a nossa vida interior é, em parte, resultado do fato de seguir por algum período de tempo uma dessas correntes, o curso de um pensamento que se desenvolve em nós e ao mesmo tempo nas outras pessoas, a ladeira de um pensamento coletivo... Em todo caso, se a partir das durações individuais, é possível reconstituir uma duração mais longa e impessoal na qual aquelas estejam contidas, é porque aquelas mesmas se destacam sobre o pano de fundo de um tempo coletivo ao qual as durações individuais prestam toda a sua substância. (HALBWACHS, 1997, p. 156)

O tempo é um apoio da memória, pelo fato de ser contínuo. Pode-se reencontrar um fato ocorrido pelo exercício da memória. "O grupo que serve de marco social da lembrança não deve mudar sua natureza nem sua estrutura; assim, a atenção será mantida sobre os mesmos objetos." (RIVERA, 2018, p. 1190) A memória individual está vinculada a múltiplas correntes de memórias coletivas que, por sua vez, tornam-se autônomas e levam à noção de memória cultural.

Então, para Halbwachs, existe uma estreita relação entre memória e linguagem, inclusive de recíproca dependência, no sentido de uma não existir sem a outra. É importante destacar também que a memória é sempre incompleta, parcial, seletiva, instável, e que é impossível (re)lembrar a totalidade das experiências vividas. A memória possui seus limites de alcance e, ao ativar a recordação, reformula os sentidos dos fatos vividos. A linguagem sempre é capaz de ir além da memória. Tanto a linguagem como o pensamento possuem função coletiva por

excelência, pois “as convenções verbais constituem o quadro, ao mesmo tempo, mais elementar e mais estável da memória coletiva”. (HALBWACHS, 1994, p. 82)

3.2.3 A memória coletiva: entre a religião e a imigração

A obra de Halbwachs (1925), *Les Cadres sociaux de la mémoire*, foi muito importante para pensar a memória em seu *viés* sociológico como construção social, somente possível baseada nos referenciais quadros sociais legados por um determinado grupo. Neste sentido, lembranças são compreendidas como representações coletivas. Como Durkheim e Weber, ele buscou compreender os mecanismos da chamada ‘produção do sentido’ na vida social. Podemos citar a proximidade e influência de Durkheim quando buscou demonstrar que as crenças, práticas e construções a respeito do passado deveriam ser abordados como “fatos sociais” com significado.

Cabe aqui mencionar que há quadros mais específicos e mais gerais da memória. Em primeira instância estariam a religião, a família e a classe social. Em segunda instância, o tempo, o espaço e a linguagem. Neste caso, a memória se daria pelas referências oferecidas pelos grupos que recordamos. As balizas mais gerais são as representações, noções, ideias, imagens e combinações de conceitos construídos no tempo, espaço e linguagem. Destaca-se aqui a linguagem, como o quadro mais fundamental, fixo, estável e regular do qual a memória necessita para funcionar. Como marco específico, a religião ordenaria a memória, a partir das doutrinas. Por sua vez, a memória da família se organizaria através de sua genealogia. E ainda, a classe dominante produziria uma memória coletiva, configurada como suporte da memória coletiva da sociedade como um todo.

Destacamos um trecho da entrevista do pastor em que há o relato de uma experiência eclesiástica, no campo da atuação do cuidado pastoral (*Seelsorge*) e visitação, sobre este referido “quadro de memória”.

> ... outro exemplo, um dia eu vou escrever sobre isso, eu estava aqui fazendo uma visita perto do Natal, e tinha um senhor que estava com Parkinson bem avançado, ele não reconhecia mais as pessoas, e eu preparei lá, porque a família pediu, preparei uma meditação de Advento, e de repente aquilo me deu uma inspiração, assim, vou cantar uma música em alemão, uma música que eu sabia, que não estava no roteiro lá, tinha imprimido lá umas musiquinhas, e quando eu cantei a musiquinha em alemão, *oh Tannenbaum*, ele abriu uma janela, e ele ficou lúcido uns 15 minutos, ele chorou, e daí ele disse, ah, que legal, e eu também estava de talar também, esse visual, e ele reconheceu então a esposa e o filho, que tem muito tempo que não tinha mais reconhecido, então assim, você consegue acessar para essas pessoas que experimentaram a fé, primeiro em língua alemã, porque assim, o normal até os anos 70 aqui era culto em língua alemã, aqui teve culto, domingo de manhã, 8 horas em alemão, e 9 horas, 9 e meia em português, até 2000. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Já no livro "A Memória Coletiva", Halbwachs (1968) sustentou que toda memória é estruturada em termos das relações com a identidade do grupo de pertencimento. É na participação e nas experiências grupais que as lembranças são estruturadas. Neste sentido, utilizar-se-iam todas as noções que lhe são comuns. É preciso uma 'comunidade afetiva' para se recordar. Assim como as categorias de pensamento são sociais, as representações sobre o passado também são coletivas. Qualquer acontecimento ocorrido no passado que escape, se dá pela ausência da relevância que tal fato possuiu na vida e experiência coletiva do grupo. Em vista da posição em determinado grupo, o passado também é lembrado de maneiras diferentes.

É importante ressaltar que, para Halbwachs (1925) os "quadros sociais da memória" são fundamentais para a permanência das instituições. Nestes termos, há que se considerar também a língua como um lugar de memória, significativo de reconhecimento da memória, de que tratam Pierre Nora e Jacques Le Goff (1994). Estes autores distinguem 'memória histórica', relacionadas às grandes mitologias coletivas sob o modelo da rememoração, da 'memória coletiva', mais diretamente relacionada ao "que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado" (LE GOFF, 1994, p. 472). Le Goff (1994) também chama a atenção para o que considera os lugares de memórias: topográficos (arquivos, bibliotecas, museus); monumentais (arquiteturas); simbólicos (comemorações, peregrinações) e funcionais (manuais, as autobiografias ou as associações). Para o autor,

> não podemos nos esquecer dos verdadeiros lugares de memória, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: 'Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória'. (LE GOFF, 1994, p. 473).

O estudo sobre a memória coletiva de um determinado grupo passa necessariamente pelo olhar atento e analítico à oralidade, em alguns casos, recurso único, especialmente para o entendimento dos traços da imigração tão latentes na construção do sujeito brasileiro. Nestes termos, a língua, a linguagem e os usos que se fazem dela, apresentam-se como "lugar de memória". Diferente dos outros lugares, especialmente no que diz respeito à sua materialidade explícita, a memória se evidencia no campo da linguagem na evidência dos sentidos como constitutiva do seus usos, apropriações, discursos, falas, sonoridades, construções sintáticas, reestruturação gramatical. (PAYER 2009)

Outro exemplo também trazido pelo pastor entrevistado, quando ainda era estudante de Teologia no seminário, ao ser perguntado sobre em que sentido é importante saber o alemão, contou:

> Eu dou sempre alguns exemplos, eu fui fazer em São Leopoldo, a gente fazia clínica pastoral, que a gente aprende assim, as fases de luto, na época que a pessoa está lá, doente, quais os cuidados, quando a pessoa está, o que não perguntar, como que abordar, e a gente tem as aulas práticas, a gente fez lá no hospital público em São Leopoldo, e de repente uma enfermeira me achou no corredor, ela disse, você é estudante lá do Morro do Espelho, lá do Sinodal, tem uma senhora que chora lá sempre, e que a gente não consegue se comunicar com ela, porque os familiares vêm só a cada dois dias, que eram do interior, e não estavam lá todo dia, aí eu disse, mas por que? Não, ela só sabe alemão, e daí quando eu fui pra lá, visitar ela, ela falou, falou, chorou, tal, e ela disse que ela se sentia muito sozinha, porque ela não tinha com quem se comunicar, porque ela mora lá num gueto, pessoal muito humilde, que ficou num lugar, mas eles meio que se isolaram do mundo, mas assim, como que ali foi importante. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Na língua, a memória atua de várias e diferentes maneiras. Na língua do imigrante e também de seus descendentes, a memória constitutiva da língua está presente no seu uso ou prática atual da língua. Já, por sua vez, na memória representada da língua, há o reconhecimento da alteridade em relação à língua dominante. Esta memória se evidencia nas imitações, na performatividade, nas falhas, com uma certa representação da língua dos antepassados. Payer (2009, p. 43) sintetizou: "Em suma, de modo representado e/ou de modo constitutivo, a

memória da(s) língua(s) se insere nos processos de identificação, como um fio que tece o simbólico dos sujeitos em sociedade."

3.3 INFLUÊNCIAS ALEMÃS NO LUTERANISMO TEUTO-BRASILEIRO

Antônio Flávio Pierucci (2004) reconhecia que havia famílias católicas entre os imigrantes alemães, no entanto, também percebia que os novos colonos eram adeptos de um luteranismo 'entranhado' em seu *modus vivendi*. Para ele, confundiam-se o patrimônio étnico, de que eram portadores, com seu pertencimento à eclesialidade luterana, tornando-a vetor espontâneo de tradições comuns, de uma antiga língua comum, de uma mesma maneira de pensar, um mesmo *ethos* tradicional. O luteranismo que veio para o Brasil, especialmente durante o Império, era um protestantismo demarcadamente germânico. Falava-se em alemão, pregava-se em alemão, cantava-se em alemão, vivia-se uma certa germanidade. Sua preocupação era a preservação de si como patrimônio étnico cultural do imigrante alemão. Não foi à toa que o luteranismo brasileiro foi classificado pelos cientistas sociais como o melhor representante do chamado "protestantismo de imigração", calcado numa "tradição" arraigada, no sentido forte do termo.

Percebemos aqui, uma relação intrínseca entre o *ethos* étnico (alemães, teuto-brasileiro) com o *ethos* religioso (de caráter confessional especificamente luterano), geradora de um tipo de germanidade idiossincrática expressa nas vivências eclesiológicas atuais. A exemplo da abordagem metodológica de Max Weber em "A ética protestante e o espírito do capitalismo" (2020), existe uma afinidade eletiva (*Wahlverwandtschaft*) entre a ética protestante luterana e o espírito (*Geist*) da teuto-brasilidade. Elementos de ambos os *ethos* se reforçam nas vivências e práticas dos imigrantes alemães luteranos e seus descendentes no processo migratório no Brasil.

> O termo "afinidade eletiva" (*Wahlverwandtschaft*) tem uma longa história, muito anterior aos escritos de Max Weber. Trata-se de um itinerário complexo que vai da alquimia à literatura romântica (Goethe) e desta às ciências sociais. Weber utiliza o conceito somente três vezes em A ética protestante e o "espírito" do capitalismo, mas ele aparece, também, em outros escritos, geralmente no campo da Sociologia das Religiões. Weber não define o conceito; todavia, podemos propor a seguinte definição, com base no uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa. Sem se colocar no lugar de outros paradigmas analíticos, explicativos ou compreensivos, a afinidade eletiva pode constituir uma nova perspectiva, até agora pouco explorada, no campo da Sociologia da Cultura. (LÖWY, 2011, 141-142)

Enquanto a ênfase weberiana repousava sob os elementos do protestantismo do *ethos* calvinista, destacamos os elementos do protestantismo de *ethos* luterano (não calvinista) por Max Weber. Nestes termos e a partir destas considerações, podemos perceber que houve estratégias, abandonos, resistências e reelaborações do uso da língua alemã e de aspectos da germanidade nas sociabilidades, nas práticas sociais e religiosas do luteranismo brasileiro. Forças endógenas e exógenas caracterizaram e moldaram um determinado *ethos* étnico-religioso no modo de vida deste grupo sociorreligioso. Entre mutações e resistências, a despeito das transformações e forças resilientes, da utilização da língua em seus eventos e práticas sociais religiosas como expressão cultural identitária, as comunidades luteranas já abrasileiradas ainda mantiveram traços de germanidade em suas atividades eclesiásticas.

Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1973) teceu uma classificação funcional das religiões, a qual ele considerava de grande uitilidade para o enfrentamento analítico de um campo de forças religiosas diversas e com desigual potencial de desenvolvimento. Distinguia as religiões étnicas (numa expressão funcionalista: religiões com função de preservação de 'subculturas étnicas') e as religiões universais (abertas a todo e qualquer indivíduo, independentemente de tribo, etnia ou nacionalidade).

> A classificação funcional das religiões apresenta utilidade para explicar o crescimento diferencial de formas religiosas. Nesse sentido, distinguem-se as seguintes: 1) as que preservam determinado patrimônio étnico-cultural,favorecendo a auto-identificação de um grupo social; 2) as de caráter universal, abertas para a conversão de todas as pessoas. (CAMARGO, 1973, p. 23)

Para Cândido Procópio o luteranismo havia cumprido, em solo brasileiro, as "funções de preservar o patrimônio étnico cultural do contingente alemão e seus descendentes" (CAMARGO[58], 1973 *apud* PIERUCCI, 2006, p. 115). No início dos anos de 1970, o luteranismo "no Brasil" já havia passado para o rol das religiões universais.

3.3.1 A ética protestante e o 'espírito' (*Geist*) do trabalho alemão

Segundo Giralda Seyferth (1982), há indicativos de uma certa importância, juntamente com o uso cotidiano da língua ou dialeto alemão, à ideia de um *ethos* do trabalho alemão como capacidade herdada de sua origem. Seyferth (1982) considerava especialmente estes dois elementos como definidores da etnicidade teuto-brasileira. Fruto do trabalho e pesquisa baseado em entrevistas com a população de origem alemã, na região do Vale do Itajaí em Santa Catarina, no período entre os anos de 1974 a 1976, traçou essa distintividade sobre a representação do chamado trabalho alemão na ideologia étnica teuto-brasileira. Em períodos anteriores, como por exemplo, tanto no início da imigração alemã no Brasil, como também na década de 1930, o 'trabalho' era valorizado e os imigrantes desejados eram os 'laboriosos'. Frotscher (1998, p. 8), reafirmou que "o trabalho alemão era tomado como justificativa para afirmação da cidadania brasileira. Por outro lado, servia também para os teuto-brasileiros pleitearem o direito de continuarem sendo 'alemães' culturalmente."

Nestes termos, também foi utilizado como elemento distintivo, por vezes, acionado com vistas à integração à sociedade brasileira. A eficiência do 'trabalho alemão' foi fator utilizado pelo grupo estabelecido como distinção étnica. Seyferth (1976) também ressaltou que elementos como o pioneirismo, a disciplina e a disposição do 'trabalho alemão' acabaram se tornando critérios destacados na imprensa teuto-brasileira e, consequentemente, tornaram-se motivos de tensões e conflitos que opunham os imigrantes e colonos de origem alemã dos outros.

O trabalho, a disciplina, a excelência, também são fomentados como marcos regulatórios e delimitadores entre os teuto-brasileiros no contexto eclesiástico luterano. Ao tratar sobre este assunto no campo religioso, sob a ótica protestante luterana, o Pastor Schwarzerdt (2022) discorreu

---

[58] CAMARGO, C. P. F. (Org.). **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

> Claro que nós temos uma ética, uma ética de trabalho, vamos dizer assim, que eu acho que vem muito da questão de Martinho Lutero. Martinho Lutero dizia assim, se uma mulher tivesse que escolher entre ir num culto e preparar a comida pra sua família, né, colher batatas, pra daí preparar comida pra sua família, o que ela deveria fazer? E Lutero dizia que preparar aquela comida também era um sacerdócio, também era alguma coisa que Deus, então, tudo que a gente, talvez um pouco, dali vem a, talvez não, dali vem a ética que a gente tem um pouco. Se a gente vai fazer uma coisa, a gente tem que fazer pra Deus. Se a gente vai cozinhar, cozinha bem, pensando que essa comida você está preparando pra Deus. Se você vai construir uma casa, pensa, tenho que fazer bem feito, porque Deus vai morar aqui. Então, essa ética de não estar fazendo as coisas assim, a meia boca, de qualquer jeito, se cair, caiu, se alguém ficou ruim, problema não, mas tem que fazer bem feito, porque se a gente, aí vem os carros, os carros alemães são bons, porque não é porque são alemães, é por causa da cultura, uma ética que veio de querer que quando a gente faz alguma coisa, a gente tem que fazer bem feito. Se a gente faz, tudo que a gente faz, a gente tem que fazer pra Deus, exercer o dom da gente. A gente exerce um sacerdócio, a gente oferece algo pra Deus. Então, isso a gente trata um pouco de resgatar quando as pessoas vêm, tem culto em alemão? Ah, então vocês são alemães assim! ... Então tem que valorizar a cultura alemã, as coisas boas da cultura alemã, o idioma alemão, a ética protestante, vamos dizer assim. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Ao tratar sobre as peculiaridades teuto-brasileiras, continuou

> Na história, sim, por exemplo, uma das coisas que foi importante foi sempre a vida comunitária, igreja e escola. Então eram duas coisas sempre importantes. Durante a semana, escola. Inclusive a nossa igreja aqui, quando ela iniciou, ainda tem os buracos, os bancos, que era o lugar onde se colocava o tinteiro. Porque durante a semana, os bancos eram bancos escolares. No fim de semana era banco de igreja. O pastor tinha que ser meio professor. Então essa questão, e também como eu dizia antes, essa questão da ética, de ser bem feito, de trabalhar, dedicado ao trabalho. Apesar que os presbiterianos também tem muito isso, que, por exemplo, alemão e italiano, muitas vezes, não vai ao médico quando está doente. Quando está doente, ele fica, tem uma coisa aí, mas vai ao médico. Não, não, vou tomar uma coisa, vou passar uma tomada, vamos ver se vai melhorar. Porque ele precisa trabalhar. Trabalhar para ele é mais forte. Quando é que ele vai ao médico? Quando ele já não consegue mais ir trabalhar. Aí ele diz, agora não dá mais, agora ele vai ao médico. Então é um pouco assim, parece que o ócio é pecado. Ficar em casa, sabe? A gente tem um pouco isso como pastor. O dia de folga meu é segunda-feira. Se alguém na comunidade ver que eu estou aqui, eu não tenho condições de dizer para ele, hoje é o meu dia de folga, hoje eu não falo com o senhor, vem amanhã Não. E se eu disser isso para alguém, essa pessoa que vai ouvir isso vai dizer, pois é, eu estava lá no pastor, o pastor está de folga e não me atendeu. Hoje é o dia de folga dele e ele não me atendeu. Acaba sendo, não um direito que eu tenho o dia de folga, mas acaba sendo, poxa, você usou o dia de folga para mandar alguém embora. Como que, isso não se faz. O ócio, ele existe, o dia de folga existe, mas se possível. Se não, se falecer alguém no domingo e eu tiver que sepultar na segunda-feira, eu tenho que sepultar, não posso dizer não na segunda-feira. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Muito presente nestes trechos da entrevista, a ideia, conteúdo e sentido do termo *Beruf* (vocação), conceito esse "pinçado" de Lutero por Max Weber no

clássico livro "A ética protestante e o espírito do capitalismo". Diz respeito ao viver o "chamado divino" no exercício profissional. Juntamente com a ideia de Calvino sobre predestinação, Weber apontou para o processo de racionalização, desencantamento (*Entzauberung*) ou "desmagificação" do mundo. É importante destacar que a referência básica da obra clássica é o conceito de predestinação de Calvino, e não o de *Beruf*, de Lutero. Nas palavras de Bobsin (2005, p. 11), "assim, não se pode colocar na pena de Lutero o que vale para Calvino."

Max Weber destacou o pensamento luterano em favor do exercício da profissão numa ética intramundana (*innerweltlich*), como também no processo da reforma luterana suprimiu o sacerdote da religiosidade externa para a religiosidade interna, ser prestativo aos outros, através da profissão cada pessoa pode contribuir para a comunidade e sociedade, baseados na graça divina e no amor ao próximo, princípios distintos dos de Calvino. (BOBSIN, 2005)

3.3.2 Associativismo e protestantismo

A imigração alemã no Brasil possui uma característica no processo de sua constituição e estabelecimento muito marcante que trata da inter-relação entre o associativismo e o protestantismo. A origem e formação do associativismo ocorreu na Alemanha do século XIX, e teve reflexos no universo protestante. Um exemplo desta relação, no contexto migratório, foi o da Associação Gustavo Adolfo (*Gustav-Adolf-Verein*). Tratava-se de um movimento associativista, voltado à diáspora protestante, que foi muito importante para comunidades e setores do protestantismo no Brasil.

Rieth (2007) considerou o século XIX, como o período clássico do movimento associativista na Alemanha, embora desde o final do século XVIII já havia surgido sociedades, associações e ligas que estabeleciam ligações entre a sociedade do Antigo Regime e a modernidade do século XIX. Não era um fenômeno original do absolutismo tardio. Surgiu das corporações medievais. A corporação era uma formação social multifuncional, de interesse mais genérico e abrangente, e contemplava a vida da pessoa fora de casa e da igreja.

Já na virada do século XVIII para o século XIX, o associativismo apresentou modificações em relação às suas origens e passou a ser organizado dentro dos interesses burgueses em processo de formação. Seus precursores diretos foram os

conventículos pietistas que questionavam a mediação das igrejas territoriais. Tornaram como elemento constitutivo a participação baseada na livre e espontânea vontade. Outra característica associativista, foi a superação dos limites estamentais, determinados pela origem, propriedade ou formação. Também estava relacionada à ascensão de elites burguesas, com a expansão da administração estatal, a partir da perda de influência da nobreza. Buscou-se, assim, o desenvolvimento individual e a defesa de interesses comuns. A partir de afrouxamentos dos rígidos limites da sociedade estamental, a cultura formal passou a ser cada vez mais ampla e acessível para outras camadas da sociedade. Desde 1780, surgiram grupos que se identificavam com tarefas artísticas, intelectuais e nacionais. Buscavam promover entre si o esclarecimento (*Aufklärung*), através de processos formativos e serviço ao bem coletivo e comum. Também trabalhavam em cooperação e colaboração com o Estado. As associações se expandiram e promoveram esforços para participação livre e voluntária na formação da coletividade. Não havia qualquer restrição às associações não-religiosas até a promulgação do Direito Territorial Geral Prussiano (*Allgemeines Preußisches Landrecht*) de 1794. Em 1978, um ato adicional estendia a proibição de associações que propusessem mudanças administrativas ou constitucionais. (RIETH, 2007).

Após a regulamentação jurídica para seu surgimento, constituição, consolidação e duração, Kaiser[59] (1992 *apud* RIETH, 2007, p. 30) cronogramou cinco períodos na história do associativismo na Alemanha do século XIX:

[59] KAISER, J. C. Konfessionelle Verbände im 19. Jahrhundert: Versuch einer Typologie. In: BAIER, Helmut (Hrsg.). **Kirche in Staat und Gesellschaft im 19**. Jahrhundert: Referate und Fachvorträge des 6. Internationalen Kirchenarchivtags Rom 1991. Neustadt a.d. Aisch: [s.n.], 1992. p. 190.

> (1º) entre 1780 e 1815, a partir de pressupostos como a separação entre Estado e sociedade, a concentração da comunicação e a dissolução da ordem estamental, são constituídas principalmente sociedades patrióticas, de leitura e secretas; (2º) de 1830 a 1848, reforçou-se o pensamento associativista, com base em pressupostos como a liberdade de empresa, a liberação do campesinato, o pauperismo, a pré-industrialização, o liberalismo e o constitucionalismo, tendo surgido especialmente associações culturais, confessionais, previdenciárias e políticas; (3º) em torno ao período revolucionário de 1848, tendo como referência pressupostos como a liberdade de associação e a reforma democrática, são criadas associações políticas de diversas colorações ideo- lógicas (em geral democrático-constitucionais), formas associativas do catolicismo político e assembléias eclesiásticas evangélicas [*Kirchentage*]; (4º) de começos da restauração até o fim da era Bismarck, em um contexto marcado por repressão ao associativismo político e retorno a formas de organização privadamente determinadas, são criadas associações de convívio, intercâmbio cultural, grupos ideologicamente afins e consolidam-se as associações confessionais; (5º) da era guilhermina até a reforma básica da legislação associativista, em 1908, sob circunstâncias marcadas por intensiva industrialização, política mundial e imperialismo, ideologias hostis ao Reino (a social-democracia como fator ameaçador) e politização do espectro confessional, surgem movimentos e ligas a partir da aglutinação de associações: *Alldeutscheverband*, *Flottenverband*, *Kolonialverband*, *Bund der Landwirte* e, no âmbito confessional, a Liga Evangélica [*Evangelischer Bund*] e a Associação Popular pela Alemanha Católica [*Volksverein für das katholische Deutschland*].

O Estado passou a se retrair em certas execuções de responsabilidade social, cujos campos de atuação imediatamente foram sendo ocupados pelo movimento associativista, organizado em formas democráticas de ação e de anseios de participação e emancipação. Havia uma certa conformidade com os limites de ação no campo político, inclusive no ano de 1871 com a consolidação e unificação do *Reich*.

3.3.2.1 O associativismo religioso

O grande número de associações revela a importância do associativismo no campo religioso. Desde o início do associativismo, pastores protestantes atuavam individualmente e não como representantes institucionais eclesiásticos das igrejas territoriais. Também há a ideia de que o associativismo pode ter sido um elemento central da cidadania dita "moderna", mobilizador do povo religioso contra a secularização e em favor da recristianização da sociedade. Tanto no catolicismo como no protestantismo alemão, houve tendências de aburguesamento durante o século XIX, pois o clero fazia parte de um estrato elevado ("intelectual") da burguesia. No catolicismo, acontecia por iniciativa de leigos, e entre os protestantes a iniciativa era individual de párocos. Em 1848, como cristãos e cidadãos, estes

assumiram as primeiras fundações de associações religiosas, onde a ação das igrejas fosse limitada ou deficitária. Havia o temor do requerimento de participação no governo eclesiástico.

No caso específico do associativismo protestante, o início se deu através de associações que se voltavam à distribuição de bíblias, à missão 'evangelizadora' junto às pessoas que não eram cristãs e auxílio aos protestantes na diáspora. No caso protestante, destacou-se a importância e influência do movimento reavivamentista (*Erweckungsbewegung*). Tinham uma posição crítica com relação à igreja. Demonstraram sensibilidade em relação às necessidades religiosas e sociais e, em geral, as críticas eram sobre a imobilidade e burocratismo eclesiástico. Embora as raízes do associativismo protestante fossem do final do século XVIII, a grande expansão ocorreu mais tarde, a partir da década de 1820. Caracterizavam-se pelo antirracionalismo e reavivamentismo. Uma das mais importantes instituições associativistas protestantes na Alemanha, sem dúvida, foi a "*Deutsche Christenthum-Gesellschaft*", fundada na Basiléia, em 1780, e que se tornou exemplo e referência para várias instituições protestantes alemãs. Para Baumgarten[60] (1913 *apud* RIETH, 2007 p. 32), um associativismo evangélico livre somente veio a surgir pelo "encontro de influências prático-cristãs, oriundas do metodismo inglês, e humanitárias, advindas do iluminismo alemão, isso no contexto das guerras napoleônicas e do sofrimento daí decorrente, cujas conseqüências levaram a ações caritativas associadas." Posteriormente, surgiram associações das mais diversas e variadas voltadas à formação.

Uma delas, bem importante aos protestantes, inclusive na história e constituição das igrejas luteranas de Joinville e Curitiba, foi a "Associação Gustavo Adolfo" ou "*Gustav-Adolf-Verein*" (1832/1842). Esta Associação também contribuiu para a formação eclesiástica ministerial do Pastor Bugenhagen, possibilitando-lhe um intercâmbio através de auxílio em bolsa de estudos.

---

[60] BAUMGARTEN, O. Evangelisches Vereinswesen. In: **Die Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. 1. Aufl. Tübingen: Mohr, 1913. v. 5, col. 1626-1635.

> Quem deu a minha bolsa de estudos lá, porque assim, sou de uma família muito humilde, então eu nunca teria conseguido fazer um intercâmbio na Alemanha se tivesse sido pago. Então eu concorri uma vaga e nessa instituição chamada Obra Gustavo Adolf, 'Adolf Werk'. Eram 11 estudantes de várias, que eles dão bolsas para alemães que vivem na minoria. Diáspora Werch, eles dizem assim, alemães que vivem na diáspora, aqueles alemães que vivem onde eles são minorias. Então aqui a gente é entendido assim no Brasil, que a gente vive na minoria, e por isso que eles mandavam pastores pra cá, mandavam ajuda pra construir as igrejas e tal. E eu então convivia lá e eles tem os grupos de apoio na Alemanha, que eles chamam de Hauptgruppe, os grupos principais, e a gente visitava esses grupos. E assim, bastante tempo não tinha ido nenhum brasileiro, daí era sempre assim, os Hauptgruppe podiam escolher quem era pra ir. Alguém da Letônia, alguém da Lituânia, alguém da Sérvia e Monte Negro, que eram os meus colegas lá. Aí muito eles me chamavam pra ir pros Hauptgruppe. Aí assim, eu chegava na estação de trem, na ferroviária, e daí os caras me olhavam assim, diziam: o cara, você não é brasileiro! Tipo assim, na visão deles eu estava fora do biotipo brasileiro. Então jogador de futebol, samba e tal. Então se a gente olhar assim, eu acho que no Brasil eu sou visto como teuto, porque eu estava na Bahia, o pessoal dizia: ôxe galego! Então assim, a gente não tem como não ser teuto. Mas o entendimento já, eu diria agora, desde a geração do meu avô já, nós estamos quinta geração aqui, eu acho que desde o meu avô a gente se entende como brasileiro.

Influenciada pelo pensamento 'protestante liberal', buscava auxiliar as comunidades protestantes, especialmente na diáspora. Fontes documentais demonstram vínculos entre esta associação com as comunidades imigrantes protestantes no Brasil, antes mesmo de meados do século XIX. Havia, por exemplo, mobilização de pessoas tais como líderes eclesiásticos, professores de universidades, comerciantes, empresários, na região da Saxônia, que trataram de motivar a população a se preocupar e auxiliar as minorias evangélicas, especialmente em relação ao catolicismo, dentre as quais os "irmãos" e "compatriotas" protestantes no Brasil. As relações se intensificaram entre organizações da Alemanha e os imigrantes alemães e seus descendentes de tal maneira que o trabalho da Associação Gustavo Adolfo foi se ampliando, ao ponto desta acabar sendo organizada no sul e no sudeste brasileiro. A Associação, em seus documentos, referenciou-se ao ano de 1853 para o início dos auxílios às comunidades brasileiras. (RIETH, 2007)

3.3.3 O romantismo alemão

O romantismo alemão foi uma gama de ideias conservadoras que surgiram entre o fim do século XVIII e a metade do século XIX. Movimento que se constituiu como reação ao iluminismo e também ao liberalismo e que, *pari passu* inspirou e

fomentou transformações de ordem política, econômica, social e cultural. Os chamados românticos alemães 'sonhavam' com a unidade perdida com o fim do Sacro Império Germânico e clamavam por uma comunidade imaginada. Exaltavam o passado medieval e feudal dos povos alemães e valorizavam o tradicional, o popular e o nacional (KREUTZ, 1991).

De um modo mais amplo, as ideias do germanismo e germanidade, têm sua origem no romantismo alemão do século XIX. Estas ideias serviram como base e fundamento para um certo sentimento nacionalista alemão. Buscavam na língua a união do povo germânico, traço compartilhado aos indivíduos da nação cultural alemã. Foi a partir de 1806, no embate com a França, em que surgem e se desenvolvem ideias nacionalistas onde passa a ser idealizada uma coesão nacional de caráter político. (SEYFERTH, 1982).

Por esta época, foi criado o termo '*Volkstum*' (nacionalidade, caráter étnico) por Friedrich Ludwig Jahn. Embora ainda não houvesse consenso para a constituição de um Estado, a unificação começou a ser imaginada. A ideia aqui desenvolvida concebia a 'nação' como todos os povos de língua alemã. Tratava-se do critério linguístico como princípio fundamental deste tipo de nacionalidade. Para Schulze (1997), no início do século XIX, essa ideia fazia parte do universo social, concebido por uma elite letrada, que buscava falar o mesmo idioma e construir uma língua nacional. A nação alemã é imaginada pela intelectualidade burguesa. Este nacionalismo foi desenvolvido através de literatura e cultura (música, folclore, etc.) e também, surgiu e se estabeleceu como reação ao domínio francês napoleônico. A língua ainda era o 'cimento' desta *Volkstum*. Segundo Grützmann (2003b), posteriormente, outros elementos foram incorporados ao conjunto de ideias nacionalistas, tais como noção (etnocêntrica) de superioridade racial (ariana) e antissemitismo. A ideia de nação alemã que se configurava era de uma percepção étnica culturalista (língua, usos, costumes, hábitos como diferenciadores) e primordialista (descendência, laços familiares, vínculos de sangue, etc). Assim que surgiu o Estado Nacional Alemão, a cidadania alemã também passava a ser atribuída aos compatriotas emigrados na dispersão. (SILVA, 2005)

No Brasil, o germanismo surgiu a partir da diversidade e pluralidade étnica que, por seu contato interétnico e interação, forjado na multiplicidade do processo migratório e da colonização, configurava-se de forma e pensamento distintos. Cabia-lhes a tarefa de restaurar o "autêntico" germanismo. Obviamente que havia uma

série de interesses de várias ordens aqui envolvidos. Junto da busca pela preservação étnica, havia a necessidade de garantir a distinção do grupo em diferentes níveis e situações da vida social. Também não quer dizer uma sobreposição do econômico ao cultural. E mais, a luta pela 'germanidade' se traduzia numa certa resistência à assimilação, item básico e obrigatório para integração à nação brasileira. Grützmann (2003) bem lembrou que o germanismo não é um movimento exclusivo ao sul do Brasil, também outros países que receberam imigrantes alemães como, por exemplo, a Argentina e o Chile. Assim sendo, tratou-se de um movimento desenvolvido no exterior, junto às populações de imigrantes alemães fora do território alemão. (SILVA, 2005)

3.3.3.1 Nacionalismo teuto-brasileiro do século XIX

Em 'nova pátria', os teuto-brasileiros também configuraram uma nova identidade político-social, influenciados em parte pelo nacionalismo alemão e também por atividades de intelectuais de procedência alemã. A construção identitária nacionalista foi muito importante para o engajamento dos alemães e seus descendentes dentro da sociedade brasileira. Encontramos aspectos relevantes que serviram de base do nacionalismo alemão, no decorrer do século XIX, especialmente na obra de dois filósofos alemães Johann Gottfried von Herder e Johann Gottlieb Fichte. Ambos contribuíram para a construção das concepções filosóficas do nacionalismo teuto-brasileiro do século XIX.

Precursor do Romantismo, Johann Gottfried von Herder buscou relacionar o sentimento nacionalista alemão com o desejo de conhecimento universal, característica própria do século XVIII. As principais ideias de Herder[61] que influenciaram as concepções do nacionalismo teuto-brasileiro do século XIX, foram aquelas relacionadas à língua, conduta humana e valorização das tradições. Herder sustentava que a tradição era o instrumento próprio de ensino ao povo, o seu modo de ser, compreender e agir. A consequência desses ensinamentos seria a base da valorização da sua própria história, representada através dos antepassados. O caráter nacional do povo era sintetizado na máxima: "A mãe nação não abandona seus filhos." (MOSSMANN SOBRINHO, 2014)

---

[61] HERDER, J. G. Von. **Ideas para una filosofía de la historia de la humanidad**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1959.

Já, por sua vez, Johann Gottlieb Fichte foi considerado um dos principais filósofos idealistas na Alemanha. Diferente de Herder, ao invés de trazer o aspecto universal, Fichte enfatizou os pontos que diferenciavam os alemães dos demais povos. Para Fichte[62] (2010), o povo alemão possuía características únicas, e diferente de outros povos de origens germânicas, os alemães mantiveram a língua vernácula e a cultura 'original'. Também admitiu a influência de línguas estrangeiras no alemão. Também sustentava que o povo fosse sempre a causa e razão de toda nação, enfatizando assim "as virtudes natas do povo alemão, como fidelidade, sinceridade, honra e simplicidade." Considerava os alemães como pessoas de nações cultas e superiores, que não tinham qualquer obrigação de ajudar os povos incultos. Mossman Sobrinho (2014, p. 74) ressaltou ainda que

> A educação seria outro fator nevrálgico para o fortalecimento da nação – a fé deveria ser instrutiva em todos os segmentos – remetendo à influência da escolástica na doutrina de Lutero – que seria outro fator que diferenciava o povo alemão dos demais, justamente por possuírem uma religião mais adequada à nova realidade da época.

Acreditavam e propagavam uma espécie de "heróico" passado histórico alemão, além da centralidade da língua alemã como elemento representativo da 'preservação' da memória e identidade do seu povo. A preservação do idioma era fundamental, tanto para Herder como para Fichte. A questão da separação de "nação" e "pátria" também se constituiu num ponto nevrálgico para o ideário do nacionalismo teuto-brasileiro.

Dreher (2001) citou a presença significativa de teuto-brasileiros no Partido Liberal em três grupos político-filosóficos: os liberais, cujo líder era Karl von Koseritz; os luteranos, com destaque aos pastores Wilhelm Rotermund e Hermann Dohms; e os católicos, com os sacerdotes jesuítas, em especial Theodor Amstad e Max Von Lassberg, influentes entre os colonos do interior.

Segundo Mossmann Sobrinho (2014), muitos aspectos apresentados pelos filósofos germânicos nacionalistas Herder (1959) e Fichte (2010), concretizaram-se em práticas políticas e sociais por parte dos teuto-brasileiros. Aspectos como a valorização da língua, da cultura, das tradições, da etnicidade, da crença na superioridade étnica, da preservação da identidade alemã (*Volkstum*), tornaram-se marcas dos germanistas como Koseritz e tantos outros. O nacionalismo teuto-

[62] FICHTE, J. G. **Discursos à nação alemã**. Circulo de Leitores – Temas e Debates, Lisboa/Portugal, 2010.

brasileiro foi forjado e propagado através de jornais e almanaques. Seu empenho era a luta pela cidadania plena. Alguns meios de comunicação foram propagadores do nacionalismo teuto-brasileiro e também se tornaram um instrumento de cooptação político filosófica. Destacaram-se como jornais de grande relevância, associados aos três grupos político filosóficos, os jornais impressos *Koseritz Deutsche Zeitung* e *Koseritz Deutschen Volkskalender für Brasilien* (SEYFERTH, 1993), auspiciados pelos liberais liderados por Koseritz; o almanaque *Kalender für die Deutschen in Brasilien* e o jornal *Deutsche Post*, articulado pelo pastor luterano Rotermund; e o *Deutsches Volksblatt*, jornal que era editado desde 1871 pelos jesuítas (GERTZ, 2010). Muitos desses jornais ou almanaques possuíam uma alta tiragem, com números superiores a dez mil exemplares, o que, para padrões da época, representava um forte instrumento de divulgação e doutrinação. (SEYFERTH[63], 1993; SILVA[64], 2005; GERTZ[65], 2010 *apud* MOSSMAN SOBRINHO, 2014, p. 81)

A base axiomática do nacionalismo teuto-brasileiro foi a separação entre 'nação' e 'pátria', influência de Herder e Fichte que, apesar das diferenças filosóficas, vincularam os laços da nação alemã ao pertencimento étnico, e não pátrio. Assim sendo, alemão seria quem falasse e preservasse a língua alemã, seguisse suas tradições, possuísse o 'sangue' germânico. Tais elementos preservados configuram traços identitários, ainda que sejam modificados, dos teuto-brasileiros onde quer que se encontrem neste vasto país.

---

[63] SEYFERTH, G. **Identidade étnica, assimilação e cidadania**: a imigração alemã e o Estado brasileiro. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 22-25 de outubro de 1993.

[64] SILVA, H. R. K. da. **A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs**. Anos 90, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 295-330, jan./dez. 2005.

[65] GERTZ, R. **A República no Rio Grande do Sul**: política, etnia e religião. História Unisinos, ano 14, v. 1, p. 38-48, jan./abr. 2010.

4 CAPÍTULO 3 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE JOINVILLE

No início do século XIX, a Alemanha atravessava um momento crítico, marcado por guerras, lutas e tensões políticas internas, apresentava crescimento populacional exacerbado e descompassado em relação ao desenvolvimento dos meios de produção. Os fluxos migratórios também eram motivos de interesse por parte do país de origem, haja vista o período conturbado em razão dos movimentos revolucionários de 1848. Os chamados "filhos de março" (*Märztagekinder*) protestavam contra a estrutura hegemônica autocrática dos estados independentes da chamada Confederação Germânica. Expressavam o desejo de liberdade política e de democratização do poder. Embora caracterizado como oriundo de uma elite, este movimento também era formado por pequenos e médios artesãos, que temiam pelos seus pequenos negócios em detrimento do processo de industrialização em curso. Nas sociedades emissoras, neste período de 1840 e 1850, percebia-se que a opressão política gerava constrangimento econômico, insegurança e incerteza de futuro. Eram milhares de artesãos e camponeses que migraram. As estruturas políticas, econômicas e sociais, dos diversos estados germânicos, não acompanhavam as mudanças que surgiam naquelas décadas. (BREPOHL; NADALIN, 2019)

Por aqui, o Brasil demonstrava um certo interesse no recebimento de imigrantes alemães, com vistas à implantação de colônias agrícolas. O movimento migratório intenso dos povos germânicos, muitos deles em sua maioria luteranos, intensificava-se nos países das Américas.

4.1 COLÔNIA D. FRANCISCA E A SOCIEDADE COLONIZADORA DE HAMBURGO

A irmã de Dom Pedro II, a princesa Francisca Carolina, recebeu um dote de casamento com o francês François-Ferdinand Philipe, Príncipe de Joinville, que correspondia a terras, na região localizada na província de Santa Catarina. Como havia interesse do príncipe para que fossem assentados colonos germânicos naquela região, ele negociou parte das terras para a colonização com um grupo de mercadores de Hamburgo. Estas terras foram negociadas pelo casal e, através da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, foi inicialmente denominada de Colônia

Dona Francisca.[66] Desde a sua fundação, em 1842, essa companhia de colonização era composta de empresários capitalistas que buscavam fortalecer seus negócios no Brasil. Para Giralda Seyferth (2011), esses homens de negócio buscavam como parceiros menores, imigrantes pobres ou de classe média. Foram designados por Seyferth como "empreendedores étnicos", pois os abastados criaram uma rede de comerciantes de procedência e origem alemã. A mmesma língua e o conhecimento das redes comerciais existentes no país criavam um certo "laço" em seus negócios e também na lealdade dos ádvenas. Brepohl e Nadalin (2019, p. 6) observaram que "tal inclusão era desejada, talvez, inclusive, programada." Quem eram, então, esses imigrantes?

> A política de colonização privilegiou a vinda de agricultores e artesãos como imigrantes preferenciais. Na prática entraram profissionais diversos e, na imigração espontânea, indivíduos que dispunham de pequenos recursos que permitiram iniciar um negócio. Nas linhas, alguns imigrantes amealharam dinheiro na atividade madeireira ou operando moinhos que atendiam a demanda de outros colonos. [...] Houve uma ampla diversificação com o surgimento de pequenas indústrias e oficinas de artesãos, mas prevaleceu o estabelecimento dos comerciantes mais abastados, nas cidades, que iniciaram a industrialização em finais do século XIX. A relação com os colonos baseou-se na confiança mútua, marcada pelo pertencimento étnico. A classe dos comerciantes foi a única que enriqueceu no contexto colonial, mas ela teve também um papel importante na conformação de uma identidade teuto-brasileira. (SEYFERTH, 2011, p. 57 *apud* BREPOHL; NADALIN, 2019, p. 6-7).

Este foi um período de constante e intenso fluxo migratório. Antes da Revolução Industrial, os moradores das pequenas cidades alemãs e seus arredores, ou seja, das regiões emissoras, buscavam como meios de sobrevivência atividades de ordem artesanal e agrícola. Para se ter uma ideia, comparativamente, no ano de 1850, a "Federação Alemã tinha tantos habitantes quanto a França, mas sua capacidade industrial era incomparavelmente menor. Em 1871, o império alemão unido já era mais populoso que a França e muito mais poderoso economicamente." (HOBSBAWM, 2004, p. 69).

Tão somente após o fracasso da "revolução alemã" de 1848-1849, que um grupo entre os hamburgueses persistiram na ideia inicial de constituírem a

---

[66] Em artigo no Jornal Folha de S. Paulo sobre Joinville, Roger Modkovski mencionou que "ela é a cidade dos príncipes, embora os príncipes não tenham chegado a morar ali. [...] Em 1851, foi fundada nessas terras a Colônia Dona Francisca. No ano seguinte, a povoação passou a se chamar Joinville (cidade feliz, em francês), em homenagem ao nobre que jamais morou ali. Daquela intenção, ficou só o Palácio dos Príncipes, construído por um representante de François Ferdinand. Hoje o prédio abriga o Museu da Imigração." (MODKOVSKI, 1995, não p.)

Sociedade Colonizadora, de 1849, em Hamburgo (*Colonisations Verein von 1849 in Hamburg*). Com o pai deposto, o príncipe não temia mais qualquer censura dos compatriotas, por entregar a propriedade de sua esposa a alemães. Segundo Oberacker Júnior (1965, p. 429),

> Cedia à Sociedade mencionada gratuitamente parte de suas terras no nordeste catarinense numa extensão de 9 léguas quadradas ou seja 14.500 hectares, a escolher, de uma área de 11 léguas quadradas, reservando-se o príncipe e a sua espôsa 5 hectares na cidade a fundar e 500 hectares de terras agrícolas e a exploração de eventuais tesouros subterrâneos. A área líquida à disposição da Sociedade montava, portanto, em 13.995 hectares, e não ultrapassava a propriedade de um grande magnata alemão. O príncipe comprometia-se, todavia, a ceder depois de começar a colonização mais 12 léguas quadradas (19.200 hectares) sob as condições abaixo mencionadas, porém contra o pagamento de 10 francos por hectare, especulando, portanto, com a valorização de suas terras, então completamente abandonadas e pràticamente sem valor econômico algum.

Os termos estipulados e as condições do contrato entre os hamburgueses e o príncipe, e o governo imperial, eram:

> a Sociedade se obrigava a estabelecer no primeiro ano 100, no segundo 200 e nos três seguintes 400 colonos de qualquer sexo e idade e de supri-los com tudo o que fôsse necessário para a sua manutenção até que os advenas conseguissem manter-se com colheitas próprias. A Sociedade tinha ainda que construir as estradas principais, cuidar da possibilidade do aproveitamento dos rios como veículos de transporte, de erigir igrejas e escolas, contratar pastores e professores. Os colonos dos quais se exigiria absoluta probidade e idoneidade deviam pagar a sua passagem (55 tálers de Hamburgo até a colônia) e provar a posse de uma reserva de 2,0 tálers; podiam, todavia, receber adiantamentos e deviam pagar pequena contribuição para a manutenção das instituições comunais. Agora o govêrno imperial do Brasil fazia também de sua parte algumas concessões; dispensava os colonos pelo prazo de 10 anos do pagamento de impostos diretos e do serviço militar. Garantia-lhes ainda o livre exercício de qualquer confissão religiosa e proibia-se a instrodução [*sic*] de escravos. (OBERACKER JÚNIOR, 1965, p. 430)

Então, para viabilizar o projeto de colonização, juntamente com a companhia de colonização, chegaram os primeiros (118) imigrantes à recém fundada Colônia Dona Francisca, no dia 9 de março de 1851. Logo, esses primeiros colonos organizaram uma espécie de administração local (*Koloniegemeinde*) que, sob um conselho comunitário (*Vertreterschaft*), realizariam as construções necessárias como as picadas, ruas, cercas, etc.; providenciariam recursos de remuneração para um médico e um pastor; zelariam pela segurança dos seus pares e reivindicariam, junto à companhia colonizadora e à presidência da província, as medidas necessárias que atendessem a comunidade. O conselho comunitártio (*Vertreterschaft*), herança do

movimento liberal alemão, administrava uma certa participação democrática direta, de modo a atender as demandas necessárias dos seus representados, cuja ênfase da governança estivesse em poderes locais da comunidade. Este estilo administrativo logo entraria em conflitos de poder com a estrutura organizacional do Brasil Império.

Naquele ano, ainda chegaram mais alguns grupos de imigrantes germânicos. Eram alemães, mas também havia alguns suíços e noruegueses. "Muitos dos imigrantes chegados inicialmente à Colônia Dona Francisca, no entanto, não permaneceram no local, mudando-se em boa medida para a região em torno de Curitiba." (BAADE, 2011, p. 46) A região da Colônia Dona Francisca possuía clima inóspito, bastante úmida e pantanosa, facilitando assim o surgimento de vários tipos de doenças, além de dificultar as condições e execuções de trabalho. Mesmo assim, muitos daqueles imigrantes, apesar dos obstáculos, resolveram permanecer por ali. Uma das múltiplas razões era a questão financeira, ou seja, as economias já haviam se esgotado, especialmente com a viagem ao Brasil e a aquisição de terras. Então, a "remigração" já não era mais uma opção.

O território para os colonos, para fins de assentamento, deveriam ser ocupados no prazo de 5 anos; o pagamento das despesas de viagem dos colonos correspondia a 3 dias de trabalho por semana; eram obrigados a trabalhar para os "diretores" da colônia, na construção de estradas, escolas, hospitais e igreja, e ainda pagavam 2.000 réis de imposto anual (25% do valor de um escravo ou 2,5 kg de açúcar em 1850). O preço do lote era mais ou menos 3 marcos por hectare; tendo como referência o preço do açúcar mencionado antes, essa soma equivaleria a 2 kg na Inglaterra. Para quem possuía recurso, a colônia poderia ser um bom negócio. Quem não tinha recurso, os compromissos assumidos tornavam a vida tão difícil quanto de onde procediam. Não foi à toa que ocorreram fugas, "remigrações", protestos, manifestações de descontentamento em relação à sociedade colonizadora e seu conselho, e mesmo com o próprio governo local. (BREPOHL; NADALIN, 2019).

Segundo Ficker (1965), pairava um certo "ar" de tensões e conflitos na colônia. Era problema de jurisdição e de papel ambíguo dos poderes exercidos. Administrativamente, de acordo com o modelo autônomo, havia um descompasso em relação ao poder provincial, pois o contrato permitia que os colonos escolhessem seus próprios árbitros, burgomestres, para as decisões de suas disputas. Ainda

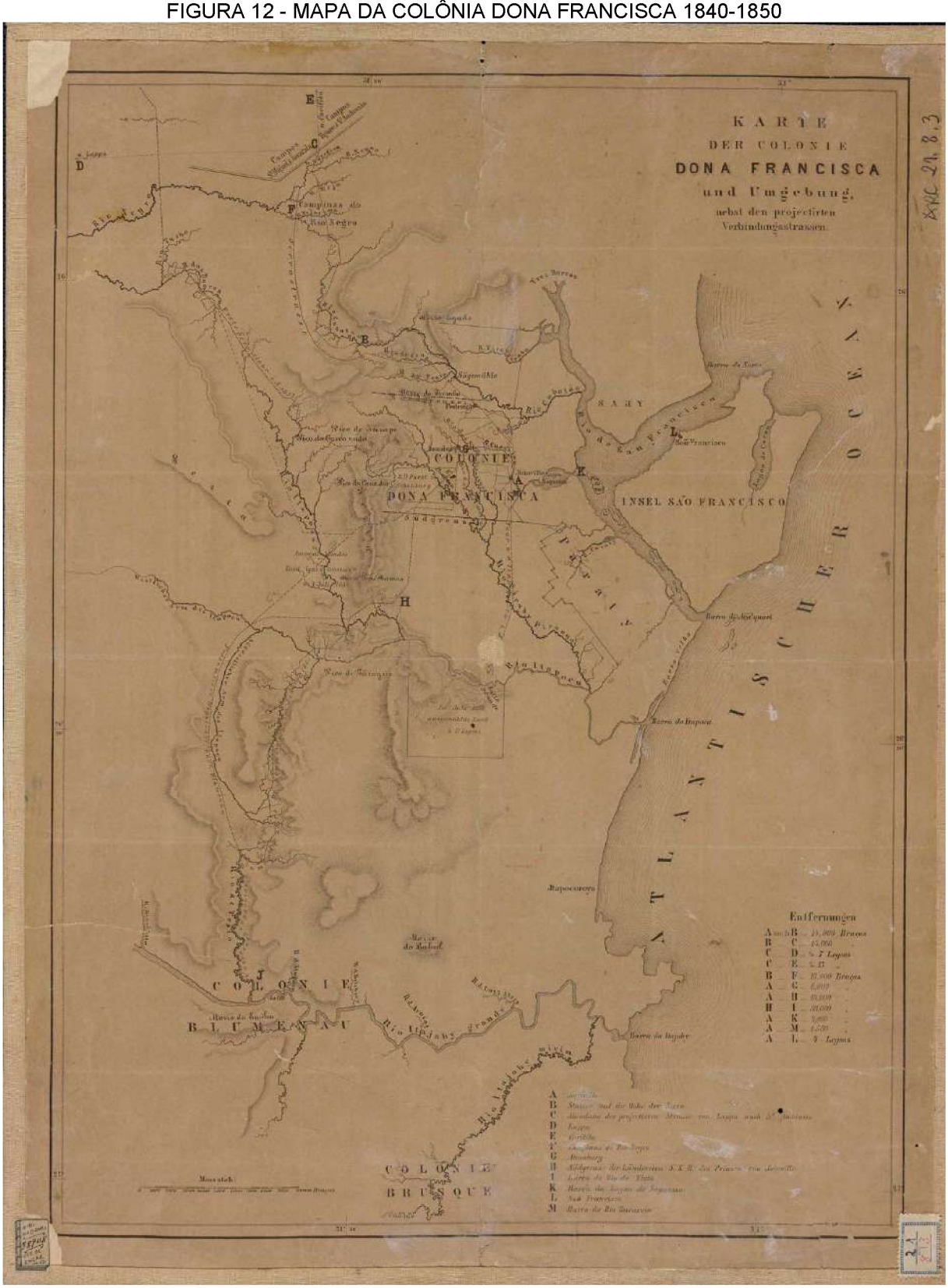
também sofriam com as interferências da sociedade colonizadora, do governo, e dos desentendimentos internos. Em 1868 a colônia foi elevada à categoria de município e recebeu a designação de "Vila". Em 1877 foi elevada à condição de cidade.

> De 1850 a 1888 foram encaminhados para a Colônia Dona Francisca 17.408 colonos, dos quais 12.911 eram lavradores, 1.288 artesãos, 562 operários e 1.647 de profissões diversas. Quanto a nacionalidade, 12.290 eram alemães, 3.224 austríacos e 1.894 de outros países, principalmente escandinavos e suíços. E quanto à religião, 11.944 eram protestantes 14 e 5.430 católicos. (RICHTER, 1982 *apud* CUNHA, 1996, p. 11)

É importante destacar que a fundação e desenvolvimento da cidade teve a participação de outros grupos na história de Joinville[67], tais como os indígenas, os negros, os luso-brasileiros. Antes mesmo da chegada dos imigrantes germânicos à Colônia Dona Francisca, já habitavam portugueses reemigrados, indígenas, negros de outras localidades, como por exemplo da Província de São Vicente, que transitavam por estas terras e moravam na cidade de São Francisco do Sul. (GUERREIRO, 2020)

[67] Trata-se da "narrativa"no sentido de ser a mais encontrada nos livros didáticos das escolas e mais difundida entre a população joinvilense. Como esta pesquisa trata do processo migratório germânico e suas consequências, esta abordagem é aqui trabalhada.

FIGURA 12 - MAPA DA COLÔNIA DONA FRANCISCA 1840-1850



FONTE: Biblioteca Nacional (Brasil) (2022)

4.2 COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE - IGREJA DA PAZ

A formação de comunidades protestantes de imigração na Colônia Dona Francisca não tardou para acontecer. Desde 1851, a colônia se tornou o núcleo central, do qual iniciou o estabelecimento e desenvolvimento de comunidades ditas protestantes de imigração na região norte catarinense. A história da 'Comunidade Evangélica de Joinville' e da 'Igreja/Paróquia da Paz' está também relacionada à história da própria cidade, cujo *viés* possui uma certa "memória religiosa". Atribui-se a imigrantes germânicos (alemães, suíços, noruegueses), dentre os quais grande parte de cristãos protestantes luteranos (evangélicos), que chegaram na barca Colon, vinda de Hamburgo.

4.2.1 O ajuntamento inicial dos imigrantes protestantes

De início, um suíço chamado Carl Mšrikofer, ex-professor, dentre estes primeiros imigrantes da barca Colon, foi contratado pela direção da Colônia para assumir os serviços religiosos. Ele prestava assistência nos sepultamentos, realizava batismos e casamentos, reunia os interessados para os cultos dominicais. Logo, por solicitação destes imigrantes e com vistas à organização da vida religiosa, a direção da colônia Dona Francisca buscou firmar contrato com seu primeiro pároco, Pastor Jakob Daniel Hoffmann, vindo de Lübeck, no norte da Alemanha, no dia 7 de outubro de 1851. Em 21 de dezembro, o Pastor J. D. Hoffmann realizou uma cerimônia matrimonial e, no dia 25 de dezembro (Natal) de 1851, foi realizado o primeiro culto oficial luterano por um pastor formado, bem defronte a um rancho, da então chamada *Hafenstrasse* (Rua do Porto), atual Rua Nove de Março, na Colônia Dona Francisca. (CREUTZBERG, 2022)

FIGURA 13 - CENTRO DA COLÔNIA DONA FRANCISCA - 1851

FONTE: Ficker (1965)

Temos aqui um panorama do centro da Colônia Dona Francisca. Primeiramente chamada de “Schrödersort” e, depois, de Joinville. À esquerda, onde hoje se localiza o terminal urbano de ônibus, era o barracão chamado de “Casa de Recepção”, lugar que eram alojados os imigrantes quando chegavam.

O contrato com o Pastor J. D. Hoffmann era de três anos, no entanto, em julho de 1853, o pastor deixou a Colônia Dona Francisca e se mudou para Petrópolis, no Rio de Janeiro. Trabalhou ali na região por um ano e meio. Com a saída do Pastor Hoffmann, a comunidade evangélica da Colônia Dona Francisca ficou desassistida pastoralmente pelo período de um ano inteiro.

Em junho de 1854, chegou e assumiu o trabalho o Pastor Georg Hölzel, nascido em Neuburg, Böhmen, na Alemanha, em 1820, e atuava na Comunidade de Gablonz, na Áustria. A experiência adquirida na Áustria como pastor evangélico num universo católico lhe foi de grande valia para seu novo campo de trabalho no Brasil.

Também se destacava como orador[68] em suas prédicas. Outro destaque, deveu-se ao fato da liderança e empenho do Pastor Hölzel para a construção do templo, diante das dificuldades financeiras dos imigrantes.

4.2.2 A construção de uma "Casa de Oração"

Depois de alguns anos, mais precisamente em 1857, "a Colônia Dona Francisca possuía então 1.428 moradores, sendo 793 homens, 635 mulheres, 142 católicos e 1.368 protestantes." (IGREJA DA PAZ, 2020, não p.) Como o maior grupo existente na cidade era protestante, logo se tornou necessária a construção de um lugar próprio, onde pudessem se reunir e expressar sua fé. Então, logo foi solicitado ao governo imperial, um projeto para a construção de uma "Casa de Oração", pois naquela época a religião oficial no Brasil era a católica, e não era permitido a outras religiões a construção de templos com 'aparência' de igreja (p. ex. torres ou sinos). A construção foi autorizada e também foi recebida uma razoável quantia em dinheiro do governo imperial. As terras para a construção foram doadas pela Direção da Sociedade Colonizadora. Foi durante o período em que o Pastor Hölzel trabalhou junto à Comunidade, que ocorreu o lançamento da pedra fundamental, a construção e inauguração do primeiro templo da Igreja da Paz em Joinville. "Importante é que esta construção não significou apenas a criação de um espaço para o culto a Deus, mas que através desta construção ocorreu a união de todos os membros envolvidos e principalmente o sentido e amadurecimento do 'ser Comunidade'." (PISKE, 1987, p. 7) Assim sendo, no mês de junho de 1857, foi realizada a cerimônia[69] de lançamento da pedra fundamental da "Casa de Oração",

---

[68] As prédicas, em língua alemã, foram digitalizadas em 2008 pelo Instituto Martius-Staden de São Paulo e estão publicadas em dois volumes disponíveis em formato de arquivo digital na *home page* da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). (PRÉDICAS, 2022, não p.)

[69] Eles fizeram discurso em português, mas o secretário da Colônia Ottokar Döerffel traduziu para o alemão. O Pastor Georg Hölzel fez a prédica do ato festivo. Um coral abrilhantou a festa. Depois do culto, o arquiteto Kröhne (que pela direção da Colônia foi encarregado da construção da obra), apresentou martelo e pá de pedreiro sobre uma almofada e ofereceu ao Pastor pedindo benção, depois o Sr. Kröhne entregou essas ferramentas ao diretor da Colônia, o mesmo entregou ao Major Alvin, o qual novamente discursou em português e o secretário traduziu para o alemão. Ottokar Döerffel fez um documento sobre o evento o qual foi colocado dentro de uma cápsula de estanho, que depois de lacrada foi colocada na pedra fundamental (a cápsula foi aberta por um antigo membro da comunidade, Sr. Rudolf Neumann, ela continha doze documentos. No dia da inauguração da ampliação da igreja foram depositadas duas urnas, contendo os documentos antigos e atuais referentes ao evento do dia 12 de março de 1961). (CREUTZBERG; BÜBLER, 2022, não p.)

num terreno doado pela direção da Colônia e com auxílio financeiro do governo imperial.

FIGURA 14 - CERIMÔNIA DE LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL - JUNHO - 1857

FONTE: Ficker (1965)

> Temos no centro do local, diante de um pequeno altar com uma Bíblia aberta e sobre uma plataforma, a figura do Pastor e logo atrás o coral e músicos rodeados por sete palmeiras simetricamente plantadas para esta ocasião, um pouco à esquerda do Pastor, as autoridades (membros da Direção da Colônia, do governo provincial, etc), os convidados de honra e o escrivão. O. Dörffel, sentado perante uma mesa, tendo ao seu lado o major Alvin, que se dirige para a colocação da urna de documentos na pedra fundamental Defronte ao altar, as mulheres, voltadas para o sul, onde se concentram os pequenos alunos (e alunas) com seus professores; e finalmente, fora das paredes em construção, os colonos de Dona Francisca. (FICKER, 1965, não p.)

Segundo Creutzberg e Bübler (2022), após devidamente aprovada pelo governo imperial, com a contribuição de "*déz contos de reis*" para a construção, com o terreno doado pela direção colonial para "igreja, casa pastoral e escola", o início dos trabalhos aconteceu em abril de 1857. O "granito e quartzo" foram extraídos em regime de mutirão, de uma pedreira aberta especialmente para essa finalidade, na

então chamada “Estrada dos Franceses”. Em junho, foi realizado o ato solene do lançamento da pedra fundamental. Estavam presentes, o representante do presidente da Província (D. João José Coutinho), o engenheiro João de Souza Melo de Alvin, e também o diretor da Colônia Leònce Aubé.

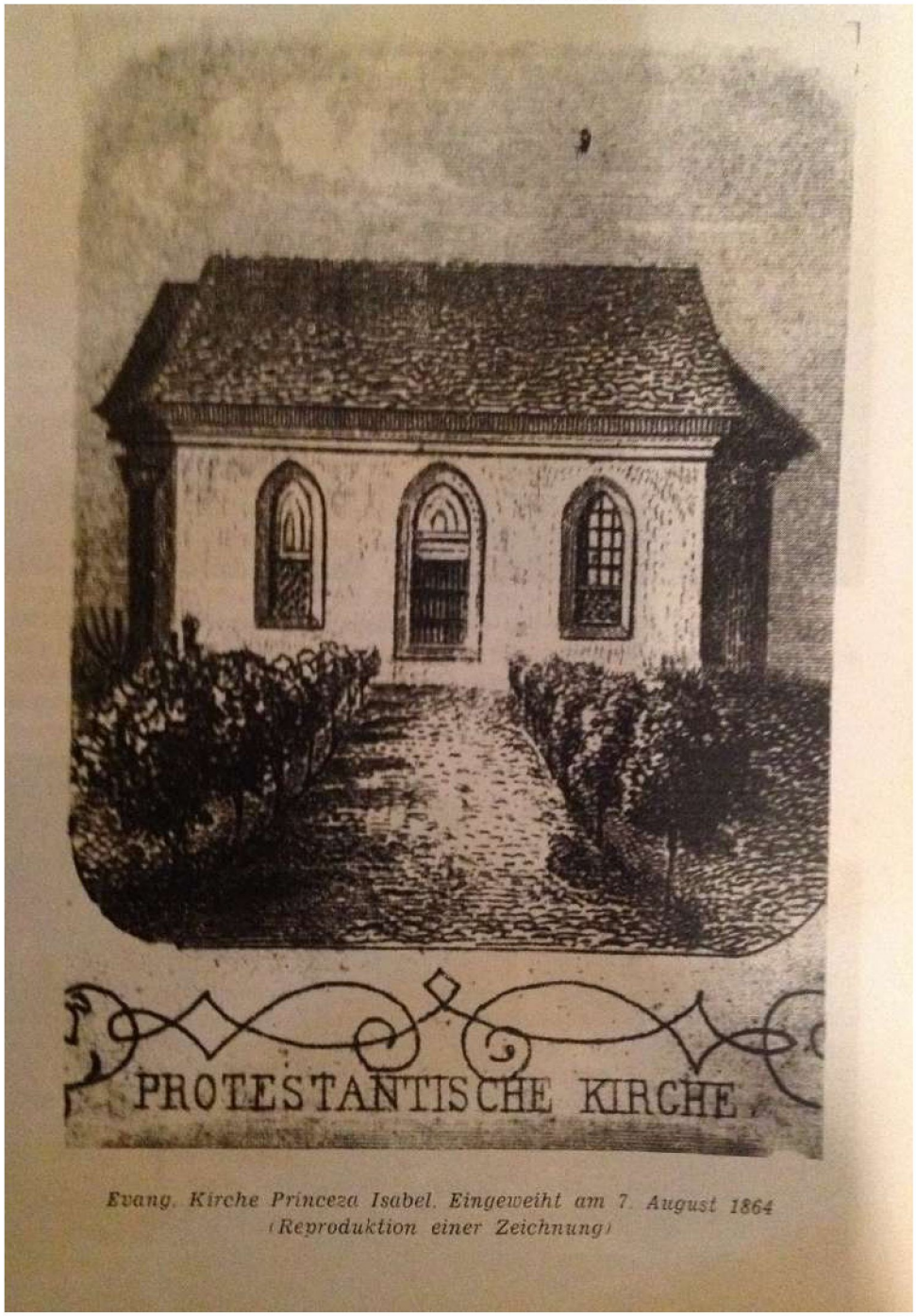
A primeira cobertura era de telha, algo incomum para época, pois as construções eram cobertas com palha ou madeira. “O comprimento da igreja era de oitenta e oito pés de largura e quarenta e três pés de altura.” (26,82m de largura e 13,11m de altura) No interior do templo foi construído um mezanino, altar e púlpito, o forro era sustentado por doze colunas, possuía cinco janelas (no estilo gótico) e três portas. Segundo levantamento técnico realizado, as evidências mostram que essas aberturas ainda permanecem no templo, mesmo após a disposição atual. Aliás, ao longo do tempo de sua existência, mais de 170 anos, as modificações realizadas foram sempre no sentido de ampliação do templo, permitindo assim que a estrutura da primeira “Casa de Oração”, de 1857, fosse mantida. Esta construção se tornou o templo mais antigo de Joinville, cuja arquitetura busca expressar essa memória e história. A presença e relevância pública desta igreja, foi evidenciada publicamente mais tarde, por ocasião de seu tombamento municipal e estadual, tornando-se assim, parte da memória urbana e cultural do município.

Segundo Baade (2011), em fevereiro de 1860, chegou à comunidade o Pastor Friedrich Stapel, vindo de Copenhagen, Dinamarca. Este pastor havia sido contratado e remunerado pela Companhia de Colonização. Trabalhou em Joinville até o mês de maio de 1865. Após sua saída, a comunidade passou a ser atendida interinamente pelo Pastor Georg Feinauer, da Estrada da Ilha, localidade próxima na região. Buscou-se outro pastor junto à Companhia de Colonização, mas não havia mais disposição para remunerar um pároco. Assim sendo, foi feito contato com o próprio Pastor Hölzel, que trabalhava no Estado de São Paulo, e que também aceitou prontamente e acertou seu retorno àquela comunidade, onde atuou até a sua morte em 1889.

Posteriormente, em dezembro de 1863, foi solicitado ao presidente da Província mais verbas para a conclusão da obra. Também foi arrecadado entre os membros da comunidade a quantia de “setecentos mil réis”. A execução da obra de construção foi realizada pelo mestre pedreiro Sr. “Müller”; as colunas de madeira (canela) foram trabalhadas pelo mestre artesão Sr. “Sturm”. Também foi doado um harmônio pelo Sr. “Mohrmann”. Então, a inauguração do templo foi realizada no dia 7

de agosto de 1864. Foi presenciada por cerca de “quinhentas pessoas”. “A sociedade suíça de cantores colaborou no culto festivo. Por essa época, a população da Colônia Dona Francisca era de quatro mil cento e vinte habitantes, destes, três mil trezentos e setenta e quatro eram evangélicos.” (CREUTZBERG; BÜBLER, 2022, não p.)

FIGURA 15 - PRIMEIRO TEMPLO DE JOINVILLE, VISTA LATERAL DA CASA DE ORAÇÃO PROTESTANTE



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville (AHJ)

No ano de 1868, sob liderança do Pastor Georg Hölzel, foi solicitado por três vezes recursos financeiros para a compra de sino para a "Associação Gustavo Adolfo"[70] na Alemanha. Não foram contemplados. Bem depois, com a morte do Pastor Hölzel em 1889, um outro novo pastor chegaria em 1890, um ano depois. Tratava-se do Pastor Heinrich Koetter. Durante o período de vacância da comunidade, os serviços eclesiásticos foram desempenhados pelo Pastor Wilhelm Lange, de Brüdertal, Guaramirim, Estado de Santa Catarina.

4.2.3 Uma igreja com torre e sinos (relógio, órgão de tubos, mobília sacra)

Com o advento da proclamação da República, em 1889, e a liberdade religiosa, surgiu entre os próprios membros da comunidade a intenção de construir uma torre com sinos na Casa de Oração. Segundo Baade (2011, p. 49-50) "uma igreja sem torre e sinos, no imaginário do imigrante protestante, não era uma igreja digna. Trata-se, portanto, de uma transição importante na comunidade de Joinville, bem como em muitas comunidades protestantes de imigração." Logo, então, foi formada uma comissão pelos Srs. Ottokar Döerffel[71], Arnald Grossembacher, Otto Pfützenreuter, Karl Grünsch, Theodor Lauer e Louis Wetzel que trataram da construção da torre e também da aquisição e instalação dos sinos. Conseguiram três

---

[70] A Associação Gustavo Adolfo surgiu na Alemanha, fundada em 1832, buscava apoiar igrejas luteranas confessionais minoritárias na "diáspora". Sínodos brasileiros que, posteriormente, constituíram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), por vezes receberam auxílios desde a metade do século XIX. A IECLB tem até hoje uma expressiva parceria com a entidade alemã, que concede anualmente auxílios para construções diversas e projetos missionários. É a parceira do exterior mais antiga da IECLB, embora já exista a versão brasileira denominada de Obra Gustavo Adolfo (OGA).

[71] O Sr. Ottokar Dörffel nasceu em Waldenburg, na região da Saxônia, em 24 de março de 1818. Era filho de um funcionário público da Justiça. Frequentou o ensino elementar e ginasial em sua cidade natal, seguiu para Leipzig, onde se formou em Direito. Assim como o seu próprio pai, atuou como funcionário da Justiça em pequenas cidades da região. Em 1848 tornou-se prefeito de Glauchau, na Saxônia, importante centro industrial e têxtil da época. Envolveu-se nas revoltas liberais contra o governo absolutista, e foi absolvido fazendo sua própria defesa. Descontente com os rumos da situação política e social imigrou com sua esposa chamada Ida no ano de 1854. Veio para a recém-criada Colônia Dona Francisca onde adquiriu uma propriedade no "*Mittelweg*" (Caminho do Meio, atual Rua XV de Novembro).Tornou-se uma das mais proeminentes figuras joinvilenses; foi co-fundador, dirigente e membro de inúmeras associações (*Verein*) locais: de teatro, de ginástica, de canto, da Maçonaria, da Escola e da Igreja Evangélica (Luterana), com destaque à fundação e edição do principal jornal de Joinville, o "*Kolonie-Zeitung*". Exerceu os cargos de cônsul alemão, diretor da Colônia, vereador e prefeito da cidade. Faleceu em 18 de novembro de 1906, aos 88 anos. Está sepultado junto da esposa no antigo Cemitério Protestante de Joinville, atual Cemitério do Imigrante. (CUNHA *et al*, 2022) Maiores detalhes e informações sobre a biografia do Sr. Ottokar Dörffel estão reunidos e documentados em exposição no Arquivo Histórico de Joinville disponível pelo site https://www.joinville.sc.gov.br/publicacoes/exposicoes-do-arquivo-historico-de-joinville/ ou https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Exposi%C3%A7%C3%A3o-Ottokar-D%C3%B6rffel-Acervo-e-Mem%C3%B3ria.pdf Acesso em: 1 jan. 2023.

sinos, procedentes da cidade de Bochum, na Alemanha; o primeiro deles pesava 195 kg, o segundo 91 kg e o terceiro 67 kg. Também foi adquirido, através de doações, uma pia batismal, um crucifixo para o altar, uma bíblia grande e um cálice de prata. (CREUTZBERG; BÜBLER, 2022)

FIGURA 16 - IGREJA DA PAZ

FONTE: Igreja da Paz (2020)

Aconteceu que, raios atingiram pelo menos duas vezes o templo e, por isso, surgiu a ideia e necessidade de um para-raios, com vistas à proteção da edificação e também de seus frequentadores. Então, no dia 18 de dezembro de 1892, foi inaugurada a torre, de 27 metros, juntamente com os sinos. Nesta ocasião, festejada pela comunidade local, houve o surgimento e primeira apresentação oficial de um coro de vozes femininas sob liderança da Sra. Pauline Parucker. Chamava-se "*Evangelischer Kirchenchor*" (Coral da Igreja Evangélica). Mais tarde este grupo se tornou o Coral Paz. Sem dúvida, hoje, um dos maiores marcos históricos da cidade, referência no centro de Joinville.

FIGURA 17 - IGREJA DA PAZ 1892

FONTE: Igreja da Paz (2020)

Depois disso, em 1901, foi cogitada a ideia de se colocar um relógio na torre. Para que isso acontecesse, o telhado da torre necessitava ser reestruturado. Em 1908, a instalação do relógio exigiu uma ampliação na torre. O relógio foi comprado da empresa alemã de relógios de torre e fundição chamada J. F. Weule, da cidade de Bockenem em Ambergau. Passou por adaptações locais. Era constituído por quatro mostradores (de 1,75 metros) e ponteiros que foram feitos em Joinville, pelo

Sr. O. Pfützenreuter. O templo podia ser enxergado de quase todos os pontos do centro de Joinville.

FIGURA 18 - IGREJA DA PAZ INÍCIO SÉC. XX. TORRE COM RELÓGIO

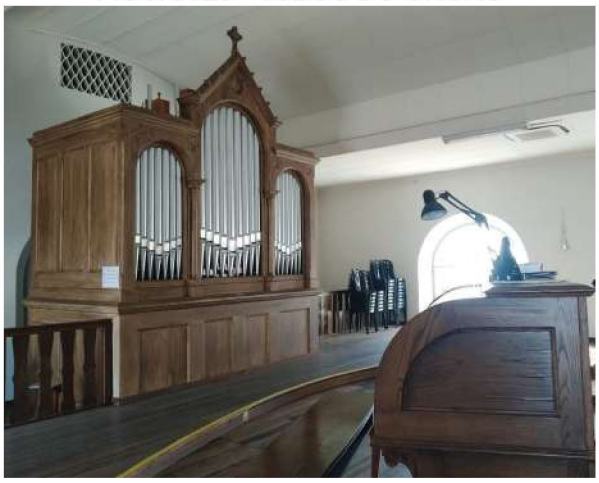
FONTE: Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) Igreja da Paz (2020)

Mais tarde, em 1911, foi adquirido pela Comunidade um órgão de tubos. Este instrumento musical foi construído pela "Oficina e Organaria Alemã Friedrich Wiegle". Possuía "2 manuais (duas fileiras de teclados sobrepostas), dezenove registros e um total de 579 tubos, além de uma organola, que permite a execução

mecânica de obras musicais a partir de rolos de papel perfurado, confeccionados para este fim." (IGREJA DA PAZ, 2020, não p.)

FIGURA 19 - ÓRGÃOS DE TUBO

FIGURA 20 - TUBOS DO ÓRGÃO



FONTE: Igreja da Paz (2020)

FIGURA 21 - INTERIOR DA IGREJA DA PAZ, NA ÉPOCA DE AQUISIÇÃO DO ÓRGÃO

FONTE: Arquivo Histórico de Joinville - Igreja da Paz (2020)

4.2.4 Temp(l)o de ampliação

Na década de 1930, outra ampliação foi feita no templo. O projeto arquitetônico da Comunidade previa alterar a cobertura, com a colocação de lanternim, abertura de dois acessos na alvenaria de fundos do altar e ampliação de suas laterais para abrigar a sacristia, esta última realizada posteriormente em 1948.

FIGURA 22 - IGREJA DA PAZ, DÉCADA DE 1930

FONTE: IELUSC (2020)

Anos depois, em 1959, foi discutida mais uma ampliação da igreja, antiga Casa de Oração, e até mesmo colocação dos vitrais. Com o crescimento da população protestante, não havia mais condições de abrigar todos os frequentadores no templo da Igreja Matriz da Comunidade Evangélica de Joinville, principalmente nas datas festivas. Criada uma Comissão para esta finalidade, foi solicitado à empresa “Groegel e Cia Ltda” um projeto de arquitetura. Haveria um aumento de aproximadamente dezessete metros de comprimento, a edificação da sacristia, sanitários, espaço para o coral, entre outras modificações e melhorias tanto externas

como internas. Com a substituição do telhado, eliminaria seis colunas da nave da igreja, novos ladrilhos, portas, janelas e vitrais, bancos, forro, substituição de madeiras e vigas. Também houve mudanças para embelezamento das fachadas com adornos ao longo delas, novos acessos, novas instalações sanitárias e ainda, mais uma ampliação da torre. Finalmente, o projeto arquitetônico de 1959 foi executado, considerada a última intervenção de grande porte realizada na Igreja. Também pode ser considerada a mais importante, no sentido da determinação da configuração atual do templo, considerado patrimônio histórico da cidade e do Estado de Santa Catarina.

FIGURA 23 - VISTA EXTERNA DA FUTURA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE JOINVILLE, APÓS AS REMODELAÇÕES. ILUSTRAÇÃO DO 2º BOLETIM DA COMISSÃO DE CONSTRUÇÃO DE AMPLIAÇÃO DA IGREJA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960.

FONTE: Arquivo Histórico da Comunidade Evangélica de Joinville - Igreja da Paz (2020)

4.2.5 Temp(l)o de restauração

Em 2012, numa primeira etapa, os trabalhos foram voltados para a restauração do templo. Embora estivesse em bom estado de conservação, alguns materiais do edifício apresentaram desgaste pelo tempo e uso. Por isso, a Igreja da Paz desenvolveu um projeto de restauração com vistas à conservação do templo e

também para continuar como referência religiosa e arquitetônica do município e do estado. Para viabilizar a execução dessas obras, o projeto de conservação e restauração foi encaminhado e aprovado pela Lei Rouanet[72], estando livre para a captação de recursos financeiros. Este projeto de restauração, trabalhado durante dois anos, buscou recuperar e preservar os elementos arquitetônicos da Igreja, bem como se adaptar para o acesso universal e a facilitação de acesso aos espaços de manutenção.

FIGURA 24 - IGREJA DA PAZ

FONTE: Igreja da Paz (2020)

Segundo Rubens Herbst (2022), após os dois últimos anos de trabalho intenso, em conclusão ao projeto iniciado em 2015, a restauração do templo da Paróquia da Paz, foi oficialmente entregue em cerimônia específica no último dia 6 de novembro. A programação contou com várias homenagens, apresentações de corais, aos sons do órgão de tubos, do grupo de metais, da *Vox Camerata* e da Orquestra Prelúdio, que marcaram o fim das obras.

[72] Este projeto denominado “Restauração da Igreja da Paz” foi aprovado na Lei Federal de Incentivo à Cultura Lei Rouanet, que permitiu deduzir 100% da doação ou patrocínio do imposto de renda devido, de pessoas jurídicas patrocinadoras o projeto com até 4% do imposto e pessoas físicas (declaração completa), podem doar para o projeto até o limite de 6% do imposto devido.

Neste último restauro, iniciado no ano de 2020, foram recuperados os vitrais, forros, piso e telhado. Também foram instaladas novas rampas de acesso. Foi realizada a pintura interna e externa, inclusive do relógio, manutenção do ar condicionado, troca completa da parte elétrica, sistema de som e iluminação também foram renovados. As paredes foram isoladas e protegidas contra umidade. Na configuração do paisagismo externo, foram incluídos canteiros, bancos, realocação do estacionamento, iluminações e rampas de acessibilidade.

FIGURA 25 - TORRE, RELÓGIO - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ

FIGURA 26 - EXTERIOR - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ

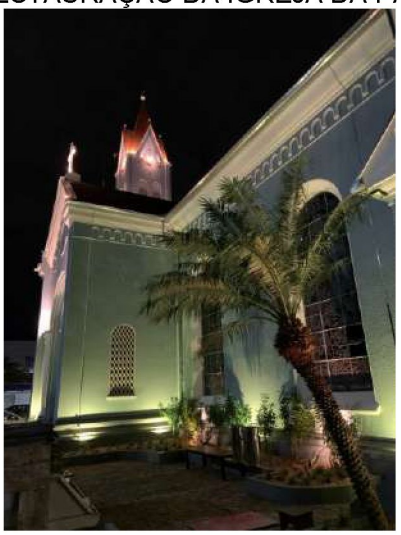


FIGURA 27 - PORTA DE ENTRADA - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ

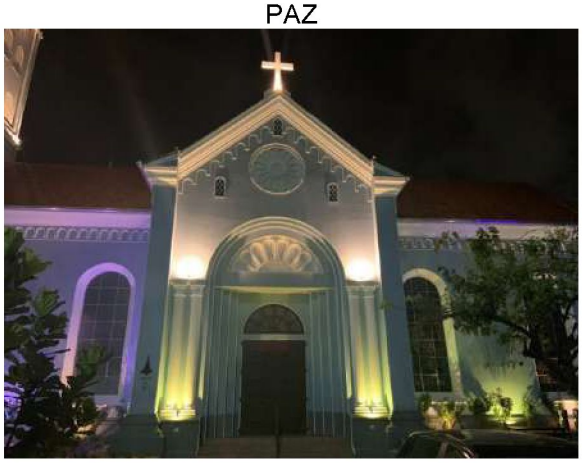


FIGURA 28 - INTERIOR - ENTREGA DA RESTAURAÇÃO DA IGREJA DA PAZ

FONTE: Fotos de Jonathan Carvalho - Informativo Mensal Joinville Luterano (2022).

> "A Igreja da Paz é um patrimônio histórico, arquitetônico e religioso de Joinville. Preservá-la, por meio de sua restauração, é possibilitar que a história da cidade continue sendo contada às futuras gerações", afirma o pastor Cléo Martin, para quem a Igreja da Paz remete a importância das bases cristãs de confissão evangélica luterana que alicerçaram o desenvolvimento de Joinville. "A Igreja da Paz jamais existiu para ela mesma, mas impulsionava seus membros para viverem dentro da sociedade, como cidadãos que colocaram seus dons a serviço, para construir uma cidade e sociedade onde todos os cidadãos têm direito a vida abundante". (HERBST, 2002, p. 9)

Para realização efetiva deste restauro, houve a colaboração de vários setores de toda comunidade joinvilense, não apenas de luteranos. Devidamente aprovado no Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), a iniciativa contou com o apoio das doações de pessoas físicas e de várias empresas locais. Quanto à Orquestra Prelúdio, a apresentação na Igreja da Paz foi a primeira de uma série de três concertos que integraram o Projeto Orquestra Prelúdio, Clássicos em Cena (PRONAC 190819), aprovado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura.

4.3 A SOCIABILIDADE DA COMUNIDADE EVANGÉLICA EM JOINVILLE

Em Joinville, desde a época da Colônia Dona Francisca, a vida social dos imigrantes e colonos sempre esteve relacionada, em algum nível e de alguma maneira, com a igreja. A vida comunitária sempre reforçou os vínculos e as relações estabelecidas de seus membros, como identificação entre os seus pares e o sentimento de pertencimento. A igreja, por meio de suas celebrações, ritos, festas, costumes e partilha social, demonstrou iniciativas muito importantes de processos de socialização e manutenção identitária étnica religiosa teuto-brasileira. Ao se referir sobre a presença luterana na Colônia Dona Francisca, Cunha afirmou que

> Para muitos, essa religiosidade e a presença aqui de uma igreja, um pastor e uma paróquia, com uma comunidade eclesiástica, foi fundamental para que os colonos superassem as dificuldades iniciais e se estabelecessem aqui. E também para a estabilidade da comunidade, amenizando a dor, o sofrimento, a saudade da terra natal e dos parentes que lá ficaram. (CUNHA, 1996 *apud* HERBST, 2021, p. 6)

A presença marcante da igreja na vida colonial, constituiu-se numa característica das comunidades de imigrantes alemães. Giralda Seyferth (1990) observou que a organização comunitária esteve sempre ligada às atividades

religiosas. Participação ativa e constante da vida social onde estavam inseridas, as comunidades luteranas se faziam presentes de variadas formas e maneiras.

> A capela constituiu o marco inicial de muitos povoados e vilas (...) A capela podia ser, ao mesmo tempo, local de culto, sala de aula, salão paroquial, etc.(...) A "comunidade religiosa" inclui a escola (primária e/ou secundária, e em alguns casos também superior), uma área de lazer, como é o caso do salão paroquial, além de diversas entidades assistencialistas, como asilos, orfanatos e hospitais. Em muitos lugares, essa "comunidade" existe também num plano espacial, isto é, os edifícios (igreja, asilo, hospital, etc.) são construídos próximos uns dos outros. Sua administração pode estar a cargo do clero, ou existe uma espécie de diretoria integrada por pessoas notáveis da 28 localidade, mais comum na comunidade evangélica luterana. (SEYFERTH, 1990, p. 52)

Assim sendo, num certo sentido, a igreja conseguia exercer sobre a comunidade mais ampla, um certo tipo de controle social. No caso da Colônia Dona Francisca, a obtenção e acesso a alguns serviços, públicos ou particulares, os colonos compulsoriamente dependiam dela. Em Joinville, a comunidade evangélica luterana marcou presença, por meio de algumas instituições que possuíam algum vínculo direto institucional com ela. Destacamos aqui, o Cemitério do Imigrante, a primeira entidade mantenedora do Hospital Dona Helena, o ancionato Bethesda, a *Deutsche Schule* (escola alemã), atual IELUSC, e a Diaconia.

4.3.1 Cemitério do Imigrante

O Cemitério "do Imigrante" surgiu *pari passu* à fundação da Colônia Dona Francisca e da Comunidade Evangélica. Cunha (1996, p. 69) relatou que, antes mesmo da chegada do primeiro pastor luterano, os mortos eram enterrados num terreno baixo, próximo ao núcleo central da colônia. Conforme Ternes (1986, p. 21), nos primeiros meses da presença imigrante, os mortos eram enterrados num cemitério anterior localizado no "caminho do Jurapé" (no encontro das atuais ruas 9 de Março e João Colin).

Com a chegada e iniciativa do Pastor Jakob D. Hoffmann, foi aberto um outro cemitério, mais afastado do centro colonial. O terreno para construção do novo cemitério foi destinado pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo aos católicos e protestantes, em duas partes iguais. Posteriormente, em 1859, representantes das duas confissões religiosas resolveram que os protestantes, por serem maioria absoluta, ficariam com ¾ e os católicos com ¼ do terreno. A iniciativa da cedência

partiu do Padre Boegershausen, num país cuja religião oficial católica, num momento em que a sua hegemonia considerava outras denominações religiosas como "inimigas". Temos aqui um caso raro de "ecumenismo", em pleno século XIX, com protestantes e católicos, germânicos, teuto-brasileiros, luso-brasileiros, afrodescendentes, sepultados lado a lado, sem muro ou cerca que os separasse.

O Cemitério do Imigrante, fundado em 1851, ocupou o cume de um morro na *Mittelwegstrasse* (Caminho do meio, atual Rua XV de Novembro). Depois, ele foi oficialmente fechado, em 1913, ano da inauguração do Cemitério Municipal. Em 1962, foi tombado pela antiga "Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional" (DPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1966, a Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização se mobilizou em busca da possibilidade de recuperação e reparos do Cemitério do Imigrante, embora nada pudesse ser feito, por não haver órgão especializado na época para acompanhar e orientar os trabalhos. Em 1980, foi criada uma comissão para tratar especificamente da preservação e possíveis melhorias do Cemitério. Foi somente em 1983 que aconteceu a intervenção, tendo sido inaugurada com a "Casa da Memória"[73] (09 de março de 1984), como parte das comemorações do aniversário da cidade. A Casa da Memória serviu como residência do coveiro do Cemitério. Mesmo sendo este cemitério de propriedade da Comunidade Evangélica Luterana, em 1989, a Companhia "Hansen Industrial" o adotou por dois anos, com a manutenção geral e específica do paisagismo, do Cemitério do Imigrante, e agora também da Casa da Memória.

[73] A inauguração da Casa da Memória veio consolidar o que estava determinado na Lei n. 1.863, de 23 de abril de 1982, de criação da Fundação Cultural de Joinville, que no seu artigo 1º, item c), tem a seguinte redação: "administrar, organizar, enriquecer o patrimônio dos seguintes órgãos: Museu Arqueológico do Sambaqui; Museu de Arte de Joinville; Casa Fritz Alt; Casa da Cultura; Arquivo Histórico de Joinville; Teatro Municipal de Joinville; Cemitério dos Imigrantes; Outras instituições que vierem a ser criadas". (CARRASCO, 2009, p. 56) A Casa da Memória consiste em uma unidade da Secretaria de Cultura e Turismo, vinculada à Prefeitura do município de Joinville, cuja finalidade consiste em promover reflexões a respeito das memórias do município e da importância da preservação do patrimônio cemiterial. Ali também funciona como "sede administrativa" do Cemitério do Imigrante. Patrimônio tombado desde 1962 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

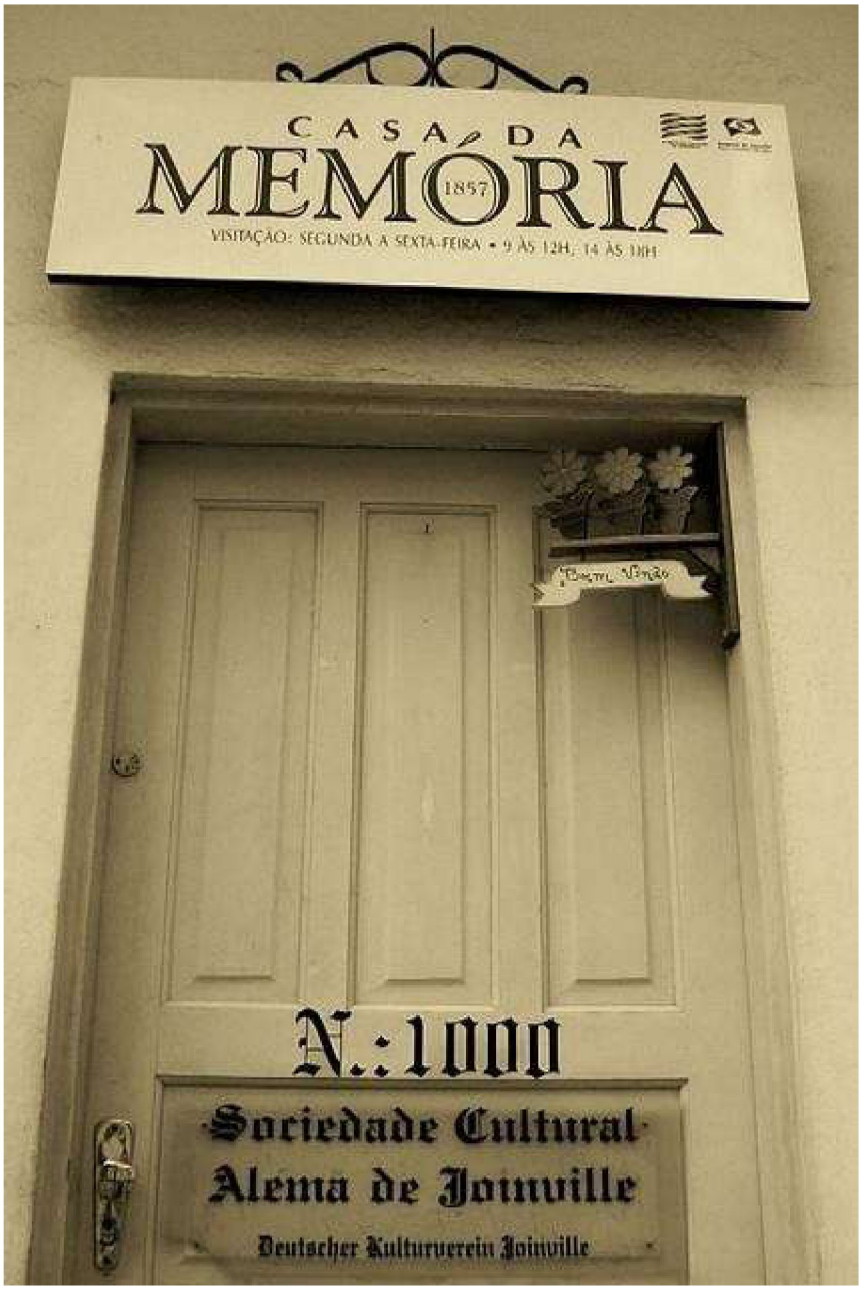
FIGURA 29 - CASA DA MEMÓRIA

FONTE: Hinsching (2018)

Juntamente da Casa da Memória, foi fundada no dia 3 de outubro de 1999, a Sociedade Cultural Alemã de Joinville (*Deutscher Kulturverein* Joinville), com a finalidade de contribuir para a memória da cultura germânica trazida por imigrantes e, ao mesmo tempo, incentivar o intercâmbio entre as culturas contemporâneas teuto-brasileiras. Foi considerada entidade de utilidade pública municipal conforme a lei 4.787 de 02/07/2003 e estadual sob a lei 12.765 de 24/11/2003. No começo, a Sociedade realizava suas reuniões em espaços culturais diversos, sendo que hoje, a sede compartilha o mesmo espaço público disponibilizado pela Fundação Cultural de Joinville à Casa da Memória, e também junto ao Cemitério dos Imigrantes. Este espaço permite à Sociedade Cultural Alemã de Joinville realizar seus projetos e atividades culturais, encontros dos associados e reuniões da diretoria, com acesso ao acervo histórico e literário, bem como de outros materiais sobre os imigrantes e seus descendentes. Estes materiais são expostos e disponibilizados para visitas e observação nas salas frontais, pois a associação busca fomentar a manutenção da "cultura germânica", além do incentivo a um maior intercâmbio entre o Brasil

(Joinville) e a Alemanha. A Sociedade Cultural Alemã promove regularmente domingos musicais com arte e cultura e também encontros semanais para conversação em língua alemã entre os seus falantes germanófilos. (SANTOS, 2013).

FIGURA 30 - ACESSO PRINCIPAL DA CASA DA MEMÓRIA



Fonte: SANTOS (2013)

Depois, em 1999, foi realizado um levantamento minucioso do estado de conservação do Cemitério do Imigrante, quando foi elaborado o Projeto “Cemitério do Imigrante de Joinville: Monumento a ser preservado”. Este projeto foi devidamente aprovado pelo Ministério da Cultura e recebeu recursos do Fundo

Nacional de Cultura. A execução deste projeto ocorreu nos últimos meses do ano de 2000. (CARRASCO, 2009)

O Cemitério do Imigrante continua localizado no centro de Joinville, ocupa uma área de 12.174 m^2 e possui um total de 490 túmulos[74], entre simples, duplos e até quíntuplos, "de arquitetura singela, em perfeita harmonia com a paisagem natural do local." A localização central, com o intenso tráfego da Rua XV de Novembro, trouxe a deterioração de túmulos em consequência dos poluentes atmosféricos e dos atos constantes de vandalismo, desde a década de 1980. A paisagem do cemitério foi pouco alterada, desde o seu tombamento no ano de 1962; e o traçado do desenho original foi conservado, conforme verificação nas plantas do cemitério em três diferentes épocas, nos anos de 1851, 1994 e 2007. Valladares (1972, p. 310-311) fez menção especial ao Cemitério do Imigrante, categorizando-o como

> um dos poucos cemitérios brasileiros erigidos no paisagismo de um bosque, conservando e cultivando árvores frondosas assim como selecionando plantas decorativas regionais. Predominam túmulos em alvenaria com lápides de mármore. Os mais ricos se distinguem por elementos de cantaria e placas de bronze, mas em nenhuma se constata demasia de pomposidade. Muitos dos túmulos são elaborados [em] canteiros ajardinados. A topografia deste cemitério, ocupando todo o cume de um morro sem aclives, favorece grandemente o encantamento da natureza preservada. O Cemitério de Joinville teria servido de modelo ou padrão para outros nas regiões de colonização alemã de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

Segundo Carrasco (2009), uma das razões, dentre outras, para seu tombamento em 1962[75], foi também "por ser considerado autêntico de acordo com a tradição protestante." (p. 18) Os cemitérios protestantes se caracterizam pela simplicidade, isto é, sem suntuosidade, de arquitetura tumular sóbria, cercada de vegetação que ornamenta seus túmulos. Estes cemitérios, embora muito simples da perspectiva arquitetônica e artística, refletem um período da história de sua comunidade. É possível identificar neste cemitério que existem diferenças e semelhanças de arquitetura tumular entre os católicos e protestantes. Os túmulos de católicos são mais ornamentados, suntuosos, mausoléus de famílias, com a presença de signos não verbais (figuras de anjo, criança, cruzes, santos, etc), e

[74] Embora o número de pessoas sepultadas ali ultrapasse os dois mil, segundo o registro no IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Nome atribuído: Cemitério Protestante - Outros Nomes: Cemitério do Imigrante - Localização: R. Quinze de Novembro – Joinville-SC - Número do Processo: 659-T-1962 - Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscr. nº 33, de 09/11/1962.

[75] Processo n. 659-T, Inscrição n. 354, Livro Histórico, fls. 58, e Inscrição n. 33, Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, fls. 8. Data: 09.11.1962

ainda assim mantém a mesma sobriedade dos túmulos dos protestantes. “O cemitério representa um santuário de memória onde repousa não somente o ancestral, mas também onde a comunidade deposita parcela da sua subjetividade e sacramenta sua relação com a morte.” (CARRASCO, 2009, p. 18)

Apesar da singularidade deste Cemitério do Imigrante em Joinville, o contexto da época indica a possibilidade de atribuir, como característica da maioria dos cemitérios protestantes criados no século XIX, serem frutos de conflitos no campo religioso.

FIGURA 31 - ENTRADA DO CEMITÉRIO DO IMIGRANTE

FONTE: Hinsching (2018)

FIGURA 32 - CEMITÉRIO DO IMIGRANTE

FONTE: Prefeitura de Joinville SECULT (2022)

4.3.2 A *Deutsche Schule* (Escola Alemã)

Uma das peculiaridades recorrente nas histórias das comunidades luteranas espalhadas pelo Brasil, diz respeito a uma certa preocupação com a educação e aponta para uma estreita relação entre igreja e escola. Em várias comunidades, junto de seus templos, construía-se uma escola. Após a chegada dos imigrantes (1851) na Colônia Dona Francisca, na medida em que se instalavam, assentavam e se organizavam, especialmente a partir da fundação da “Sociedade de Cultura” (1855), houve um movimento inicial para o provimento de educação formal. No caso joinvilense, tanto a construção do templo luterano quanto da escola, foram levantados pela Sociedade Colonizadora, enquanto que a manutenção da escola, inicialmente, foi assumida pelo governo imperial. Como este comprometimento não foi cumprido pelo governo, alguns anos depois, um grupo de imigrantes, líderes na colônia, teve a iniciativa de viabilizar a construção de uma nova escola, inspirada nos

moldes das escolas alemãs. Sendo assim, então a *Deutsche Schule* (Escola Alemã) foi construída no mesmo terreno da comunidade luterana. Tratava-se de uma *Deutsche Schule*, diferente das chamadas *Gemeindeschule* (Escola da Comunidade), muito comuns no meio evangélico luterano. (MUSSKOPF, 2007)

Diante de uma certa condição marginal que se encontravam, os imigrantes alemães se organizaram em associações para tentar resolver as situações que se apresentavam. Então, os colonos fizeram uma reivindicação do cumprimento do contrato firmado, em 1849, entre a Sociedade Colonizadora de Hamburgo e o Sr. Aubé, que estabelecia o provimento de um professor para a colônia. Então, em junho de 1854, foi contratado o primeiro professor, o Sr. Carl Otto Schlappal. Logo teve problemas com toda a comunidade imigrante, pois se negou a lecionar em língua alemã, alegando que seus proventos não eram suficientes para ensinar dois idiomas. Ministrava as suas aulas em português. Além disso, preocupava-lhes também o estilo de vida do professor Schlappal. Até que, em 1858, sob o conhecimento do Presidente da Província, liderados pelo Pastor Hölzel e amparados pelos líderes do presbitério da Igreja Luterana, conseguiram a demissão e saída do professor Schlappal da Colônia. O desejo e a indicação dos colonos e moradores da Colônia Dona Francisca era de um professor que fosse "uma pessoa de confiança da comunidade". Para os imigrantes, era-lhes por demais importante o fluxo imigratório alemão para o Brasil, a educação, a cultura, e uma escola que ensinasse aos seus filhos e filhas em língua alemã, ao mesmo tempo que o professor também partilhasse dos mesmos costumes e crenças que seu corpo discente. As reivindicações foram atendidas. Foi contratado e nomeado para o cargo, o professor Carl Julius Parucker. Mesmo assim, passado alguns anos, a situação e condição financeira do ensino na sede da colônia se mostrou precária. (NASS, 2010).

Segundo Cunha (1996, p. 67), a escola que havia sido construída e mantida pelo estado, no terreno doado pela Sociedade Colonizadora à Comunidade Evangélica, estava em ruínas e o governo não demonstrava qualquer interesse pelo caso. Gradativamente diminuía o número de alunos e alunas da escola alemã. Atentos para a situação, líderes da colônia e da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, reuniram-se para discutir o assunto. Junto do presbitério da igreja, formaram um grupo em prol da construção de uma nova escola, agora particular e protestante. Faziam parte desta comissão: Ottokar Dörffel, Louis Niemeyer, Carl Lange, Dr. Haltenhoff, Hermann Lepper e o Pastor Hölzel. A campanha para a

construção de uma nova escola foi então publicada pelo "*Kolonie Zeitung*" (Jornal da Colônia), em 30 de dezembro de 1865. Em 1866, a Colônia Dona Francisca se tornou município, e o primeiro prédio escolar foi demolido. Obviamente que a construção sofreu muitas interrupções, devido à insuficiência financeira. Já, em 1873, outra comissão assumiu o desafio da construção e, no dia 1 de fevereiro de 1876, começaram as aulas no novo prédio escolar da "*Deutsche Schule*". Era particular e dependia de mensalidades para se manter. Entre 1879 a 1881, a escola ficou fechada por falta de professores. Então, em 1898, o pastor e professor Rau assumiu a direção da escola. Embora tenha conseguido mobilizar a comunidade e fazer reformas, permaneceu na escola somente por 2 anos. Em 1902, o professor alemão Theurer assumiu a direção e logrou êxito e progresso na escola. Para Ternes (1986, p. 32) "o número de alunos, em 1907, era de 196, com a absoluta maioria de filhos de imigrantes alemães, [...] o que demonstra que a escola alemã, sob a direção de Theurer, recuperou o sentimento de germanidade e reaglutinou as principais famílias em torno da escola." (p. 36) Com recursos financeiros vindos do exterior, do Reino alemão, em 1907 conseguiram ampliar o prédio. Com ótima infraestrutura, a *Deutsche Schule* contava com excelente corpo docente e conseguiu disponibilizar estudos de "nível superior" (atualmente o ensino médio) para seu corpo discente. A escola foi construída pela elite colonial e para ela, mantida com contribuições, mensalidades, oriundas de seu corpo discente. A inauguração do prédio aconteceu em 1910 com grandes festividades. (TERNES, 1986).

Baseado em Gerhard Brunn (1971), Dreher (1984, p. 44-45) relatou que, anualmente, eram recebidos recursos do "Fundo Escolar do Ministério de Relações Exteriores para o Brasil", e que as escolas de Santa Catarina eram as mais favorecidas. Ternes (1986, p. 33), por sua vez, ainda destacou que também a *Deutsche Schule* havia recebido verbas do Império alemão. Cabe aqui ressaltar, que o Reino Alemão tinha interesse e possuía uma política agressiva de preservação da germanidade nos lugares onde estivessem os imigrantes e descendentes de alemães. A estratégia apresentava-lhes quatro caminhos, a saber, investiam na imprensa alemã, na escola alemã, nas igrejas de fala alemã e na marinha alemã. Especificamente nas escolas de fala alemã, deu-se através de professores, material escolar e subvenções financeiras. (DREHER, 1984).

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) trouxe consequências drásticas para a *Deutsche Schule*. Não conseguiu resistir e passar ilesa às consequências da

Segunda Guerra (1939-1945). Em 1938, a Escola Alemã foi fechada, por decreto do interventor do Estado, Sr. Nereu Ramos. Sob o governo de Getúlio Vargas, houve a nacionalização do ensino, e todas as disciplinas eram ministradas em língua nacional, foi proibida qualquer língua estrangeira, especialmente a menores de 12 anos. As ações do Estado Novo trouxeram inúmeros problemas e dificuldades nas escolas estrangeiras. A *Deutsche Schule* de Joinville não conseguiu atender a todas as exigências da "nacionalização" e, assim, foi fechada. Uma vez fechada, Ternes (1986) relatou que a mesma foi alugada para outra escola da cidade, chamado de "Instituto Bom Jesus", que pertencia à Srª Ana Maria Harger. Foi somente bem depois, no ano de 1963, que a Comunidade Evangélica de Joinville reassumiu a administração desta instituição educacional, após a compra do Instituto Bom Jesus. Assim, tornou-se a única e exclusiva mantenedora da instituição educacional. Com isso, passou a ser uma escola da Comunidade e, portanto, com identidade confessional luterana. A escola então passou a se chamar "Colégio Bom Jesus". O Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/IELUSC, desde dezembro de 2006, teve sua denominação alterada para "Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC" (MUSSKOPF, 2007).

Segundo o Pastor Bugenhagen (2022)

> ... e como eu falei, a gente teve aqui mesmo, em Joinville, aqui nós éramos 'Real Schule', era 'Escola Real'. Então quem fazia o ginásio aqui e tinha condições de viajar para a Alemanha, se manter na Alemanha, o estudo lá era gratuito, entrava na faculdade que você queria, porque assim, era equiparada a formação aqui com a formação de lá. E de repente, com a nacionalização, os alunos de quarto ano de ginásio sabiam mais que os professores, que foram colocados aqui, foi passado por uma pessoa. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

> ... nós temos aqui a escola Bom Jesus, esses dias mesmo eu perguntei ainda para o diretor, é mais ou menos 70% que faz alemão, porque ela é bilíngue, e 30% faz alemão e 30% faz inglês. E por que? Porque fora ainda se pode aprender um inglês com qualidade, mas aprender o alemão com qualidade é muito mais fácil na escola, onde se tem esse uso da língua desde pequeno. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

Atualmente, a escola se apresenta na sua própria *home page*:

> Após muitos capítulos, o BOM JESUS IELUSC atua hoje como Colégio com o nome que seus alunos carinhosamente elegeram: BONJA. O Colégio BONJA é um dos maiores educandários de Santa Catarina e o maior colégio luterano ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). (COLÉGIO BONJA, 2019, não p.)

Constitui-se num centro de ensino, vinculado à Rede Sinodal de Educação[76], da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e se caracteriza como "uma instituição luterana e se apresenta como um serviço da comunidade local para a sociedade local." Em 1995, também ingressou no ensino superior com a criação do Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina (IELUSC). Em 2001, foi incorporado ao Colégio Bom Jesus, formando assim o "Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/IELUSC". Em 2006, para atender as demandas exigidas do então novo Código Civil, o Estatuto foi reformulado sob a denominação de "Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC". Possui colaboração com órgãos públicos e privados, e busca exercer atividades de caráter filantrópico, educacional e cultural. (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA BOM JESUS/IELUSC, 2022, não p.)

Em 2006, o Ministério da Cultura aprovou o restauro do espaço da antiga escola. Então, no dia 10 de novembro de 2010, foi inaugurado o Centro Cultural *Deutsche Schule*. O Centro Cultural *Deutsche Schule* foi tombado por sua importância arquitetônica, histórica e cultural pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC).[77]

---

[76] A Rede Sinodal de Educação, ligada à IECLB, é uma associação que reúne instituições educacionais com vínculos evangélico-luteranos. Atualmente, conta com cerca de 50 instituições e mais de 80 unidades de ensino, espalhadas em todo o Brasil.

[77] Pela Fundação Catarinense de Cultura - Nome Atribuído: Centro Cultural Deutsche Schule - Localização: R. Princesa Izabel, nº 438 – Joinville-SC - Número do Processo: Nº 257/2000 - Resolução de Tombamento: Decreto Nº 3.461,de 23/11/2001 - Descrição: A construção possui dois pavimentos mais sótão.

FIGURA 33 - CENTRO CULTURAL DEUTSCHE SCHULE

FONTE: Colégio Bonja (2019)

4.3.3 *Helenenheim* (Hospital Dona Helena)

Em 1916, Joinville já possuía casas de saúde e assistenciais estabelecidas. Era o caso do Hospital Municipal, que já funcionava e acompanhava a formação da Colônia e, em 1906, recebeu nova estrutura física. Também havia o "Lar Abdon Baptista" (1911), que acolhia pessoas idosas, e depois, também crianças. Com o crescimento da cidade, veio a necessidade de ampliar e criar novos espaços de atendimento ao público. (LENKE, 2021).

O Pastor Friedrich Wüstner registrou o fato que, no mês de novembro de 1916, um determinado grupo da comunidade evangélica luterana, com mais de 80 senhoras evangélicas de Joinville, sob iniciativa, liderança e coordenação da viúva Lilly Tiede, da Cervejaria Tiede, se reuniu na no espaço da *Deutsche Schule* com o intuito de unir forças e criar uma associação beneficente que auxiliasse e tratasse pessoas necessitadas e enfermas de todas as confissões religiosas. Outro incentivador para que ocorresse a fundação desta associação era o empresário Hermann August Lepper. A primeira diretoria foi presidida pela imigrante saxã, Sra. Helena Dorothea Trinks Lepper, e faziam parte da mesma a própria Sra. Lilly Tiede,

a Sra. Helene Hygon, a Sra. Dorothea Bühler, esposa do Pastor Fritz Bühler, entre outras. A família Lepper fez a doação do terreno e do imóvel para o jardim de infância (*Kindergarten*), sob responsabilidade e cuidados das senhoras evangélicas, e, por sua vez, o atendimento a pessoas idosas sob os cuidados de diaconisas luteranas. Esta Associação foi então chamada de "Sociedade de Socorro das Senhoras Evangélicas". Somente mais tarde receberia o nome de Hospital Dona Helena. (WÜNSTER, 1951).

Esta nova associação trazia consigo o trabalho já iniciado pela comunidade evangélica que, no ano de 1914, trouxe para Joinville uma diaconisa chamada Ina Hochreuter, que prestava serviços de saúde e enfermagem nos lares. Para o Pastor Wüstner, o serviço dela era muito mais amplo: "Uma diaconisa não era considerada apenas uma enfermeira contratada por tempo determinado; acima disto, é colocada à disposição por uma vida e atua a partir do interior da igreja, à qual esta serve, vive, e pela qual esta foi enviada". Conforme o relato pastoral, a *Helenenheim* (Casa de Helena) foi construída em 1917, no entanto pelas circunstâncias da época, não foi utilizada e usufruída para os fins a que se destinava. Então, em 1920, a "Associação Beneficente de Senhoras Evangélicas", juntamente com a Comunidade Luterana, definiu novos estatutos que foram publicados no principal jornal da época, o "*Kolonie Zeitung*". Em 1921, com o retorno da irmã e diaconisa Ina ao seu país de origem, chegaram as irmãs e diaconisas Lydia Hench e Paula Berghaus, que residiam na *Helenenheim* (na Rua Blumenau), com o trabalho e auxílio a doentes e idosos abandonados. Depois, o local já ficou conhecido como *Helenenstift* (Instituto Helena), em homenagem a Helena Lepper. Em 1923, o prédio foi construído. Segundo o Pastor Wünster, "a Casa de Saúde foi bem procurada. Em um período de dois anos (1923-1925) foram admitidos 646 doentes e foram realizadas 372 cirurgias". (DIAS, 2016).

FIGURA 34 - HOSPITAL DONA HELENA - CASA DE SAÚDE EM VERSÃO JÁ AMPLIADA [1923?]

FONTE: DIAS (2016)

O Hospital Dona Helena cresceu, desenvolveu-se e se ampliou ao longo tempo, de modo a manter seu vínculo histórico com a Comunidade Evangélica, através da composição da diretoria hospitalar, da atuação de diaconisas luteranas e, já há algum tempo, com a dedicação de uma pastora capelã da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Atualmente, o Hospital Dona Helena continua sendo mantido pela "Associação Beneficente Evangélica de Joinville" com serviços de saúde de destaque local, regional e nacional.[78]

4.3.4 Ancionato Bethesda

A Comunidade Evangélica também foi fundamental na criação do "Ancionato Bethesda", na localidade de Pirabeiraba em Joinville. Foi fundado em 1934, por pastores luteranos (Karl Müller e Wilhelm Dommel), e é o mais antigo lar de pessoas idosas de toda a região. Com os estatutos devidamente aprovados e publicados em 1934, o residencial começou a funcionar em 1936. Nesta época, moradores da

[78] Maiores informações estão disponíveis no site institucional do Hospital Dona Helena pelo link: https://www.donahelena.com.br/, inclusive com *tour virtual*.

localidade ajudavam a cuidar dos animais e da horta. Já, em 1950, com algumas dezenas de residentes, o lar passou a ser administrado pelo Pastor Georg Burger e sua esposa Elisabeth. Foi neste período que um "hospital" foi erguido ao lado do ancionato. Em 1964, começou a obra de construção deste ancionato, por meio da doação de terras por um determinado morador, bem como ajuda financeira e força de trabalho da própria comunidade, para que, no ano seguinte, se concretizasse a unidade de tratamento para idosos. Mais tarde, a instituição foi assumida pelo Pastor Hans Burguer, filho do Pastor Georg, que administrou a instituição por mais de 40 anos, junto da Diaconisa Regina Krause. Mais tarde, tornou-se hospital, maternidade, creche, instituto diaconal e casa de repouso. Segundo informações coletadas, "atualmente, o Pastor Hans Burger é um dos moradores do Bethesda e a diácona Regina dirige a instituição." (BETHESDA, 2019, não p.).

A denominação "Bethesda" é a junção de duas palavras na língua hebraica: *beit*: casa e *chéssed*: bondade, benignidade, misericórdia. Portanto, o significado é Casa da misericórdia (divina). Esta instituição já foi certificada como Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) na área da saúde, além de ser declarada de utilidade pública. Também possui gestão profissional, organizada pela assembleia de associados, com conselho administrativo e fiscal, e direção geral executiva. Presta serviços de assistência social e saúde para a população em três unidades de atuação: Residencial de Idosos (fundado em 16 de dezembro de 1934); Hospital (fundado em 5 de outubro de 1969); e Centro de Educação Infantil (fundado em 2 de agosto de 1999). Segundo o Estatuto Social da Entidade, a instituição é mantida com recursos provenientes de diversas fontes de renda como serviços prestados, mensalidades, anuidades, contribuições de parceria com órgãos públicos, entidades privadas, pessoas físicas e jurídicas, por meio de doações, subvenções, auxílios dos poderes públicos, entidades particulares, nacionais ou estrangeiras, de receitas eventuais, título de capitalização e outros rendimentos. (INSTITUIÇÃO, 2022, não p.).

FIGURA 35 - ANCIO(A)NATO (*ALTENHEIM*) BETHESDA

FONTE: Bethesda (2019)

4.3.5 Diaconia

Segundo Lenke (2021), desde o início a comunidade evangélica esteve voltada à educação, saúde e bem estar da população. A cidade de Joinville foi, por várias vezes, atingida por enchentes. A comunidade evangélica sempre se mostrou presente e atuante no campo assistencial, especialmente em momentos de emergência. Em 1972, ocorreram dois grandes alagamentos em toda região. O volume de água daqueles dias, derrubou pontes e houve inúmeros casos de famílias isoladas. O relatório referente àquele ano do Departamento de Assistência Social da Comunidade Evangélica de Joinville, registrou que, cerca de 198 famílias atingidas pela grande enchente, foram assistidas com remédios, roupas e alimentos.

> Grande atividade foi desenvolvida no campo assistencial por ocasião das enchentes que assolaram Joinville em Dezembro do ano passado. Dado o carater [sic] de emergência com que mobilizamos nossos elementos e a necessidade de prestação de socorros imediatos aos flagelados, muita coisa deixou de ser relacionado [sic]. Mas o importante é que pudemos ser uteis [sic] naquela oportunidade, para muitos, tão dolorosa. (COMUNIDADE, 1973, p. 2)

Posteriormente, nos anos de 1980, o Departamento de Assistência Social da Comunidade foi ampliado e reorganizado, abrindo um campo de atividade ministerial específico para administrar e coordenar os trabalhos da área da diaconia. Surgiram outras demandas e necessidades e, nesta mesma medida, novos grupos de trabalho foram incluídos no departamento da diaconia, como por exemplo, o "Serviço de Prevenção e Tratamento em Dependência Química" e "Jogo Patológico", e também o "Serviço Espiritual Hospitalar". (LENKE, 2021).

Uma das entrevistadas, a Katarina (2022), falou sobre o seu envolvimento no trabalho do grupo diaconal da Comunidade:

> Aí eu ... vim para a Igreja da Paz, porque eu moro mais perto. E aí vim para cá. E aqui eu vim na Solange perguntar: Solange, o que a gente faz aqui? O que a gente trabalha aqui? Eu não quero o OASE. Solange é a secretária. É a secretária aqui. Eu não quero o OASE, porque eu não gostei da OASE, da experiência que eu tive da OASE. Tanto é que a OASE eu participei muito pouco lá. Eu fiquei no grupo de idosos, do café, e grupo de visitas. Mas a OASE não... Aí eu ficava no grupo de crochê. Eu sei fazer crochê, então eu fazia crochê em umas toalhinhas e coisas que elas pediam lá para mim fazer. Mas a OASE não... Não foi o meu ponto de referência. Aí vim para cá e falei, o que tem para fazer aqui? O que vocês fazem aqui? Tem a diaconia. O que é a diaconia? Aí ela disse, então vem aqui no dia tal, conversa com a Norma ..., que eles não estão aqui no plantão, e tu conversa com ela. ... me apaixonei. Me apaixonei. Um trabalho de idosas, são tudo idosas, acho que eu sou uma das mais novas, sou eu. Guerreiras, trabalhadoras. A gente vem uma vez por mês aqui, a gente monta a cesta básica, a gente toma café, a gente conversa. É muito movimentado. E a gente fica à tarde. Antes da pandemia, tinha uma senhora que vinha fazer um feijão, com elas, arroz e salada, né? E a gente preparava um lanche para as famílias que vinham receber a cesta. Aí o pastor dava a palavra, aí depois a gente servia um café para essas famílias, eles trazem os filhos, eles trazem tudo, porque é um café, né? Não é um café que eu digo que é um café mesmo, é um suco, ou é um refrigerante, e é lanche, e cuca. E depois disso, eles pegavam a cesta básica e iam embora. E isso, assim, não largo mais. Enquanto eu tiver energia, enquanto eu tiver força, eu não largo esse trabalho da diaconia, assim. Foi espetacular. É espetacular. Até fui no retiro, até trouxe o jornal aí, se você quiser olhar um pouco mais o que a gente escreveu. Estou participando de um curso de diaconia uma vez por mês na em Pirabeiraba, e quero ir no retiro que vai ter 17 e 18 de setembro em Rodeio Doze. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

4.4 PRÁTICAS ATUAIS NA VIDA DA COMUNIDADE

Dentre as múltipÍas atividades regulares que acontecem atualmente, especialmente na Paróquia da Paz, mencionamos aqui: o coral, a OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), a LELUT (Legião Evangélica Luterana. - Homens em Movimento, unidos no Trabalho e na Missão), a Diaconia, culto infantil, Vocal da Paz, Grupo de casais, Grupo de Jovens, Estudo bíblico, cultos em português e um culto mensal exclusivamente em língua alemã, entre outras atividades.

O culto em língua alemã acontece regularmente no último sábado de cada mês, às 15h, onde se reúnem para celebrar a comunhão em língua alemã, onde buscam atender às necessidades de boa parcela da comunidade. Segundo o pároco local, "até os anos 1970 aqui era culto em língua alemã, aqui teve culto, domingo de manhã, 8h em alemão, e 9 h, 9h30min. em português, até 2000."

Para a Frau Christa (2022), este culto lhe é especial, pois, em suas palavras

> E o que eu gosto, como eu gosto muito da língua alemã, aí quando tinha o pastor... (Daqui a pouco o nome vem)... Então, na nossa igreja aqui, tinha um culto em alemão às oito da manhã, e às nove e meia começava o português. Mas aí alguém estava chegando e os outros estavam saindo. (Ari Knebel é o nome dele) Aí surgiu a ideia de a gente fazer um culto sábado à tarde, né? E para não tirar de vez, porque isso ia fazer falta.Porque também a frequência das pessoas que falavam alemão era muito pequena, né?] Mas assim, o senhor sabe que um membro é importante, cada membro é importante. Então, a gente não quis deixar e tirar o culto alemão. Já porque também a gente é a Catedral de Joinville, né? A Catedral Luterana de Joinville. Aí começamos a fazer sábado à tarde o culto em língua alemã. Naquela salinha ali, primeira vez vieram oito ou dez, na terceira vez foi um dia de chuva, e o pastor disse que se não vierem mais do que oito ou dez, a gente talvez vai repensar. Naquele dia vieram vinte. E aí continuou. Então, por isso, e com isso, e agora faz quinze anos, foi de quinze, dezesseis, dezessete anos deve estar fazendo isso. E de lá, e dentro também. Ele vai, ele foi adiante, foi, foi. Às vezes tem sessenta, às vezes tem quarenta, e agora a nossa média está em cinquenta pessoas. Bem frequentado, não só por luteranos e quem gosta da língua alemã da nossa paróquia, mas sim da CEJ, da cidade inteira. Que até é mais gente do que da nossa própria paróquia. Mas daí a gente usa isso como sendo uma missão da nossa paróquia. Missão da paróquia luterana, da Igreja da Paz para a cidade. E por quê? Depois a gente então faz o culto, é culto com Santa Ceia cada vez. A gente fazia na igreja, daí por causa do som se perde muito, aí também voltamos para fazer aqui no salão, porque daí o ambiente é menor e fica mais perto, já por causa também da audição das pessoas. (Frau Christa, 81 anos, SC, 2022)

Outra entrevistada revelou que, a pedido, levava e trazia a sogra para participação neste culto:

> Eu sempre trazia a minha sogra. Eu não ficava, mas eu trazia a minha sogra. A minha sogra frequentava aqui os cultos de língua alemã. E ela vinha todo mês. Ela vinha e ela gostava muito, muito dos cultos. Ela olhava no calendário, ó, tu vai me levar lá. Eu ia, trazia ela, quando a hora era hora eu vinha buscar. (Katarina, 65 anos, SC, 2022)

Perguntado sobre as atividades em língua alemã, logo o pastor destacou:

> Em língua alemã nós temos só o culto em alemão, que é uma atividade uma vez por mês, com café, pra depois ter também um tempo de conversação e tal, e é interessante que uma grande gama aí das pessoas aproveita esse momento pra falar alemão, uma, eu acho que assim, como já participaram do culto, é o momento, então, assim, de ter essa convivência, né. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

> (Entrevistador:) Qual a razão de se manter esse culto? Porque ele já era tradicional, obviamente, né? (Entrevistado:) Você tem o peso da tradição. Isso. Hoje é assim, hoje é muito assim, pela tradição e por aquilo que os nossos antepassados e essas pessoas que vêm hoje, a maioria tem mais de 70 anos, na sua infância eles viveram a espiritualidade em língua alemã. Então, pra eles assim, o pai nosso em alemão cala mais fundo do que em português. Porque assim, foi o primeiro que eles aprenderam, o credo eles aprenderam, o ensino confirmatório que se tem ali na adolescência era em alemão. Então, essas pessoas, a sua linguagem, a primeira linguagem de espiritualidade foi em língua alemã. Então, pra manter isso, né? (Entrevistador:) E o que tem de diferente do culto da língua portuguesa? (Entrevistado:) Nada. A liturgia é basicamente a mesma, a gente usa hinos que são cantados na Alemanha, alguma coisa a gente traduz, mas a maioria são hinos de lá e também muitos hinos que já estão na nossa tradição há muito tempo. (Entrevistador:) Vocês tem o material próprio, o material produzido, um livro em língua alemã, um devocionário, um livro de oração? (Entrevistado:) Nós temos devocionário que a gente vende da Alemanha, que é da igreja alemã, que é em alemão, que a gente vende pras pessoas. A Alemanha manda aí pra igreja hoje ainda por um preço bem acessível. A gente tem os hinários em língua alemã, que foram confeccionados pela igreja já várias vezes. Eu acho que a última edição é de 2006, eu acho. São utilizados no culto. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

> (Entrevistador:) E a participação dos jovens nesse culto, crianças? (Entrevistado:) Mínima. São realmente as pessoas que estavam acostumados no culto em alemão e a gente está mantendo. (Entrevistador:) O senhor pensa mais pra frente? (Entrevistado:) Olha, hoje a gente, eu imagino assim, nós aqui em Joinville nós temos 11 comunidades. Anos atrás, seis paróquias faziam, seis comunidades faziam, atualmente só três ainda fazem. Então eu imagino que a tendência é, se não dar uma virada, se extinguir. Porque as pessoas não haverá mais essa necessidade. (Pastor Bugenhagen, 43 anos, SC, 2022)

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Joinville (CEJ) atualmente é composta por 11 paróquias que estão distribuídas por toda cidade com cerca de 20 mil membros e faz parte do Sínodo Norte Catarinense. Além dos diversos serviços realizados nas paróquias, grupos e instituições, destacamos o Departamento de Ação Social, coordenado pela diácona Ângela Lenke, que, além da

assistência a famílias carentes, mantém o serviço de desenvolvimento comunitário e o Serviço para Pessoas Portadoras de Deficiência. Na área da saúde, a CEJ está presente nos Hospitais Dona Helena e Bethesda; e na área da assistência ao idoso, encontramos o Ancionato Bethesda.

4.5 A ESTRUTURA SINODAL

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) se organizou em 18 sínodos (1997), para facilitar e descentralizar a estrutura da IECLB. Hoje, a IECLB está presente em todos os estados da federação. Estruturalmente, cada sínodo recebe a responsabilidade de planejar e dinamizar o trabalho eclesiástico em sua área geográfica. Neste sentido, o Sínodo é uma estrutura a serviço das comunidades e paróquias.

FIGURA 36 - ESTRUTURA DA IECLB

FONTE: Portal Luteranos (2023)

Conforme os dados do IBGE (2010) acerca da religião da população, de acordo com o censo do ano base de 2010, há um total de 999.498 luteranos em todo Brasil, o que representa um total de 0,5% de toda população brasileira. A imensa maioria das pessoas (75%) que se autodeclara de confissão religiosa luterana é de 751.432 e se encontra na região sul do Brasil. O estado com maior número de luteranos é o Rio Grande do Sul com 449.779 (45%), depois vem Santa Catarina

com 213.187 (21%) e Paraná com 88.467 (8,85%). Destes números, temos 21.175 (2,11%) luteranos em Joinville e 12.463 (1,24%) em Curitiba.

Os números estatísticos mais recentes disponibilizados pela IECLB, em 2017, foram construídos através de uma pesquisa interna em 2016. Segundo esta estatística eclesiástica, publicada em 2017, a IECLB tinha, no ano base de 2016, 643.693 pessoas de membresia distribuídas em 1808 comunidades, reunidas em 483 paróquias, organizadas em 18 sínodos espalhados pelo Brasil. Mesmo reservadas as diferenças metodológicas entre as instituições (IBGE e IECLB), é possível afirmar que a maioria dos luteranos brasileiros pertencem à IECLB. Os sínodos aqui envolvidos na pesquisa, de Joinville e de Curitiba, que correspondem ao Norte Catarinense e Paranapanema, possuem respectivamente 64.009 e 14.165 membros luteranos. (IECLB, 2017)

Na IECLB, a gestão administrativa e ministerial têm suas respectivas responsabilidades e compromissos. A gestão administrativa é representativa por meio de conselhos, diretorias e algumas funções específicas. Os gestores administrativos são responsáveis pelo planejamento, administração financeira, pessoal e da infra-estrutura necessária. Seus responsáveis são o Presbitério, o Conselho e a Diretoria Paroquial. O Presidente da Comunidade responde pela Comunidade e o Presidente da Paróquia pela Paróquia. A execução administrativa ocorre através da secretaria local e o(a) ministro(a) faz o acompanhamento da gestão administrativa de acordo com a unidade eclesiástica da IECLB.

FIGURA 37 - GESTÃO ADMINISTRATIVA

FONTE: Portal Luteranos (2023)

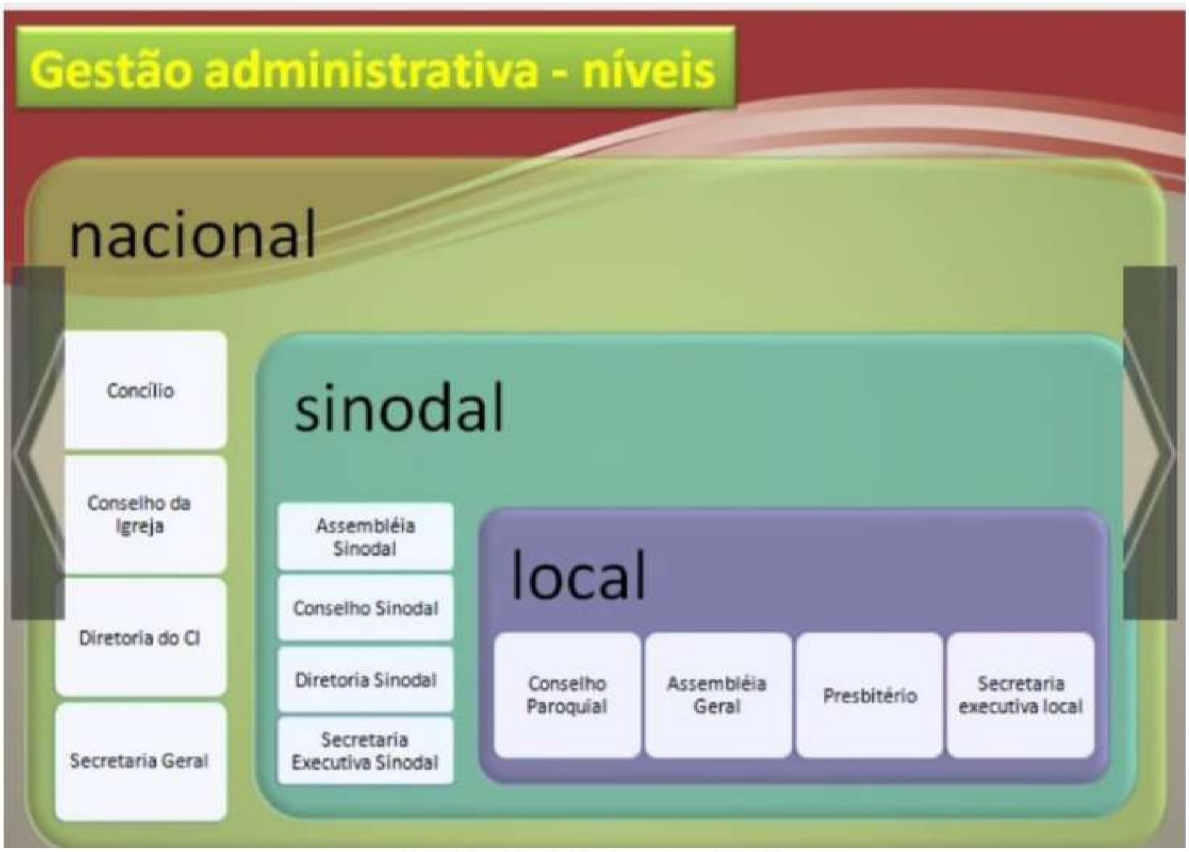
Por sua vez, no Sínodo, os responsáveis pela administração são o conselho e a diretoria sinodal formados pelo presidente do conselho sinodal, pela secretaria executiva sinodal e pastor(a) que acompanha e supervisiona a administração sinodal e sua conformidade com a unidade eclesiástica da IECLB.

FIGURA 38 - GESTÃO EXECUTIVO-ADMINISTRATIVA

FONTE: Portal Luteranos (2023)

Nacionalmente, são responsáveis pela gestão administrativa o Conselho da Igreja e sua Diretoria através de um presidente, um(a) secretário(a) geral, e um pastor(a) presidente.

FIGURA 39 - GESTÃO ADMINISTRATIVA - NÍVEIS



FONTE: Portal Luteranos (2023)

As devidas competências definidas pelo Concílio e Constituição da IECLB,regulamentadas no seu regimento interno. Outras competências específicas podem ser definidas, respeitadas as competências já definidas, através de conselhos e/ou assembleias. (PORTAL LUTERANOS)

FIGURA 40 - MAPA DOS SÍNODOS DA IECLB

FONTE: Portal Luteranos (2023)

FIGURA 41 - SÍNODOS DA IECLB DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL

FONTE: Portal Luteranos (2023)

5 CAPÍTULO 4 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA

Os primeiros alemães que chegaram ao Paraná se estabeleceram, inicialmente, em Rio Negro, no mês de fevereiro de 1829. "Curityba", a futura capital da Província, depois do Estado, ainda não era destino dos imigrantes alemães. Para Sell (2009), João da Silva Machado, o "Barão de Antonina", era o encarregado da tarefa de fundar a "colônia" de Rio Negro e assentar ali famílias germânicas, provenientes de Trier. Em meados do século XIX, com a emancipação política do Paraná, quando deixou de ser a Quinta Comarca (Paranaguá, Curitiba, Antonina e Morretes), parte da Província de São Paulo, os imigrantes alemães foram se estabelecendo em "Curityba".

Num primeiro momento, segundo Schröder (1936, p. 294), um grupo de imigrantes proveniente da Renânia teria chegado à região em 1830, tendo sido assentados na região de "Curityba", onde boa parte obteve êxito econômico, no entanto não chegaram a constituir comunidades eclesiais protestantes luteranas.

Num segundo instante, por volta de 1851, houve a vinda de um segundo grupo oriundos de uma migração interna, advindos da então recém-fundada Colônia Dona Francisca, no norte de Santa Catarina. A maioria deles era proveniente da região da Pomerânia. Entre outras razões, não se adaptaram ao clima quente e também tiveram dificuldades relacionadas à agricultura na região daquela colônia. Logo, então, resolveram subir pela estrada da serra Dona Francisca, pela rota de São Bento e Rio Negro em direção a "Curityba" e seus arredores. Alguns passaram a cultivar pequenas propriedades agrícolas, com itens voltados para o próprio consumo. O cultivo da terra era realizado, em geral, pelas mulheres e crianças. Os homens trabalhavam como diaristas, em olarias e serrarias. Outros, ainda, que possuíam carroça e cavalos, realizavam o transporte de mercadorias para o litoral, principalmente de um dos principais produtos paranaenses, a erva-mate. Os que se fixaram na cidade, mais ao centro, tornaram-se cervejeiros, padeiros, açougueiros, ferreiros, marceneiros, construtores de carroças, carpinteiros, pedreiros, seleiros, sapateiros, alfaiates. (SCHRÖDER, 1936).

Nesta época, vários imigrantes como os italianos, poloneses, ucranianos, dentre os quais, os alemães, foram sendo atraídos para a capital do Estado do Paraná como seu destino. Para Nadalin, esse aumento era resultado de uma política bem organizada do Governo Provincial do Paraná. Conforme o autor, a instalação de

imigrantes no Paraná, entre os anos de 1829 e 1869, foi de 1.066 pessoas. Embora tenha sido pouco expressiva numericamente, estavam distribuídos por colônias espalhadas pelo litoral, pelos arredores de Curitiba e, depois, pela região dos Campos Gerais. Durante a década de 1870, entraram cerca de 12.500 imigrantes no Paraná. Os *Wolgadeutschen* ("alemães do Volga"), nos Campos Gerais, marcaram o fim do projeto de colonização no interior do Paraná. Também foi o final, do que se poderia denominar de "primeiro ciclo de imigração", realizado principalmente com recursos públicos. Na década de 1880, observa-se novos fluxos imigratórios ao Paraná, cuja motivação principal era a demanda de mão de obra para a construção de estradas de ferro e linhas telegráficas. Quando as iniciativas estatais foram cessadas, adotaram medidas para estimular a organização de sociedades privadas de imigrantes (NADALIN, 2001; 2015).

Fugmann (2008) chamou a atenção para um fluxo significativo de alemães no período entre 1908 a 1913, pois, a essa altura, o estado alemão já havia sido constituído. E, mesmo sendo interrompido durante a Primeira Guerra Mundial, um grande fluxo migratório ressurgiu, a partir do ano de 1919. Para ele, nesta imigração mais recente, foi privilegiada a "mistura étnica" nas colônias, a fim de evitar o "perigo estrangeiro", ao mesmo tempo que, buscava-se o "branqueamento" da população. Obviamente, que esta situação levou a algumas tensões e atritos interétnicos e, consequentemente, a descontentamentos e movimento de remigração por parte de muitas dessas famílias.

"Curityba", localizada num planalto a 900 metros acima do nível do mar, possuía um clima favorável e um mercado atrativo para excedentes dos colonos. Segundo Balhana, Machado, Westphalen (1969, p. 114), quando da separação do Paraná de São Paulo, embora "Curityba" fosse uma "pequena vila", não possuía uma estrutura física e própria para a administração provincial. Nadalin (2015) a descreveu como uma cidade de origem e características coloniais. Ainda, sob influência de suas estruturas sociais e econômicas de então, assentadas no tripé "senhor-escravo-latifúndio", a vila se modificava e se percebia a desestruturação da sociedade marcadamente colonial, ainda que se apresentasse contradições. Configurava-se um cenário propício para imigração estrangeira e, com vistas a uma política migratória que dinamizava a economia e a sociedade brasileira no Paraná. Por outro lado, conservadores pretendiam substituir a mão de obra escravizada pela importação de imigrantes, ou seja, a "substituição de um tráfico negreiro por um

'tráfico imigratório'" (p. 35). Consideradas ainda as diferenças de ordem cultural, o caso dos imigrantes alemães luteranos evidenciava uma situação marginal em relação à estrutura dominante. Num debate mais amplo sobre esta condição de marginalidade, Beozzo (1993, p. 30) sustentou que os "protestantes sentiam-se assim, triplamente marginalizados: por serem estrangeiros, não proprietários e ademais não-católicos."

5.1 *DEUTSCHE EVANGELISCHE GEMEINDE* (*COMMUNA EVANGÉLICA ALLEMÃ*[79])

Neste grupo de imigrantes, havia uma forte presença de luteranos, num contexto demarcadamente católico. O catolicismo era hegemônico. Conforme Andreazza e Nadalin (1994), em "Curityba" os imigrantes de origem germânica

> eram prussianos, posnanianos, silesianos, pomeranos, hanoverianos, hamburgueses, renanos, suíços; alguns eram naturais do Schleswig-Holstein, outros de Mecklenburgo, da Saxônia, Turíngia, Westfália, Alsácia Lorena, etc. Foram encontrados até alguns bávaros e austríacos, católicos por tradição. (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 73).

Os luteranos também eram comumente chamados de "protestantes" ou "evangélicos". Este perfil etnorreligioso lhes trouxeram alguns entraves, diante do nativismo brasileiro jurídico e da hegemonia religiosa católica como, por exemplo, o reconhecimento e direito à cidadania plena, ocupação legal de cargos políticos, reconhecimento de matrimônios, restrições nas atividades de expressão religiosa e o impedimento de sepultamentos de seus mortos no cemitério municipal pertencente à religião oficial. O império brasileiro, já constituído em 1822, manteve, no campo religioso, as tradições do reino português, ainda que a constituição imperial de 25 de março de 1824, garantisse a "liberdade religiosa". Ela também proibia a perseguição, por razões religiosas de não-católicos, de acordo com o artigo 5º da "Constituição Política do Imperio do Brazil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824." Assim constava nos termos da lei: "Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular

---

[79] Foi assim denominada e registrada em Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos Pessoa Jurídica, sob n. 2, lv. 1, em 19 de ago. de 1902.

em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo." (BRASIL, 1824, 2022).

Segundo Baade (2011), a primeira expressão do potencial associativista[80] dos imigrantes alemães protestantes em Curitiba, surgiu a partir da necessidade de sepultar os seus próprios mortos. Em 20 de agosto de 1857, faleceu o Sr. August Friedrich Prohmann, e, como luterano não podia ser sepultado no Cemitério Municipal, porque a Igreja Católica era a igreja oficial do império, e não permitia que os protestantes fossem enterrados no mesmo lugar que os católicos[81]. Este fato ocorrido, propiciou o surgimento e constituição da *Deutscher Evangelischer Friedhofsverein* (Associação Funerária Teuto-Evangélica), que foi uma espécie de 'embrião' da primeira comunidade luterana em "Curityba". Em vista da situação emblemática, foi conseguido junto à Câmara Municipal de "Curityba", a doação de um terreno para a construção de um cemitério para os protestantes, fora da Vila, em direção ao caminho da Graciosa, no Alto da Glória. Às pressas, então, a prefeitura emitiu autorização e, assim, foi realizado o primeiro sepultamento. Este lugar, então, posteriormente, em 30 de setembro de 1857, veio a se tornar o Cemitério Luterano (Evangélico, Protestante). Para Nadalin (2015), esta população crescente não poderia mais ser ignorada pelas autoridades locais, ao mesmo tempo que, por esta época, os imigrantes alemães eram muito valorizados e até desejáveis.

Foi a partir desta associação cemiterial, que o grupo de imigrantes alemães luteranos demonstraram interesse e custearam a vinda de um professor/pastor itinerante que viesse lhes atender. Tratava-se do Professor e Pastor (leigo) Johann Friedrich Gärtner, que vinha da Colônia Dona Francisca, para assisti-los e executar os serviços educacionais e religiosos. Essa viagem entre Joinville e Curitiba, feita a cavalo, levava dois dias. O ajuntamento e crescimento desse grupo de imigrantes alemães, propiciou e permitiu, especialmente a partir de 1862, a organização de seus adeptos para a manutenção do trabalho eclesiástico e educacional, e também a formação de um núcleo comunitário, mais robusto, sob os cuidados pastorais. "Em 1860 eram vinte famílias; em 1862 foi organizada uma lista associativa, concordando

---

[80] Em toda parte proliferou uma intensa "vida associativa" (Fouquet, 1974 p. 155) assumida como característica própria da etnia pelos descendentes: de ajuda mútua, beneficentes, culturais, esportivas, musicais, etc., as associações foram definidas como "germânicas", portanto, demarcadoras, em algum grau, da etnicidade. (SEYFERTH, 1999, p. 24)

[81] A recomendação em vigor, conforme as Constituições do Arcebispado da Bahia, inclusive extensivo ao episcopado brasileiro era: "Não se dará sepultura Ecclesiastica aos Judeos, Hereges, Scismaticos, e apostatas da nossa Santa Fé". **CONSTITUIÇÕES**, São Paulo: Typografia 2 de Dezembro, 1853, p. 300.

os signatários em pagar ao pastor um mil réis por culto realizado; caberia às famílias em melhor situação alimentá-lo, bem como à sua montaria." (NADALIN, 1972, p. 20) Foi alugada uma casa, no Alto São Francisco, que servia de templo para as atividades religiosas. Este tipo de atendimento perdurou até 1866, quando a Comunidade já reunia em torno de cinquenta famílias.

Assim sendo, no dia 2 de dezembro de 1866, primeiro domingo no advento, segundo o calendário da igreja, foi fundada a primeira Comunidade Evangélica Alemã (*Deutsche Evangelische Gemeinde*) de "Curityba", no Alto São Francisco, reduto de acomodação e estabelecimento de imigrantes alemães.

O primeiro pároco, desta então recém formada Comunidade, foi o próprio Pastor Johann Friedrich Gärtner, que logo se transferiu para "Curityba". Ali permaneceu, até 1870, quando veio a falecer. Além de acompanhar a recém fundada comunidade luterana, ele também foi o criador da primeira escola da Comunidade. Esta escola se tornou interconfessional, por conta do pouco número de crianças luteranas. Isso não agradou a uma parcela de membros da comunidade, que queriam que a escola fosse somente para os filhos e filhas de descendentes de alemães luteranos. Houve um conflito interno e a comunidade se separou em dois grupos. Um grupo apoiava o Pastor Gärtner e a escola interconfessional, enquanto que o outro grupo veio a ser atendido pelo Pastor Robert Kröhne, vindo de Santa Maria do Mundo Novo (Taquara, RS), do Sínodo Riograndense. O Pastor Kröhne permaneceu ali por pouco tempo, cerca de um ano, quando logo regressou à Alemanha. Logo em seguida, veio o Pastor Dr. Hermann Borchard, da Alemanha, que conseguiu reunir novamente os dois grupos que haviam discordado sobre a questão do ensino escolar. Ele atendeu a Comunidade durante dois anos, período este em que logrou êxito ao administrar uma certa unidade da jovem comunidade luterana.

Até o ano de 1872, a comunidade não mantinha qualquer vínculo sinodal ou mesmo com qualquer instituição eclesiástica na Alemanha. A partir daquele ano, a comunidade estabeleceu contato com o *Preussichen Kirchen-Konsistorium* (Consistório da Igreja Prussiana), que lhe enviou o Pastor Wilhelm August Böcker, também procedente da Alemanha. Este vínculo, ajuda a explicar a manutenção da corrente social que manteve laços com a sociedade 'emissora', conferindo-lhes identidade na relação intrínseca com seu lugar de origem e em relação aos 'outros', luso-brasileiros e católicos. Vale lembrar e ressaltar aqui que a conjuntura daquele

contexto fortaleceu a Alemanha que, após a guerra franco-prussiana (1870), havia vencido e proclamado o *Reich*. Possuíam um símbolo (bandeira) e um líder (Otto von Bismarck), que lhes conferia uma certa unidade, inclusive com os descendentes que migraram. Para Nadalin (2015), havia uma forte e estreita ligação.

> A ligação entre o luteranismo e o *Deutschtum* estreitava-se por meio do culto à *Muttersprache* alemã. Sabemos que o cuidado com o idioma de origem não era prerrogativa dos imigrantes germânicos; da mesma forma que a intimidade exigida pela oração é mais bem atingida se esta for realizada na língua mãe. No entanto, é necessário agregar que não só por razões históricas, no protestantismo luterano o alemão exercia a função de língua litúrgica. Perdê-la significaria, pelo menos para os adeptos mais ortodoxos, a descristianização. De modo que, de todas as maneiras, para o luterano o ensino e o cultivo do idioma materno era especialmente importante. (NADALIN, 2015, p. 38-39)

Neste sentido, o pastor Böcker tomou a iniciativa de começar a construir um templo e, junto da igreja, uma escola. Um grande legado da Reforma, e do próprio reformador Martinho Lutero, era: "ao lado da igreja, uma escola". A construção era em estilo enxaimel[82], comum na Alemanha e arredores, em que se utilizou um produto barato e abundante na época que era a madeira. Essa construção situava-se no mesmo terreno onde hoje está edificado o templo da Comunidade do Redentor (e o Colégio *Martinus*), situados na Rua Trajano Reis, Bairro São Francisco, anteriormente conhecida como "Rua América". Desde 1873 esta construção servia como templo e escola. Foi inaugurada em 1876 e, assim, o edifício continuava

---

[82] O estilo "enxaimel" (ou *Fachwerk*) era uma técnica de construção cuja edificação se dava em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições verticais, horizontais ou mesmo inclinadas. Geralmente, o preenchimento entre as hastes eram de tijolos ou pedras. Embora se associe à Alemanha, e sua maior ocorrência tenha sido ali encontrada e nas regiões circunvizinhas, especialmente no período renascentista, não se sabe a origem exata. (FRANZEN, D. O.; EIDT, S.; TESSING, D., 2018; OLIVEIRA, 2011) Em Santa Catarina, mais especificamente na região de Joinville, optou-se por estrutura de alvenaria autoportante de tijolos que veio a predominar naquela região no início do século XX, em substituição ao estilo enxaimel "tradicional". Muitas destas construções em enxaimel ou alvenaria autoportante foram rebocadas como maneira de comprovar a "brasilidade" de seus proprietários, durante os anos da Segunda Grande Guerra Mundial. Considerada arquitetura teuto-brasileira no sentido de que traziam técnicas construtivas trazidas da Alemanha e adaptadas às condições locais de clima, fixação no lote e disponibilidade de materiais, formou-se assim uma solução híbrida entre técnica e necessidade de adaptação local, (VIEIRA FILHO; WEISSHEIMER, 2011, p. 119-148) E ainda, também é comum o uso, por partes de profissionais da área da Cultura, expressões como "falso enxaimel", "enxaimelado","enxaimeloso" ou "enxaimelóide" como referência pejorativa às construções que buscam reproduzir a mesma linguagem da arquitetura enxaimel através da utilização de elementos decorativos em edificações de alvenaria com intenções comerciais e/ou, turísticos. Neste sentido, este tipo de construção contribui ainda mais para a imagem estereotipada e generalizante deste tipo de arquitetura, bastante presente nos locais de imigração alemã, especialmente em Santa Catarina. (SILVA, 2016, p. 120)

funcionando como escola durante a semana, de segunda à sexta-feira, e celebrava os cultos e atividades eclesiásticas nos finais de semana, aos sábados e domingos.

FIGURA 42 - AQUARELA DA PRIMEIRA IGREJA EV. LUTERANA DE CURITIBA SÉC.XIX

FONTE: Hugo Calgan. Coleção particular. Retirada da obra "Pintores da paisagem paranaense", editada por Cassiana Lacerda.

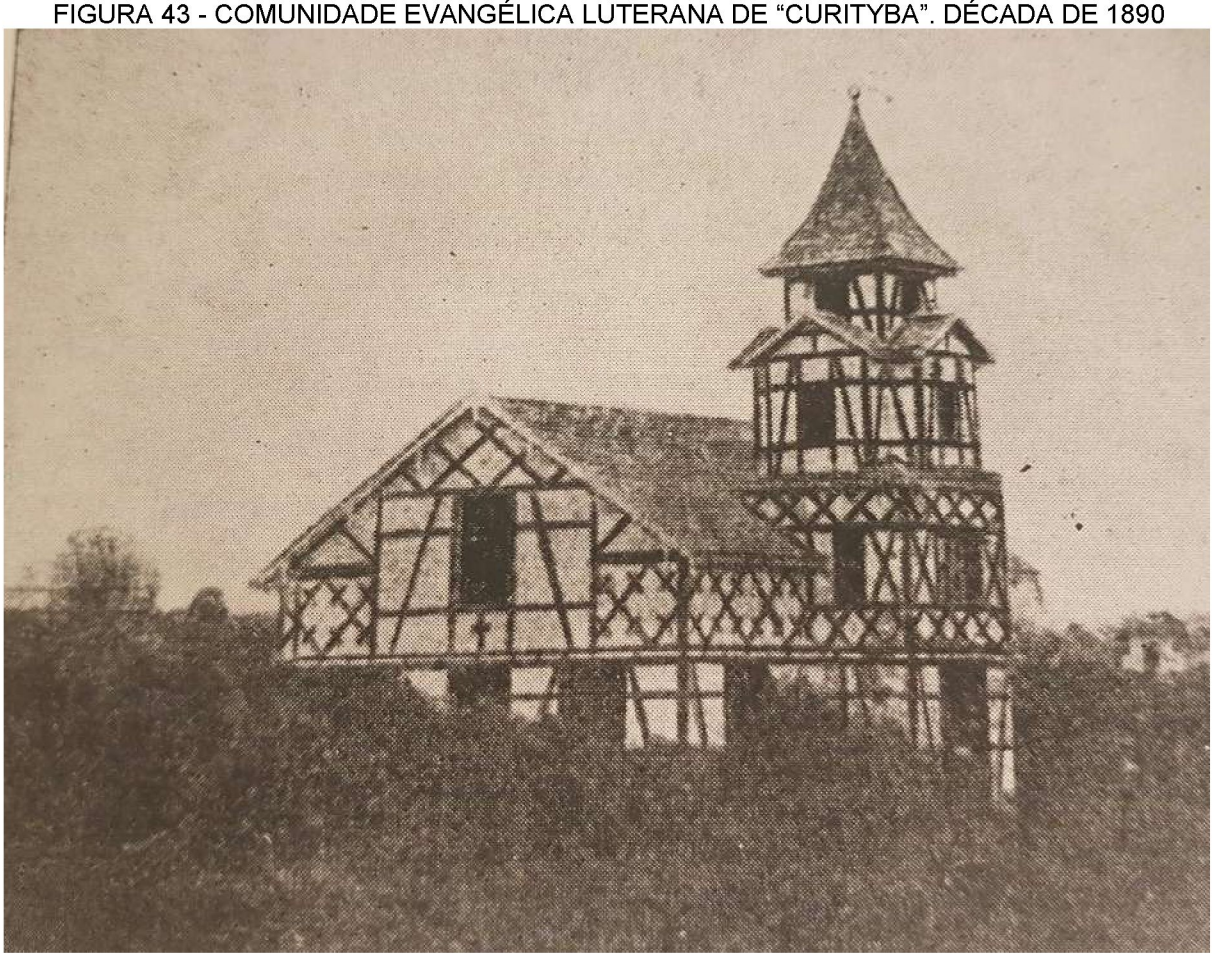
Rui Petry (2000, p. 9) arrematou: "Certamente foi uma das primeiras, senão a primeira igreja evangélica do Paraná, inaugurada em 1876. Infelizmente, parece que as madeiras empregadas na construção não resistiram muito à ação do tempo."[83]

Com o crescimento da Comunidade Evangélica, decidiram construir um novo templo, desta vez em estilo neogótico, inaugurado em 1894, cujo edifício foi, e continua sendo, um dos principais e mais conhecidos templos luteranos de Curitiba. No final do século XIX, a Comunidade já congregava mais de 400 famílias. O resultado foi um aumento significativo do número de alunos, dentre os quais também de não-evangélicos, pois até então também não havia escola para os filhos dos imigrantes católicos.

---

[83] PETRY, R. A nossa história [*Unsere Geschichte*]. *In*: CARNEIRO, C. M. (coord. ed.). **Fé, educação e desenvolvimento**. Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Ingra: Curitiba, 2000. p. 9

FIGURA 43 - COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE “CURITYBA”. DÉCADA DE 1890



FONTE: Coleção Arno Heisler. Acervo da Casa da Memória.

Este crescimento fez com que a Comunidade Evangélica conseguisse, junto à Câmara Municipal, a doação de um terreno para a construção, desta vez, de um prédio com vistas exclusivas às funções educacionais. Uma vez recebido o terreno, a construção deste prédio escolar foi iniciada, em 21 de fevereiro de 1891, e concluída, no mês de julho de 1892. O terreno estava localizado onde atualmente se encontra a Praça Dezenove de Dezembro. Em seu início, as primeiras turmas se dividiam em seis classes, com quatro professores e duas professoras. A frequência média era de 360 alunos e alunas, número bem expressivo para aquela época. Inicialmente, as aulas eram ministradas em língua alemã e, depois, gradativamente, foi sendo utilizada a língua portuguesa, haja vista a ampliação e frequência do seu corpo discente. Boa parte dos recursos financeiros eram recolhidos por meio de teatros, musicais, corais, entre outras iniciativas artísticas e culturais, de grupos da escola.

Para Hübert (2015), no ano de 1893, houve notável crescimento com a chegada de novos imigrantes. A nova geração se formava na *Deutsche Schule* (Escola Alemã) e era confirmada na Comunidade Evangélica, já com construções distintas. Foi nesse período, que se iniciou o *Jugendbund* (Círculo de Jovens), para manter os jovens ativos na Comunidade. Com vistas à manutenção da relação cultura e religião, além da igreja, também surgiam novas associações (as sociedades, as *Verein*) e clubes, de caráter associativo, que buscavam cultivar tradições germânicas. Destacavam-se, por esta época, o *Sängerbund* (Sociedade Concórdia), o *Turnverein* (Sociedade Duque de Caxias), o *Handwerkerverein* (Sociedade Rio Branco) e o *Schützenverein* (Sociedade de Tiro ao Alvo).[84] *Verein* expressava uma característica cultural muito marcante na vida dos imigrantes alemães e seus descendentes, especialmente em Curitiba em seu processo de urbanização. Este "associativismo" trazia aos seus adeptos múltiplas atividades como lazer, recreação, cultura e esportes (tiro, ginástica, futebol, etc). Também lhes dava suporte nas mais diversas necessidades específicas como religião, ensino, saúde, assistência, etc. Conhecido provérbio, mesmo entre os germânicos e seus descendentes, sintetizava: "*Wo zwei Deustschen sind, bilden sie drei Vereine*" ("Onde estão dois alemães, são construídas três associações"). Segundo Nadalin (2015 p. 36),

> Como fundamento desse associativismo, encontra-se uma busca da perpetuação da cultura germânica, da consciência étnica alemã (o *Deutschtum*) e, depois, teuto-brasileira (o *Deutschbrasilianertum*), principalmente sob a forma da prática e do uso da *Muttersprache*, da língua-mãe.

A ausência do ensino religioso confessional na escola determinou novos rumos, tanto para os católicos como para os evangélicos. Os católicos foram em busca do Padre Francisco Auling, descendente de germânicos que se encontrava em Santa Catarina, com vistas à criação da *Erste Katholische Volksschule* (Primeira Escola Popular Alemã), posteriormente denominada de *Katholische Deutsche Volks - Schule zu Curityba* (Escola Popular Alemã Católica de Curitiba). Alguns anos depois, este grupo escolar se transformou no Colégio Bom Jesus (para rapazes) e também

---

[84] HÜBERT, I. Livreto II - Os cem anos de uma igrejinha e de uma comunidade - 26/01/1913 - 26/01/2013 *In*: REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 145.

no Colégio Divina Providência (para as moças), ambos colégios de ensino referenciais na cidade. (PETRY, 2000)

Entre os evangélicos, a ausência do ensino religioso confessional no seu currículo e em seu próprio espaço, tornou-se uma questão polêmica que gerou um certo desentendimento na igreja. A vontade e insistência, por parte de alguns da comunidade, em ter uma escola com ensino mais "religioso" ou "confessional", levou-os a uma cisão. O resultado desta questão emblemática, foi o afastamento do Pastor Siegfried Schultz e seus apoiadores. Este grupo que o apoiou veio, em seguida, a fundar uma nova e pequena comunidade luterana alemã, na então "rua do Lavapés" (atual Rua Inácio Lustosa), chamada de *Evangelische Lutherische Christusgemeinde* (Comunidade Evangélica Luterana de Cristo). A "pequena igreja" ou "igrejinha", como ficou conhecida, tornou-se uma comunidade própria e construiu seu templo, alguns anos depois, em 1913, local este onde se encontra até os dias atuais.

> Foi assim, a Redentor, que era a Trajano Reis, ela também surgiu como igreja e escola. Em 1878, surgiu ali, essa é a comunidade mais antiga de Curitiba. Os luteranos que vieram para Curitiba, a maioria veio de Santa Catarina, porque chegaram, quando chegaram da Alemanha, Joinville e a região, era um lugar de muita malária. Então, se a gente vai nos cemitérios, por exemplo, em Joinville, vê muito túmulo de criança, né? Porque morria muita criança. E muita gente doente da malária. Então, para fugir da malária, acabaram subindo a serra. E foram para a região de São Bento e também para a região de Curitiba. Então, muita gente, luteranos, acabaram vindo, quase uma segunda migração. Uma remigração. Uma remigração para cá, né. Outros vieram também por questões de trabalho, depois. Mas a grande leva foi assim, veio de Santa Catarina, depois outros vieram também do norte, do Paraná, quando deu, mas isso já é 1970, quando deu aquela grande geada no norte do Paraná, que acabou trazendo muita gente para Curitiba. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

> Mas o começo foi de imigrantes, que é uma segunda leva de imigrantes. Fundaram uma igreja, fundaram uma escola, que era na Trajano Reis. Com a proclamação da República, o movimento positivista de Augusto Comte, era muito de separação, de que não podia ter mais religião e Estado, as coisas não podiam ser mais juntas, como era no Império. No Império, na igreja, não podia ter torre, por exemplo. Só a igreja católica, que podia ter torre e o sino. Então, o movimento positivista, ele, e hoje nós temos ordem e progresso na bandeira, isso é um lema positivista naquele tempo. Então dizia separação, não, a razão, o fundamental é a razão, nós não podemos ensinar o que não pode ser comprovado. Então, escola é para ser só algo científico. Então não pode ter mais religião, religião não é ciência. Então, aí o ensino religioso foi contestado nessas escolas. Então não pode mais ter ensino religioso, o movimento positivista, que influenciou muito a proclamação da República, disse não, tem mais escolas, não tem mais ensino religioso nas escolas. No entanto, aqui tinha um grupo de pessoas que diziam, não, mas eu quero que o meu filho tenha ensino religioso. Ah, mas agora não vai ter mais porque a sociedade escolar alemã naquele tempo, aderiu ao movimento positivista e a partir de 1900, não, do ano 1900, não ia mais ter ensino religioso nas escolas, na escola alemã. E aí esse grupo de pessoas que queriam ter os seus filhos começaram a, pediram para um pastor que ainda continuasse ensinando os seus filhos em português, matemática, geografia, mas também ensinasse, também tivessem aulas de ensino religioso. E assim surgiu essa comunidade aqui. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Mesmo com isso, a *Deutsche Schule* (Escola Alemã) continuou a crescer e, em 1910, quando seu prédio já não comportava mais seus alunos e alunas, foi ampliado para poder receber cerca de 500 alunos. Embora tenha funcionado normalmente durante a Primeira Guerra, a escola foi alvo de saqueamento e depredação com expressivos prejuízos. Com sua nomenclatura modificada para Colégio Progresso, cujo nome expressava o ideal positivista dos republicanos, inclusive estampado na bandeira nacional, as atividades escolares tiveram que ser cessadas, durante todo ano de 1918. Suas atividades foram retomadas no ano seguinte, em 1919, o que se tornou um grande desafio para recuperação, em detrimento da sua paralisação forçada e dos prejuízos. Em 1927, já recuperado, o colégio adquiriu uma área de 18.000 m², no “Boulevard General Carneiro”, pertencente à família Weigert. Tornou-se uma grande referência de ensino, na sociedade curitibana, junto aos filhos de brasileiros e de imigrantes alemães. O advento da Segunda Guerra Mundial trouxe novamente complicações para sua continuidade, especialmente aquelas advindas em virtude da sua origem germânica. Somou-se a isso, o surgimento do Estado Novo e a campanha de nacionalização do ensino. Em 1938, teve todas as suas atividades paralisadas, seus bens confiscados, inclusive a área de 99.980 m² que, foi assumida por órgãos governamentais e pela Escola Superior de Medicina (atual Hospital de Clínicas - UFPR). (PETRY, 2000)

> A escola, a outra escola continuou, depois se tornou Colégio Progresso, que foi um dos colégios, a escola alemã, vamos dizer assim, importante, que depois terminou, ela era, depois a escola, eles construíram um grande Colégio Progresso, é ali onde é hoje a Praça, 19 de dezembro, Praça do Homem Nú. Mas aí com a Segunda Guerra Mundial, com a proibição de falar alemão, a escola então não podia mais, esse era o seu grande enfoque, ensino em língua alemã, e aí já não podia mais falar alemão, e a escola um pouco foi fechada. Ela foi fechada no tempo da Segunda Guerra Mundial, e a propriedade foi confiscada pelo governo brasileiro. E aí depois construíram uma outra escola, no lado da igreja ali da Redentor, a Martinus, o Colégio Martinus, que então existe até hoje. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Em 1940, foi aberto um novo Jardim de Infância (*Kindergarten*), que lançou as bases e propiciou, mais tarde, em 1948, a fundação de uma nova escola sob liderança e coordenação do Pastor Heinz Soboll. Sua nomenclatura foi modificada ao longo do tempo. Inicialmente era Escola Evangélica de Curitiba, depois Ginásio *Martinus* e, por fim, Colégio *Martinus* como é conhecido até hoje.

5.2 *EVANGELISCHE LUTHERISCHE CHRISTUSGEMEINDE* (COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CRISTO)

O primeiro pároco da Comunidade Evangélica Luterana de Cristo foi o Pastor Otto Kuhr. Em 17 de fevereiro de 1901, sob a sua liderança, foi constituída a *Evangelische Lutherische Christusgemeinde* (Comunidade Evangélica Luterana de Cristo). Segundo Prosser e Von Baranow (2015, p. 129), a comunidade era formada, inicialmente, por imigrantes germânicos (alemães, suíços e austríacos). Os primeiros cultos eram realizados na residência do Sr. Johann Mehl. Mais tarde, foi alugada uma casa no Alto São Francisco. Logo se tornou pequena e insuficiente e, em 10 de junho de 1905, a igreja se transferiu para a "Rua América" (atual Rua Trajano Reis, esquina com a Rua Carlos Cavalcanti). O Pastor Otto Kuhr atendeu a comunidade desde 1901 até 1907, quando então foi chamado para trabalhar em Ponta Grossa. Segundo Hübert (2015, p. 147), o "Pastor Kuhr era uma personalidade altamente carismática e positiva que soube vencer as dificuldades de sua paróquia e os problemas da 'Comunidade de Cristo' após a separação da '*Communa* Evangélica'." Foi sucedido pelo Pastor Albert Hess que, em 1910, adoeceu e veio a falecer acometido pelo tifo.

Logo em seguida, no primeiro dia de janeiro do ano de 1911, foi celebrado o culto pela primeira vez pelo seu novo Pastor chamado Karl Frank (1886-1970),

proveniente de Hamburgo, Alemanha. Com seu incentivo, através de recursos da própria comunidade, financiamentos do Sínodo *Gotteskasten* (Caixa de Deus) e também da Alemanha, no dia 17 de junho de 1912, foi lançada a pedra fundamental do atual templo na Rua Inácio Lustosa. Após sete meses, no dia 26 de janeiro de 1913, o templo próprio foi inaugurado.

FIGURA 44 - PRIMEIRA IMAGEM DA IGREJA

FONTE: Hübert, 2013 (2015)

FIGURA 45 - O SINO DOADO PELA FUNDIÇÃO MÜLLER IRMÃOS À IGREJA DE CRISTO EM 1912-1913

FONTE: Foto de E. S. Prosser (2015)

Sobre a inauguração do primeiro templo, assim se reportou o jornal *Der Beobachter* (O Observador):

> Tempo maravilhoso, fresco, claro, um bonito dia de verão do Planalto. [...] Lá no terreno da Rua Inácio Lustoza, onde ainda há poucos meses havia uma velha e pobre casinha, mas que ainda não pertencia à comunidade, hoje se ergue um claro e amável templo. Ele encontra-se escondido em uma baixada entre as colinas da cidade. Sua torre de sinos é pequena. Não é uma construção suntuosa que de longe já acena para o viajante. Mesmo assim, situa-se livremente, no meio de um espaçoso terreno, não estando apertado entre casas vizinhas ou sombreado. De um lado tem altos eucaliptos. Agradável luz do dia banha a construção, iluminando os espaços interiores. Não uma mística semi-escuridão, nenhuma atmosfera deprimente... Este edifício foi construído em tempo extraordinariamente curto. É um monumento à força de trabalho e sacrifício que, felizmente, ainda são inerentes aos alemães e seus descendentes, nascidos brasileiros. Sob este prisma o templo pode ser olhado com satisfação também por membros de língua alemã de outras comunidades e de outras confissões religiosas. (Jornal DER BEOBACHTER, 1913 *apud* FUGMANN, 2008, p. 80-81).

Era um templo simples, mas que atendia às demandas e necessidades de seus frequentadores. A casa pastoral estava nos andares superiores do templo, servia como moradia do pastor e sua família. “No Conselho de Construção da igreja figurava o Sr. Gottlieb Müller, [...] sócio da Fundição Müller e Irmãos.” (HÜBERT,

2015, p. 147-148) Foi, então, a Fundição Müller Irmãos[85] que realizou a doação de um sino de bronze, que ressoava e ecoava do alto do campanário pelos seus arredores por cem anos, até seu substituto mais recente. (PROSSER, 2015, p. 76) Segundo Prosser (2015), o Pastor Frank logo se destacou como grande líder eclesiástico e cultural, pois era notável orador, músico, organista e regente. Era casado com Elisabeth Hess (1888-1969), musicista e pintora, com suas habilidades artísticas teve grande contribuição nos múltiplos trabalhos da igreja.

> Foi ela [Elisabeth], ajudada pelo marido [Pastor Frank], quem, segundo Gertrud [Beatriz] Weimar (2013), pintou a figura de Cristo olhando com tristeza para Jerusalém, que está no altar da igreja [Fig. 5]. A "janela" ilusória que permite ao observador ver Jesus olhando a cidade, que representa talvez a pequena Curitiba de então, é igual às janelas ogivais da igreja e da porta, mantendo assim a unidade entre as pinturas e a arquitetura. O casal foi responsável também pela pintura do interior da igreja, com as igualmente significativas "colunas", que imitam as do templo de Salomão. (PROSSER, 2015, p. 70).

FIGURA 46 - JESUS OLHA JERUSALÉM COM TRISTEZA

FIGURA 47 - PINTURAS DO INTERIOR DA IGREJA - AS PAREDES, COM AS COLUNAS DO TEMPLO DE SALOMÃO

FONTE: Foto de E. S. Prosser (2015)

[85] No ano de 1877, os irmãos Müller de Teufenthal (Suiça) Gottlieb (1843-1902) e Adolf (1848-1919), vieram para a pequena "Curityba" com suas respectivas famílias e deram início à uma conhecida Fundição que se localizava no bairro São Francisco (onde atualmente está localizado o Shopping Mueller). Irmão mais novo, Johann Rudolf Müller (1839-1907) também adquiriu um terreno próximo à residência de Gottlieb e da própria Fundição. Inicialmente trabalhava em Joinville e vinha regularmente de vapor a Paranaguá, subia a Serra do Mar de trem até Curitiba. Toda família de Johann Rudolf se mudou para "Curityba" entre 1890 e 1902. A maioria se estabeleceu no próprio bairro São Francisco e, assim como outros alemães, vários deles se tornaram pessoas influentes na sociedade de então (Hübert, 2015). Boa parte desta família frequentava ativa e regularmente as duas Comunidades Protestantes. Em 1885, Johann Rudolf "se naturalizou" brasileiro e mudou o seu nome para João Rodolpho Mueller. Os irmãos Julius Rudolf (Julio Rodolfo; 1893-1952) e Alfred (1886-1971) eram membros assíduos e colaboradores na construção do templo sob a liderança do Pastor Frank (PROSSER, 2015, p. 74-75). (Cf. tb. FUGMANN, 2008, p. 331-333)

Não demorou, para que logo fosse formado pelo regente Pastor Frank, um coral de vozes da Comunidade de Cristo (*Christusgemeinde*). Ao se referir à importância da arte, especialmente da música na vida da comunidade e da sociedade inclusive, diante do estímulo trazido pelo Pastor Karl Frank e sua esposa Elisabeth Hess, Hübert (2015) relatou que "o casal era muito pródigo, muito generoso em todos os aspectos. Tinha o dom de despertar talentos e depois os encaminhava para outros professores e para a profissionalização." (p. 73) Além disso, Hübert acrescentou ainda que o Pastor Frank também "era respeitado como grande regente e professor de piano, de história da música e história da arte, e também de latim, inglês e de literatura. Sua esposa dava aulas de canto, piano, desenho e pintura." (p. 72) Augustin (1999, p. 85) destacou que ele "foi um amante da música, criou um círculo musical em Curitiba e abriu a porta do universo da música para muitos músicos, hoje profissionais" (PROSSER, 2015).

FIGURA 48 - O CORO DA *CHRISTUSKIRCHE* EM APROXIMADAMENTE 1943 (NA FRENTE, O PASTOR FRANK)

FONTE: Acervo I.M.Seraphim - Prosser (2015)

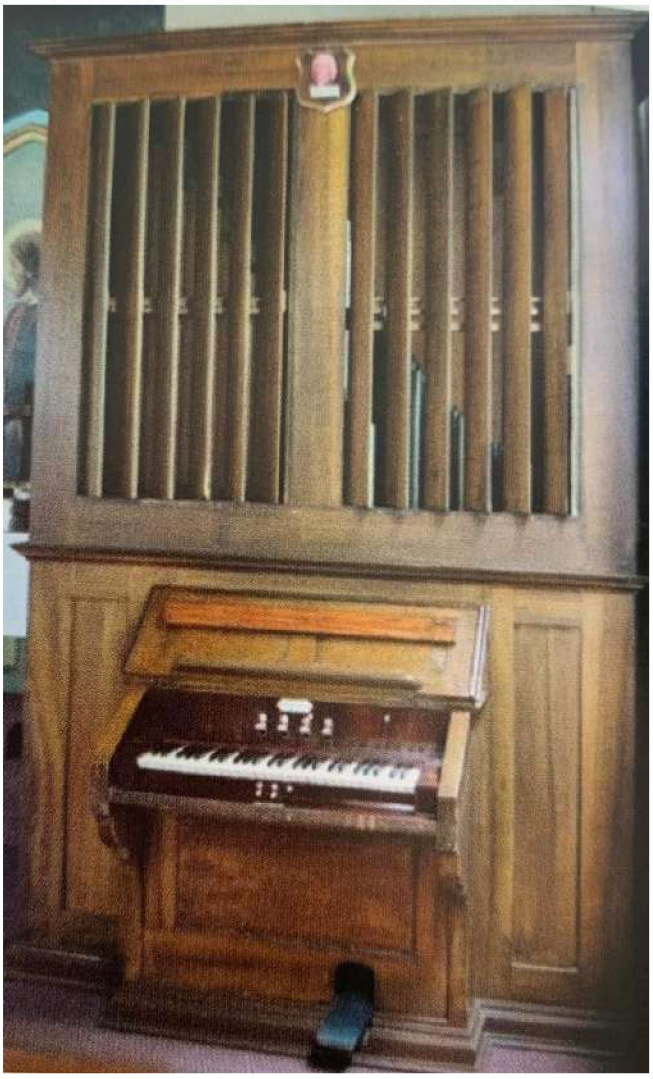
FIGURA 49 - CENTENÁRIO DA *CHRISTUSKIRCHE*. MADRIGAL DA IGREJINHA (2013)

FONTE: Foto C.R.Treysse - Prosser (2015)

A "igreja que canta", assim conhecida a igreja luterana, sempre teve seu acompanhamento musical, hinológico e litúrgico, aos sons de um antigo harmônio, onde ali tocavam organistas, pianistas e, inclusive pastores com habilidades musicais no instrumento, além dos cantos, da liturgia e dos hinos. Em meados da década de 1970, o antigo órgão que estava na Comunidade Evangélica - Igreja do Redentor, desde o início do século XX, foi desmontado para ser substituído. Por solicitação, o instrumento foi transferido para a Comunidade de Cristo (Christuskirche) e restaurado para uso cotidiano na vida da igreja.

> Trata-se de um Positivo, com aparência de *Schrankorgel* (órgão de armário) - já que não possui tubos de fachada. [...] O órgão, de transmissão pneumática (Kegellade), tem flautas de madeira, zinco e estanho. Possui 54 teclas e quatro registros (dois sonoros: Geigen Principal, 8; e Flöte 4, uma espécie de Flöte Oktaviante, pois seus tubos têm um furo ao meio, o que os fazem soar uma oitava acima; e dois mecânicos: a sub oitava e a super oitava). Não possui pedaleira. Originalmente funcionava pela ação de pessoas que bombeavam os foles enquanto era tocado. Mas, quando foi desmontado para ser transferido para a Christuskirche, Gottfried Sommer o remontou e adaptou nele uma ventoinha (Gebläse) que o alimenta com ar. Desde então, ele não depende mais de acionamento humano. Manteve-se, porém, o fole estilo Spanbalk do lado direito, sem a alavanca de manejo, retirada para poder encostar o órgão à parede (Herrmann, 2015). Uma pequena placa com o retrato de Bach na sua parte frontal, em cima, mostra o espírito com que foi construído e, na maioria das vezes, tocado. (PROSSER, 2015, p. 88-89).

FIGURA 50 - ÓRGÃO DA CHRISTUSKIRCHE



FONTE: E. S. Prosser (2015)

A pequena placa de identificação “J. Franc. Hertel, Curityba” indica que, provavelmente, foi montado por Francisco Hertel, na oficina de reparos de

instrumentos musicais que havia aos fundos da conhecida Casa Hertel. Mais ou menos na mesma época, fora também montado o órgão da Igreja da Ordem, onde talvez tenha sido realizado pela mesma pessoa, chamada Francisco (ou, na língua alemã, Franz[86] Hertel).

> O órgão que está ali, ele, de 1913, era de uma fábrica que ainda existia, que ainda existia, em Curitiba, hoje não existe mais. É um órgão de tubos chamado órgão positivo, porque ele é vertical, né! Quase contra a parede, assim. Os tubos dele não estão expostos, estão dentro de um armário, vamos dizer assim. E é todo de madeira, é muito sensível, porque cupim, Curitiba tem muito cupim, então é uma coisa que tem que se cuidar muito, porque né... E ainda existe hoje, é um dos poucos que... Acho que são quatro órgãos que existem ainda aqui em Curitiba. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

No que diz respeito à questão educacional, em 1915, logo foi criada nas dependências da igreja recém edificada um Jardim de Infância (*Kindergarten*). Além de templo e casa pastoral, também aquele espaço abrigou uma "escola". Ainda hoje, em seus bancos, há os buracos onde eram postos os tinteiros utilizados nas aulas com as crianças.

> E aqui, nessa comunidade aqui, continuou então tendo aulas de alemão, com o tempo da Segunda Guerra também fechou, mas Curitiba tem uma coisa aqui, nesse lugar onde nós estamos, era tudo de madeira, e aqui foi o primeiro jardim de infância. Então, era para crianças que ainda não iam na escola, mas eram crianças com jardim de infância, o primeiro kindergarten, o primeiro jardim de infância de Curitiba foi aqui. Aqui é o Salão Comunitário hoje. Mas era, vamos dizer assim, o jardim, né? Inclusive, tem um grupo que chama 'Curitiba Antigamente', esse grupo está no Facebook, e volta e meia aparecem fotos de pessoas mais de idade, de jardim de infância, que colocam lá: olha, eu estava nesse jardim, e onde é que era esse jardim de infância? Na Rua Inácio Lustosa, na Igrejinha, que é conhecida como Igrejinha. Então, mostra uma foto ainda, a professora. Dizem: Ainda lembro! (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Também havia uma preocupação de ordem assistencial. Eram tempos difíceis com relação às doenças e à saúde. Segundo Elisabeth Frank (2015, p. 121) logo "reuniram-se, sob a direção do pastor, senhoras inteligentes e decididas e discutiam problemas sobre a sociedade, que recebeu o nome de *Frauenhilfe* (Sociedade Beneficente de Senhoras)". (FRANK, 2015, p. 121). A irmã do pastor, *Schwester* (Irmã) Clara, vinda da Alemanha, liderava e dirigia o atendimento e a distribuição de alimentos e roupas aos necessitados. Também depois, o médico Sr. Dr. Joachim Graf (1917-2005) atendia gratuitamente, duas vezes por semana,

[86] Cf. FUGMANN, 2008, p. 306-307 (Biografia da Família Hertel)

àquelas pessoas que não tinham condições financeiras para consulta ou tratamento que era possível realizar. (PROSSER, 2015). O Pastor Frank liderou a Comunidade de Cristo durante 44 anos.

O Sr. Conrad Wigand (2022) pontuou a presença da igreja onde está inserida:

> A igreja luterana tem tanta representatividade que ela é voltada, certo, para saúde e educação. Principalmente saúde e educação. A igreja luterana, ela tem espalhado no Brasil inteiro inúmeros colégios, inúmeras creches, certo! Inúmeras faculdades e muitos hospitais. Tanto é que eu sou membro, eu sou membro da *Christus Kirche*, que em brasileiro se chama Igreja de Cristo. É uma comunidade que foi fundada em 1901, começou a sua atividade. O templo que existe na Rua Inácio Lustosa, no bairro São Francisco, ele foi terminada a construção em 1913, certo? Portanto nós temos hoje 121 anos de existência. E sempre foi voltada também para educação e para saúde. Inclusive lá, se você observar atentamente, tinha uma casa de acolhimento das pessoas que ficavam enfermas. Antes de serem caminhadas para a Santa Casa, aqui na Praça Ruy Barbosa, tinha um pastor, a irmã desse pastor, certo? E a irmã desse pastor, ela era enfermeira e prestava os primeiros atendimentos. Então em todo sentido. O colono se machucava, cortava, ou era picado por cobra, ou ficava doente por uma doença qualquer. A primeira coisa que toda a comunidade fazia era acolher esse cidadão. Nesse centro de acolhimento, depois você melhora, mas você viu lá que nós temos do lado, você entrando no pátio do lado esquerdo, tem uma edificação que eles chamam lá de Salão Paroquial. Lá na entrada tem uma ala maior, que tem dois andares, certo? Lá era o hospital. Também não sabia. Lá era o hospital. E lá as pessoas ficavam internadas. Quando o assunto ficava mais sério, por exemplo, inclusive tem um pastor Graf, um médico Graf, filho de pastor, que clinicou muitos anos lá. E junto com a comunidade, junto a esse centro de internamento, funcionava a primeira, o primeiro jardim de infância de Curitiba, mantido pela Igreja de Cristo, pela famosa *Christus Kirche*. Então por causa dessas razões, me motivam a continuar, a gostar de ser luterano e me motivam a continuar esse trabalho. Porque esse trabalho é desenvolvido no momento que tem pessoas que se preocupam em levar adiante essa ideia dos nossos antepassados. Isso é muito importante. Isso eu acho muito importante. (Conrad Wigand, 68 anos, PR, 2022)

5.2.1 O cisma: duas Comunidades Protestantes em “Curityba”

Baade (2011) pontuou que a comunidade assistida pelo Pastor Berchner, sucessor de Schultz, ficou conhecida como a comunidade evangélica cujo templo se encontrava na Rua Trajano Reis.; enquanto que a comunidade assistida pelo Pastor Otto Kuhr passaria a ser a ‘comunidade luterana’, tendo seu templo na Rua Inácio Lustosa. Esta última, por sua vez, filiou-se ao Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e Outros Estados do Brasil. Segundo Fugmann (2008, p. 81), “as reuniões do Sínodo muitas vezes tiveram lugar em Curitiba.” As duas comunidades protestantes de imigração em Curitiba, estavam muito próximas uma da outra (a

duas quadras de distância), cada uma com seu próprio templo, seguiram num desenvolvimento paralelo. Ademais, também se tornaram frequentes as seguintes referências sobre as duas comunidades: a *Christuskirche* como *Kleinekirche* (igreja pequena ou igrejinha) e a Comunidade Evangélica do Redentor como *Grossekirche* (igreja grande). Para Nadalin (1984),

> Num nível mais profundo, parece-me que as expressões Kleinekirche e Grossekirche (pequena igreja e grande igreja) traduziam às vezes uma pesada carga pejorativa – certos membros da "Christusgemeinde", por exemplo, desconfiadamente referiam-se aos membros do grupo maior como os ricos. Sem dúvida, a vocação missionária da comunidade da rua Inácio Lustosa dirigiu-se principalmente para as periferias da cidade (Vila Guaíra, Barreirinha, Araucária e Piraquara) e isto não deve ter sido mera coincidência. Logo, o trabalho se desenvolveu para núcleos mais distantes como Morretes, Paranaguá, Antonina e aqueles de mais fácil acesso, ainda no litoral, como Serra Negra e colônia Limeira. (NADALIN, 1984, p. 51).

Conforme Baade (2011), as discordâncias entre os dois grupos, passaram a ter dimensões institucionais mais acirradas, especialmente no período das filiações destas comunidades em sínodos. Prien (2001, p. 243) relatou que o Pastor Frank teria colocado barreiras para determinados acordos, de uma possível união e atuação sinodal conjunta, e também sobre questões de limites entre as comunidades dos dois sínodos, especialmente nas décadas de 1920 e 1930.

Especialmente, durante o conturbado período dos anos de 1930, havia seguidas tratativas para a fusão das duas comunidades. Algumas vezes, não avançaram por empecilhos burocráticos, teológicos ou ainda pessoais. Um dos fatos registrados, por exemplo, era a exigência de renúncia do Pastor Frank, *conditio sine qua non* a Comunidade Evangélica não aceitava a reunificação. Por sua vez, a comunidade luterana não abria mão de ver incorporado o nome "lutherano" na sua denominação e identificação, com todas as implicações inclusive teológicas que dele advinham.

Outra dificuldade era a falta de um cemitério, pois conforme relato de Hübert (2015, p. 147) "a 'Comunna Evangélica' dificultava os sepultamentos no cemitério do Alto da Glória". Para resolver esta questão, foi solicitado à Prefeitura que, por sua vez, veio a conceder um pequeno espaço no Cemitério Municipal, determinado para os sepultamentos luteranos. Isso demonstra que a relação de ambas as comunidades não era completamente harmoniosa, nem tampouco independente. Embora cada uma, a seu modo, desenvolvia-se paralelamente, nunca houve um

completo independentismo ou perda de contato nesta relação. Em geral, membros descontentes com uma das comunidades, logo solicitavam atendimento pastoral por parte do outro pastor da outra comunidade, haja vista as facilidades que a proximidade geográfica (duas quadras de distância) permitia. E ainda, a "prática de taxas eclesiásticas distintas por parte dos dois sínodos, por sua vez, oferecia outro pretexto para a troca de comunidade." (BAADE, 2011, p. 154) O reajuntamento das duas comunidades, veio a acontecer somente em 1947, depois da Segunda Guerra Mundial.

5.2.2 Anos de turbulências

A questão das diferenças étnicas, ainda não haviam sido evidenciadas durante a Primeira Grande. Com a derrota da Alemanha, foi logo no período pós-guerra, onde começou haver mudanças substanciais que impactaram a vida dos imigrantes alemães e seus descendentes no contexto brasileiro. Foi neste período, que houve uma certa revalorização do elemento nacional, em detrimento da presença estrangeira. Por parte da intelectualidade imigrante, havia uma certa preocupação com relação ao *status* da comunidade étnica, a manutenção dos seus ideais de unidade, que passaram a ser ameaçados. Por sua vez, a sociedade receptora questionava os argumentos de outrora, com relação à política migratória estrangeira. Muitos intelectuais, dentre os quais temos o exemplo de Romário Martins, contestavam os fundamentos de incentivo à vinda e presença de imigrantes alemães no Brasil.

Neste momento, também os regimes totalitários "ganharam força" e se consolidavam. A crise de 1929 (ou Grande Depressão) contribuiu fortemente para o momento turbulento. Este acontecimento marcante, foi considerado um dos piores e mais longos períodos de recessão econômica do século XX, persistindo durante todo o decênio. O impacto foi sentido aqui no Brasil. Por um lado, a pressão da nacionalização da Era Vargas, especialmente após 1937 com o Estado Novo; por outro lado, na Alemanha, Adolf Hitler ascendeu ao poder maior e promoveu o nazismo. Vale destacar aqui, que foi neste período o grande fluxo imigratório alemão para o Brasil, o maior e mais intenso em números absolutos da história da imigração germânica. Boa parte, eram operários egressos de uma Alemanha derrotada, humilhada e impactada pela questão econômica da guerra.

Em Curitiba, desde 1930 houve um aumento constante do custo de vida e aumento populacional (do interior do Estado e estados vizinhos), atraídos pelo mercado curitibano. Houve, então, a queda brusca de oferta e demanda de trabalho. De todo o Paraná, a cidade de Curitiba concentrava 52,7% do total das empresas registradas na Junta Comercial. "Se considerarmos apenas os anos de 1920 a 1929, esta diferença aumenta: 71,7% das empresas curitibanas haviam sido registradas por elementos de ascendências diversas, não luso-brasileiras, sendo os alemães responsáveis por 45,3% dos registros". (SOUZA, 2002, p. 18).

Entre os anos de 1937 e 1945, período atribuído à política do Estado Novo, o Brasil passou por uma extensa Campanha de Nacionalização, um processo de "abrasileiramento" dos ajuntamentos, grupos, comunidades, colônias, de imigrantes e descendentes alemães, italianos e, em número menor, também japoneses. Igrejas, escolas e associações de caráter germânico sofreram bastante e foram duramente afetadas com a imposição das determinações e sanções do regime do Estado Novo, constituído pelo governo de Getúlio Vargas, com o intuito de construir uma nacionalidade e identidade cultural brasileira uniforme para o país.

Segundo Nadalin (2015), as associações, clubes, sociedades e entidades de imigrantes tiveram que, obrigatoriamente, modificar seus nomes originais, conforme preconizava a legislação do Estado Novo, que obrigava as sociedades de imigrantes a adotarem nomes em língua portuguesa. A *Deutscher Saengerbund* (Sociedade de Cantores Alemães) tornou a ser chamada de "Concórdia", como no século XIX, antes de unir-se à *Verein Germânia* (Sociedade Germânia). O *Handwerker Unterstützungs Verein* passou a ser chamada de "Sociedade Beneficente Operária Rio Branco" e, ainda, o *Deutsches Turnverein* modificou seu nome para "Sociedade de Cultura Física Duque de Caxias". A Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), empenhava-se no combate de qualquer tipo de "estrangeirismo". Conforme o Boletim Informativo da Casa Romário Martins (1995), o Clube Concórdia foi ocupado pela filial paranaense da Cruz Vermelha Brasileira, de março de 1942 a dezembro de 1945. No mesmo período, um outro grupo que recebeu intervenção da DOPS, foi a Sociedade Beneficente Rio Branco, que chegou a funcionar no prédio do 5º Batalhão de Saúde.

5.2.2.1 De *Gemeinde* para *Comuna* até chegar na Comunidade

As comunidades também tiveram suas próprias dificuldades. Na Comunidade Evangélica, por exemplo, as atas de 1932 a 1938 desapareceram e, a partir desta data, estes documentos passaram a ser escritos em português. Nos anos de 1942 e 1943, nenhuma atividade foi registrada, embora existisse um livro de atas de 1938 a 1954. Reuniões e assembleias diminuíram consideravelmente.

No que diz respeito aos cultos da igreja, em abril de 1939, as autoridades policiais ordenaram inicialmente que deveriam ser realizados em língua portuguesa. Ainda neste mesmo ano, no mês de setembro, permitiram que a liturgia fosse feita em alemão, "a língua da Igreja", no entanto o sermão deveria ser em português. Em 1940, um ano depois, houve uma outra ordem, por parte das autoridades, determinando que os cultos fossem celebrados em sua totalidade tão somente em língua portuguesa, inclusive os hinos e cantos do coral.

Em 1939, foi trazido para Curitiba o hinário intitulado "*Hymnos da Igreja Lutherana*". Era a primeira edição, cuja tradução foi realizada pelo Pastor Müller de Joinville. Tinha 132 hinos traduzidos da língua alemã com a melodia original. "Foi a tábua de salvação no momento em que o alemão foi proibido. Praticamente se tornou no hinário oficial da igreja evangélica luterana até os anos 60". (PETRY, 2002, p. 56-57).

A *Deutsch Evangelische Gemeinde* (1866) passou a se denominar "Comuna Evangélica de Curitiba" (1938), e anos depois assumiu o nome que mantém até aos dias atuais: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba (1960).

5.2.2.2 A *Kleinekirche* resistiu

Na *Christuskirche* (Igreja de Cristo) não foi diferente. Depoimentos de alguns membros, relatam a necessidade de tradução de nomes alemães para brasileiros, como, por exemplo, de Elza para Elsa. Sobre isso, Rui Petry (2002), em pesquisa nas atas da comunidade, trouxe uma nota interessante e curiosa. Foi o fato notável do secretário da *Christusgemeinde*, que por muito tempo havia assinado as atas da comunidade como "Germano Döbler"; em 1937, passou a assiná-las como "Hermann Döbler" e assim o fez seguidamente por alguns anos. Nos anos pós-guerra, nas atas da Assembleia da Comunidade Evangélica, Petry reencontra a assinatura do

secretário novamente como “Germano Döbler”. “A pergunta que se levanta é por que, justamente nos anos de perseguição, onde todos queriam esconder qualquer resquício da germanidade, ele que já abrasileirara o seu nome, volta a usar a forma germânica[?]” (PETRY, 2002, p. 83-84)

Há que se destacar, que o Pastor Frank teve um papel fundamental no que determinaria o perfil da Comunidade no sentido eclesiológico, pois a imagem pública da *Christusgemeinde*, estava ligada à liturgia e ordem da Igreja da Baviera e da Igreja da União. Nos tempos difíceis da guerra, como grande líder, manifestou abertamente, com muita clareza e resistência, “que a Igreja Evangélica não iria se posicionar na famosa disputa[87] entre a Igreja do *Reich* e Igreja Confessional, pois para as Igrejas do Brasil esta disputa seria nefasta, mas que continuariam de língua alemã.” (Graf, 2015, p. 116) Sobre esta questão, Dreher (1984, p. 134-135) registrou o seguinte:

> Em carta dirigida ao Consulado alemão de Curitiba/Paraná, o pároco desta congregação comunicava «que de parte dos pastores de nossa Igreja no Estado do Paraná não há nenhuma intenção de participar do Kirchenkampf alemão, o que também não será tolerado. Tenho a convicção de que uma tal participação aqui não só é desprovida de sentido, mas também desconcertante e prejudicial ao trabalho junto ao grupo étnico teuto».

A sensação de perseguição também lhes era constante. Diziam que havia ‘olheiros’ infiltrados nas atividades eclesiásticas para fiscalizar e, se necessário, delatar e, assim, tomar as devidas providências e sanções. Havia também encontros entre pessoas das duas comunidades, inclusive com os pastores (Frank e Soboll) e amigos, que buscavam sintonizar e ouvir juntos rádios alemãs, em ondas curtas, para ouvirem notícias da guerra, prática proibida para época.

> Ingo Hübert (2015) observa que quando o Pastor Frank, o Pastor Soboll e outros pastores e membros das três igrejas foram presos, Julio, seu irmão Alfred e seu primo Gastão que haviam se tornado empresários influentes, unidos aos Glaser, Schrappe e Nickel, entre outros, depois de algum tempo, conseguiram tirá-los da cadeia. Foi Julio que, como havia nascido no Brasil, pôde requerer a soltura deles (Müller, 2009). Foram tempos de angústia para suas famílias. (PROSSER, 2015, p. 82).

---

[87] O *Kirchenkampf* foi o conflito da e na Igreja Evangélica da Alemanha durante o regime hitleriano marcado pelos intentos iniciais do Nacional Socialismo Alemão de cooptar e assimilar a Igreja como instância cultural do movimento nazi. Setores minoritários da Igreja propunham abertamente tal identificação (cristãos-alemães), outros defendiam a liberdade e autonomia da Igreja frente ao Estado (Igreja Confessante). (HANSEN, 2003, p. 32). A resistência se uniu e formou a *Igreja Confessante*, que formulou a *Declaração de Barmen* (1933-1934), na qual se rejeitou qualquer síntese entre fé cristã e nacional-socialismo.

Hübert (2015, p. 149) também relatou que os cultos da *Christuskirche* eram sempre celebrados em alemão, sendo que tiveram de ser celebrados em português. Para ele, "um membro da igreja que fosse surpreendido usando uma única palavra em alemão, podia ser preso imediatamente. Espiões encontravam-se nas igrejas em todos os domingos e delatavam quem falasse o seu idioma de origem."

5.2.3 Vida que segue

Para Nadalin (2015), com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota da Alemanha, inaugurou-se um novo momento e uma nova etapa na vida desta comunidade. Marcada até aqui (1946), pela conjuntura nacionalista do período entre-guerras, pela década de 1930 e pelos conflitos mundiais, todo este cabedal de acontecimentos, de certa maneira, impulsionou, a fim que ocorresse, em 1947, o reencontro para caminhada das duas comunidades, a evangélica e a luterana, após grande período de contatos que vinha ocorrendo desde a década anterior.

Segundo Baade (2011, p. 289), "a ata da reunião da diretoria da comunidade de Curitiba de 12 de abril de 1962 indica que não apenas havia colaboração entre as comunidades dos respectivos sínodos, mas que até mesmo a administração era comum".

O Pastor Frank permaneceu na Comunidade de Cristo até 1955, quando então, passou a ser emérito. Foi sucedido pelo Pastor Heinz Müller, ainda que por pouco tempo. Posteriormente, veio o Pastor Karl Meheler, bávaro, músico, trompetista e grande líder. Os seguintes pastores os sucederam: Pastor Heinz Ehlert, Martim Johanner Blümel, Martin Weingärtner, Egon Lohmann, Edegar Leschewiz, Carlos Augusto Möller e, atualmente, Pastor Nilton Giese.

5.2.3.1 Centro Comunitário "Pastor Karl Frank"

A Igreja de Cristo (*Christuskirche*) sempre teve o cuidado de desenvolver atividades de ordem religiosa, cultural e social. Desde o início do século XX, sob liderança do Pastor Karl Frank e sua esposa Elisabeth, havia a preocupação para a diaconia (serviço) e educação. Exemplos disto, foram a edificação da "Casa *Schwester* (Irmã) Clara" e do "Jardim de Infância *Tante* (Tia) Helm".

Para abrigar a *Schwester* Clara Frank, inicialmente foi construída a sede e residência da irmã diaconisa. Depois, o espaço foi utilizado pelo médico Dr. Joachim Graf, em seus atendimentos a pessoas carentes. Em trecho da mensagem para inauguração do centro comunitário, o Pastor Heinz Ehlert e sua esposa Elfriede Rakko Ehlert lembraram:

> Na época em que exercíamos a função pastoral nesta comunidade, todas as sextas-feiras, no antigo Centro Comunitário chegavam pessoas necessitadas e outras precisando de atendimento médico. Eram atendidos pelo médico Dr. Joachim Graf e a irmã de caridade Margarida Siegrist, ambos membros da comunidade. Desempenhavam essa tarefa voluntária sem ônus algum para os atendidos. No mesmo dia e local também eram distribuídos, gratuitamente, alimentos e roupas para os necessitados. (SCHELLIN, 2015, p. 106).

Cabe lembrar aqui também, o depoimento escrito de Frank Graf (2015, p. 113) que "o Pastor Karl Frank foi agraciado, nos anos [19]60, com a grande cruz do mérito alemão" devido ao desenvolvimento do programa CARE[88]. Foi nesta comunidade, que o programa de combate à fome foi implementado no Brasil. Após a guerra, os campos de refugiados recebiam pacotes do CARE de Curitiba, com café brasileiro, leite condensado, trigo e outros produtos.

Mais tarde, houve uma ampliação da construção para o espaço do Jardim de Infância da *Tante* (Tia) Helm. Quando desativado, o espaço foi utilizado para atividades eclesiásticas tais como estudos bíblicos, reuniões das senhoras e dos jovens, entre outras. Com o tempo, a edificação também sofreu com a deterioração. Era necessária uma reconstrução. O desafio de reconstruir estava lançado.

Com os objetivos traçados, mantido o caráter geral da obras, funções adequada à necessidades e o trabalho de mútua cooperação, que também lhes trouxe uma maior aproximação fraterna e cordial entre os seus membros, inclusive com laço fraternal e auxílio financeiro da Alemanha, com incentivo e apoio da comunidade, foi inaugurado o Centro Comunitário "Pastor Karl Frank" no dia 26 de agosto de 1990.

---

[88] A *Cooperative for American Remittances to Europe* (CARE) foi fundada em 1946 a partir de organizações norte-americanas que atuavam em situações de emergência. Priorizavam a segurança alimentar e saúde. Posteriormente, ampliaram seu campo de ação e passaram a atuar em outras frentes tais como o desenvolvimento sustentável, planejamento familiar, microcrédito, geração de renda e melhoria da qualidade na educação básica. Trata(va)-se de uma missão internacional de combate à pobreza. A sigla 'CARE' recebeu então outro significado: *Cooperative for Assistance and Relief Everywhere* Inc., (Cooperação para Assistência e Bem-estar em Qualquer Lugar). Maiores detalhes e informações na página http://www.care.org.br/. Acesso em: 12 dez. de 2022.

FIGURA 51 - CORREDOR PARA ENTRADA NO CENTRO COMUNITÁRIO - PÁTIO DA IGREJA

FIGURA 52 - PORTA DE ENTRADA DO CENTRO COMUNITÁRIO

FONTE: O autor (2022).

No ato da inauguração, o Sr. Gerhard Linzmeyer, membro desta Comunidade e arquiteto responsável pelo projeto e execução deste centro, relatou:

> Para esta tarefa, o consenso apontava para a observação dos seguintes pontos básicos: **1 - reconstituir os edifícios, respeitando o caráter arquitetônico legado por nossos antepassados**; 2 - conferir condições funcionais para as necessidades atuais; 3 - empregar esforços e recursos próprios no sentido de aprofundar nossa união fraternal e, o mais importante: 4 - que a obra concluída fosse um instrumento de edificação da Igreja de Cristo, e para a honra e glória de Deus, somente. Os objetivos iniciais a que nos propusemos, foram alcançados. [...] Ao chamar este Centro Comunitário de “Pastor Karl Frank”, esta sala de "Tante Helm", a casa de "Schwester Klara" e a biblioteca de "Pastor Johannes Mueller", **queremos lembrar efetivamente os que muito fizeram por esta comunidade. Este gesto quer lembrar também a todos** que, ao longo do tempo e até hoje, participaram da seara do Senhor. (SCHELLIN, 2015, p. 104-105, grifo nosso).

5.2.3.2 O sino da *Christuskirche*

Ao completar o primeiro centenário do templo, surgiu a indagação sobre a possibilidade de se adquirir um novo sino para a comunidade. Mais que um simples dispositivo que produz e emite som, um sino é um objeto que possui múltiplos significados, a depender de seu contexto histórico e cultural, da época em que foi construído, a função para qual o mesmo foi projetado e fabricado e a função que ele exerce. Um sino pode trazer diferentes maneiras de comunicação. Existem também diferentes modos de tocá-lo, possui significados próprios, como por exemplo, a quantidade de toques e a duração e o alcance dos efeitos sonoros produzidos.

Apresenta detalhes e define todo um leque comunicativo, formando, assim, uma linguagem própria. O sino era uma importante fonte de informação, quanto a eventos religiosos, festividades e cerimônias fúnebres, dentre outros eventos e acontecimentos. Sempre foi um grande instrumento de comunicação, especialmente nas igrejas e nos vilarejos.

No contexto da igreja cristã, o uso e o significado do sino possui sentidos simbólicos peculiares. Utilizar sons metálicos para convocar a comunidade é costume antigo, que já existia antes mesmo de Cristo. Na igreja cristã, a utilização deste "chamado acústico", acontecia desde o século IV, na medida em que os cristãos possuíam liberdade para estarem juntos reunidos. A principal função do uso do sino, no contexto eclesiástico cristão, é "chamar" e convocar a comunidade para o encontro com Deus e oração. Num certo sentido é compreendido como a "*vox Dei*", ou seja, a "voz de Deus"! Também é símbolo da ligação entre o céu e a terra. Tocar o sino é arte, pois anuncia diferentes eventos. Em inúmeras comunidades, o sino também serve para comunicar o falecimento de alguém e, ao mesmo tempo, em alguns lugares onde o cemitério é próximo, chamar para o sepultamento.

Para a Comunidade de Cristo, o sino se tornou um objeto e um símbolo especial e muito significativo. O primeiro sino, havia sido doado pela Fundição Müller Irmãos, pelo Sr. Gottlieb Müller. Este primeiro sino, havia cumprido sua missão por um século, mas precisava ser substituído, pois havia quebrado (rachado) há 10 anos antes do seu centenário. Conselheiros e as empresas associadas da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha se uniram para doar um novo sino à Igreja de Cristo. O anúncio ocorreu, no dia 13 de abril de 2013, após a visita e participação de representantes da empresa Schattdecor Brasil-Alemanha, num evento musical promovido pela "igrejinha", que fazia parte do circuito cultural curitibano, quando o Sr. Walter Schatt (presidente da empresa na Alemanha), e sua esposa Srª Úrsula, ficaram impressionados com o evento e com a comunidade que participava dele. "Após o concerto, o casal Schatt assegurou a Carlos Augusto Bohmann [na ocasião, Presidente da Comunidade], que, por ver uma **comunidade tão ativa e que ainda valoriza a cultura alemã e a boa música**, doaria o sino à Christuskirche." (PROSSER; VON BARANOW, 2015, p. 130, grifo nosso).

O novo sino, então, seria fabricado e viria da Alemanha, pela empresa "Rudolf Perner", que possui pelo menos 400 anos de tradição na fabricação de sinos. Para o Sr. Ricardo Cipullo, conselheiro da Câmara Alemã e um dos intermediadores,

a ideia em colocar um sino “alemão” na igreja, representaria um marco da integração das culturas alemã e brasileira. “‘Em tempos de tantas manifestações e na premência de mudanças na nossa sociedade, que o sino nos seja quase um farol, mostrando o caminho para que a cultura e o progresso alemães nos sirvam de inspiração’, disse.” (PEREIRA, 2013, não p.)

A entrega do sino à *Christuskirche*, ocorreu no dia 20 de julho de 2013. Uma vez, devidamente instalado no campanário, seus sons foram ouvidos no dia do aniversário de cem anos da “igrejinha”, em 13 de agosto de 2013.

FIGURA 53 - O CAMPANÁRIO

FIGURA 54 - O NOVO SINO

FIGURA 55 - “DEIN WORT IST DIE WAHREIT”[89]

FIGURA 56 - CHRISTUSKIRCHE 1913-2013, URSULA UND WALTER SCHATT

FONTE: Prosser; Von Baranow (2015)

[89] “Tua Palavra é a Verdade” (PROSSER; VON BARANOW, 2015, p. 134)

> Este foi um dos mais **significativos** e **simbólicos** presentes que a Christuskirche recebeu nesta ocasião festiva. **Significativo, porque o som de um sino faz parte da identidade de uma igreja. Simbólico, porque foi fabricado e fundido na Glockengiesserei Perner, em Passau, na Baviera, uma fundição de mais de quatrocentos anos, na Alemanha.** Foi presenteado pela empresa alemã Schattdecor, sediada em Thansau, Baviera, com filial em São José dos Pinhais, e transportado e entregue à Christuskirche pela Bosch do Brasil. As empresas Servopa e E. Tamussino doaram valores para a reforma e adaptação do campanário para a instalação do novo sino, mais pesado que o antigo. (PROSSER; VON BARANOW, 2015, p. 131, grifo nosso)

O pároco de então da "igrejinha", Pastor Edgar Leschewitz, lamentou "que toda essa cultura e arte que eram fomentadas pela comunidade alemã perderam força com a restrição do uso do idioma germânico em público e da literatura alemã durante o Estado Novo de Getúlio Vargas." Desejava que a chegada do sino, em suas palavras, fosse "um marco para um novo momento de união da comunidade alemã em Curitiba." (PEREIRA, 2013, não p.).

O antigo sino, que havia servido há quase um século, havia cumprido sua função centenária, e hoje ocupa um lugar de honra e destaque, na entrada do Centro Comunitário "Pastor Karl Frank".

5.2.3.3 A 'igrejinha' centenária, peculiaridades da arquitetura e história

Já se passaram mais de cem anos de existência e presença desta igreja em Curitiba. Mais de um século de história, numa sociedade de caráter dinâmico, sob constantes transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas. A 'Igrejinha' permaneceu ali e continua marcando presença na sociedade curitibana.

A 'Igrejinha' ou '*Kleinekirche*', a 'igrejinha da Inácio Lustosa', a '*Christusgemeinde*' ou Comunidade de Cristo, a 'igreja alemã' ou 'igreja dos alemães', a Igreja de Cristo ou '*Christuskirche*', situada próxima à rua Treze de Maio, que também já foi chamada "dos Alemães", resistiu ao tempo. "Acompanhando este processo, a comunidade que fez e faz a Igreja de Cristo se manter como um importante reduto de alemães, em Curitiba, está se redefinindo, se reorganizando, se redescobrindo. E se mantendo presente, *natürlich*!" (REINHARDT; SOUZA, 2015 p. 13)

FIGURA 57 - PORTÃO DE ENTRADA (RUA)

FIGURA 58 - PÁTIO DO TEMPLO (FRONTAL INTERNO)

FONTE: O autor (2022)

FIGURA 59 - CENTRO COMUNITÁRIO AO LADO, TEMPLO, EM CIMA CASA PASTORAL

FONTE: Prosser; Von Baranow (2015)

FIGURA 60 - INTERIOR DO TEMPLO VISTO DA PORTA DE ENTRADA

FONTE: Ortolan (2019)

> [...] A Igreja de Cristo, oficialmente Christuskirche, no palavrão em alemão, coleciona algumas características incomuns que a tornam uma joia da arquitetura religiosa. A começar pela própria cruz que coroa o alto da igreja. Um tipo de cruz celta, resquício dos tempos pagãos bastante comum nos edifícios religiosos da Irlanda, mas coisa pra lá de rara por aqui. Ninguém sabe explicar o porquê. A fachada vibra com as fortes referências à linguagem gótica, como é o caso dos arcos ogivais das janelas e da porta. [...] Lá dentro, você se depara com o que menos espera encontrar em um templo luterano: imagens. Uma grande pintura de Cristo olhando para Jerusalém. E nas paredes, colunas coloridas e detalhadas pintadas à mão imitando o templo de Salomão. Um primor. [...] logo acima do templo fica a moradia do pastor. [...] "É atípico no mundo inteiro" [...] O templo desafia ainda mais nossas percepções porque extrapolou a atuação meramente religiosa e participou ativamente da vida do bairro São Francisco. Ali nasceu um dos primeiros jardins de infância da cidade. Os bancos ainda conservam os buracos feitos na madeira para segurar os tinteiros. [...] Lutero e as comunidades luteranas que vieram depois sempre valorizaram o ensino e a prática da música entre suas paredes. Foi o que levou a comunidade a cuidar de um órgão de armário Schiedemeyer produzido pela famosa loja de música curitibana Casa Hertel. "Hoje só existem dois órgãos desse tipo no Brasil" [...] a acústica da igrejinha é perfeita. Põe no chinelo algumas das maiores construções para concerto da cidade. (GALANI, 2016, não p.)

A igreja foi "tombada" pelo Patrimônio Cultural do Paraná e se tornou uma Unidade de Interesse de Preservação. Em janeiro de 2013, seu espaço eclesiástico teve sua fachada limpa e repintada, com a aplicação de uma resina antipichação, principalmente nos muros externos. É de interesse notório e público, a recuperação e valorização do patrimônio na região central da cidade. O espaço do templo, possui um amplo jardim frontal, que traz singeleza e expressividade à área, e sua implantação no quadro urbano de Curitiba. Além do espaço cúltico, o local se destacou também pelas apresentações de música erudita. Segundo informações do Patrimônio Cultural do Paraná - Setor de Tombamentos, o tombamento abrange o templo, o terreno onde está implantado e as demais construções. Este tombamento patrimonial foi aprovado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico CEPHA e está registrado no "Livro Tombo II - Inscrição 176 - Página 168", em 26 de agosto de 2013 e mantido por decisão tomada em reunião extraordinária de 16 de outubro de 2013.

5.3 A *CHRISTUSKIRCHE* HOJE

Desde 1947, ainda vinculada à Comunidade do Redentor como uma paróquia, a Comunidade de Cristo decidiu novamente ter sua autonomia administrativa e religiosa de forma independente. Ambas estão no mesmo sínodo e

região eclesiástica, pertencentes à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

> A Igreja de Cristo, Christuskirche, ou simplesmente a "Igrejinha", tem uma ligação muito forte com a língua alemã, conserva elementos litúrgicos que acentuam sua confessionalidade (doutrina pura) e cultiva tradições luteranas. O púlpito e a vestimenta litúrgica do Ministério Pastoral, com o talar preto, ainda permanecem, são símbolos de identificação da Igreja, um dos estabelecimentos religiosos da cidade que ainda mantêm o culto em alemão. (REINHARDT; SOUZA, 2015, p. 14-15)

Até o ano de 2012, havia somente um culto em língua alemã na Comunidade de Cristo. Seus participantes, em sua grande maioria pessoas mais idosas, dominavam o idioma para que pudessem compreender algo e lhes fizesse sentido. Eram germânicos, imigrantes ou descendentes de alemães, religiosamente conservadores e tradicionais, que já possuíam vínculos institucionais com o luteranismo, ou ainda turistas, trabalhadores germânicos em situação de viagem, germanófilos, protestantes ou não, ou ainda mesmo adeptos e curiosos sobre a língua. Como se tratava de um público bem restrito, preocupados com uma maior e mais ampla participação, a partir de 2012, foi introduzido e ofertado um culto dominical em português. Cultos em alemão e português, “são vistos pela comunidade como um diferencial.” (REINHARDT; SOUZA, 2015, p. 23) Esta iniciativa obteve êxito, com ampliação de participação e atividades da comunidade, o que também gerou a adesão de mais pessoas e, consequentemente, mais recursos próprios para a manutenção e investimento no trabalho da igreja.

FIGURA 61 - PLACAS DE SINALIZAÇÃO E INFORMATIVAS BILÍNGUE

FONTE: O autor (2022)

Logo chama a atenção, em todo o espaço interno, muito bem distribuído, que as placas e sinalizações, inclusive quadros com referências bíblicas e da Reforma Luterana, são escritos em alemão, alguns ainda no antigo estilo gótico, e em português, ou seja, bilíngue. Mesmo quando somente em português, como por exemplo o arco, em cima do portão de entrada do espaço, está escrito em estilo gótico: “Templo evangélico luterano”. Segundo o pastor Schwarzerdt (2022)

> Isso era muito forte ainda no passado, porque a transição do português, do alemão para o português, ela era necessária, mas eu acho que ela não era assim, tão desejada, porque era necessária. Mas que bom seria se ainda pudesse só continuar alemão também, né! Mas não dava mais. Então isso faz um pouco parte dessa transição, de ter que, vamos dizer assim, usar

> mais o português a partir de 2010, ter cultos em português, né! Porque era uma necessidade já de ter cultos em português. Melhor seria se fosse sempre alemão, mas já foi necessário porque as novas gerações já não falavam. Então faz parte um pouco dessa transição, né! De ter, de repente, uma parte escrita em alemão e a outra parte escrita que só vem em alemão. Em outros lugares está alemão e português, fazendo essa ponte. Mas também para as aulas de alemão tem sido importante, assim, né! A maioria são ditos, são frases, bênçãos, né! Expressões, né! Aí o pessoal lê, né! Aí traduz, aí entende! (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

> (Entrevistador:) É um incentivo também, ao uso da língua? (Entrevistado:) Não só, quem se aproxima também tem curiosidade para saber. E o grande desafio é manter esse uso saudável da cultura alemã. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

A programação de atividades da comunidade é diversificada e também se estende ao longo da semana. A estrutura da igreja também conta com a Biblioteca "Pastor Johannes Mueller", cujo acervo de livros disponíveis são de língua alemã. A *Christuskirche* também oferece semanalmente ao público "aulas de alemão".

> A Christus Kirche é uma das únicas igrejas que ainda mantém um serviço regular de cultos em alemão. Foi uma das coisas também que me atraiu, a mim e a minha esposa, de congregarmos nessa comunidade. O fato de ela ter ainda essa... Oferecer o estudo da língua alemã nos cultos. Também temos aula de alemão aqui, que parou por causa da pandemia. E eu fui decisivo no processo de retomar, porque alguém tem que puxar as coisas. Então, nesse caso das aulas de alemão, eu fiz esse processo com os alunos antigos que frequentavam, e também buscando alunos novos. (Entrevistador:) E quem frequenta esse curso? (Entrevistado:) Pessoas da comunidade, pessoas de fora, também de outras comunidades, pessoas que não são ligadas para a comunidade da igreja. (Martin, 57 anos, PR, 2022)

> (Entrevistador:) Qual é o interesse, em geral? (Entrevistado:) Muitos querem aprender a língua dos seus antepassados. A língua do Opa da Oma. Aquela curiosidade, né! Porque, como no meu caso, o som, esse som dessa língua, ela está lá dentro. Porque eu ouvi isso quando era bem pequeno. Meus avós falam em alemão, meus pais falam em alemão. E assim, muita gente tem essa recordação e tem essa vontade de conhecer. E uma vez que começa a estudar uma língua nova, qualquer língua, né! Isso é apaixonante, né! Porque você diz muitas coisas, versículos da Bíblia você diz em alemão e você entende de uma outra forma. E não é bem a tradução exata, né! Do que você tem para o português, do que você diz no alemão, né! Olha só como eles pensam, como eles se relacionam com Deus, inclusive, né! Então, é muito interessante isso. (Martin, 57 anos, PR, 2022)

A Comunidade Luterana também disponibiliza conteúdos religiosos e culturais através de uma "rádio *web*"[90], autodefinida como "atividade educacional e sem fins lucrativos", cuja programação inclui mensagens de fé e esperança, informações culturais, músicas diversas, transmissão de cultos, tanto em português como em alemão.

A "radiowebluteranos.com" surgiu como uma rádio regional, em 26 de junho de 2006, na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, pelo Pastor Nilton Giese, com objetivo de ser um instrumento da missão, superar distâncias geográficas entre os membros, inclusive luteranos de outros lugares, levar as atividades e os cultos da Comunidade Luterana mais perto dos membros e melhorar a integração com outras comunidades, estreitando assim o "vínculo virtual".

Desde março de 2020, com a transferência do Pastor Nilton Giese para Curitiba, a sede dessa nova rádio "radiowebluteranos.com" está na Comunidade Igreja de Cristo. Além do enfoque "original", de integração entre os membros e comunidades distantes, "a nova radiowebluteranos.com quer enfocar a realidade de uma pastoral urbana, com uma programação de cultos e mensagens de áudio para celular que pode ser acessado durante o transporte urbano." (RADIO WEB LUTERANOS, 2020, não p.).

A Comunidade também possui um grupo de "diaconia", que desenvolve um projeto chamado de "cozinha solidária", onde um grupo de pessoas voluntárias preparam, aos sábados, cerca de oitenta marmitas que são distribuídas para pessoas em situação de rua, próximas à Comunidade, também nos arredores do Mercado Municipal, principalmente nas noites frias, geladas. Além das marmitas, também distribuem blusas, mantas e atenção às histórias daquelas pessoas, em situação de rua.

Reinhardt e Souza (2015) ainda destacaram: "Um outro traço cultural herdado e repassado às gerações é o amor pela música." (p. 23) Neste campo musical, o Pastor Carl Frank teve a sensibilidade e competência para estimular a

---

[90] Com o slogan "a igreja luterana mais perto de você", a Comunidade Luterana Igreja de Cristo em Curitiba tem sua rádio web. A programação de 24h é repleta de mensagens de fé e de esperança, desde a confissão luterana, que vem até você com muita música brasileira, alemã e latino-americana (espanhol). Pode-se ouvir também a retransmissão dos cultos dominicais durante a semana. Às 9h da manhã e às 19h da noite, o culto em língua alemã é retransmitido. E às 10h da manhã e às 20h o culto em português. O site é https://radiowebluteranos.com/ ou mesmo através de aplicativos no celular (Android ou IOS). Quem assim preferir, pode acessar e ouvir somente as prédicas em podcast: https://open.spotify.com/show/3lx9oGl3sss1XMSlVhx5cp

aprendizagem da música, como ferramenta do processo educativo, social e como expressão de fé. Os pastores que o sucederam, em maior ou menor grau, também deram continuidade ao desenvolvimento deste potencial musical da comunidade. A vida musical da igreja, continua bem ativa com a participação de músicos de destaque no cenário musical curitibano, dentre alguns dos quais frequentam ou estão ligados à história da comunidade.

> Aqui nós temos, quartas-feiras é dia de... Você mantém ainda, né! Essa questão educacional forte, né! Então quartas-feiras é dia de aula de música, é dia de aula de movimento de yoga, é dia de aula de alemão. Então quartas-feiras é a atividade mais forte. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)
>
> (Entrevistador:) É voltado para que público, essas aulas de língua alemã? (Entrevistado:) Geralmente, quem mais vem agora são pessoas que tiveram algum contato, talvez, com a língua alemã, ou gostariam talvez de ir viajar para a Alemanha. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)
>
> (Entrevistador:) Aí alguém da comunidade? (Entrevistado:) Uma professora, quartas-feiras à noite, durante duas horas e meia, ela vem e tem mais... São aulas mais coloquiais. Um pouco mais para aprender a falar um alemão que pode ser útil para se relacionar. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)
>
> (Entrevistador:) Tem outras atividades na igreja, além do culto, da aula? (Entrevistado:) Tem, tem o coral. Coral também é muito em alemão ainda, o coral, né! O coral canta onde? Ensaia todas as terças da noite, e canta nos cultos, canta às vezes convidado em alguma outra igreja. Domingo agora nós temos, que nós estamos comemorando 121 anos da fundação, da comunidade, então domingo agora vai ser um culto mais festivo. Aí o coral participa. (Pastor Schwarzerdt, 64 anos, PR, 2022)

Segundo Prosser (2015), sempre convidaram instrumentistas e corais de outras igrejas para participar, os grupos corais (adulto e infantil) da Comunidade Evangélica - Igreja do Redentor, e ainda nos cafés da tarde, aos domingos, a comunidade cantava com alegria e entusiasmo canções folclóricas alemãs. Além da música durante os cultos, são tocadas também obras de compositores barrocos e ainda a comunidade promove concertos regulares com músicos convidados. Para Prosser (2015), "o repertório preferido, tanto dos músicos quanto da comunidade e da maioria dos que frequentam os cultos, as festividades e concertos, continua sendo a obra monumental e expressiva de Bach e dos barrocos, dos clássicos e românticos, mas também a boa música de outros períodos e estilos." (p. 95) O Madrigal da Igrejinha, sob regência de Cora D'Bruns, participa regularmente de

ocasiões especiais. Em depoimento à Igreja de Cristo em 2013, Ingrid Seraphim[91] relacionou seu aprendizado e conhecimento na música e sua trajetória musical à influência da Igrejinha:

> Fazíamos muita Hausmusik[92] na casa da Tante Emma Müller Jucksch, irmã do meu pai. A casa dela era ao lado da Igreja. [...] Alguns dessa nova geração, hoje componentes da Orquestra Sinfônica do Paraná ou da Camerata Antiqua de Curitiba, continuam fazendo música conosco na Igrejinha até a atualidade. [...] É interessante ver como minha vida e a da minha família estão ligadas a esta Comunidade e às pessoas que fazem parte dela. Sempre me lembro das belas obras corais das quais participei, sob a regência do Pastor Frank e, mais tarde, de Esther Graf. Essas obras foram de inspiração para toda a minha vida musical e profissional e, tenho certeza, estão na origem da minha atuação como cravista e organizadora de grupos e eventos, bem como dos meus projetos mais importantes e audaciosos, como a criação e coordenação da Camerata Antiqua e tudo o que foi decorrente dela: as Oficinas de Música, a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba, o Grupo Renascentista e tantos outros. (SERAPHIM, 2013 *apud* PROSSER, 2015, p. 83, 94)

Em 2013, foi criada e desenvolvida na comunidade, em colaboração com a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, a série "Música na Igrejinha", sob coordenação da Profª Drª Elisabeth Seraphim Prosser. Foi uma série de concertos musicais de destaque no circuito cultural da cidade, aos sábados, às 18h, com apresentações de um leque variado de músicos. O templo da *Christuskirche* possui "uma das melhores acústicas da cidade" e, assim, tornou-se um espaço referencial de música e cultura, com atividades tanto sacra como secular. Assim sendo, seus promotores criam um "lugar de memória" aos antigos concertos organizados pelo Pastor Frank e, muito antes dele, o próprio Martinho Lutero, que também era músico

---

[91] Para ela, os ensinamentos do Pastor Frank foram decisivos: a base musical e a vivência de repertório e de estilo que teve com ele estão presentes no seu fazer música até hoje. Estudou piano no Rio de Janeiro, na Escola Nacional de Música. Graduou-se também no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, onde teve aulas com Villa-Lobos e outros expoentes. Quando voltou para Curitiba, em 1952, o Prof. Fernando Correa de Azevedo, fundador e diretor da recém-criada Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), a convidou para integrar o corpo docente da Escola. Hoje a Embap é o Campus I da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR. Ingrid fez parte do seu corpo docente por trinta e oito anos. Na década de 1960, estudou e ganhou um cravo (1967), quando pensou: "A primeira coisa que pensei foi em procurar jovens músicos de Curitiba para refazer algumas daquelas obras magníficas de Bach, Haydn e outros compositores, que cantei e toquei com o coro da *Christuskirche* quando ainda era adolescente." (Seraphim, 2013) E assim, juntamente com Roberto de Regina, fundou a Camerata *Antiqua* de Curitiba e dirigiu, desde 183 até 2001, as Oficinas de Música de Curitiba. (PROSSER, 2015, p. 84-86)

[92] Giralda Seyferth (1999, p. 27) afirma que as alusões de diferentes autores sobre o "espírito associativo" dos alemães como o hábito da *Hausmusik* (música doméstica) são considerados próprios do caráter nacional germânico. Frank Graf (2003 *apud* PROSSER, 2015, p. 83) conta que o seu avô, o Pastor Carl Frank, chegava em sua casa, "após o dia de trabalho, sentava ao piano e improvisava horas a fio ao estilo de Johannes Brahms, hora sagrada em que as crianças e adultos se maravilhavam com sua criatividade musical."

e compositor. Neste sentido, Prosser (2015, p. 93) definiu bem quando afirmou que "a música continua como parte essencial da vida dessa comunidade."

5.4 IMIGRANTES, DESCENDENTES, TEUTO-BRASILEIROS E LUTERANOS

Assim como a música tenha sido um elemento muito importante para a integração dos imigrantes e seus descendentes da comunidade luterana curitibana, especialmente para a *Christuskirche*, assim também o templo, sua construção e presença, física e simbólica, para a cidade, como *fundatio*, acaba por ser elemento identitário muito importante, no caso da Igreja da Paz, em Joinville.

Estes agrupamentos religiosos, sociais e culturais, foram constituídos e se estabeleceram, tendo como referência, o processo de migração, em que as estruturas remontam às sociedades emissoras.

Na medida em que se estabeleceram nas suas respectivas localidades, as comunidades luteranas (de procedência germânica, alemã) se modificaram, gradativamente, em contato com a sociedade brasileira, e também, inclusive, em relação a outros grupos e comunidades de origem migrante, estabelecendo, assim, fronteiras étnicas.

Todas estas formas de sociabilidade, acabaram se configurando como 'estratégias' em direção à integração destas comunidades, na sociedade mais ampla. Foram, e são, mediadas pelo uso da língua! Sem dúvida que a referência acaba por ser o passado. As referências, mencionadas nas entrevistas pelos entrevistado, são representadas pelos antepassados (pais, avós) e por uma memória coletiva e social.

Socialmente, esta memória, especialmente reatualizada através do uso da língua alemã em suas práticas etnorreligiosas, permite explicar a manutenção do uso público (e particular) da mesma, em contexto brasileiro por, pelo menos, uma centena de anos, e permanecer como memória viva e ativa até o presente. O passado foi, e é fundamental, para entender o contexto e em que termos se deu o grau de sociabilidade e interação com as respectivas sociedades receptoras. Assim sendo, foi necessário levar em conta o cabedal das estruturas sociais e culturais religiosas anteriores destes grupos étnicos e religiosos para compreender a manutenção destes marcadores identitários como apontadores da etnicização do grupo e da comunidade. Resumidamente, precisamos considerar quatro pontos

deste processo e da dinâmica migratória etnorreligiosa na produção desta configuração: 1) a herança cultural e a relação estabelecida, e mantida, com as instituições e sociedades de origem e procedência; 2) a articulação, constituição e adequação das comunidades nos novos contextos e fluxos migratórios; 3) as modificações e readequações que ocorreram em função do contato com a sociedade receptora; 4) o resultante destas interações e sociabilidades no atual cenário. A partir desta base, o teuto-brasileiro luterano está em constante processo de negociação identitária, entre o passado e o presente, no desafio dos novos tempos e modos de ser, se constituir e se expressar como comunidade religiosa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação aqui estabelecida entre imigração alemã e o uso da língua no processo de formação e atuação das comunidades protestantes luteranas de origem germânica nos espaços teuto-brasileiros em Curitiba e Joinville, buscou trazer uma possível reflexão dentro do campo sociológico de estudos migratórios. Pudemos perceber que o luteranismo, nestes lugares, concorreu em comunidades que se abrasileiraram, que se tornaram teuto-brasileiras, haja vista sua reorientação teológica e identificação nacional, embora mantivesse traços de germanidade, especialmente em sua expressão do uso da língua alemã, mas que é teuto-brasileira. Nestes termos, as práticas históricas, sociais, culturais e religiosas do luteranismo (brasileiro) e suas sociabilidades relacionadas ou mediadas pela utilização da língua alemã, em sua diversidade linguística e enquanto marcador identitário, foram e são determinantes na criação e participação dos espaços que hoje identificamos como teuto-brasileiros. Neste sentido, o luteranismo teuto-brasileiro, de origem germânica, contribuiu significativamente para o processo de integração, de modo a produzir hoje espaços teuto-brasileiros, social, cultural, religioso e comercialmente bem integrados à vida local, regional e nacional, mas ainda marcados pela sociabilidade e religiosidade luterana.

O modo de inserção e estabelecimento dos imigrantes alemães, e também a história do processo migratório, desde as primeiras incursões coletivas ao longo do século XIX, fundamentaram um conjunto de ideias acerca da cultura de colonização, que as primeiras lideranças comunitárias, dentre as quais também eclesiásticas, e, posteriormente, as gerações imediatas denominaram de teuto-brasileira. Caracterizada pela hibridez, integrava elementos procedentes das culturas alemã e brasileira. Tornou-se um reservatório de símbolos, que lançava as bases de uma identidade coletiva, do chamado “alemão” no Brasil. A categoria “teuto-brasileiro” foi mais utilizada pelas pessoas de classe média ou ainda relacionada aos movimentos culturais. As práticas e representações, no âmbito do cotidiano e das relações locais, estimularam o cultivo desta tradição inventada, também na igreja. Inúmeras pessoas, das gerações de imigrantes alemães, buscam atualizar permanentemente esta identidade fundamentada num pertencimento étnico, em constante processo de negociação e construção.

As duas grandes guerras mundiais, mas especialmente a campanha de nacionalização, que atuou energicamente junto aos imigrantes e seus descendentes, causou grande impacto e propiciou uma série de transformações notáveis no *modus vivendi* e na configuração social e cultural dos teuto-brasileiros. O uso da língua alemã foi terminantemente proibido e reprimido, através de todo um aparato jurídico e legislação assimilacionista, que permaneceu em vigor no ensino formal, até pelo menos meados dos anos de 1980. Associações, clubes, igrejas, grupos de conversa, entre outras entidades, foram reestruturadas, criaram e receberam novas denominações no português brasileiro, e as suas atividades culturais e religiosas cerceadas. Percebemos que, tanto a procedência e cultura comuns, como também a experiência histórica da imigração e colonização, foram sendo gestionadas, apropriadas e reelaboradas, simbolicamente, para marcar etnicamente uma identidade alemã. Mesmo com o silenciamento linguístico, houve formas de resiliência, pois a língua alemã foi mantida nas duas comunidades, e ainda se mantém como língua de interação em algumas atividades e no âmbito familiar, juntamente com a língua portuguesa, conforme apresentado, de forma a refletir na configuração identitária cultural de seus falantes.

O relativo insulamento comunitário inicial, das primeiras gerações, transformaram-se pelos contatos com a sociedade receptora. Foi uma marca distintiva do passado comum, que os caracterizaria como descendentes de imigrantes alemães. Já, por sua vez, o uso da língua alemã no cotidiano dos descendentes de imigrantes alemães e luteranos, ainda permaneceu influenciada pelo português e com outras modificações linguísticas. Embora nem todos falem, escrevam ou compreendam o alemão, contudo o uso da língua se tornou referência primária de característica étnica, assim como a cultura da colonização. Ambas são compartilhadas, de modo a se presumir um sistema cultural próprio, onde se valoriza a figura do colono, inclusive como "pioneiro civilizador". Atualmente, também há iniciativas para se aprender e cultivar a língua alemã, como capital linguístico (aulas de alemão nas comunidades religiosas luteranas), com interesse ou não, de ofício, de estudo, de trabalho ou turístico. Existem também inúmeras iniciativas e movimentos, de cunho simbólicos de distinção percebidos, vivenciados e experimentados na vida cotidiana, nas festas comemorativas, nos eventos turísticos e também na literatura, inspiradas no passado colonial, no sentido de atualizar (festas típicas, folclore, celebrações étnico-religiosas, etc) essa identidade cultural.

Motivadas na crença de uma "honra étnica" e "origem comum", compartilhadas a partir das afinidades entre os componentes de uma comunidade, onde são evidenciadas as diferenças popularmente reconhecidas para objetivos identitários, situadas num contexto de escala mundial de valorização da pluralidade cultural.

No campo teórico dos estudos migratórios sobre os teuto-brasileiros, mais especificamente, este trabalho buscou contribuir com as variáveis da língua e da religião. Percebemos a grande variedade linguística existente entre os imigrantes alemães. Posteriormente, como a língua foi internalizada, (re)produzida e utilizada pelos seus descendentes. Destacaram-se, entre os luteranos teuto-brasileiros o *Hunsrick*, o *Plattdeutsh* e o *Pommeranisch*. A lista é bem mais ampla, no entanto, mesmo essas línguas aqui listadas, possuem uma série de variações por conta de múltiplos fatores endógenos e exógenos, alguns deles aqui trabalhados, dentre os quais em seu encontro com a língua portuguesa. O *Hochdeutsh* foi considerado como o 'alemão padrão', estandardizado, referencial, oficial, público, inclusive como língua litúrgica eclesiástica. No senso comum "é tudo alemão". No entanto, nem sempre eles se entendem. É paradoxal, pois uma certa homogeneidade é necessária para a existência de uma língua em sua dimensão grupal, social, coletiva; no entanto, os grupos e indivíduos imigrantes eram bem diversificados e heterogêneos. Mesmo entre os teuto-brasileiros, o leque da diversidade é grande, embora tenham uma certa uniformidade e codificação linguística e simbólica coletiva. O uso social da língua exigiu e exige certos padrões. A língua e o uso dela, no contexto teuto-brasileiro, configura-se num marcador identitário indelével, não necessariamente definidor, como distintivo, na produção de diferenças e de alteridade. Existem teuto-brasileiros que não falam e nem entendem, mas se autodefinem por outros elementos, parâmetros ou referenciais. No entanto, a utilização da língua, manteve-se num *status* fundamental. Como fazer parte de um grupo luterano onde até final do século passado (Comunidade Luterana de Joinville), ou mesmo, início do século XXI (Comunidade de Cristo), que foram os casos analisados, onde os cultos, como atividade principal da igreja, as reuniões, encontros, grupos de música, entre outros, eram em língua alemã? Por isso, o "uso da língua" teve a sua importância e, mesmo que em menor grau do que antes, ainda têm, agora como memória. Assim sendo, não foram somente os aspectos linguísticos, mas também os sociais, pois esta integração, negociada em todo esse

processo desde o início, também dizia respeito em grande medida a uma certo acomodamento ou, ainda, adequação cultural ao novo espaço em áreas distintas.

No luteranismo brasileiro, assim como a igreja, a escola também foi muito importante, especialmente no estabelecimento dos imigrantes alemães e seus descendentes aqui no Brasil. Fé e educação, este binômio reconhecidamente luterano, constituíram-se em elementos fundamentais dentro do movimento eclesiástico luterano, para a produção de instituições que auxiliassem o desenvolvimento cultural (*Kultur*) de seus descendentes. Ambas as comunidades estudadas, possuem fortes vínculos com a educação escolar, em suas respectivas sociedades locais. Neste sentido, Martinho Lutero, como figura mítica (de origem), como reformador eclesiástico, como unificador da língua alemã, como professor universitário, entre outras atribuições que lhe são outorgadas, reconhecidas, a seu tempo e modo, tornou-se uma importante referência muito utilizada para a construção imagética coletiva para os teuto-brasileiros luteranos. A força simbólica desta imagem influenciou a formação de conceitos, identidades e sentimentos coletivos. Consistiu-se numa associação entre luteranismo e germanidade, que se mostrou bem evidente, numa expressão recorrente atribuída aos luteranos na sociedade brasileira: a "igreja dos alemães". Se no passado, segundo Magalhães (1994), em citação anterior, tornou-se linguagem corrente a afirmativa: "*Luthertum ist Deutschtum* (Luteranismo é germanidade)", numa paráfrase mais atualizada poderíamos dizer: "*Luthertum ist auch Deutschbrasilianertum*" (Luteranismo também é teuto-brasilidade), enquanto fomentador e catalisador do uso língua como identificador étnico.

Uma das principais ferramentas na constituição da *Deutschbrasilianertum*, sem dúvida, foi a transmissão geracional do sentimento de pertença à *Kultur*, a qual reclama a germanidade no cotidiano dos descendentes de imigrantes alemães. Esse ideal foi transmitido por pastores, professores, líderes comunitários, reproduzido nas mais variadas literaturas, conforme verificado, inclusive aquelas de cunho religioso. A consciência de pertencimento se constitui na base e fundamento da memória coletiva que ressignifica e atualiza este passado no ideário do grupo étnico.

Percebemos que, em ambas as comunidades, a língua alemã se faz presente, inclusive para além de seus muros, como um fenômeno social e religioso, como expressão de fé, num cultivo constante da comunidade à manutenção da

mesma como herança e memória, tanto linguística como religiosa. Permaneceu sendo rememorada e transmitida de geração para geração.

A igreja luterana possui uma generosa parcela de contribuição através de suas práticas e atividades, interações sociais, integradas à cultura e comunidade local, nessa manutenção da língua de imigração. O uso da língua alemã e de suas múltiplas variedades, evidenciam um sinal sociolinguístico de integração das comunidades luteranas egressas do processo migratório de alemães, cuja memória é constantemente (re)ativada e (re)atualizada pelos seus descendentes teuto-brasileiros que se configuram em exemplos aos estudos históricos, linguísticos e, sobretudo, sociológicos.

Esta pesquisa, foi desenvolvida às vésperas das comemorações do bicentenário daquelas primeiras levas de imigração alemã, reconhecidas oficialmente, ao Brasil. Também contribui na criação de possibilidades interpretativas, de reflexão crítica em diversas áreas do conhecimento humano, em suas intersecções e, mais especificamente, naquelas inseridas nas práxis política, científica, cultural e social, da memória e história acerca da imigração germânica para o Brasil, da configuração desse grupo teuto-brasileiro e também na relação Brasil-Alemanha. Novas perspectivas, reflexões e possibilidades podem ser alcançadas e serem vislumbradas quando tratamos de questões relacionadas às migrações humanas e também com relação às imigrações alemãs, em nosso contexto nacional e internacional. Algumas delas, por exemplo, como vimos, tratam dos 200 anos de "imigração luterana" no Brasil. Também se insere na esteira das celebrações dos 500 anos da Reforma Luterana, comemorado no ano de 2017.

Neste sentido, este trabalho também traz sua contribuição ao refletir sobre elementos etnorreligiosos ou mesmo a própria religião, enquanto instituição e fenômeno social e religioso, inserida na produção, constituição e integração de imigrantes alemães e seus descendentes no contexto brasileiro. Para além de outras áreas, seria a religião como item de pauta na agenda da Sociologia da Imigração, e também, a imigração como item de pauta na agenda da Sociologia da Religião, intercambiavelmente.

Esta pesquisa sobre este grupo teuto-brasileiro, buscou evidenciar para além da ideia orbitante sobre as etnicidades do chamado "mosaico cultural plural", coube aos teutos imigrados para o Brasil, não somente as contribuições da ética do trabalho, da disciplina, da religiosidade, da racionalidade, do associativismo, do

desenvolvimento, da conservação de suas tradições e idioma, da produção de memória étnica, linguística e religiosa, mas também a participação ativa como coparticipantes e produtores na dinâmica social da cultura brasileira. Foi relevante e muito importante, por vezes até mesmo fundamental, o papel desempenhado pelas comunidades religiosas luteranas no acolhimento, estabelecimento e integração dos imigrantes alemães e seus descendentes e a relação entre imigração, grupo étnico, religião, uso da língua, interação e integração deste grupo teuto-brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. **Variedades do alemão**. Projeto ALMA. UFRGS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: https://www.ufrgs.br/projalma/variedades-do-alemao/ Acesso em: 27 nov. 2022.

ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TILIO, R.; ROCHA, C. H. (Org.). **Política e Políticas Linguísticas.** Campinas: Pontes Editores, p. 93-116, 2013.

ALVES, R. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.

AMMERMAN, N. T. Studying everyday religion: Challenges for the future. **Everyday religion: Observing modern religious lives**, p. 219-238, 2007.

ANDREAZZA, M. L.; NADALIN, S. O. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 11, n. 1, p. 61-87, 1994.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Editora Companhia das Letras, 2013.

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA BOM JESUS/IELUSC. Quem somos. IELUSC. 2022. Disponível em: http://www.ielusc.br/portal/area/imprimir.php?PRINT=CONT&AREA=INST&ID=612 Acesso em: 21 nov. 2022.

AUGUSTIN, K. **Um olhar sobre a música antiga**: 50 anos de história no Brasil. Rio de Janeiro: K. Augustin, 1999.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 2011.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BERGER, M. A função da Igreja no processo de aculturação dos teuto-brasileiros. In: **Colóquio de estudos teuto-brasileiros**, 2., 1968, Recife. Anais. Recife: Ed. UFPE, 1974. p. 519-536.

BAADE, J. H. **Os conflitos comunitários e Sinodais e a formação e consolidação da IECLB**: as trajetórias da Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico-Luterano até a sua fusão e constituição do Sínodo Evangélico-Luterano Unido em 1962. 2011. 332 f. Orientador: Wilhelm Wachholz. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST, Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2011.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 47-48

BAHIA, J. Religião e identidade étnica entre os pomeranos do estado do Espírito Santo. In: MONSMA, K. (Org.) **Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil**: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. p. 169-200.

BAHIA, J. Magia e religião: heranças de outro mundo. ***IHU on line***: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: UNISINOS, n. 271, p. 23-25, 1 set. 2008.

BALHANA, A. P. Política imigratória do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n. 87, p. 39-50, 1996.

BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1.

BALHANA, A. P.; NADALIN, S. O. A imigração e o processo de urbanização em Curitiba. In: **Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, 7, 1973, Belo Horizonte. Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A cidade e a História. São Paulo: [FFLCH-USP], 1974. v. 1, pp. 527-536.

BALIBAR, E. Culture and Identity. In.: RAJCHMAN , J. (Ed.). **The Identity in Question**. London: Routledge, 1995.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias de etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BASSANEZI, M. S. C. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide (Coord). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 1-37

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECK, N. Introdução In: LUTERO, M. **Pelo Evangelho de Cristo**: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Trad. Walter O. Schlupp. Porto Alegre, São Leopoldo: Concórdia, Sinodal, 1984. p. 9-20.

BEHS, E. **O processo de abrasileiramento da igreja dos alemães**. 2001, 154f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

BEOZZO, J. O. As igrejas e a imigração *In:* DREHER, M. N. (org.). **Imigrações e história da igreja**. Aparecida: Santuário, 1993. p. 9-30.

BETHESDA completa 85 anos em Pirabeiraba - Joinville/SC. Portal Luteranos. Notícia. 16 dez. 2019. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/bethesda-completa-85-anos-em-pirabeiraba-joinville-sc Acesso em: 13 nov. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL (BRASIL). **KARTE der Colonie Dona Francisca und Umgebung:** nebstden projectirten Verbindugsstrassen. [184-]. 1 mapa. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart541297/cart541297.jpg. Acesso em: 12 dez. 2022.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. **Language**, v. 2, n. 2, p. 153-164, 1926.

BLUM, R. **Pequena história dos hinários da IELB**. Hinologia Cristã. 2015. Disponível em: http://www.hinologia.org/breve-historico-dos-hinarios-da-ielb-rev-raul-blum. Acesso em: 12 de abr. de 2022

BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS. **O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundia**l. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 107, outubro, 1995, 67 páginas.

BOBSIN, O. Luteranos na ética protestante. **Protestantismo em Revista**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia. v. 6, jan-abr, 2005, p. 10-14.

BRASIL. **Constituição (1824) Constituição** Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm Acesso em: 7 ago. 2022.

BREPOHL, M. D.; NADALIN, S. O. Imigração germânica, etnicidade e identidade profissional: colonização em Joinville (Dona Francisca), província de Santa Catarina. 1851-1889. **História (São Paulo)**, v. 38, 2019.

BRUNN, G. **Deutschland und Brasilien (1889-1914)**. Köln-Wiens: Böhlau, 1971.

BUSS, P. W. **Um grão de mostarda**: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Concórdia, 2006. v. 2.

CÂMARA, J. de B. **Apontamentos de História Eclesiástica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1957.

CAMARGO, A. R. **Legislação sobre estrangeiros na Primeira República**. Arquivo Nacional MAPA Memória da Administração Pública Brasileira. Dicionário Primeira República. 7 de outubro de 2021 Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/964-legislacao-sobre-estrangeiros-na-primeira-republica Acesso em: 30 nov. 2022.

CAMARGO, C. P. F. (Org.). **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAPELLARI, M. A. **Sob o olhar da razão**: as religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil (1900-2000). Dissertação (Mestrado em História) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

CARNEIRO, C. M. (coord. ed.). **Fé, educação e desenvolvimento**. Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Ingra: Curitiba, 2000.

CARNEIRO, J. F. Conferência na seção de instalação. In: **Colóquio de estudos teuto-brasileiros**, 1., 1963, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 21- 38.

CARRASCO, G. L. de A. **Preservação de artefatos ornamentais de ferro integrados à arquitetura** - estudo de caso: Cemitério do Imigrante, Joinville, SC. Orientador: Sérgio Castello Branco Nappi. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2009.

CASTRO, E. G. **Os "Quebra-santos"**: Anticlericalismo e repressão pelo DEOPS-SP. São Paulo: Humanistas; Fapesp, 2007.

CAVALCANTI, L. et al. **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora UnB, 2017.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, M. S. B. S. de. O tema das migrações internacionais na sociologia no Brasil. ***Revista Brasileira de Sociologia***, v. 6, n. 12, p. 88-113, 2018.

CHAUI, M. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUI, M. **O mito fundador do Brasil**. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 de março de 2000. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2603200003.htm. Acesso em: 16 abr. 2020.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.

COHEN, A. P. **The symbolic construction of community**. London: Tavistock, 1985.

COLÉGIO BONJA. Quem somos. Colégio Bonja para o mundo e para sempre. 2019. Joinville. Disponível em: https://colegiobonja.com.br/ Acesso em: 21 nov. 2022.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE JOINVILLE; DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Relatório de Atividades Desenvolvidas durante 1972 para Assembleia Geral Ordinária de 28 de março de 1973**. Joinville, p. 1-3, 1973. (Arquivo interno).

CREUTZBERG, L. F. História da Comunidade Evangélica de Joinville. **Portal Luteranos**. Comunidade Evangélica de Joinville - UP. Disponível em:

https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/comunidade-evangelica-de-joinville-up/historia-15 Acesso em: 10 out. 2022.

CREUTZBERG, L. F.; BÜBLER, D. História Paróquia da Paz - Joinville/SC. Portal **Luteranos.** Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/joinville-paz/historia-3 Acesso em: 8 out. 2022.

CUNHA, D. F. O Luteranismo em Joinville nos primórdios da Colonização (1851-1889). Joinville: Universidade de Joinville, 1996.

CUNHA, D. F. *et al*. Ottokar Dörffel: acervo e memória. Uma ponte entre dois mundos. **Arquivo Histórico de Joinville** (SECULT.UPM.AHI) Exposições do Arquivo Histórico de Joinville. Joinville: 2022. Disponível em: https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Exposi%C3%A7%C3%A3o-Ottokar-D%C3%B6rffel-Acervo-e-Mem%C3%B3ria.pdf Acesso em: 1 jan. 2023

DEWIND, J; VÁSQUEZ, M. A. The Religious Lives of Migrant Minorities: A Multi-Sited Transnational Perspective. **Global Networks**, v. 14, n. 3, p. 251-272, 2014.

DIAS, M. C. **De Helenenheim a Hospital Dona Helena**, um século de atenção à saúde. Notícias de Santa Catarina. Joinville, 11 jun. 2016. Caderno ND Mais. não p. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/de-helenenheim-a-hospital-dona-helena-um-seculo-de-atencao-a-saude/ Acesso em: 5 nov. 2022.

DIEHL, F. A reprodução da etnicidade teuto-brasileira nas Oktoberfest. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 93, 2022. p. 91-104.

DREHER, M. N. (Org.). **Hermann Gottlieb Dohms**: textos escolhidos. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

DREHER, M. N. **História do povo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

DREHER, M. N. **Igreja e germanidade**. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Caxias do Sul: UCS, 1984.

DREHER, M. N. **Primeiros imigrantes alemães no campo**. Relações Brasileiras e Alemãs, Volume 1, 2022. Disponível em: http://brasil-alemanha.com/capitulo/19sec/Primeiros-imigrantes-alemaes-no-campo Acesso em: 2 de jan. de 2022.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. Tradutor: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FAHLBUSCH, E.; BROMILEY, G. W. (Ed.). ***The Encyclopedia of Christianity***, Vol. 3. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2003.

FELDMAN-BIANCO, B. La circulación de las personas debería ser considerada como utopia. In: **Critica y Emancipción Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 11, p. 613-626, 2014.

FICKER, C. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Impressora Ipiranga, 1965.

FISCHER, J. **Quem é Lutero no Brasil?** Reflexões em torno de Lutero. Portal Luteranos. Porto Alegre, RS, 1984. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/quem-e-lutero-no-brasil Acesso em: 11 de abr. de 2022.

FISHMAN, J. A. Some Contrasts Between Linguistically Homogeneous and Linguistically Heterogeneous Polities. In: FISHMAN, J. A; FERGUSON, C. A.; DAS GUPTA, J. **Language Problems of Developing Nations**. New York: John Wiley and Sons, 1968. p. 53-68.

FISHMAN, J. A. Nationality-nationalism and nation-nationism. In: FISHMAN, FERGUSON, and Das GUPTA. **Language Planning Processes in Developing Countries**. New York: John Wiley and Sons, 1968. P. 39-51.

FLOSS, M-H. Wie war's nun eigentlich mit Turm und Glocken? In: EVANGELISCHE SYNODE VON SANTA CATARINA UND PARANÁ. **Unsere Väter**. Ein Heimatbuch, in dem wir aus unserer hundertjährigen Geschichte hören. Bearbeitet von FLOSS, Max -Heinrich. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda., 1961, p. 200-209.

FOUQUET, C. **O Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil, 1808-1824-1974**. São Paulo. Instituto Hans Staden, 1974. Título original: *Der Deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien.*

FRANK, E. Um episódio da velha Curitiba *In*: REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 119-123.

FRANZEN, D. O.; EIDT, S.; TESSING, D. A arquitetura enxaimel: Identidade, memória e dimensão patrimonial em Itapiranga/SC. **Revista de Arquitetura IMED**, v. 7, n. 1, p. 5-27, 2018.

FRESTON, P. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a Igreja Luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, v. 16, n. 24, p. 61-73, 1998.

FREYRE, G. O artista: servo dos que sofrem. In: **Cristo e o processo revolucionário brasileiro.** Conferência do Nordeste. Rio de Janeiro: Ed. Loqui, 1962. vol. 2 p. 59-64.

FREYRE, G. Discurso inaugural. In: **Colóquio de estudos teuto-brasileiros**, 1., 1963, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 17- 20.

FUGMANN, W. **Os alemães no Paraná**. Trad. Francisco L. Paulo Lange. Ponta Grossa: UEPG, 2008.

GALANI, L. 'Igrejinha' centenária guarda surpresas da arquitetura e história de Curitiba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 27 set. 2016. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/igrejinha-centenaria-guarda-surpresas-da-arquitetura-e-historia-de-curitiba/ Acesso em: 20 out. 2022.

GERTZ, R. E. Os luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2, 2007.

GIEMSA, G.; NAUCK, E. Uma viagem de estudos ao Espírito Santo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, ano VIII, n. 88, p. 451-470; n. 89, p. 560- 575; n. 90, p. 653-701, 1950 [1939].

GRAF, F. A igreja-casa-escola e... atelier de pintura. *In:* REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 113-118.

GRAF, F. **Prédica por ocasião dos festejos dos 90 anos da Igreja de Cristo**. Curitiba: Igreja de Cristo, 2003. Inédito.

GREGORY, V. **Imigração alemã no Brasil**. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013.

GRÜTZMANN, I. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. **História – Unisinos**, v.7, n.8, p. 115-169, 2003b.

GUERREIRO, J. O Não-lugar do negro na história de Joinville. **Monumenta-Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 1, n. 1, p. 28-51, 2020.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, Pontes, 1995.

GUMPERZ, J. J. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 359-373.

HALBWACHS, M. ***La mémoire colletive***. Paris: PUF, 1997.

HALBWACHS, M. ***La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte. Étude de mémoire collective***. Paris: PUF, 1971 .

HALBWACHS, M. ***Les cadres sociaux de la mémoire***. Paris: PUF, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: The social interpretation of language and meaning. Maryland. University Park Press, 1978.

HANSEN, G. La Crítica Cristológica de Bonhoeffer a la Hermenéutica "Pseudoluterana" de las dos esferas. In.: **Numen**: Revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora/MG, vol. 6, n 1, 2003.

HEISLER, A. Apontamentos históricos sobre a immigração allemã no Estado do Paraná (1829-1929). In: **Os allemães nos Estados do Paraná e Santa Catharina**. Em comemoração do 1º Centenário de sua entrada nesses estados do Sul do Brasil. Curitiba: Impressora Paranaense, p. 49-128. 1929.

HELFENSTEIN, J. *Kirchenblatt, Sonntagsblatt* e *Der Lutheraner*: a imprensa periódica luterana no Brasil. **Temporalidades**, v. 8, n. 3, p. 95-112, 2016.

HERBST, R. Com Deus na bagagem e nas adversidades. **Joinville Luterano**, Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Joinville-CEJ-UP, Joinville, ano XXI, ed. n. 133, nov. 2021. p. 6-9

HERBST, R. Enfim, a Igreja da Paz revitalizada. **Joinville Luterano**, Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Joinville-CEJ-UP, Joinville, ano XXII, ed. n. 144, nov. 2022. p. 9

HERING, M. L. R. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí**: o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Ed. FURB, 1987.

HINSCHING, F. G.Cemitério dos Imigrantes – Joinville-SC (Enterros). **Blog Cortina do passado**. Vamos abrir a cortina do passado e fazer descobertas. Não paginado. Joinville, 18 out. 2018. Disponível em: https://hinsching.wordpress.com/2018/10/18/cemiterio-dos-imigrantes-joinville-sc-enterros/ Acesso em: 10 out. 2013.

HOBSBAWM, E. J. **A era do capital**, 1848-1875. 10a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/14/turismo/21.html. Acesso

HUBER, V. A literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí. **Linguagens-Revista de letras, artes e comunicação**, v. 1, n. 3, p. 277-288, 2008.

HUBER, V. **A Ponte Edênica**: da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

HÜBERT, I. Livreto II - Os cem anos de uma igrejinha e de uma comunidade. - 26/01/1913 - 26/01/2013 *In*: REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 140-151.

HUFF JÚNIOR, A. É. Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro: políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana do Brasil entre a I Guerra Mundial e o Pós-Ditadura Militar. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 6, n. 2, p. 123-150, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Estatísticas. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Tabelas (SIDRA). **Censo Demográfico**. População residente, por religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137 Acesso em 3 jan. 2023

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Cidades e Estados. Brasil. **Amostra - religião**. População residente, por religião Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true Acesso em 3 jan. 2023

IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Estatísticas. IECLB: 2017 – Ano base 2016. Porto Alegre: 2017. Disponível em: https://aplicativosieclb.org.br/docs/ESTATISTICA_IECLB_2017_ANO_BASE_2016.pdf Acesso em: 5 jan. 2023.

IGREJA DA PAZ. Joinville, 2020. Disponível em: http://paroquiadapaz.com.br/ Acesso em 12 jun. 2022.

INSTITUIÇÃO BETHESDA. Joinville, 2022. Disponível em: https://www.bethesda.org.br/ Acesso em: 13 nov. 2022

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná**. Curitiba, 2022. Disponível em: https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Coletanea-de-Mapas-Historicos-do-Parana Acesso em: 7 nov. 2022.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA (IPOL). **Plattdeutsch**: dialeto remanescente. Florianópolis, 2013. Disponível em: http://ipol.org.br/plattdeutsch-dialeto-remanescente/ Acesso em 6 jan. 2023.

JOCHEM, T. V. **Imigração alemã**. Palhoça, 2004. Disponível em: http://www.tonijochem.com.br/index.htm Acesso em 6 nov. 2022.

JOCHEM, T. V. **Visibilidade étnica dos imigrantes do Hunsrück em Santa Catarina – Brasil (1829-1889)**. Frutillar (Chile), nov. 2011. Palestra proferida no IX CAAL – Encontro das Comunidades de Fala Alemã da América Latina. Disponivel em: https://www.aguasmornas.sc.gov.br/uploads/1721/arquivos/1617236_Visibilidade_etnica_dos_imigrantes_do_Hunsruck_em_SC_1829_1889.pdf Acesso em 10 nov. 2022.

JUNGBLUT, A L. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.) **Os alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994, p. 142-144.

KLEIN, H. Migração internacional na história das Américas. In: BORIS, Fausto (Org). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 13-31.

KLUG, J. **A escola teuto-catarinense e o processo de modernização em Santa Catarina** – a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938). São Paulo, 1997. Tese (Doutoramento em História Social) – Universidade de São Paulo.

KLUG, J.; SANTOS, M. P. R. T. dos; LIMA, A. B. Colonização europeia. **Atlas geográfico de Santa Catarina**: população, Florianópolis, v. 3, n. 6, 2019. 117 p. Ed. da UDESC. 2. ed. Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Diretoria de Desenvolvimento Urbano. Isa de Oliveira Rocha (Org.) Disponível em: https://www.sde.sc.gov.br/index.php/biblioteca/cartografia Acesso em: 27 out. 2022.

KOIFMAN, F. Imigrante ideal: o ministério da justiça e o aperfeiçoamento da raça (1941-1945). **Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 2012.

KOHLHEPP, Gerd. Contribuição da população teuto-brasileira ao processo de colonização e ao desenvolvimento econômico do Brasil Meridional. In: **Colóquio de estudos teuto-brasileiros**, 3., 1974, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1980. p. 63-76.

KONG, L. Global shifts, theoretical shifts: Changing geographies of religion. **Progress in human geography**, v. 34, n. 6, p. 755-776, 2010.

KRAUSE, H. **Lutherische Synode in Brasilien**: Geschichte und Bekenntnis der Evangelisch-Lutherischen Synode von Santa Catarina, Paraná und anderen Staaten Brasiliens. Verlag d. Evangelische-Luth. Mission, 1993.

KREUTZ, L. **O professor paroquial**: magistério e imigração alemã. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Caxias do Sul: EDUSC, 1991.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LENKE, Diác. A. Como tudo começou. **Joinville Luterano**, Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Joinville-CEJ-UP, Espaço da Diaconia, Joinville, ano XXI, ed. n. 133, nov. 2021. p. 4-5

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

LEVITT, P. **God needs no passport**. New York: The New Press, 2007.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública**, v. 8, p. 49-90, 1974.

LIENHARD, M. **Martim Lutero**: tempo, vida, mensagem. São Leopoldo: Sinodal,1998.

LOSS, M. E. **Imigração alemã no Paraná**: Imigração alemã (1829-2022) - 58 anos de imigração. Curitiba, 2015. Disponível em: https://www.alteheimat.com.br/pesquisa/imigracao-alema-no-parana/ Acesso em: 6 de jan. de 2022

LÖWY, M. Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber. **Plural.** Rev. do Progr. de Pós-graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011.

MAACK, R. Os alemães no Sul do Brasil: ponto de vista alemão. **Arquivo Gustavo Capanema**, GC 34.11.30, 11/07/1939. FGV-CPDOC.

MACHADO, A. **A Imprensa catarinense no Século XIX**: catálogo descritivo e Ilustrado do acervo de jornais raros da Biblioteca Pública de Santa Catarina - Hemeroteca Digital Catarinense/Alzemi Machado, Iraci Borszcz - Florianópolis: FCC Edições, 2020.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, M. D. B. de. **Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pan-germanista no Sul do Brasil**. 1993. 327 f. Tese (Doutorado) - IFCH, UNICAMP, Campinas, 1993.

MAGALHÃES, M. D. B. de. Os imigrantes alemães e a questão da cidadania. In: **Textos de História**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, v. 1, n. 2, p. 50-72, 1993.

MAGALHÃES, M. D. B. de. **Presença Alemã no Brasil**. Brasília: UnB, 2004.

MAGALHÃES, M. D. B. de. Racismo no sul do Brasil: Heranças de um mito. **Revista de História**, n. 129-131, p. 165-178, 1994.

MALTZAHN, P. A língua alemã como marcador de identidade étnica em Pomerode. **Pandaemonium Germanicum**, v. 21, p. 113-135, 2018.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2004.

MARINUCCI, R. Crenças. In: **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora UnB; 2017. p. 148-153

MARLOW, S. L. A perseguição a luteranos durante as décadas de 1930 e 1940 no Brasil: O caso do Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 121-140, 2014.

MASSEY, D. S. et al. Theories of international migration: A review and appraisal. **Population and development review**, p. 431-466, 1993.

MATTOS, L. Seções. **Jornal Retrô.** Joinville, 22 nov. 2015. Disponível em: http://www.jornalretro.com/edicoes/15/historia-ao-vivo.html Acesso em: 08 dez. 2022.

MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.) **Os alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994.

MCGUIRE, M. B. **Lived religion**: Faith and practice in everyday life. Oxford University Press, 2008.

MOCELLIM, A. D. **A comunidade**: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **Plural**, v. 17, n. 2, p. 105-128, 2010.

MODKOVSKI, R. Joinville é dote do cunhado de d. Pedro 2º. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Joinville, 14 dez. 1995. Turismo. não p. Disponível em:

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. p. 9-14, 2013.

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MOMBACH, L. A. **A língua alemã e seu lugar simbólico e ideológico em escolas da Rede Sinodal de Educação.** Orientador: Iuri Andréas Reblin. 2020. 147 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdades EST - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2020.

MOSSMAN SOBRINHO, P. G. M. Concepções filosóficas do nacionalismo teuto-brasileiro do século XIX. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 11, n. 2, p. 71-83, 2014.

MÜLLER, T. L. (Org.). **Imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

MUSSKOPF, R. L. W. **Confessionalidade luterana no Bom Jesus/IELUSC**: flor de páscoa ou coroa de espinhos? Orientadora: Sandra Vidal Nogueira; Co-Orientador: Oneide Bobsin. 2007. 82 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Religião e Educação, São Leopoldo, 2007.

NADALIN, S. O. A colonização alemã e os luteranos em Curitiba. *In*: **I Ciclo do pensamento curitibano**. Curitiba: FCC, 1984. p. 47-54.

NADALIN, S. O. **A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba**. Orientadora: Altiva Pilatti Balhana. 1974. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná Curitiba, UFPR, 1974.

NADALIN, S. O. Imigrantes de origem germânica em Curitiba e a história de uma comunidade luterana; séculos XIX e XX. *In:* REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 31-68.

NADALIN, S. O. **Imigrantes de origem germânica no Brasil**: ciclos matrimoniais e etnicidade. 2 ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

NADALIN, S. O. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

NASS, H. **Deutsche Schule**: um projeto de educação étnica na Colônia Dona Francisca. 2010. 57 f. Orientador: Márcio de Oliveira. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Paraná - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Curitiba, 2010.

NEIVA, A. H. A imigração e a colonização no governo Vargas. **Cultura Política**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 217-240, nov. 1942.

NEIVA, A. H. O Problema Imigratório Brasileiro. **Revista de Imigração e Colonização**, Rio de Janeiro, ano V, n. 3, p. 468-584, 1944.

OBERACKER JÚNIOR, C. H. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. São Paulo: Presença, 1968.

OBERACKER JÚNIOR, C. H. Joinville: fundação hamburguesa. **Revista de História**, v. 31, n. 64, p. 427-431, 1965.

OBERACKER JÚNIOR, K. H. Deutschsprachige Kolonisten im Amazonas-Tal zur Zeit Pombals. In: ***Staden-Jahrbuch***, Instituto Hans Staden, São Paulo, 1966, vol.14, p. 47-70.

OLIVEIRA, D. S. de. **Resgate de técnicas construtivas mais sustentáveis**: análise e descrição do sistema enxaimel. Porto Alegre: Departamento de Engenharia Civil da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

OLIVEIRA, L. Comunidade e sociedade: notas sobre a atualidade do pensamento de Ferdinand Tönnies. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 4, n. 1, 1988.

OLIVEIRA, M. de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos Ceru**, v. 23, n. 2, p. 175-202, 2012.

OLIVEIRA, M. de. A sociologia da imigração no Brasil entre as décadas de 1940 e 1970. **Sociologias**, v. 20, p. 198-228, 2018.

ORSI, R. Everyday miracles: The study of lived religion. In: **Lived religion in America: Toward a history of practice**. Princeton University Press, 1997.

ORTOLAN, F. A. Christuskirche - Igreja de Cristo. **Blog Fotografando Curitiba.** Não paginado. Curitiba, 31 ago. 2019 Disponível em: https://www.fotografandocuritiba.com.br/2019/08/christuskirche-igreja-de-cristo.html Acesso em: 08 out. 2022.

PAYER, M. O. Memória da língua. Imigração e nacionalidade. **Sínteses-ISSN 1981-1314**, v. 5, 2000.

PAYER, M. O. O trabalho com a língua como lugar de memória. **Synergies Brésil**, n. 7, p. 37-46, 2009.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **La lengua de nunca acabar**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1981.

PENKE, M. **A salvação do Platt**. Dialetos alemães. Portugal, 2017. Disponível em: https://www.goethe.de/ins/pt/pt/kul/mag/20981027.html Acesso em: 06 jan. 2023.

PEREIRA, M. Igreja luterana centenária de Curitiba ganha sino fabricado na Alemanha. **O Blogspot Mada Pereira / Arquivo Publicável.** Não paginado. Curitiba, 30 jul. 2013 Disponível em: http://madapereira.blogspot.com/2013/07/igreja-luterana-centenaria-de-curitiba.html Acesso em: 01 nov. 2022.

PESSLER, D. **Dialeto saxônio**: a língua de Lutero. Deutsch Deutsche Welle. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/dialeto-sax%C3%B4nio-a-l%C3%ADngua-de-lutero/a-1680802 Acesso em: 16 abr. de 2022.

PETRY, R. A nossa história [*Unsere Geschichte*]. *In*: CARNEIRO, C. M. (coord. ed.). **Fé, educação e desenvolvimento**. Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Ingra: Curitiba, 2000. p. 9

PETRY, R. **Da Gemeinde à Comunidade**: uma análise das mudanças de paradigma geradas pelas crises dos anos 30 e 40, entre os imigrantes alemães luteranos e seus descendentes em Curitiba. 2002. 90 f. Orientador: Sérgio Odilon Nadalin. Monografia (Curso de História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

PETRY, S. V.; MORAES, A. M. L.; SCHROEDER, M. **A imigração alemã em Santa Catarina**. Relações Brasileiras e Alemãs, Volume 1, 2017. Disponível em: http://brasil-alemanha.com/capitulo/19sec/A-imigracao-alema-em-Santa-Catarina.php#:~:text=Em%201846%20vem%20pela%20primeira,chegada%20de%2017%20imigrantes%20alem%C3%A3es. Acesso em: 3 de set.. de 2022.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Novos estudos CEBRAP**, p. 111-127, 2006.

PIERUCCI, A. F. "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PISKE, M. Centenário da Igreja Blumenau-Centro. In: **Anuário Evangélico**. São Leopoldo: Sinodal, 1978.

PISKE, M. Pastor Georg Hoelzel. **O Caminho**, Blumenau, agosto 1987. Memória, ano III, n. 7. p. 07; 422 Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/pastor-georg-hoelzel Acesso em: 18 nov. 2022.

PORTAL LUTERANOS. **Carta da Presidência da IECLB sobre o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022.** 1 ago. 2022. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/censo-2022-do-instituto-brasileiro-de-geografia-e-estatistica-ibge Acesso em: 7 de dez. de 2022.

PORTAL LUTERANOS. **Estrutura**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/estrutura Acesso em: 3 de jan. de 2023.

PORTAL LUTERANOS. **Gestão administrativa**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo/gestao-administrativa Acesso em: 3 de jan. de 2023.

PORTAL LUTERANOS. **Povo luterano em terras brasileiras**. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/historia/povo-luterano-em-terras-brasileiras Acesso em: 11 de abr. de 2022.

PORTO, A. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1934.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 2011.

PRÉDICAS e outros textos (*Predigten und andere Texte*) - P. Georg Hölzel - 23/09/1939. **Portal Luteranos.** História do povo evangélico luterano. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/historia/predigten-und-andere-texte-p-georg-hoelzel Acesso em 18 nov. 2022.

PRIEN, H.-J. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

PROSSER, E. S. A música, a Igreja de Cristo e os Müller: por mais de cem anos uma história entrelaçada *In*: REINHARDT, J. C.; SOUZA, R. M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 69-98.

PROSSER, E. S.; VON BARANOW, I. Livreto I - Os sinos da Christuskirche *In*: REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 128-139.

RADIO WEB LUTERANOS. **Quem somos?** Curitiba, 2020. Disponível em: https://radiowebluteranos.com/internas/quem-somos Acesso em: 01 nov. 2022.

RAMBO, A. B. A identidade teuto-brasileira em debate. **Estudos ibero-americanos**, v. 25, n. 2, p. 185-196, 1999.

RAMBO, A. B. Teuto-argentino, teuto-brasileiro, teuto-chileno: identidades em debate. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 31, n. 1, p. 201-222, 2005.

RAMBO, A. B. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.) **Os alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994, p. 43-54.

RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. **Journal of the statistical society of London**, v. 48, n. 2, p. 167-235, 1885.

REINHARDT, J. C. **Dize-me o que comes e te direi quem és**: alemães, comida e identidade. 2007. 204f. 2007. Tese de Doutorado. (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.). Prefácio *In:* REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 13-30.

RIETH, R. W. Associativismo e protestantismo na imigração e colonização: o caso da Associação Gustavo Adolfo. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 27-43, 2007.

RIVERA, D. P. B. Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1177-1196, 2018.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.

ROCHE, J. **A colonização alemã no Espírito Santo**. São Paulo: Difel/USP, 1968.

RÖLKE, H. **Raízes da Imigração Alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SANTOS, J. E. dos. **Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville/SC a partir do referencial linguístico**. 2013. 97 f. Orientadora: Taiza Mara Rauen Moraes. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, 2013.

SCHADEN, E. **Der Deutschbrasilianer** – ein Problem. Staden-Jahrbuch, São Paulo, Band 2, p. 175-194, 1954.

SCHADEN, E. Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 4, n.1, 1956.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1989.

SAVEDRA, M. M. G.; DAMKE, C. Língua, cultura e construção da identidade teuto-brasileira/brasileira-alemã no sul do Brasil. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 387-409, 2012.

SCHELLIN, A. von B. (org.) *et al*. Inauguração do centro comunitário, "pastor Karl Frank", da Igreja de Cristo (Christuskirche) em Curitiba *In:* REINHARDT, J. C.; SOUZA, M. S. de. (orgs.) **Igreja alemã**: *Christuskirche* - Igreja de Cristo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2015. p. 99-112.

SCHWARTZMANN, S. et al. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SELL, Z. M. N. **Altdeutschen**: a história que não foi contada. Curitiba: Vicentina Gráfica Editora, 2009.

SERAPHIM, I. **Depoimento de Ingrid Seraphim à Igreja de Cristo**, Curitiba, 2013.

SEYFERTH, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In.: FIORI, Neide Almeida. **Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. p. 21-61.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, p. 47-62, 2011.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (org.) **Os alemães no Sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: ULBRA, 1994, p. 11-29.

SEYFERTH, G. **A representação do "trabalho alemão" na ideologia étnica teuto-brasileira**. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 36-37, 20 de out. de 1982

SEYFERTH, G. As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil: *Kultur* e etnicidade. **Travessia - Revista do Migrante**, n. 34, p. 24-28, 1999.

SEYFERTH, G. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes antropológicos**, v. 6, p. 143-176, 2000.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002.

SEYFERTH, G. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, v. 5, p. 61-88, 1999.

SEYFERTH, G. Imigração e Colonização Alemã no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**: BIB, Rio de Janeiro, n. 25, p. 3-55, jan. 1988. Disponível em: http://www.anpocs.org/index.php/edicoes-anteriores/bib-25/395-imigracao-e-

colonizacao-alema-no-brasil-uma-revisao-da-bibliografia/file Acesso em: 28 dez. 2022.

SEYFERTH, G. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, G. La inmigración alemana y la politica brasileña de colonización. **Estudios migratorios latinoamericanos**, ano 10, n. 29, p. 53-74, 1995.

SEYFERTH, G. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 13-39, 2012.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. 1976. Tese. (Doutoramento em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e Identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teutobrasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SHERINGHAM, O. Creating 'alternative geographies': religion, transnationalism and everyday life. **Geography Compass**, v. 4, n. 11, p. 1678-1694, 2010.

SHERINGHAM, O. Religião. Trad. Davi Lins Ribeiro. In: **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Editora UnB; 2017. p. 626-630

SHERINGHAM, O. **Transnational religious spaces**: Faith and the Brazilian migration experience. Springer, 2013.

SILVA, B. da. **A construção do campo do patrimônio cultural**: políticas de preservação, instâncias, mecanismos e agentes culturais em Joinville, SC (1951-1984). 2016. 195 f. Orientadora: Janice Gonçalves Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

SILVA, H. R. K. da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Anos 90**, v. 12, n. 21, p. 295-330, 2005.

SMITH, A. D. **The ethnic origins of nations**. Oxford: Blackwell,1986.

SOBOLL, H. F. **Esel und Pastoren im Land des Heiligen Geistes**. São Paulo: Artebr, 2011.

SOUZA, R. M. S. de. **A estrada do poente**: Escola Alemã/Colégio Progresso (Curitiba,1930-1942). 2002. 152 f. Orientadora: Márcia Dalledone Siqueira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

SOUZA, R. M. S. ***Deutsche Schule*, a Escola Alemã de Curitiba**: um olhar histórico (1884-1917). 2006. Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SPINASSÉ, K. P. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140, 2008.

STADELMANN, L. I. J. Lutero, tradutor da Bíblia. **Perspectiva Teológica**, *[S. l.]*, v. 17, n. 41, p. 87, 1985. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1938. Acesso em: 17 abr. 2022.

SZILVASSY, A. Participação dos alemães e seus descendentes na vida política brasileira. In: **Colóquio de estudos teuto-brasileiros**, 1., 1963, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1966. p. 247-261.

TERNES, A. **História Econômica de Joinville**. Joinville: Meyer, 1986.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade. In: Miranda, O. de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. 1. ed. São Paulo: EdUSP, 1995. p. 231-352.

TORNQUIST, I. M. **"Das hon ich von meiner Mama"**: zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschtämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala: Swedish Science Press, 1997.

TRESPACH, R. **1824**: como os alemães vieram parar no Brasil, criaram as primeiras colônias, participaram do surgimento da Igreja protestante e de um plano para assinar D. Pedro I / Rodrigo Trespach. São Paulo: LeYa, 2019. 384 p.

TRESPACH, R. **Eles não eram alemães**... 2013. Disponível em: http://www.rodrigotrespach.com/2013/07/24/eles-nao-eram-alemaes-e-chegaram-antes-de-25-de-julho-de-1824/ Acesso em: 9 fev. 2022.

TRESPACH, R. **Imigração alemã no Brasil.** As relações históricas entre Brasil, Alemanha e as populações de língua alemã. 2020. Disponível em: http://www.rodrigotrespach.com/imigracao-alema-no-brasil/ Acesso em: 18 fev 2022.

VALLADARES, C. do P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Brasília: Imprensa Nacional, 1972.

VERTOVEC, S. Religion and Diaspora. In: ANTES, GEERTZ, y WARNE (eds.). **New Approaches to the Study of Religion**: Textual, Comparative, Sociological, and Cognitive Approaches, Berlin y New York: Verlag de Gruyter, 2000.

VILELA, S. **O alemão lusitano no Sul do Brasil**. Deutsche Welle, 20 abr. 2004. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/o-alem%C3%A3o-lusitano-do-sul-do-brasil/a-1174391 Acesso em: 1 mar 2022.

VILLEN, P.; DIAS, G. D. "Migração - Abdelmalek Sayad". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2021. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/conceito/migracao-abdelmalek-sayad Acesso em: 20 abr. 2022.

VOIGT, A. F. **A invenção do teuto-brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em História Cultural) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. 204 p.

VOIGT, A. F. Emílio Willems e a invenção do teutobrasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). **História: Questões & Debates**, v. 46, n. 1, 2007.

VOIGT, A. F. O teuto-brasileiro: a história de um conceito. **Espaço Plural**, v. 9, n. 19, p. 75-81, 2008.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 2 ed. Curitiba: Editora dos Professores, 1968.

WAGEMANN, E. **A colonização alemã no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.

WAIBEL, L. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

WARNER, S.; WITTNER, J. G. (Ed.). **Gatherings in diaspora**: Religious communities and the new immigration. Temple University Press, 1998.

WEBER, B. Cantai ao Senhor. In: **Seleções Evangélicas**. São Leopoldo: Sinodal, 1966.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. e notas de Tomas da Costa. Petrópolis: Vozes, 2020.

WEBER, M. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

WEBER, M. **Économie et Société**. Paris: Plon, 1971.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

WILLEMS, E. **Assimilação e Populações Marginais no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

WIRTH, L. E. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. **Estudos Teológicos**, v. 38, n. 2, p. 156-172, 1998.

WITT, O. L. A Escola de Teologia e o surgimento da Federação Sinodal – IECLB: serviço à unidade. In: MUGGE, M.; MUGGE, E.; HAUENSTEIN, I. **Construindo Diálogos**: História, Educação e Ecumenismo. São Leopoldo: Oikos, 2010. p. 65-72.

WOORTMANN, E. F. **Identidades e memória entre teuto-brasileiros**: os dois lados do Atlântico. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, UFRGS/IFCH, n. 14. p. 177-204, nov. 2000.

WÜSTNER, F. **Kirchengemeinde Joinville**: Evangelisches Bekennen in Schwachheit und Kraft. 1851-1951. São Leopoldo: Rotermund, 1951.

ZIMMER, R. **"Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil"**. As manifestações de germanidade em uma festa teuto-brasileira. Florianópolis: 1997. 134 p. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, UFSC.